This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 118 129 688

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY

GIFT OF
P. A. Martin

5 9 6 5 2

ESTADO DE SÃO PAULO

Revista do Instituto

Historico e Geographico

VOLUME I

SUMMARIO

I. *A denominação «Serra da Mantiqueira»*, pelo dr. Orville A. Derby.
II. *Origens republicanas do Brazil*, pelo dr. Domingos Jaguaribe.
III. *Discurso* do dr. João Monteiro, lido na sessão do dia 4 de Julho de 1895 em homenagem á Independencia dos Estados Unidos.
IV. *Actas das sessões*, até a decima terceira.

LIBRARY

1895
Typ. d' O Municipio - Rua do Rosario, 5
S. PAULO

189877

Ao leitor

A historia de S. Paulo é a propria historia do Brasil.

A necessidade de uma associação que promovesse os meios de estudar tantos documentos com os quaes se póde vir a conhecer a origem dos mais importantes feitos dos nossos antepassados, ou esclarecer noções erroneas sobre factos que merecem ser devidamente conhecidos, era uma destas lacunas que se afigurava difficil de ser preenchida.

Felizmente a nossa iniciativa foi coroada do melhor exito e estamos actualmente gozando do mais util convivio dos nossos homens de lettras, que concorrem com suas luzes para assegurar ao Instituto Historico a mais brilhante carreira.

A « Revista do Instituto » é já uma prova de que o trabalho fortifica-se no estudo da historia, que tem valor inestimavel, e muito pode servir para que os moços aprendam a conhecel-a e bem assim para que outros estudiosos companheiros possam no futuro continuar

a obra, que é bem pequena, em relação a importancia do assumpto.

Todavia o molde fica traçado, restando a outros modifical-o e aperfeiçoal-o até que a nossa historia seja a fiel interprete dos acontecimentos, e o ensinamento util dos patriotas.

O Instituto Historico, iniciando a publicação da primeira parte da «Revista» com alguns trabalhos approvados pela assembléa geral, afim de serem publicados continuará a publicação de outros que já foram lidos. E' tão interessante o assumpto destas publicações, que será certa a procura da «Revista» para leitura dos que desejam conhecer o modo sério e consciencioso pelo qual o Instituto vae-se desempenhando dos seus patrioticos intuitos.

Aos leitores compete julgar se nos desempenhamos dignamente do encargo.

Orville A. Derby

A denominação "SERRA DA MANTIQUEIRA"

A DENOMINAÇÃO "SERRA DA MANTIQUEIRA"

(Orville A. Derby)

A palavra «serra» que, pelo menos na linguagem popular do Brazil, tem supplantado quasi todos os outros termos da nomenclatura orographica, acha-se empregada com duas significações bem diversas. A primitiva e mais correcta, suggerida pela semelhança ao instrumento do mesmo nome, é applicada a um conjuncto de montanhas constituindo um macisso composto de diversos picos, como a serra dos Orgãos; ou a uma cadeia ou systema de montanhas, ou cordilheira, como a Serra do Mar. A outra significação refere-se a montanhas isoladas ou aos membros de um systema de montanhas consideradas isoladamente. Bem á vista da cidade de São Paulo temos exemplos desta dupla significação na Serra da Cantareira, um macisso composto, e na Serra de Jaraguá, um pico, ou montanha isolada, pertencendo as duas ao systema, ou cordilheira, da Serra da Mantiqueira.

Na linguagem popular, que tem fornecido a maior parte das denominações geographicas, é a segunda significação que predomina. Qualquer desigualdade da superficie de certa importancia recebe o nome de serra, e sendo generalisada para abranger mais de uma feição topographica, é raro que

o mesmo nome seja applicado a mais de uma secção limitada de um systema montanhoso, como, por exemplo, a que a vista abrange de um ponto dado. Os nomes systematicos em regra geral não são dados pelo povo, mas pelos geographos que, reconhecendo a necessidade de uma denominação geral para incluir todos os membros de uma mesma cadeia ou systema, ou inventam termos novos, como sejam Serra do Espinhaço, Serra das Vertentes, etc., ou dão maior extensão aos nomes que entre o povo têm applicação limitada e local. E' só quando o povo começa a se preoccupar com noções geographicas, ou quando uma feição topogrophica adquire importancia excepcional por sua riqueza natural ou por marcar uma divisão politica, que ha tendencia na linguagem popular a generalisar os nomes dando maior extensão ás denominações locaes.

No Brazil a Serra da Mantiqueira é um dos poucos exemplos de um nome popular se tornar systematico, e isto não somente entre os geographos como tambem entre o povo. Este ultimo facto se explica pela importancia dada a esta cadeia de montanhas na demarcação das duas Capitanias de São Paulo e Minas Geraes. Nos mappas do seculo passado, tanto de Minas como de São Paulo, o unico nome systematico que se encontra é este da Serra da Mantiqueira, e em documentos de 1740 a 1750 vê-se que o termo foi tambem empregado entre o povo mais ou menos conforme o seu uso entre os geographos, e não com limitação a uma parte determinada do systema.

Nos primeiros mappas em que se encontra o nome de Mantiqueira, este abrange toda a cadeia desde as visinhanças de São Paulo até as de Barbacena, de modo que não se póde determinar nelles a posição da primitiva Serra da Mantiqueira. Na epocha da confecção destes mappas (1765-1767), a serra nelles representada era cortada por tres estradas que do litoral davam ingresso na Capitania de Minas

Geraes. Eram estas a estrada do Rio de Janeiro pelo valle do Parahybuna para Barbacena, etc.; de Guaratinguetá para São João d'Elrei, e de São Paulo para o valle do Sapucahy, passando por Atibaia. Esta ultima tinha sido aberta depois da descoberta das minas de Sant'Anna do Sapucahy em 1746, quando o nome de Serra da Mantiqueira já estava muito em evidencia nas contendas entre as duas Capitanias sobre limites. A questão da origem e emprego primitivo do nome é portanto limitada ás duas estradas mais antigas de Barbacena e Guaratinguetá.

A primeira menção do nome que se tem encontrado nos documentos officiaes é nos autos de posse que tomou a Camara da Villa de São João d'Elrei de diversas localidades no districto da Campanha do Rio Verde. Estes autos lavrados em fins de Fevereiro e principios de Março de 1743 affirmam a posse antiga da dita Camara «pela estrada geral que vai deste districto para a cidade de São Paulo até o alto da serra chamada Mantiqueira». Ahi o termo é applicado a uma serra na antiga estrada de São João d'Elrei a Guaratinguetá e, apparentemente em sentido limitado a esta localidade, não estando porém excluida a hypothese de que o nome já era generalisado, podendo neste caso ter-se originado na outra estrada, a do Rio de Janeiro a Barbacena. De facto no mappa do sul de Minas de 1765 ha nesta estrada o nome «Pé da Mantiqueira» não havendo nome geral para a cordilheira; e no mappa geral da Capitania de 1767 (os dous mappas são provavelmente do mesmo auctor, e nas partes correspondentes são quasi identicos) a mesma localidade tem o nome de «Rocinha da Mantiqueira», apparecendo tambem o nome systematico de Serra da Mantiqueira abrangendo toda a serrania entre São Paulo e Villa Rica.

É sabido que a primeira divisão entre as villas de Guaratinguetá e São João d'Elrei foi estabelecida no morro de Caxambú, onde a 16 de Setembro de 1714 a Camara daquella

villa collocou um marco de pedra e lavrou um auto formal de posse.

Quando mais tarde, em 1720, foi creada a Capitania de Minas Geraes, esta mesma divisa foi designada para separal-a da de São Paulo. Alguns annos mais tarde os habitantes de São João d'Elrei removeram o marco do morro de Caxambú collocando-o em outro ponto cujo nome não vem mencionado nos documentos archivados em São Paulo, porém era provavelmente o referido nos autos de 1743 com o nome de Serra da Mantiqueira. A duvida a respeito da identidade deste ponto provém da Provisão Regia de 23 de Fevereiro de 1731 que mandou ajustar de novo a divisão entre as duas villas de modo a dar mais largueza a Guaratinguetá, nada constando porém sobre a execução dada a esta ordem que provavelmente ficou letra morta.

Não estando conhecido actualmente o antigo marco da Serra da Mantiqueira e havendo diversas estradas que cortam a cordilheira hoje conhecida com este nome, é preciso determinar qual destas estradas seja a mais antiga para poder identificar a primitiva serra da Mantiqueira na estrada São Paulo e Minas.

Assim, pois, temos em meados do seculo passado o nome de Mantiqueira generalisado por toda a cordilheira, e tambem empregado como termo local em ambas as estradas. Sendo pouco provavel que o nome se originasse independentemente nas duas localidades, é de presumir que o nome local de uma das estradas se generalisou primeiro e que em virtude deste facto foi depois applicado na outra. Não é, porém, claro qual das duas estradas teve a primazia do nome, parecendo porém pelo testemunho dos mappas que esta deve caber á de Barbacena. Felizmente para tirar esta duvida e a outra já referida sobre a posição do antigo marco na estrada de São Paulo, temos o precioso opusculo de Antonil, intitulado «Cultura e Opulencia do Brasil» publicado em Lisboa em 1711, e por consequencia pou-

cos annos apenas depois da primeira abertura da estrada para Minas. Esta obra dá um roteiro minucioso da estrada de S. Paulo até Villa Rica com detalhes topographicos que permittem identificar quasi todas as localidades mencionadas. A parte deste roteiro que interessa ao presente estudo é o seguinte, sendo esta provavelmente a primeira vez que o nome Mantiqueira apparece impresso:

«De Guaratinguetá até o porto de Guaipacare, aonde ficão as roças de Bento Rodrigues, dous dias até o jantar.

«Destas roças até o pé da serra afamada de Amantiquira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros, que o ouro tem no caminho, para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se tres dias até ao jantar.

«Daqui começão a passar o ribeiro, que chaman passa vinte, porque vinte vezes se passa; e se sóbe as serras sobreditas: para passar as quaes, se descarregão as cavalgaduras, pelos grandes riscos dos despinhadeiros, que se encontrão: e assim gastão dous dias em passar com grande difficuldade estas serras; e dahi se descobrem muitas, e aprasiveis arvores de pinhões, que a seo tempo dão abundancia delles para o sustento de mineiros, como tambem porcos montezes, araras e papagaios.

«Logo passando outro ribeiro, que chamão passa trinta, porque trinta e mais vezes se passa, se vai aos pinheiros: lugar assim chamado, por ser o principio delles: e aqui ha roças de milho, aboboras, e feijão, que são as lavouras feitas pelos descobridores das minas, e por outros, que por ahi querem voltar. E só disto constão aquellas, e outras roças nos caminhos, e paragens das minas: e, quando muito, tem de mais algumas batatas. Porém em algumas dellas hoje, achão-se criação de porcos domesticos, galinhas, e frangões, que vendem por alto preço aos passageiros, levantando-o tanto mais, quanto he maior a necessidade dos que passão. E dahi vem o dizerem, que todo o que passou a serra de Amantiquira, ahi deixou dependurada, ou sepultada a consciencia».

O porto Guaipacare acha-se um pouco abaixo da actual cidade de Lorena. A antiga estrada, portanto, seguia de Guaratinguetá pela margem direita do Parahyba até abaixo de Lorena onde passou para a margem esquerda continuando pelo valle abaixo por uma distancia representada por tres dias de marcha, sendo a de Guaratinguetá ao porto representada por dous. As cinco serras muito altas referidas no roteiro são provavelmente contrafortes da serra que a estrada ia contornando na procura da garganta do Cruzeiro, onde hoje passa a Estrada de ferro «Rio e Minas», que é com effeito a mais baixa que se encontra nesta secção da Serra da Mantiqueira. O ribeirão que desce desta garganta ainda hoje conserva o nome de «Passa-Vinte», ao passo que o do lado opposto mudou o nome de «Passa-Trinta» para «Passa-Quatro».

A mesma obra de Antonil dá dous roteiros do Rio de Janeiro para Minas; um, o caminho velho, pelo porto de Paraty a Taubaté para ganhar o caminho acima descripto; e o outro, o caminho novo, pelo valle do Parahybuna, isto é, a estrada de Barbacena. Na descripção desta ultima não vem mencionado o nome da serra, e é provavel que nesta epocha não era conhecido nelle o nome de Mantiqueira. Seja como fôr, é evidente que o emprego do nome no caminho velho de São Paulo data da primeira abertura deste, e que dahi o nome tem-se espalhado, como uma mancha de azeite, sobre a cordilheira inteira. Como na linguagem popular dá-se o tratamento de serra ás secções ingremes das estradas, é provavel que primitivamente o nome «Serra da Mantiqueira» se referisse á garganta e não aos picos elevados ao lado.

E' digna de nota a forma primitiva da palavra «Amantiquira» que é provavelmente mais approximada do que «Mantiqueira» ao original nome indio, se é, como parece, de origem indigena. Ainda hoje os habitantes da serra dizem geralmente «Mantiquira». Um documento de 1790 conserva o «A» inicial dizendo «Amantiqueira». A forma Mantiquira

caha-se tambem no nome dado a um corrego nas vizinhanças da cidade de S. Paulo, tributario do Tieté, quasi em frente á Penha. (*) Seria interessante saber se este ultimo nome vem da extensão dada ao nome da serra ou se teve origem independente. A ultima hypothese parece a mais provavel, visto que em São Paulo é raro ouvir-se o nome de Mantiqueira applicado á serra ao norte, universalmente conhecida pelo nome de Serra da Cantareira.

Com a extensão do nome da Mantiqueira tem desapparecido, pelo menos dos mappas, muitos nomes locaes applicados aos diversos macissos ou secções do systema. Alguns destes nomes figuram nos mappas antigos, e quando fôr levantada topographicamente a região serão encontradas dezenas de outros conservados na linguagem popular das diversas localidades. Um systema montanhoso como o da Serra da Mantiqueira, no sentido lato em que é hoje empregado, con sistede macissos mais ou menos individuolisados alinhados em diversas series subparallelas. Na nomenclatura geographica ha grande conveniencia em conservar os nomes destes macissos cujas relações entre si

---

(*) O digno consocio, dr. Theodoro Sampaio me offerece gentilmente a seguinte suggestão que se submette á consideração dos entendidos na materia da linguistica indigena.

«A palavra *Mantiqueira*, antigamente pronunciada *Amantiquira*, pronuncia que ainda se conserva entre o povo de municipios vizinhos da serra, parece derivar-se da tupy — *amanty* ou *amandy* que significa *chuva*, e *uquire* que na lingua Tupy do Amazonas significa *dormir*. *Amantyquire* viria a significar, portanto, *dormida* ou *pouso da chuva*, o que bem se explica pela presença das nuveus quasi permanentes sobre o cume daquella serra.

O que corrobora ainda esta interpretação é a existencia de outros vocabulos de origem tupy contendo o mesmo elemento etymologico nas vizinhanças da mesma região, como *Buquira*, logar numa garganta da mesma serra, na estrada conhecida em outro tempo por *Caminho do Rio*, pouso de tropeiros, e que evidentemente se origina da palavra tupy *uquire* pronunciada *buquira*, que quer dizer *dormida, pousada*. O vocabulo *Cambuquira*, significando folhas tenras da abobora, ou os *brotos*, que são folhas fechadas e como que dormentes, vem tambem do tupy: *caa*, folha, *uquira*, que dorme, isto é: Cambuquira, ou *caauquira* quer dizer litteralmente *folha que dorme*».

só podem ser determinadas pelo estudo detalhado, topographico e geologico, do systema. Como estes macissos podem estar ligados entre si de diversos modos haverá, sempre que faltem conhecimentos topographicos minuciosos, divergencia de vistas sobre o emprego do nome systematico. E nos casos em que uma divisão politica corre por um systema montangoso, esta divergencia pode assumir grande importancia politica e social.

Ainda hoje os conhecimentos topographicos da região da Serra da Mantiqueira são tão imperfeitos que é impossivel dizer com rigorosa precisão onde é que começa ao norte e onde termina ao sul o systema, bem como a sua largura e o numero e disposição dos membros subordinados que a elle pertencem. Não é, portanto, de estranhar que tivesse havido a mesma incerteza a respeito da divisão politica por ella traçada. Um systema montanhoso de largura indefinida nunca póde constituir uma divisão politica. Esta tem necessariamente de ser uma linha seguindo por um ou outro dos membros do systema, e quando este membro for mal definido ou mal conhecido sempre haverá duvida a respeito. No caso presente o membro subordinado que serve de divisa é o que tem o mesmo nome do systema, isto é, o prolongamento natural da primitiva Serra da Mantiqueira nas vizinhanças da garganta do Cruzeiro. Deste ponto para o sul, na parte que corresponde á divisa das aguas entre o Parahyba e o Rio Verde, este membro é bem definido; porém depois na secção que corresponde ao Rio Sapucahy ha uma especie de bifurcação,e tem havido discussão sobre ser um ou outro dos ramos desta bifurcação o verdadeiro prolongamento da Serra da Mantiqueira. Hoje em dia o nome é geralmente applicado ao alto espigão que limita o valle do Parahyba, e, conforme os Mineiros, é este espigão que deve ser considerado como a Serra da Mantiqueira no sentido restricto em que é preciso empregar o termo quando se trata da divisa. Os Paulistas do valle do Parahyba, pelo contrario, mantiveram, pelo menos até o fim do primeiro quarto deste seculo, que o nome

proprio deste espigão era Serra do Parahyba, e que a verdadeira Serra da Mantiqueira era a ramificação mais para o oéste que limita os Campos do Jordão e que nos mappas antigos mineiros figura com o nome de Serra do Caim. Nesta questão muito discutida nas contendas sobre divisas no districto de Pindamonhangaba e do alto Sapucahy, a opinião mineira está mais de accordo com a nomenclatura que seria empregada por topographos sem preoccupações politicas. A nomenclatura mineira, porém, se afasta da topographica para incluir o Morro do Lopo que se acha n'uma ramificação, e não sobre o natural prolongamento topographico da primitiva Serra da Mantiqueira, que é o grande resalto que limita o valle do Parahyba até a grande volta em Guararema, e depois o valle do alto Tieté. Assim tanto a nomenclatura mineira como a paulista ambas baseadas sobre preoccupações politicas, se afastam da topographica. A actual linha convencional da fronteira na parte correspondente ao valle do Parahyba é resultante dos conflictos entre estes diversos modos de ver, e n'uma parte afasta-se notavelmente da linha natural topographica. Começando na garganta do Picú entre os dous picos altos do Itatiaia e Picú collocados sobre a Serra da Mantiqueira no sentido restricto deste nome, segue pelo cume desta serra até quasi em frente de Guaratinguetá onde a deixa para ganhar por uma linha irregular e mal definida a Serra do Caim dos antigos mappas para depois voltar por uma linha exquisita em zigzag para o cume da Serra da Mantiqueira no sentido topographico, ou a Serra do Parahyba dos antigos Paulistas, seguindo por esta até o pico da Pedra Sellada onde ha uma bifurcação abrangendo o valle do Atibaia, da qual bifurcação o ramo esquerdo deve conservar o nome de Mantiqueira, tomando outro nome o direito que a linha divisoria segue até o Morro do Lopo.

Nesta parte da fronteira as duvidas a respeito da divisa nasceram de differenças de nomenclatura e podem ser resolvidas por um apello franco e leal ao conhecimento topographico

do terreno, estando ambas as partes de accordo em traçar a divisa por uma certa distancia pelo cume da Serra da Mantiqueira. O desaccordo versa sobre o ponto onde a divisa devia deixar esta serra para se dirigir para o norte em procura do Rio Grande, que é o outro trecho não contestado da divisão. Conforme as idéas paulistas a divisa devia sahir da serra nas cabeceiras do Rio Sapucahyguassú e seguir pelo leito deste rio até a confluencia do Sapucahy com o Rio Grande. Conforme as idéas mineiras a divisa devia continuar pelo cume da Mantiqueira até o Morro do Lopo para d'ahi se dirigir para o norte de um modo que nunca foi claramente definido, estando na actualidade, porém, determinado pela evolução irregular dos limites de posse dos habitantes de um e outro Estado na zona contestada.

As duvidas a este respeito provêm da confusão que tem havido, e que ainda hoje persiste, entre a Serra da Mantiqueira em sentido restricto e o mesmo nome empregado como termo systematico. Como já foi referido, ha ainda incerteza sobre os verdadeiros limites topographicos do systema montanhoso da Serra da Mantiqueira. Atraz do grande resalto que define o systema pelo lado do valle do Parahyba existe um grande planalto montanhoso cujas feições topographicas só podem ser convenientemente classificadas depois do levantamento topographico detalhado e o estudo geologico de toda a região. Neste planalto acham-se representados e de certo modo fundidos uns com os outros, além do systema da Serra da Mantiqueira, dous outros mais ou menos distinctos, o da Serra do Espinhaço e o do Serra da Canastra. Ao norte do Rio Grande estes tres systemas são mais ou menos destacados e definidos pelos valles dos rios Doce e São Francisco; porém ao sul daquelle rio não é possivel, com os limitados conhecimentos de hoje, distinguir systema algum. A margem occidental do planalto se desfaz em espigões subparallelos entre si e a Serra da Mantiqueira (Serra do Parahyba), estendendo-se como dedos de uma mão entre

os valles tributarios do Piracicaba e Mogyguassú, até morrerem de encontro á planicie elevada não montanhosa do interior do Estado de São Paulo.

É possivel que todos os referidos espigões possam ser considerados como pertencentes ao systema da Serra da Mantiqueira, porém não ha possibilidade de referi-los a esta serra no sentido restricto em que é preciso empregar o nome quando se trata de divisas. Havendo ainda hoje confusão devida aos dous empregos do nome, não é de admirar que a houvesse na occasião de se tentar traçar por ahi a divisão das duas Capitanias. Com a idéa, baseada nas informações extremamente incompletas daquelle tempo, de que a Serra da Mantiqueira dobrando para o norte continuava em linha continua até o Rio Grande, e que a assim chamada Serra do Mogyguassú pertencia a esta linha, o Governador Gomes Freire de Andrade, mandou, em 1749, traçar a linha divisoria pelo cume desta serra imaginaria.

Se, como convinha, Gomes Freire de Andrade tivesse encarregado um engenheiro do levantamento da linha que elle mandou correr á bussola (agulhão), este logo se teria visto embaraçado em executa-lo estrictamente conforme a lettra das suas instrucções. Para alcançar a Serra de Mogyguassú, seguindo sempre pelo cume da serra, teria sido obrigado a deixar a Serra da Mantiqueira propriamente dita mais ou menos na altura da Pedra Sellada, para ir pulando de um espigão secundario para outro contornando as cabeceiras do Jaguary, Camandocaia e Mogyguassú, e depois a seguir pelo espigão entre este rio e o Pardo até a Serra do Mogyguassú. Seguir d'ahi pelo cume das serras seria ir cahir no pontal na confluencia do Mogyguassú e Pardo sem seguimento pelo cume das serras para o Rio Grande. A outra sahida, contrariando as instrucções, seria atravessar o valle do Rio Pardo para ganhar a linha de altos que divide as aguas do Mozambinho e Jacuhy das do Rio Pardo e Sapucahymirim. Ao advogado, Ouvidor da comarca do Rio das

Mortes, (*) a quem foi encarregada a divisão, estas minudencias topographicas e os mysterios do agulhão não offereceram difficuldades que não fossem, no momento, facilmente removidas por um traço de penna, ficando porém accumuladas e extraordinariamente multiplicadas para todas as auctoridades que se lhe seguiram durante seculo e meio. O introduzir elle na questão o Morro do Lopo e a estrada de São Paulo para Goyaz, facto que de nenhum modo pode ser justificado pelas suas instrucções e menos ainda pela disposição topographica do terreno, complicou de tal maneira a questão de limites que esta até hoje espera solução.

Na discussão supra a Serra do Mogyguassú das instrucções de Gomes Freire de Andrade tem sido identificada com a Serra de Caldas, um macisso meio destacado, de forma circular e caracter especial, que se eleva na margem do planalto montanhoso sem ligação immediata com o systema da Serra da Mantiqueira, nem com qualquer outro até hoje reconhecido. Este nome de Serra de Mogyguassú tem dado origem a grandes discussões, e com effeito não é uma designação popular nem uma designação geralmente acceita pelos geographos. Nos mappas em que se encontra o nome é muito evidente que

(*) A parte puramente technica da ordem dada ao Dr. Thomaz Rubim de Barros Barreto é a seguinte: -- «Chegando Vm. ao marco dito, que está no alto da referida serra da Mantiqueira, e servirá de balliza para a demarcação, do alto, em que elle se acha, se tirará uma linha pelo cume da mesma serra, seguindo toda até topar com a Serra de Mogi-guassú, e o rumo que pelo Agulhão se achar, fará Vm. expressar no termo da demarcação, a serra de Mogi-guassú se deve seguir como divisão dos ditos Governos até findar nos que se lhe seguirem, fazendo-se sempre pelo cume della a divisão, até topar no Rio Grande, etc».

Chegando o Dr. Thomaz Rubim, não ao marco indicado, porém no arraial de Santa Anna do Sapucahy, pelo caminho de São João d-El-Rei donde nem por um oculo podia elle avistar a Serra da Mantiqueira, foi alli lavrado o celebre auto de demarcação. Os rumos que deviam ser achados pela bussola (Agulhão) foram commodamente substituidos pelas declarações juramentadas dos «homens mais practicos e de verdade que poderão descobrir se» estando já descobertas, desde São João d'El-Rei, a verdade e a practica de grande parte d'elles, visto serem officiaes daquella villa a terça parte, pelo menos, dos signatarios do auto.

este figura por motivos politicos e não geographicos; porque estes mappas não dão nomes ás montanhas senão quando estas entram em questões de limites. Na reunião de 12 de Outubro de 1765 da Junta do Rio de Janeiro para tratar dos limites das duas Capitanias, os melhores conhecedores da região (incluindo neste numero o proprio conselheiro de Gomes Freire de Andrade, o guarda-mor das minas Pedro Dias Paes Leme) declararam que não havia serra alguma com este nome, julgando alguns delles que Gomes Freire de Andrade queria se referir á Serra de Dumbá na região de Jacuhy. Diversos mappas posteriores a esta data trazem, porém, o nome e uniformemente na posição da Serra de Caldas, mas com a circumstancia já notada de ser esta quasi a unica serra distinguida com nome. Os mappas mais modernos e mais minuciosos, em que quasi todas as serras vêm com os nomes pelos quaes são localmente conhecidas, não trazem o de Mogyguassú.

Embora seja evidente que a identificação da Serra de Mogyguassú com a de Caldas nos mappas antigos é uma simples hypothese dos seus auctores sem conhecimento da designação local, ha fundados motivos para se acreditar que seja acertada. Na epocha, em que o nome foi empregado por Gomes Freire de Andrade, a região só era conhecida vista de longe, da estrada de Goyaz que a sahir da villa de Mogyguassú fraldeia o macisso de Caldas na parte hoje conhecida pelos nomes locaes de Serra do Caracol e Serra dos Poços de Caldas. Ninguem tinha penetrado nestas serras, e é provavel que nem tivessem nome proprio. Gomes Freire de Andrade, querendo designar uma serra nesta região como balisa da sua demarcação, e sabendo que perto de Mogyguassú se avistava uma serra alta á direita da estrada, naturalmente lhe applicou o nome da villa ou rio mais proximo. A supposição de que esta serra formava parte da Mantiqueira era, com os conhecimentos da epocha, muito natural, tendo mesmo persistido até uma epocha relativamente recente.

ORIGENS REPUBLICANAS DO BRASIL

ANTES DO XIX SECULO

DEDICADO

ÁS VICTIMAS DA PREPOTENCIA DOS GOVERNOS

(Dr. Domingos Jaguaribe)

PARTE I

Para avaliar de quanta oppressão se fez cercar a organisação do Brasil pela metropole, é preciso saber-se que ao lado do esforço para aniquilar os homens patriotas, esteve sempre o trabalho paciente dos educadores do povo, escolhidos pelo governo portuguez.

Esta lucta dos sordidos interesses coloniaes offerece o triste espectaculo de uma população laboriosa ter vivido á mingua, no meio da terra mais rica do mundo!

Educando os trabalhadores só para pagar o *dizimo*, o *quinto*, a *derrama*, e quantos outros conluios se faziam para que o povo estivesse sempre convencido do muito que devia ao Rei, pela concessão que se lhe fazia de o deixar viver, o governo da Corôa não era entretanto menos oppressivo para os seus proprios delegados, algozes dos subditos. Pombal tratava os agentes de nomeação, fazendo-os méros instrumentos de dilação do crime em nome da lei, que abrigava á sua sombra todos os actos do governo, verdadeiras estorções, com aquelle lindo rotulo.

O Ministro de D. Maria I, Martinho de Mello Castro, obteve o celebre alvará regio de 5 de Janeiro de 1785, no qual se ordenava « Que fossem destruidas todas as fabricas que hou-

vessem no Brasil e todos os estabelecimentos industriaes, e que se fizesse uma devastação a ferro e fogo, para que fossem cobrados os impostos atrazados»!

Não ha meio mais efficaz de fazer nascer a liberdade do que dominar uma terra virgem pela tyrannia.

Minas Geraes, onde o clima ameno e a altitude das serras dão ao homem uma robustez e vitalidade que lhe imprimem o sangue puro e oxygenado nas veias, por isso mesmo que era o lugar mais prospero, tambem foi o mais explorado.

A observação nos ensina que assim na terra como na sociedade, todos as vezes que não se aproveitam os elementos naturaes da riqueza, seja da natureza bruta ou da animada, estes elementos se voltam contra o homem, como que bradando contra elle pela sua inepcia.

É assim que vemos, junto das mangueiras ou curraes onde a superabundancia da esterqueira accumulada se perde, quando não é aproveitada para hortaliças e culturas, nascer a cicuta, veneno terrivel com o qual os tyrannos de Athenas mandaram matar Socrates no anno de 468, antes de Jesus Christo.

Tambem os povos quando soffrem o martyrio, a perseguição, a fome, a falta de dinheiro, a crueldade da lei, fazem brotar a revolução, veneno benefico quando acaba com a tyrannia.

O uso bom ou máu desta droga, tem sido sempre a origem dos males que não se extinguem senão com a cultura, o trabalho, a justiça e a liberdade.

Descoberto o veneno, é preciso descobrir o antidoto!

Tirai do homen a consciencia, o que fica é nada.

Tirai do governo a Justiça; o que fica é a força bruta, é a tyrannia, porque o governo em si é sempre o representante do mando, que está para a sociedade como o instincto está para os animaes.

A educação, que faltava ao governo da metropole, refinava os espiritos dos algozes e das victimas, cada um em sentido opposto ao outro.

O governador de Minas, Luiz da Cunha e Mello, apertou quanto poude as suas victimas, mas o marquez de Pombal observou que elle viéra pobre ao Brasil e voltára rico para o Reino.

Não se fez demorar uma denuncia contra o ladrão que, recem-chegado a Lisboa, foi logo condemnado a pagar 90 mil cruzados, embolsados criminosamente em Minas.

A rapacidade dos delegados igualava a *sacra fames auri* dos governos. (1)

A gloriosa inconfidencia teve um berço digno.

O ouro que ia do Brasil constituia a origem da fortuna, e aqui se acharam estas novas fontes de riqueza que se julgavam inextinguiveis por sahir do solo, e perennes, por serem adquiridas com o povo, esta eterna victima do despotismo dos poderosos, que se servem della como os rios das aguas das suas nascentes, para engrossarem as caudaes das inundações que fazem a devastação e a miseria, e depois que seccam, deixam no ar os miasmas mais deletereos que se encarregam de matar os que vêm observar os estragos feitos na superficie da terra.

Razão teve o mallogrado mestre e grande escriptor portuguez Oliveira Martins, quando escreveu, apreciando as riquezas que iam do Brasil: Poude D. João V dar largas á sua ostentação fradesca, e o Marquez de Pombal reconstruir não só Lisboa, mas todo o Reino ».

Para manter o direito de cobrar os dizimos, verdadeiras tisanas com as quaes Portugal curava todas as enfermidades do seu thesouro, era preciso manter um exercito, a titulo de garantia do povo!

Em 1775 foi feito um recrutamento n meio da escassa população livre.

Seis mil homens foram recrutados em Minas Geraes, provindo dessas prisões de innocentes, adoçadas com o nome de

(1) O Padre Antonio Vieira, consultado pelo Rei si convinha dividir em duas partes a administracção do Brasil, respondeu - que era melhor conserval-a unificada porque era mais difficil encontrar dois homens de bem do que um, e menores males causava um ladrão do que dois. (Carta do Padre Vieira.)

recrutamento, tanto horror para o povo que ainda hoje o mineiro é refractario ao serviço militar, e foi alli que se tornou popular esta phrase do povo: — Deus é grande, mas o matto é maior. (1)

O Decreto de D. João III para colonisar o Brasil, é talvez o documento mais vergonhoso que se póde ler em lingua portugueza, ei-lo:

« Attendendo El-Rei que o Brasil precisa de novo ser povoado, ha por bem decretal-o couto e homisio para todos os criminosos que nelle quizerem ir morar, ainda que já condemnados em sentença até em pena de morte, exceptuados sómente os criminosos de heresia, trahição, sodomia e moeda falsa.» !!!

Por outros quaesquer crimes não serão de modo algum incommodados.» !!! (2)

A este tempo alguns pais humanos mandaram seus filhos estudar na Europa; desde então, estes moços, indignados com o modo perverso, cruel e tyrannico, que tornava tão precaria a vida do cidadão, de modo que o escravo era um ente feliz, comparado com o cidadão que pensava, principiaram a organisar as idéas revolucionarias, que mais tarde deviam fazer do Brasil uma Republica.

Pense-se nas palavras do Padre Anchieta, em uma de suas cartas, publicadas na Chorographia do Brasil por Mello Moraes, na qual diz aquelle varão illustre ao Provincial da Companhia de Jesus:

« Parece-me coisa muito conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres, que lá tem pouco remedio de casamento

(1) Quando se fez a guerra do Paraguay, por méro capricho do imperador que quiz civilisar e libertar aquelle povo infeliz, esquecendo-se de que havia no Brasil um milhão de escravos para se libertar, os mineiros foram os que mais deserções fizeram, e os que menos soldados deram para a guerra. Estas informações obtive-as de um audictor de guerra. --

(2) Os governos ineptos tem nos seus proprios actos o castigo; as leis sociaes como as leis no mundo physico têm determinado fatalismo na sua marcha, infringidos os principios basicos de toda sociedade organisada, a propria natureza humana incumbe-se de reparar as faltas dos governos. O facto de ter sido o Brasil declarado couto de criminosos e terra de degredo, trouxe ao seu seio elementos de rebeldia contra o seu governo. Estes elementos maus, trazidos do reino pela resistencia offerecida ás leis, se melhoraram consideravelmente no meio americano, mas lançaram germens poderosos contra as autoridades representantes do poder que os condemnára.

a estas partes, porque casariam todas muito bem, comtanto que não tenham de todo perdido a vergonha de Deus e do Mundo.» (1)

Tres seculos se haviam decorrido sem que o novo mundo désse outras provas de sua grandeza, que não fossem o oiro, as pelles dos animaes selvagens, as cascas das arvores para as tinturarias européas e os preciosos diamantes.

A historia do Brasil colonial podia ser dividida em dois periodos:

O 1.º — Exploração das Minas. (2)

O 2.º — Exploração do captiveiro. (3)

Quanto mais se avançava no tempo, mais se recuava no progresso, e entretanto este producto do proprio tempo ficava intenso, embora latente, nas consciencias dos patriotas e dos martyres.

Era o Maranhão uma das capitanias mais ricas e populosas, e a grande Companhia do Maranhão fez mais conhecer o Brasil no velho mundo do que o governo portuguez que o ocultava para melhor exploral-o.

O decreto de D. João III, acima publicado, era a prova. Com uma tal sementeira o governo estava certo da colheita.

Accresce que a miseravel exploração da carne humana, fez com que os proprios senhores explorassem os filhos. (4)

Os fazendeiros ricos do Maranhão entraram em conflicto com o vulto grandioso do Padre Vieira, capaz só elle de encher uma epocha, de modo que nós chamaremos o seculo XVI, no Brasil—o seculo do Padre Vieira. Este heroe, tendo aberto lucta

---

(1) Apesar disto a mulher brasileira faz excepção ao mundo pelo culto intimo da virtude. As estatisticas feitas ultimamente pelos adeptos da escola antropologica criminal sobre a criminologia da mulher, encontrariam no Brasil muito pouco subsidio. A mulher brasileira concorre para a estatistica criminal de modo muito insignificante.

(2) Periodo mineral.

(3) Periodo agricola e monarchico.

(4) Vide «Herdeiros de Caramurú». Propaganda abolicionista, do autor, 1880.

contra o captiveiro dos indios, teve de ser forçado a retirar-se para Lisboa.

Lá elle escreveu as celebres cartas do Padre Vieira, modelos de eloquencia e sabedoria portugueza.

Logo os fazendeiros trataram de se organisar, e a estas contrariedades dos que se queixavam, juntaram-se as excessivas cobranças de impostos.

A população augmentada com o elemento francez, que viera primeiro ao Brasil para aquella capitania em 1590, não quiz se submetter e promoveu uma revolução.

Sem perderem de todo o respeito ao governo da metropole, estes homens visavam tornar-se os arbitros dos negocios do seu paiz, que mesmo na linguagem official elles chamavam Republica, e as manifestações de origem popular asseguravam ser para aquella fórma de governo popular que tendiam todas as tentativas que lhe davam um cunho nacional, patriotico e republicano.

Diz o doutor Joaquim Manoel de Macedo em sua «Historia do Brasil», á pag. 216: «mas lavrava o desgosto e a Companhia faltava aos seus compromissos a respeito dos africanos e agigantava os seus lucros, vendendo por um *maximum* elevado generos de ruim qualidade e em máu estado.»

Urdiu-se uma revolta de que foram chefes Manoel Beckman, portuguez e rico fazendeiro, e cabeças principaes Thomaz Beckman, irmão do precedente, e Jorge de Sampaio, que rompeu na madrugada de 26 de Fevereiro de 1764, sendo Balthazar Fernandes preso e deposto do governo, extincta a Companhia do Commercio, e expulsos os jesuitas por uma «Junta» chamada dos «Tres Estados»—cléro, nobresa e povo—que immediatamente se installou, distribuiu postos militares, proveu-se de meios de defesa e despachou Thomaz Beckman para Lisboa «afim de representar ao rei conforme as idéas da revolta.

Pode-se dizer que desde que se formou a sociedade brasileira ella não se submetteu jámais ao regimen da monarchia, sinão pela força. (1)

Documentos antiquissimos o attestam como o seguinte: Tendo sido nomeado, em 1641, Salvador Corrêa de Sá e Benevides governador da Capitania do Rio e São Paulo, aconteceu que o povo se desgostasse com a sua administração, allegando violencias, rigores e extorções, e como o governador partisse para São Paulo, deixando nomeado interinamente Thomé Corrêa de Alvarenga, (2) a quem o povo, querendo dar prova do seu desagrado, e resolvido como estava a não mais prestar obediencia senão ao eleito por elle povo, destituiu-o das altas funcções em que estava e bem assim depoz igualmente o proprio general Salvador Benevides, homem digno e que havia abrilhantado o governo colonial.

A acta que o povo revolucionario fez lavrar para constar este seu acto, em bem da Republica, prova que o povo se impacientava pela liberdade e que não supportava o dominio dos portuguezes, senão depois de esmagado pela força.

Sendo muito extensa a acta, nos limitamos a fazer os extractos que vêm ao caso.

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil seiscentos e sessenta, aos oito dias do mesmo mez e anno, nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em casa da Camara della, onde se ajuntaram o povo desta Cidade e seu Des-

(1) A guerra hollandeza no Brasil foi um poderoso factor do espirito democratico, porque a metropole, entregando os brasileiros aos seus proprios recursos, os fez conhecer sua força contra uma nação poderosa e temida e poz em evidencia a fraqueza da metropole, pela remessa de recursos ridiculos e pelo desejo que teve, a conselho do Padre Vieira, de abandonar a Capitania de Pernambuco aos Batavos. Apezar do desejo manifestado no Reino nessa occasião, a guerra foi continuada com os proprios recursos brasileiros, nascendo em Pernambuco a idéa de independencia.

(2) O infortunio que acompanha os paizes explorados pela força e pela escravidão veio aggravar a sorte do povo com a epidemia da bexiga, que explodiu em toda a Costa do Brasil, em 1665.

Foi esta a data do apparecimento (Vid. Southey, vol. 4, pag. 286).

tricto, as cinco horas da manhã, e todos assim juntos na dita casa, como fóra e recinto della, fez vir os officiaes da Camara, que de presente servem, e que maguados, queixosos e opprimidos das vexações tiranias, tributos, fintas, pedidos, destituição de fazendas que lhe havia feito o general Salvador Corrêa de Sá e Benevides que governava esta praça, tratando só de suas conveniencias, sem attender ao bem commum delle, dito povo, descompondo aos homens, e a elles mesmos ditos officiaes da Camara de palavras injuriosas e affrontosas, com que todos se vião precipitados, vexados e opprimidos e que portanto recorreram a Thomé Corrêa de Alvarenga, que de presente estava governando, e vendo elle dito povo que os quatro procuradores que haviam enviado a Thomé Alvarenga, não surtiam effeito, vinham em pessoa pelas ditas rasões a excluir e remover, como com effeito excluem e removem ao dito General Salvador Benevides do cargo e posto de governador desta praça...»

«E logo foi approvado pelo povo que se chamasse a este Tribunal o dito Thomé de Alvarenga para declarar si estava por esta resolucção do povo, como a haviam já representado e queriam saber si a acceitava ou não, e como respondesse por escripto que não podia convir na remoção ou expulsão a bem da Republica, de que eu tabellião dou fé, o que ouvido e sabido pelo dito povo todo junto e congregado, todos a uma vóz aclamaram que elegiam e queriam, como com effeito disseram e elegeram por governador desta praça e seu districto ao Capitão Agostinho Barbalho Beserra, por ser pessoa em quem concorriam todas as qualidades e partes necessarias para o dito cargo, para que o governasse com justiça assim na guerra como na politica e foram juntos a casa do Capitão Beserra que mostrando escrupulo o povo disse que acceitasse, senão tinha que morrer. Declarando em fim que acceitava o cargo de Governador da Praça e seu districto logo o dito povo em homenagem ao Capitão Beserra novamente o elegeo e aclamou.» (Vide R. Instituto Historico).

Cento e doze homens, além do Governador eleito e eclesiasticos, assignaram esta acta.

Ora, se isso não é um dos meios revoluccionarios pelos quaes o povo usa de sua soberania para se fazer governado por si, como é da missão dos governos republicanos, não sabemos como se possa contestar o sentimento que animava estes patriotas, que, mal se constituindo em sociedade, já aspiravam lhe dar a fórma a mais livre.

Uma vez installado o governo popular, foi lavrado o edital seguinte, publicado pelas ruas:

«Ouvi o Mandado que manda o povo desta cidade o seu nomeado, que toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, parente ou não parente do General Salvador Benevides, criado, amigo, affeiçoado, que lhe quiser ir para a sua companhia irá manifestar ao senado da Camara, para se-lhe dar licença e toda a boa passagem que lhe for necessaria para se partir, para que dentro em dois dias o possam faser sem se lhe faser offensa alguma; e passado o dito praso se virem manifestar, e constando ao depois por qualquer via que alguem se cartêa com o dito General ou segue a sua vós, será preso e degradado para Angola, e haverá mais a pena que o povo lhe quizer dar.

Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1681.

E eu Antonio Ferreira da Silva, tabellião do publico judicial e notas dou fé manda-lo assim o dito povo.—*Antonio Ferreira da Silva.*»

No dia seguinte o povo, sabendo que alguns cidadãos se bandeavam para o general, convocou nova reunião e se lavrou uma acta na qual, além da destituição de alguns capitães, se nomearam outros.

Nesta acta se diz «que temendo o dito povo que houvesse alguma conspiração em damno desta Republica e contra o povo, nomeavam para coronel o mesmo que de presente serve, Francisco Sudré Pereira, para Sargento Mór Domingos de Faria, para Capitães Christovão Leite, Francisco Vargas, Mathias de

Mendonça, Matheus Corrêa Pestana, Manoel Maciel, Sebastião Pereira, Miguel Machado, Sebastião Coelho, Antonio Sardinha, Francisco Dermundo, Francisco Brito, Francisco de Macedo Freire e Francisco Martins Soares. »

Estas manifestações não conduziam, na verdade, a nenhum resultado pratico. Seria ignorar os limitados recursos da população brasileira e os poderosos agentes da força publica portugueza; mas nós as extractamos para mostrar bem claramente quanto o sentimento republicano era intenso e delle não duvidavam os proprios governadores, como veremos neste estudo.

Uma prova desta verdade achamos ainda na narrativa dos acontecimentos do Rio de Janeiro, durante o governo de Salvador Benevides, a qual se acha na bibliotheca do Rio, onde se vê que depois dos esforços ingentes para acalmar o povo, é o proprio chronista, narrando os acontecimentos passados em São Paulo, em apoio do General Benevides, que emprega a palavra republicana.(1)

Os documentos a que nos referimos, mostram portanto que em São Paulo havia republicanos.

A revolução do povo no Rio prova que elle conhecia como se chegava a ser republicano.

Os leitores verão de nossa exposição, em ordem chronologica dos acontecimentos, que em cada uma das capitanias os germens republicanos se faziam distinguir no meio do marasma em que vivia o governo.

---

(1) Expedida a carta, se juntaram os paulistas com os Republicanos á sua nobreza e prelados das religiões, para obterem a resolução do Governador que pretendia regressar para o Rio...

Embora á palavra Republicana não fosse dado naquelle o mesmo sentido que tem hoje, ella era, todavia, a expressão official propria para designar o povo brasileiro patriota, que não se submettia á influencia da metropole e por conseguinte realmente republicano.

As origens republicanas no Brasil são como os raios do sol que apparecem ao observador que entra nas trevas á procura de algum objecto que lhe é caro. (1)

(1) A corrente da democracia no Brasil foi muito avolumada pela legislação referente ás successões. A divisão da propriedade territorial e da fortuna movel pelos herdeiros tem poderosamente influido sobre as idéas republicanas, pelo nivelamento que produziu, impedindo a constituição de grandes riquezas, sempre prejudiciaes ao regimen das liberdades. Maiores seriam os beneficios produzidos por essa sabia legislação que ainda perdura sobre a indole, idéas e costumes do povo, si os legisladores actuaes impozessem como medida obrigatoria nas successões a subdivisão da propriedade territorial por todos os herdeiros, sempre que ella ultrapassasse um *minimum* legal. Por esta fórma chegariamos mais depressa á pequena propriedade sem o imposto territorial e deste modo se realisariam praticamente as manifestações do socialismo no nosso paiz, porque sendo o proprietario essencialmente conservador, subdividir é tornal-a ao alcance de todos.

Estamos convencidos de que com a politica e a liberdade, harmoniosamente associadas, nada temos que receiar do socialismo, como muito bem disse o grande escriptor Oliveira Martins em uma carta que tivemos a honra de receber e está publicada na Rev. Util. de 1894: «A vastidão das riquezas naturaes e a escassez relativa de população permettiram ao Brasil realisar typos e fórmas de organisação civil, a que se chama socialistas no velho mundo, e que por cá a tradição, os interesses creados e a exiguidade da riqueza, provocam commoções graves.»

PARTE II

Quando se pensa nos meios oppressivos do governo do Brasil e principalmente no tempo do regimen colonial, quando se considera a educação portugueza, cercada de um *despotismo paternal,* que degenerava em pancada á menor contrariedade, é que se avalia o merito destes patriotas republicanos, que surgiram ora no interior das provincias, ora nas capitaes, e que ao Sul e ao Norte do Brasil disputavam o seu ideal em paciente perseverança, no ignorado silencio da vida domestica, onde se educam os bons caracteres.

Minas foi o theatro das mais risonhas esperanças e tambem dos maiores supplicios.

Quando o ouro não chegava para as dissipações monarchicas, se fazia uma derrama no rico estado e a capital Villa Rica era o centro da indignação do povo, que achou em Felippe dos Santos, morto e esquartejado, o primeiro Martyr !

A religião explorada sob sua fórma mais indigna fez prender os padres companheiros de Tiradentes e os levou para as masmorras do Reino, para que morressem com os supplicios que a inquisição inventava e que só no velho Reino se sabia bem guardar e praticar.

Veiga Cabral, o companheiro de Fellippe dos Santos, tambem foi para lá, para que o povo do Reino tivesse occasião de aprender na applicação dos supplicios o modo de se punir a pretenção de ser livre no Brasil.

Estes rigores faziam brotar da terra opprimida, como um novo Cadmus, as legiões da victoria.

Abafava-se o crime de ser republicano, mas a idéa de Bernardo Vieira de Mello, apresentando em 1710 ao Senado da Camara de Pernanbuco um plano para se fazer uma republica como a de Veneza, nasceu mais fulgurante, em 1789, com as bandeiras de Tiradentes e depois com o ideal da Confederação do Equador e em 1835 com a Republica de Piratinim, evoluções da gloriosa tentativa de Tiradentes.

Estas idéas não morrem, mas para que ellas possam germinar, crescer e florescer, dando fructos, é preciso muita paz, muita justiça, muito progresso.

Si faltam estes elementos, falta tambem a athmosphera onde sómente ellas podem viver: *porque a liberdade é uma planta mimosa que não vive nem nos aridos desertos da intriga nem no dominio da corrupção.*

Mas si a despeito destes elementos se faz o sangue das victimas humanas apparecer e regar a terra, então este sangue para aquellas idéas o melhor propulsor, elle apressa o seu apparecimento mais rapidamente, por que fére a imaginação dos homens, que lhe serve de vehiculo.

A liberdade surge embravecida, tal como a onda quando atira os fracos bateis sobre as rochas.

A revolução franceza attrahia naturalmente para a França os homens livres da America. Entre elles não se póde deixar esquecidos os nomes dos tres distinctos brasileiros que faziam seus estudos em Montpellier e Bordeaux, os cidadãos José Joaquim de Maia, José Alves Maciel e Vital Barbosa.

Terminados os estudos de medicina em Montpellier e em Bordeaux, Maciel e Vital Barbosa foram para Minas, sua terra natal, afim de fazer a propaganda republicana.

Lamentamos que a mocidade brasileira não tenha ainda formado clubs com os nomes que incontestavelmente exerceram a maior influencia na propaganda das idéas republica-

nas do Brasil, e eram os dignos companheiros do immortal Tiradentes, que apesar de ter este nome, pela habilidade que empregou neste officio, era habil ourives e disso sim, fazia profissão. (1)

Narra o Senhor Oscar de Araujo em seu livro — «Idéas Republicanas» — que foi José Joaquim da Maia quem intentou correspondencia, em fins do seculo passado, com o grande Jefferson, que depois foi presidente da Republica Norte Americana.

Nós tivemos que averiguar o assumpto, e apezar de ter o conselheiro Lopes Netto mandado verificar na lista da matricula dos estudantes de medicina, em Montpellier, se havia algum estudante brasileiro, o que não foi confirmado, não temos a menor duvida em confirmar o facto, porque coincide a sua permanencia em França com a de Jefferson.

Os homens que tinham instrucção no Brasil, não podiam pretender annunciar os seus pensamentos, porque a delação andava atraz do homen, como a sombra do corpo. O celeberrimo alvará regio de 6 de Julho de 1747, prohibindo o uso da imprensa no Brasil, sob penas as mais severas, havia feito a ruina de alguns patriotas que ousaram mandar vir alguns typos, para o immenso prazer de verem em letras impressas as idéas que se aninhavam nos seus cerebros opprimidos.

Não podemos deixar de recordar neste estudo o esforço empregado pelo padre Viegas de Menezes, a quem se deve o haver conseguido do governador de Minas, Visconde de Condeixas, a permissão para ser interposto o seu valimento para a obtenção de revogação de tão cruel lei. Para prestar homenagem a este acto que marcou uma éra nas conquistas da civilisação, o padre, que como Tiradentes era habil ourives, gravou o frontespicio do jornal, onde appareciam as figuras do general gover-

(1) Tiradentes não era só habil ourives. Os primeiros estudos sobre a canalisação de agua potavel na Capital Federal foram por elle feitos para canalisação da agua da Carioca; não conseguiu levar a effeito suas idéas, mais tarde realisadas por D. João VI.

nador e da sua esposa. Humilhação desculpavel em tempos tão remotos, em que para se dar um passo para a frente era preciso retrogradar tanto!

Mas para que a imprensa apparecesse no Brasil era preciso algum sacrificio, e ella largamente tem reivindicado os males causados pelos oppressores.

O pseudonymo Vendek, de que elle se serviu, foi inventado para occultar o nome do distincto Dr. Maia.

Em seguida publicamos esta correspondencia, copiada dos archivos do Instituto do Rio, obtida pelo Sr. Lopes Netto.

O diplomata brasileiro Lopes Netto, quando ministro do Brasil em Washington, obteve permissão para copiar as cartas dirigidas a Jefferson por um patriota brasileiro que se assignava Vendek, e que como já vimos era o doutor José Joaquim da Maia.

Estas cartas fazem parte dos documentos do archivo do ministerio dos estrangeiros de Washington, que por consentimento do governo americano foram copiadas, tendo sido verificadas as copias authenticas, legalisadas pelas respectivas secretarias. As cartas trocadas entre o grande republicano, que foi o terceiro presidente da republica, e o patriota brasileiro dão uma idéa tão fiel dos sentimentos republicanos dos brasileiros, que julgamos prestar um serviço á mocidade republicana transcrevendo-as, para que ella possa sempre achar no cumprimento do dever, em quaesquer circumstancias, um modelo digno.

As cartas de Jefferson eram dirigidas da Europa ao senhor John Jay, presidente do Congresso Americano.

As idéas manifestadas não só em relação ao Brasil, como a outros povos da America do Sul, provam que antes do XIX seculo, a tendencia de toda a America era unificar-se no regimen feliz da Republica.

Eis a copia da correspondencia :

Vendek a Thomaz Jefferson. — Senhor — Montpellier, 2 de Outubro de 1786. — Tenho um assumpto da maior impor-

tancia para communicar-vos; mas como o estado da minha saude não me permitte a honra de ir encontrar-vos em Paris, peço-vos digneis ter a bondade de dizer-me, si posso com segurança communicar-vol-o por carta, pois que son estrangeiro, e por isso pouco inteirado dos usos do paiz.

Peço-vos perdão da liberdade que tomo e rogo-vos tambem que mandeis a resposta a Mr. Vigarens, conselheiro do Rei e professor de Medicina na Universidade de Montpellier.

Sou com todo o respeito, Senhor, vosso muito humilde e obdiente servo. — *Vendek*.

Vendek a Thomaz Jefferson. — Senhor — Acabo de receber a honra da vossa carta de 16 de Outubro e muito me penalisa não a ter recebido mais cedo; mas tive de ficar no campo até agora por causa da minha saude; e já que vejo que as minhas informações vos chegam ás mãos com segurança, vou ter a honra de communicar-vol-as. Sou brasileiro, e sabeis, que a minha desgraçada patria geme em atroz escravidão, que se torna todos os dias mais insupportavel depois da vossa gloriosa independencia, pois que os barbaros portuguezes nada poupam para tornar-nos desgraçados com medo que vos sigamos as pisadas, e como conhecemos que esses usurpadores, contra a lei da natureza e da humanidade, não cuidam sinão de opprimir-nos, resolvemos seguir o admiravel exemplo que acabais de dar-nos, e por conseguinte, quebrar as nossas cadeias e fazer reviver a nossa liberdade, que está de todo morta e opprimida pela força, que é o unico direito, que os europeus têm sobre a America.

Mas cumpre que haja uma potencia, que dê a mão aos brasileiros, visto como a Hespanha não deixará de unir-se a Portugal; e apesar das vantagens que temos para defender-nos, não o poderemos fazer, ou pelo menos não seria prudente aventurarmo-nos sem certeza de sermos bem succedidos.

Isto posto, Senhor, é a vossa Nação, que julgamos mais propria para ajudar-nos, não somente porque foi quem nos

deu o exemplo, mas tambem porque a natureza fez-nos habitantes do mesmo continente, e por conseguinte de alguma sorte compatriotas; pela nossa parte estamos promptos a dar todo dinheiro que fôr necessario e a manifestar a todo o tempo a nossa gratidão para com os nossos bemfeitores.

Senhor, aqui tendes pouco mais ou menos o resumo das minhas intenções e é para desempenhar esta commissão que vim á França, visto como eu não podia na America deixar de suscitar suspeitas naquelles que disso soubessem.

Cumpre-vos agora ajuizar si ellas são realisaveis; e no caso de quererdes consultar a vossa nação, estou habilitado para dar-vos todas as informações que julgardes necessarias.

Tenho a honra de ser, com a mais perfeita consideração, senhor, vosso humilde e muito obediente servo.

Em Montpelier, 21 de Novembro de 1786.—*Vendek.*

Thomaz Jefferson a Vendek.—Paris, 26 de Dezembro de 1786.—Senhor—Espero a cada momento fazer uma viagem pelas provincias meridionaes da França.

Demorei a resposta á vossa carta de 21 de Novembro, esperando poder annunciar-vos a data da minha partida, assim como o dia e o logar em que eu poderia ter a honra de encontrar-vos; mas até agora este momento não está decidido.

Todavia terei com certeza a honra de participarvol-o, e pedir-vos uma entrevista ou em Montpelier ou nas visinhanças.

Por emquanto tenho a honra de ser, com muito resdeito, senhor, vosso humilde e muito obediente servo. — *Th. Jefferson.*

Vendek a Thomaz Jefferson. — Senhor — A noticia que acabo de ter a honra de receber da vossa viagem a essa parte

da França, deu-me o maior prazer, e felicito-me por isto; porque eu via, que me era essencialissimo ter a honra de fallar-vos, e o estado da minha saude não me permittia fazer a viagem a Paris.

Si eu pudesse saber o dia da vossa chegada a Nimes e o vosso alojamento, não me privaria da honra de alli ir encontrar-me comvosco, o que estou prompto a fazer em qualquer outro logar que vos aprouver; e para isso não espero mais que as vossas ordens.

No entretanto lisonjeio-me de ser com o maior respeito, senhor, vosso muito humilde e obediente servo.

Em Montpelier, 5 de Janeiro de 1787.—*Vendek.*

Thomaz Jefferson a John Jay.—4 de Maio de 1787.

. . . . . .

Na minha viagem a esta parte do paiz, pude colher informações, que tomarei a liberdade de communicar ao Congresso.

Em Outubro proximo passado recebi uma carta datada de Montpelier 2 de Outubro de 1786, annunciando-me que o autor era um estrangeiro que tinha assumpto de mui grande importancia para communicar-me, e desejava que eu lhe indicasse o meio de levar avante o seu intento com segurança.

Assim fiz.

Pouco depois recebi uma carta, que passo a transcrever.

(Thomaz Jefferson transcreve aqui *ipsi-verbis* a carta de Vendek de 21 de Novembro de 1786, omittindo apenas a assignatura e mudando a palavra de *Monsenhor* por *Senhor*.

Como por aquelle tempo me tinham aconselhado as aguas de Aix, escrevi áquelle cavalheiro communicando-lhe a minha intenção, e accrescentando que eu me desviaria do meu caminho até Nimes, sob pretexto de vêr as antiguidades daquella cidade, si elle quizesse vir encontrar-me alli. Elle

veio, e o que se segue é o resumo da informação que elle me deu.

O Brazil contém tantos habitantes como Portugal.

Constam:— 1.º de portuguezes; 2.º brancos nacionaes; 3.º escravos pretos e mulatos; 4.º indios civilisados e selvagens.

Os portuguezes são poucos, casados alli pela maior parte; perderam de vista o paiz em que nasceram, assim como a esperança de tornar a vêl-o, e estão dispostos a tornarem-se independentes. Os brancos nacionaes formam o corpo da nação.

Os escravos são tão numerosos como a gente livre.

Os indios civilisados não têm energia, e os selvagens não se hão de intrometter.

Ha 40.000 homens de tropas regulares. A principio eram portuguezes; mas a medida, que foram morrendo, foram substituidos por naturaes, de fórma que estes compõem presentemente a massa das tropas, e o paiz póde contar com elles.

Os officiaes são em parte portuguezes, em parte brazileiros. Não se póde duvidar de sua bravura, e entendem a parada, mas não conhecem a sciencia da sua profissão.

Não têm inclinação para Portugal, nem energia para cousa alguma.

O clero é metade portuguez, metade brazileiro, e não se ha de interessar muito pelo movimento. A nobreza é apenas conhecida como tal. Não se ha de distinguir do povo em cousa nenhuma; os homens de lettras são os que mais desejam uma revolução. O povo não se acha muito na dependencia de seus padres; a maior parte sabe lêr e escrever, possue armas e está acostumada a servir-se dellas para caçar. Os escravos hão de acompanhar os senhores. Em summa, pelo que toca a revolução, a opinião do paiz é unanime, mas não ha quem seja capaz de conduzir uma revolução, nem quem queira arriscar-se á frente d'ella, sem o auxilio de alguma nação pode-

rosa, visto que a gente do paiz póde ser mal succedida. Não ha typographia no Brazil.

Considera-se alli a revolução Norte-Americana, como um precedente para ser imitado.

Os brazileiros contam que os Estados-Unidos muito provavelmente hão de prestar-lhes auxilio, e por uma variedade de considerações nutrem a nosso favor os mais fortes preconceitos.

O meu informante é natural do Rio de Janeiro, a presente metropole, onde elle mora, cuja cidade conta 50.000 habitantes.

Elle conhece bem São Salvador, a antiga Capital, assim como as minas de ouro que se acham no centro do paiz.

Tudo é favoravel á revolução, e como isto mesmo fórma o corpo da nação as outras partes hão de seguir o movimento.

No producto das Minas o quinto do Rei dá 13 milhões de cruzados ou meios dollars por anno (1).

O Rei tem outras pedras preciosas, o que lhe dá cerca de metade daquelle rendimento. O producto destas duas verbas rende-lhe por anno cerca de dez milhões de dollars; mas com o resto dos productos das Minas, que orça por 26 milhões, póde contar-se para effectuar a revolução.

Além das armas que existem nas mãos do povo, ha os arsenaes. Os cavallos abundam, mas uma parte sómente do terreno permitte o serviço da cavallaria. Precisariam de artilharia, munições, navios, marinheiros e officiaes, que estimariam receber dos Estados-Unidos, ficando entendido que qualquer serviço ou fornecimento seria bem pago. Têm elles carne fresca na maior abundancia, a ponto que ha lugares em que se matam os bois sómente para aproveitar o couro. A pesca da baleia é toda feita por brazileiros, não por portuguezes, mas em embarcações muito pequenas, de maneira que os pescadores não sabem manobrar navios grandes.

(1) O *cruzado forte* portuguez vale 800 réis e o meio dollar vale mil réis.

A todo o tempo hão de precisar que lhes forneçamos embarcações, trigo e peixe salgado.

Este peixe é um grande artigo, que recebem actualmente de Portugal.

Não tendo Portugal nem exercito, nem marinha, não poderia tentar uma expedição antes de um anno. A' vista dos elementos de que essas forças teriam de compor-se não haveria muito que receiar dellas, e, falhando o primeiro esforço é provavel que nunca Portugal tentasse o segundo. Ha mais: interceptada aquella fonte da sua riqueza, Portugal mal poderia tentar um primeiro esforço. A parte sensata da nação está tão persuadida disto que uma proxima separação é tida por inevitavel.

Reina entre brazileiros e portuguezes um odio implacavel. Para acalmal-o, um antigo ministro adoptou o meio de nomear brazileiros para alguns empregos publicos; mas os gabinetes que se seguiram voltaram ao antigo costume de conservar a administração nas mãos dos portuguezes.

Existem ainda nos empregos publicos alguns nacionaes antigamente nomeados.

Para a Hespanha tentar uma invasão pelas fronteiras do sul, estão ellas demasiado distantes do nucleo dos seus estabelecimentos, além de que uma empreza hespanhola nada teria de formidavel.

As minas de ouro acham-se no meio de montanhas inacessiveis a um exercito, e o Rio de Janeiro é tido como o porto mais forte do mundo, depois de Gibraltar.

Si a revolução fosse bem succedida, estabelecer-se-hia provavelmente um governo republicano, em um só corpo.

Durante toda a nossa entrevista tive o cuidado de fazer vêr ao meu interlocutor, que eu não tinha nem instrucções, nem auctoridade para dizer uma palavra a quem quer que fosse sobre este assumpto, e que podia sómente communicar-lhe as minhas idéas como simples particular. Dis-

se-lhe que na minha opinião não estavamos presentemente em estado de nos intrometter em uma guerra nacional; que desejavamos particularmente cultivar a amizade de Portugal com quem entretinhamos um commercio vantajoso; que todavia uma revolução bem succedida no Brazil não podia deixar de interessar-nos; que a esperança do lucro poderia attrahir-lhe certo numero de individuos em seu auxilio, e mesmo guiados por motivos mais puros, officiaes nossos entre os quaes não faltavam militares excellentes; que os nossos concidadãos tendo a faculdade de deixar individualmente o seu proprio paiz sem consentimento do governo, têm tambem a liberdade de ir para qualquer outra terra.

Pouco antes de receber a primeira carta do brazileiro, um cavalheiro informou-me que havia em Paris um mexicano, que desejava ter alguma conversa commigo. Em seguida procurou-me. A informação que colhi delle foi em substancia como vou dizer.

É natural do Mexico, onde moram os seus parentes.

Deixou o seu paiz na idade de 17 annos e mostra ter agora 33 ou 34.

Classifica e caracterisa os habitantes do Mexico como segue:

1.º Os naturaes da antiga Hespanha possuidores da maior parte dos empregos do governo, e que lhe são firmemente dedicados.

2.º O clero igualmente dedicado ao governo.

3.º Os naturaes do Mexico, geralmente dispostos a revoltarem-se, mas sem instrucção, sem energia e debaixo do dominio dos seus padres.

4.º Os escravos mulatos e negros, sendo os primeiros emprehendedores e intelligentes, os segundos bravos e de maxima importancia, qualquer que seja o lado a que se atirem, mas que ficarão provavelmente do lado dos seus senhores.

5.º Os indios domesticados que é provavel não tomarem parte por ninguem, e que não têm importancia.

6.º Os indios livres, bravos e formidaveis, si interviessem, o que não é provavel, por se acharem a grande distancia.

Perguntei-lhe o numero destas differentes classes, mas não soube responder. Pensa que a primeira é pouco consideravel, que a segunda fórma a massa da gente livre; a terceira é igual ás duas primeiras; a quarta ás tres precedentes; e quanto á quinta não póde fazer idéa do seu numero.

Parece-me que as suas conjecturas quanto á sexta, não assentavam em base solida.

Disse-me saber de fonte segura que na cidade do Mexico haviam 300.000 habitantes.

Mostrei-me ainda mais cauteloso com elle do que com o brazileiro. Disse-lhe que na minha opinião particular (sem estar auctorisado de proferir palavra sobre o assumpto) uma revolução bem succedida no Mexico, ainda estava muito longe; que eu receiava, que primeiro que tudo fosse preciso esclarecer e emancipar intellectualmente o povo; que, quanto a nós, si a Hespanha nos désse condições favoraveis ao nosso commercio e aplainasse outras difficuldades, não era provavel que abandonassemos vantagens certas e presentes, ainda que pequenas, por outras incertas e futuras, por maiores que fossem. Fui levado a ser cauteloso por haver observado que este cavalheiro frequentava intimamente a casa do embaixador hespanhol e que estava então em Paris commissionado pela Hespanha para fixar os limites com a França nos Pyrinèos.

Tinha ares de candura, mas esta podia ser fingida, e não pude julgar por mim mesmo o que elle era.

Levado pela associação de idéas e pelo desejo de dar ao Congresso uma apreciação geral das disposições das nossas conterraneas meridonaes, tanto quanto posso, accrescen-

tarei um artigo, que, por antigo e izolado, não julguei assaz importante para fazer delle menção quando o recebi.

Estareis lembrado, senhor, de que, durante a ultima guerra, os periodicos inglezes davam pormenores da rebellião do Perú.

Essas folhas duvidaram da veracidade da informação; mas a verdade é, que as insurreições eram geraes, e que o resultado ficou muito tempo indeciso.

Si o commodoro Jonhson, esperado então naquella costa tivesse alli levado 2.000 homens, estava acabado o dominio da Hespanha naquelle paiz.

Os peruanos precisavam sómente de um ponto de reunião, que este corpo teria formado. Faltando-lhes este, obraram sem harmonia e foram subjugados separadamente. Esta conflagração foi extincta no sangue.

Morreram de ambos os lados 200.000 pessoas; mas o que resta ainda dá alimento para novo incendio. Tenho esta informação de uma pessoa que estava na occasião no logar da acção, e cuja bôa fé, intelligencia e meios de saber as cousas, não deixam duvida sobre o modo porque se deram os factos. Observou, todavia, que o numero acima referido das pessoas que pereceram não passa de conjecturas, que elle pôde colher.

Importuno o Congresso com estes pormenores, porque, por mais afastados que estejamos, tanto em condição como em disposições de tomar parte activa nas commoções daquelle paiz, a natureza collocou tão perto de nós, que os seus movimentos não podem ser indifferentes aos nossos interesses ou á nossa curiosidade.

Consta-me que ha outro decreto deste governo augmentando os direitos sobre o bacalháo extrangeiro e o premio do francez, importado das ilhas francezas; mas não o tendo visto ainda, nada posso dizer de positivo a este respeito.

Espero que o effeito dessa medida fique anullado pela pratica que me consta existir nos bancos da «Terra Nova»

de pormos o nosso peixe nas embarcações francezas, ambas as partes repartindo o premio entre si, em vez de nós pagarmos o direito.

. . . . . .

Tenciono seguir amanhã para Bordeaux (pelo canal de Languedoc), Nantes, Lorient e Paris.

Tenho a honra de ser, com os sentimentos da mais perfeita estima e consideração, senhor, vosso muito obediente e muito humilde servo — *Th. Jefferson.*

PARTE III

Não se póde avaliar a extensão dos soffrimentos dos outros não se conhecendo bem os sentimentos de que estão animados.

Animados pela revolução franceza os patriotas brasileiros tinham pressa em mostrar que o espirito que animava a liberdade no velho mundo, era ainda mais intenso no meio da athmosphera tropical do Brasil.

Nascidos em logares ignorados, se juntavam entretanto os republicanos, tal como as aguas que fazem as origens dos grandes rios do mundo. O Amazonas e o Rio da Prata, tão grandes no seu majestoso curso eram, imagino, pequenos ainda para a comparação do grande ideal que elles sonhavam, tal como o admiravel plano exposto a Jefferson.

A imaginação não estava longe da realidade, porque ella tinha o Brasil, immensamente rico, para termo da comparação.

Era portanto licito que os patriotas republicanos de Minas, tendo á sua frente o mais modesto dos homens, um ourives, fizessem recahir sobre elle a chefia do movimento que caminhou como a religião christã, atravez do tempo, que tem sido o factor de sua grandeza.

Apreciemos na sua simplicidade historica o martyrio das victimas.

Olhando para a immortalidade, não viam os heroes brasileiros da inconfidencia a sepultura, nem o corpo das victimas que ella encerra, porque aquelles que se dedicam ao bem do genero humano, sem ambição de mando e de gloria, que só tratam de alcançar a felicidade dos seus patricios no futuro, porque o presente é cheio de miserias, hão de sobreviver tambem nos tempos, porque viveram muitos annos antes a vida que lhes estava destinada. (1)

Alimentando-se de idéas grandes, taes como a de libertar seus patricios, estes martyres se aqueciam ao sol da patria, vivificando todos os que se chegavam a elles, animados pelo calor dos tropicos, que produziu sempre, tanto quanto era preciso para desfazer os males que a metropole espalhava em tempestades.

---

(1)A Republica sonhada pelo Grande Heroe da conjuração mineira não se fez em 1789 porque houve um Judas Iscariote que se chamava Joaquim Silverio dos Reis. Mas antes que um seculo se completasse depois da execução de Tiradentes, o Martyr da liberdade, o 15 de Novembro de 1889, veio abalar pela base os fundamentos do Imperio, proclamando-se a Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A prophecia dos conjurados, impressa na bandeira da futura Republica — que devia ter por divisa as seguintes palavras: «libertas quæ sera tamen», (liberdade ainda mesmo tardia) realisou-se 97 annos depois; mas elles, pagaram bem caro a sua tentativa, e, um delles, o mais audacioso e intrepido, aquelle que teve a honra, o valor, o heroismo e a coragem de confessar que era um dos conjurados, e que o fim da conjuração era banir do solo da patria o predominio da monarchia; aquelle que não tremeu e nem vacillou diante da sentença de morte, era o Alferes Joaquim José da Silva Xavier; era o Grande e Glorioso heroe da conjuração mineira.

A sentença condemnatoria que levou o grande patriota mineiro ao patibulo, foi lavrada nos termos seguintes:

SENTENÇA

«Portanto condemnam o réo Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da Capitania de Minas, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca e nella morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Villa Rica, aonde em o logar mais publico della, será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregado em postes pelo caminho de Minas, no sitio da Varginha e Cebollas, onde o réo teve as suas infames praticas, e os mais nos sitios de maiores povoações, até que o tempo tambem os consuma.

Querendo escolher uma só victima, a quem se tiraria a vida emquanto, no desterro, os outros purgassem os seus crimes soffrendo miserias, o governo não fez sinão augmentar a aureola do grande Martyr, porque um ser que soffre por tantos outros, não póde deixar de se sentir engrandecer com as dôres na proporção dos bens pessoaes, que ellas geram!

Ah! Quantos têm ficado immortaes, não tanto pelo que escreveram como pelo que soffreram!

Sem os supplicios e as dôres não se santificam os grandes homens, nem suas idéas passam a ser o patrimonio e o alimento dos espiritos patrioticos que lhes succedem.

Como se poderia na livre America, nas altaneiras montanhas de Minas destruir a liberdade?

Quem ousaria arrancar as gigantes figueiras, perobas e giquitibaes das florestas tropicaes, que medem dois e tres metros de diametro em seus troncos!

Destruir os germens da liberdade em taes regiões é pretenção igual a que acabamos de indicar.

Com effeito, o governo se encheu da alegria que geram os festins do odio e de vingança; mas não vive só um anno quem vive para fazer o mal e o crime. A vida intima dos governos que supprimem a liberdade, é talvez a mais fertil de festins, de oppressões e tyrannias.

Foi nos pantanos Pontins de Roma que os Neros e os Caligulas fizeram trabalhar as victimas do catholicismo, que mortas pelos miasmas pestilenciaes, ficavam insepultas.

Aquelles que escondiam nos subterraneos das catacumbas de Roma os corpos dos martyres, mal podiam pensar que a

---

Declaram ao réo infame, infames seus filhos e netos, tendo-os; seus bens applicam para o fisco e camara real, e a casa em que vivia em Villa Rica será arrasada e salgada e que nunca mais no chão se edifique e não sendo proprio será avaliado e pago a seu dono pelos bens confiscados e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memoria a infamia deste abominavel réo.»

Nós agora dizemos: fazem hoje cento e tres annos que esta infame e abominavel sentença foi proferida contra o immortal Tiradentes.

justiça havia de fazer sahir destas profundas e tetricas galerias, a fé, e a verdade que os tyrannos julgavam destruir com as suas victimas, que afinal vieram dominar intellectualmente, não só Roma mas todo o mundo.

Não era muito para a nossa civilisação esperar um seculo!

Bem haja a acção bemfazeja daquelles que tiveram a tempera rija para as luctas que sustentaram e que no meio dos mais inaccessiveis lugares levaram a civilisação e plantaram as idéas da liberdade.

Hontem como hoje, bem hajam aquelles que não se julgam com direito aos bens dos que gozam, si não para promover, sem ambições, a felicidade de seus patricios!

A historia da Inconfidencia Mineira tem sido escripta por outros e já é conhecida dos moços estudiosos.

Não é nosso fim repetir o que já está na consciencia de todos, porém sim narrar o modo porque a justiça castigou as victimas. Copiámos dos documentos dos juizes o que elles julgaram ser uma sentença *exemplar*, porque nella se vê de que exemplo era capaz tal justiça.

Envenenado pela falsa dilação que os confessores levavam aos ouvidos de uns para outros presos, é provavel que a paixão e a fraqueza das victimas, tivessem feito as revelações que se queriam. A honra da descoberta, não é porém digna de ser commentada.

A Revista do Instituto Historico do Brasil, publicou em 1881, tomo XLIV, a memoria escripta por Joaquim Norberto, sobre *Tiradentes, perante os historiadores oculares* do seu tempo. No mesmo volume vem tambem os ultimos momentos dos inconfidentes de 1789 pelo frade que os assistiu de confissão.

Deste trabalho copiámos a lista dos presos (tal como se contém nos autos).

«Lista dos cumplices na projectada revolução de Minas Geraes, e que foram sentenciados na Relação do Rio de Ja-

neiro em maior alçada, conforme as ordens de S. M. F., por ministros graduados nomeados pela mesma Senhora:

1º — O Alferes Joaquim José da Silva Xavier (O Tiradentes) Enforcado.

2º — O Tenente Coronel Francisco de Paula.
Degradado para *Ancocha*.

3º — O Dr. Ignacio José de Alvarenga.
Degradado para *Dande*.

4º — O medico Dr. Domingos Vital Barbosa.
Degradado para *Santiago*.

5º — O Cap. José de Resende Costa, Pai.
Degradado para *Brissan*.

6º — José de Resende da Costa, Filho.
Degradado para *Cabo Verde*.

7º — O Sargento-Mór Luiz Vaz de Toledo.
Degradado para *Cambambe*.

8º — O Coronel Francisco Antonio.
Degradado para *Bihé*.

9º — O Dr. José Alves Maciel.
Degradado para *Mucango*.

10º — O Cirurgião Salvador José de Almeida.
Degradado para *Catalo*.

11º — O Ten. Coronel Domingos de Abreu.
Degradado para *Muximbo*.

«Os dez acima foram igualmente condemnados á morte, porém foram perdoados e degradados para presidios respectivos por ordem de S. M. F.»

12º — O Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, autor da «Marilia de Dirceu».
Degradado para *Pedras Negras*.

13º — Cap. Vicente Vieira da Motta.
Degradado para *Angola.*

14º — Cap. João Dias da Motta.
Degradado para *Angola.*

15º — Ten. Francisco José Ribeiro.
Degradado para *Angola.*

16º — Coronel José Ayres.
Degradado para *Angola.*

17º — Vigario Correia de Toledo.
Degradado para *Lisboa.*

18º — Pad. Manoel Rodrigues.
Degradado para *Lisboa.*

19º — Joaquim Faustino Soares dos Anjos.
Solto por ter descoberto a Conjuração do deputado secretario interino da R. Junta do Commercio.

«Todos os acima eram os cabeças da revolução, tinham leis já feitas, e embaixadores nomeados para irem pedir soccorro a diversas potencias, e a maior parte delles homens interessados e que estavam ao serviço de S. M. F.».

O denunciante destes homens martyres chamava-se Coronel Joaquim Silverio dos Reis Leiria Guites!

Na vespera do Natal do anno 1790 chegaram ao Rio de Janeiro os dezembargadores Antonio Diniz da Cruz Silva, aggravante, Antonio Gomes Ribeiro, aggravista e Sebastião Xavier de Vasconcellos, Juiz da alçada, com carta do Conselho, para exercer o logar de Chanceler da Relação.

Os réos foram considerados como homens monstruosos e que inspiravam horror pelos seus crimes.

Em Janeiro de 1792 concluiram-se as conferencias e devassas.

José de Oliveira Fagundes foi o advogado encarregado de arrazoar a causa.

A sentença dos réos foi lida; dizia assim:

« Que sejam sentenciados e condemnados com pena ultima os cabeças da conjuração e os que começaram e mantiveram os *Conventiculos*:

« Que os sacerdotes réos fossem sentenciados segundo a qualidade de seus crimes, porém que a sua sentença não fosse declarada; e que retidos em prisão forte, esperariam a sua ultima e real determinação. »

O dia do julgamento foi solemne.

Sob a presidencia do conde de Resende, fecharam-se os Juizes ás 8 horas da manhã, e só as 2 horas da madrugada seguinte o dezembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, como escrivão deputado, rodeiado dos inferiores, ministros da Justiça, e acompanhados de onze religiosos do Convento de Santo Antonio, fizeram todos entrada na sala dos julgamentos, para que os réos tivessem com a presença dos juizes e dos frades uma pallida idéa dos tormentos que os esperavam.

Os réos foram para a sala chamada *Oratorio*, todos algemados!! A guarda era de um aspecto terrivel, toda ella armada de fuzis embalados. E tudo isso, porque?!

Da sentença consta que os réos queriam levantar uma Republica livre e independente, cuja Capital seria a Villa de São João d'El-Rey.

Os réos sacerdotes eram: Luiz Vieira da Silva, conego, da Sé de Mariana; Carlos Corrêa de Toledo Piza, vigario da Freguezia de São José; Manoel Rodrigues da Costa, José Lopes de Oliveira e José da Silva Oliveira Rolim.

A bandeira da Republica teria como armas, tres angulos, allusão a Santissima Trindade, cujo mysterio era da maior devoção de Tiradentes, se bem que o réo Alvarenga quizesse o emblema seguinte: — Um indio quebrando as cadeias, com a lettra — *Libertas quæ sera tamen*.

As leis fundamentaes da Republica seriam escriptas por

Claudio Manoel da Costa, que aos horrores e soffrimentos da paixão, preferira o suicidio.

A senha para a revolucão seria :

Tal dia é o baptisado. (1)

O dia escolhido para se divulgar a senha era o da Derrama, mechanismo inventado pelo governo portuguez para haver o oiro do povo, extorquindo-o miseravelmente á sombra da lei, e por isso se tornava a medida mais odienta ao povo victima.

Alta noite deste dia, se gritaria em toda a Villa Rica : Liberdade.

O Coronel Francisco de Paula, á testa do seu regimento sahiria á rua.

Tiradentes intimaria o General que se rendesse e o povo tendo Alvarenga á frente, seguiria para Mariana e outras localidades, afim de proclamar-se a Republica.

Eis a summa do plano.

Os presos estiveram 3 annos incommunicaveis, e a miseravel justiça imaginando e inventando tôrpes dilações, que foram a causa do suicidio de Claudio M. Costa, não fazia sinão imputar a um o excesso de seus crimes por causa do depoimento dos outros, porque o fim manifesto era que elles, os martyres, para cumulo do infortunio, odiassem-se reciprocamente.

A religião que era aquella doce mãe espiritual que os unira e consolara, foi empregada torpemente para fazer este artificio!!

Os acontecimentos, iguaes na origem e no fim deste martirologio, acabaram por approximar as victimas.

---

(1) Talvez para imitar o pensamento destes martyres os republicanos portuguezes escolheram na mallograda conjuração do Porto em 1892 a senha «A criança nasceu.»

O governo tendo achado meios de se apossar do segredo, consentiu na expedição dos telegrammas sómente para o Porto, cassando-os para os outros lugares, e fez o barbaro morticinio e o desterro conhecido, no qual involveu tantos homens de caracter e lealdade, como não os tem iguaes o governo portuguez.

Que sublime scena, a do Pae Alvarenga, cahindo nos braços do filho desvellado!

Os soffrimentos prolongados haviam reduzido o velho a uma apparente estatua marmorea, onde a pallidez revelava os soffrimentos profundos da sua alma.(1)

Emquanto o pai deixava correr torrentes de lagrimas abraçando o filho, este animava o progenitor de seus dias com estas palavras para sempre memoraveis, narradas pelo frade confessor (Revista do I. H. 1881 pag. 175.)

« — Meu querido pai, ah! não desanimes, o que é o morrer? Acabam-se as fadigas, os trabalhos, os tormentos que tanto consternam a todos durante a vida. »

«Nós sempre havemos de morrer, ou mais cedo ou mais tarde; o genero da morte não nos deve intimidar. Não é injuria para nós morrer deste, ou daquelle modo; os homens não formarão a nossa sociedade depois que morrermos, nem a injuria poderá recahir sobre os nossos espiritos. A nossa familia receberá a aggravante noticia de morrermos enforcados, já acostumada a pensar na nossa infelicidade, e a Providencia, que lhe deu valor para soffrer a nossa estrepitosa prisão, a confortará na hora em que souber da nossa injuriosa morte:

Querido pae, soffrámos, sofframos estes infortunios passageiros em desconto aos nossos occultos crimes; beijemos estas algemas, cinjamos estas cadeias; ellas podem aligeirar os passos no alcance de uma felicidade eterna, si as carregarmos em memoria da que carregou o nosso Redemptor. Ah! meu amado pai, o que é a vida? Aspiremos a immortalidade!»

Diz o padre, que apezar de suas pesadas algemas, o pai poude levantar o braço para abençoar o filho, e elle aproveitou-se desta circumstancia para obter de ambos uma verdadeira contricção!

---

(1) Admira que o escriptor Joaquim Norberto justifique esta derrama, como um direito legitimo!

Quando se soube do perdão, é ainda linguagem do chronista que queremos que fique aqui, porque tem-se glosado com falsas intenções estas palavras: todos os presos diziam a uma voz: «Governai-nos Senhora! vós nos captivastes.» Tambem o Christo quando foi preso e esbofeteado, disse ao seu algoz — «aqui tendes a outra face — »

Irrita os nervos lêr-se os commentarios feitos pelos escriptores, achando na resignação das victimas motivos de deleite á critica injusta e impiedosa que só comparamos com o acto de crueldade que os animaes carnivoros praticam com as suas presas brincando com ellas antes de as devorar! — Ah! zombão da ironia sublime! Alguns têm ousado dizer que Alvarenga foi um covarde.

Que Tiradentes pedindo para beijar os pés e as mãos do carrasco déra prova de covardia!...

Mas porque é que o Christo foi heróe dando a outra face ao algoz que o atormentava?!

Tres annos de martyrio, de confissões, de miserias e jejuns, não puderam fazer perecer as victimas.

Esta é a força que os animava, e é por isso que ellas sobrevivem aos que dizem que Tiradentes não foi um heróe, e aos que hoje que a Republica está formada, se fazem bons republicanos!

Para sermos fieis á historia transcrevemos as ultimas palavras de Tiradentes:

«Que agora morria cheio de prazer, pois não levava apoz si tantos infelizes, a quem contaminara, e que isto mesmo intentara elle nas multiplicadas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem delle só a victima da lei.»

Amanheceu o dia 21 de Abril que lhe abriu a immortalidade. Entrou o algoz para lhe vestir a alva, pedindo de cos-

tume que lhe perdoasse a morte que ia fazer e que a Justiça é que lhe movia os braços e não a vontade.

Foi então que voltou-se placidamente Tiradentes e disse ao desgraçado algoz:

« Oh! meu amigo, deixe-me beijar suas mãos e seus pés. »

« O que feito com demonstração de humildade, com a mesma despiu a camisa e vestiu a alva, dizendo:

« Que o seu Redemptor morrera por elle tambem assim. » (1)

Taes são as palavras immorredouras de um verdadeiro martyr e heróe; Jesus Christo a quem elle queria imitar, não o ultrapassou na bella ironia, unica arma que as victimas têm para fazer com que o echo de suas palavras passe a ser o grito da consciencia dos povos nas reivindicações sociaes, por onde a sociedade possa adquirir a justiça e a liberdade.

Tiradentes subiu os degráos da escada que o levava á forca, sem levantar os olhos que sempre conservou fixos no *crucifixo*, sem estremecimento algum; deu lugar a que o carrasco preparasse a corda, e por tres vezes pediu para que abreviasse a execução.

Em quanto esta grande alma se elevava á eternidade, a

---

(1) Convem aqui recordar o exemplo dado por Christo junto dos seus apostolos conforme a Escriptura.

« Levantou-se Jesus da mesa, e depondo a vestidura cingio uma toalha e deitou agua em uma bacia. Feito isso começou a lavar os pés dos seus apostolos e os enxugou com a toalha.

Pedro, o apostolo escolhido depois para ser o alicerce da Egreja Universal e da qual são successores os Pontifices da Divina Egreja, chocou-se com procedimento do mestre e disse-lhe: Pois Senhor vós me lavareis os pés? Jesus respondeu que elle não sabia o que se estava fazendo e de novo recalcitrando Pedro, aquelle lhe declarou que se não lhe lavasse os pés, não teria parte com elle. A isso Pedro de prompto disse que não só os pés, mas ainda as mãos e a cabeça daria para lavar» Com estas bellas e significativas palavras respondeu Christo: « O que está puro só precisa que lhe lavem os pés, e assim ficará todo puro. Vós estaes puros mas não todos.

humanidade humilhada via a miseria dos povos recitada nestas palavras do padre guardião do Convento de Santo Antonio:

« *In cogitatione tua regine detrahas quia et aves cœli portabunt vossem tuam et qui habet pennas dabit, sententiam.* Nem por pensamentos critiques o teu rei, porque as proprias aves levarão os tuas criticas e trahirão o teu pensamento.

Compare-se esta doutrina hypocrita com a linguagem do heróe, e ter-se-ha feito o maior elogio de Tiradentes.

Nós que adoptamos a doutrina de Spencer vemos que as comparações que a revolução social apresenta na sua incessante marcha para o progresso, têm uma força enorme: a lei dos acontecimentos sociaes se baseia na maxima da Escriptura:

Quem com ferro fére, com ferro será ferido.

É por isso que não podemos deixar de apreciar a circumstancia de ter sido empregado pelo governo Real para a solemnidade da condemnação de Tiradentes, toda a força composta dos seis regimentos e duas companhias de cavallaria, a qual pegou em armas para conter o povo e applaudir o enforcamento do resignado martyr:

O exercito que havia sido aproveitado para este fim como mais tarde o foi para pegar os escravos, revoltou-se contra este systema corruptor do poder monarchico, e apressou o advento da Republica no Brasil, fazendo com que o dia 15 de Novembro de 1889 fosse escolhido para synthese commemorativa das reivindicações sociaes.(1)

---

(1) Julgámos de bom parecer publicar a Carta que tivemos occasião de receber quando publicamos o nosso livro fazendo a propaganda do Brasil na Europa e apreciando os perigos do militarismo no Brasil, e porque um pensador profundo e escriptor insigne tenha achado que aos militares coube o modo de apressar a Republica, não é sem fundamento a leitura de tão precioso documento para a historia.

Lisboa, 7 de Janeiro.

Exm. Snr. — Estou ha muito em divida de agradecimento pelo offerecimento de seu livro *Influence de l'Esclavage et de la Liberté,* mas não queria escrever-lhe sem primeiro o ter lido.

O proprio ex-imperador promoveu a festa do centenario de Claudio Manoel da Costa feita pelo Instituto Historico do Rio de Janeiro.

A Assembléa Geral do Imperio em 1832, mandou entregar aos herdeiros os bens confiscados em Minas a todos os Inconfidentes de 1889.

Em 1894 o heroico berço do martyr, foi honrado com a estatua que deve perpetuar a sua memoria.

Ao passo que os Inconfidentes foram degradados e sua memoria considerada indigna e seus filhos infamados o povo repetiu em meio de hosannas—Vivas a Tiradentes, o prototypo da grandeza d'alma e não se lembra destes bipedes que com a forma humana deshonraram a justiça e a humanidade de seu tempo.

E' pela associação, o progresso, o trabalho e a paz com seus semelhantes, que o homem póde dominar a natureza. Não poderá ser digno de uma tão grande honra se não cultivar suas proprias faculdades.

Faço-o hoje e sinceramente lhe dou os meus parabens pela abundancia e pela descripção das idéas e informações accumuladas no seu livro, e se não posso deixar de lhe dar os meus parabens, esses parabens são tanto mais sinceros e vehementes quanto eu, quasi, senão sempre, concordo com as idéas do autor. A illusão *positivista* de fazer a felicidade do Brasil pelos governos militares, precipitou como não podia deixar de ser, essa parte da America Meridional no regimen commum das Republicas Hespanholas.

Por outro lado, a vastidão das riquezas naturaes e a escassez relativa da população, permittiram ao Brasil realisar typos e formas da organisação civil a que se chama socialistas na velha Europa e que, por cá, a tradição, os interesses creados, e a exiguidade da riqueza, provocam commoções graves.

Como quer que seja, eu creio no adagio que «Deus escreve direito por linhas tortas?» ou por outra «que todos os caminhos vão a Roma».

Creio que desta revolução o Brasil sahirá retemperado e fortalecido augmentando o peculio da sua experiencia com as penas dos soffrimentos inevitaveis, e a energia do seu braço com o exercicio duro das armas.

Disponha V. Ex.

Do seu

Muito obrigado e venerador,

(Assignado) *Oliveira Martins.*

Tiradentes teve a intuição dessa grandeza, e os que o acompanharam comprehenderam os seus nobres sentimentos.

A monarchia marcou o dia de sua morte persuadida que seria o do seu esquecimento; mas a justiça social que se vivifica nas consciencias dos patriotas, engrandece este dia

Felizes os povos que na elaboração pacifica do progresso podem quebrar os grilhões dos seus pulsos e levantar os braços para bater palmas e entoar hosannas aos seus martyres immortaes.(1)

O escriptor Major Codeceira, em seu trabalho publicado para reveindicar a prioridade da idéa republicana no Brasil aos heróes que pagaram com a vida a ousadia de pensar em ter uma patria livre, é injusto para com Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes.

Este facto não exclue as homenagens devidas áquelle grande prototypo da liberdade, a quem a lei, por um processo regular, condemnou á morte. E' a consagração do martyrio que se mede e se pratica na razão inversa do tempo e directa da acção.

Os factos dos morticinios dos brasileiros que antes de Tiradentes pensaram na Republica, foram antes assassinatos infamemente praticados á sombra da lei.

E' por isso que no nosso trabalho historico rendemos as homenagens devidas a Manoel Beckman, que em 16 de Janeiro de 1668 teve, na qualidade de vereador da camara municipal do Maranhão, a coragem de fallar em Republica.

Os factos porém provam que elle teve em vista a questão do captiveiro. A expulsão dos jesuitas promovida por elle prova que o seu ideal de liberdade tinha uma origem impura. O distincto sr. João Francisco Lisboa no seu livro *Apontamen-*

---

(1) A historia deste capitulo foi lida no dia 21 de Abril de 1895 em sessão magna commemorativa da data do anniversario da morte de Tiradentes, sendo as palavras do orador cobertas de prolongados applausos.

tos, noticias e observações para servir a historia do Maranhão trata do assumpto, e as referencias de outros historiadores nos obrigam a conclusão a que chegamos.

Quando o governador Gomes Freire de Andrade chegou ao Maranhão a 15 de Maio de 1684, todo o caracter republicano da revolta mudou e o infeliz Beckman, que foi na verdade um martyr das idéas liberaes do seu tempo, teve que pagar com a vida o crime de ter fallado em republicanos.

Thomaz Beckman seu irmão teve a mesma sorte e Jorge de Sampaio foi tambem condemnado e morto, sendo os seus companheiros desterrados, e o fiel Belchior Gonçalves, chamado *mister*, especie de escravo, condemado a açoites pelas ruas do Maranhão!!

Em seu livro *Relação Historica e Politica do Maranhão* Teixeira de Menezes descreveu Beckman como um homem perverso e sem as qualidades para merecer a apologia que outros lhe queriam fazer. Os documentos fornecidos por Beckman provam que não era a Republica o seu ideal, e que elle trabalhou para manter o captiveiro dos indios e assegurar á corôa de Portugal a sua permanencia, ainda que de sua altivez estejam cheias as paginas da historia. Quem lêr suas cartas encontrará o seguinte: «E não era de esperar que o principe, com politica e rigores levasse á desesperação vassallos tão fieis e benemeritos a quem a sua corôa devia tanto, e que atrozmente perseguidos podiam demaziar-se em seus excessos, buscando na protecção de algum rei extranho a justiça, quando lhes faltava a natural.»

Outro vulto benemerito para a idéa republicana foi Felippe dos Santos, que sublevou a Villa Rica, e deixou com o seu sangue o germen da liberdade que Tiradentes encarnou em sua modesta e virtuosa pessoa.

O Conde de Assumar, governador, é o primeiro a confessar no seu relatorio o «grande vulto que tomou a revolução».

O facto de ter sido condemnado á morte, e o modo porque foi assassinado, sendo seus membros amarrados em cavallos bravios que os deviam arrancar, em frente aos proprios algozes, é um facto que assegurou a primazia da idéa republicana a este martyr.

Acontece, porém, que os escriptores que para serem agradaveis á monarchia têm procurado tirar do martyr da liberdade, a quem as leis por um processo barbaro, indigno e reflector do tempo haviam escolhido para unico exemplo, a prioridade da idéa republicana, augmentam hoje este mesmo serviço que elle prestára á Republica!

Deixamos bem provado quanto elle fez, a sua habilidade na propaganda, suas viagens, seu papel modesto, mas por isso mesmo mais digno para inspirar confiança aos seus companheiros, que tendo aliás mais trabalhos anteriores e principalmente o da propaganda pela palavra, haviam dado a Tiradentes esta feição, que a lei mesma veiu conseguir, fazendo-o um martyr.

PARTE IV

Depois do XIX seculo

A revolução franceza deu aos homens de todo o mundo civilisado, os meios de conhecer a razão pela qual os povos se deixavam governar pelos Reis. A revolução economica que veiu ao mesmo tempo, fez com que passasse para os povos de origens saxonias a preponderancia no equilibrio do mundo, transformando-se as condições do trabalho e do trabalhador.

Os paizes novos, mais do que os outros, foram influenciados por esta dupla e salutar transformação, na qual os filhos dos europeus, vindos ao *novo mundo*, em poucos annos ou voltavam ou ficavam como cidadãos destes paizes novos, provando que era nelles que o homem podia ser o auctor de sua propria fortuna, e tambem viver e ganhar, mais do que seus paes no mesmo espaço de tempo.

A vida intensiva e feliz se traduzia pelo dominio da natureza selvagem e pela conquista da terra e do espaço.

Deste modo a posse da terra passou a ser propriedade, e com ella se formaram as collectividades sociaes, que rapidamente se engrandeceram á sombra da liberdade.

Deste modo o homem foi muito cedo influenciado para o regimen republicano, que era aquelle que melhor permittia aos immigrantes realizar na America, estas fórmas socialistas, que na velha Europa não podem ser postas em pratica, sem provocar abalos profundos, perturbações graves e destruidoras,

e que aqui na America, são a propria essencia das leis e dos costumes.

Só esta circumstancia mostra a vantagem que ha na vida dos paizes americanos, que têm entretanto como unico elemento pernicioso, que serve de fermento ás agitações que perturbam a paz, a politica partidaria, geradora dos partidos, que sem idéas e sem programma só visam o poder, e quando não dispõem delle provocam todas as perturbações no interesse dos partidarios, que fazem as chapas para obter a governação dos Estados com um agrupamento, filho d'este jogo de eternos interesses, chamado politica.

Tempo virá, não longe, em que a evolução das idéas será no sentido de eliminar este systema pessimo, perigoso e desigual, que fére a felicidade dos que trabalham, porque nunca lhes permitte ter outro valor que não seja o de ser instrumento vil e cégo dos que os entretêm com illusorias esperanças, cargos de eleições para deputados, impostos e penalidades.

Apenas foram proclamados os direitos do homem pela revolução franceza, o Brazil principiou a receber os beneficios das idéas republicanas.

Descrever o modo como se originaram estas idéas, quaes os que cultivaram, em tempos tão criticos, as sementes importadas pela civilisação, é o assumpto deste modesto trabalho, que servirá para os archivos do Instituto Historico de São Paulo, cuja iniciativa tive e me foi dado vêr amparada pelos meus companheiros e socios.

Talvez que os patriotas possam-lhe dar circulação.

Foi sempre dos homens livres o dizer a verdade, e o melhor dos meios para se inocular no povo este doce sentimento foi a conferencia publica.

Foi assim que J. Christo operou a refórma social do christianismo contra o paganismo, foi por igual modo que se chegou a fazer a revolução franceza, foi tambem com as conferencias

que no Brazil alguns homens instruidos conseguiram orientar nos tempos coloniaes e depois, as classes desprotegidas e o povo sedento de ensino.

Os athenienses tambem cultivaram este poderoso meio de instrucção, e em quanto os livros eram o privilegio dos padres e dos philosophos, o povo só por este meio poude chegar a ser soberano.

Felizes aquelles que na velhice de uma vida ignorada puderam morrer amparados pelas idéas republicanas com as quaes viveram!

Admira-se a constancia e lealdade á idéa sempre perseguida. O governo não consentia que a colonia produzisse nem os bons fructos das arvores da Europa, nem as idéas que pudessem levantar o espirito do abatimento em que jazia.

Criava-se os individuos como se faz com os perús, conservando-os sempre promptos para produzirem um bom alimento e davam má alimentação ao povo, para que elle não pudesse pensar nobremente.

O decreto regio ordenando que se arrancassem todas as arvores fructiferas que tivessem sido plantadas no Brazil e fizessem concurrencia com as da India, foi uma das medidas mais elogiadas no Reino.

O padre Vieira, já expulso do Maranhão, porque pretendia oppôr-se ao captiveiro, escreveu uma phrase que dá idéa da medida rigorosa do famigerado governo da metropole: « Só escapou, diz o sabio escriptor, a gengibre, e isso mesmo, por se metter pela terra a dentro. »

Foi semeando o odio e o aniquilamento que o povo aprendeu a comprehender a causa de seus infortunios, e justamente nos logares onde se faziam sentir a tyrannia e a oppressão, a reacção foi igual a acção.

E' justo, portanto, que nos refiramos a um documento authentico, no qual o Bispo do Maranhão, confessa o predo-

minio dos sentimentos republicanos do povo, e o pôz diante dos olhos daquelle que primeiro ousou dominal-o sob o fundamento de o emancipar de um jugo mais duro e cruel.

O Maranhão não havia adherido á Independencia do Brazil. Só mais tarde quando lá foi o Almirante Cockrane, esta parte do Brazil se annexou ao nascente imperio que galardeou o Almirante com o titulo de Marquez do Maranhão.

Eis como D. Pedro I se dirigiu ao bispo do Maranhão: «Meu caro Frei Joaquim — Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1823.

«Como o conheço desde que nasci e lhe conheço as suas virtudes, é a razão porque pégo na penna para dizer-lhe que trabalho para unir o Maranhão ao Imperio a que elle pertence, como provincia, dizendo-lhe que nisto faz um grande serviço ao Brazil e a mim que não desagrado a meu pae, que está captivo de vis carbonarios, que são todos contra a religião que professámos e que estão excommungados pelo chefe da Igreja, assim como todos os que os seguem e adherem ao seu governo.

«Espero que o bispo concorrerá quanto puder para o que lhe digo, visto as suas virtudes religiosas.

«Receba mil abraços e os puros sentimentos deste que o ama.

PEDRO.»

Por este documento se aprecia de que modo o filho tratou o pai, e tambem de quantos odios estava dominado Pedro I, contra a maçonaria que veiu a dar-lhe cabo dos dias quando elle foi atraz da preza que o pae, de quem elle assim fallava, achou prazer em legar-lhe.

Justa recompensa sem duvida para um tal filho biographo que apparece na historia, desenhando-se a si proprio.

Convém archivar para ensinamento dos leitores, a resposta desabusada do frade, mas tão violenta na phrase

quanto insinuante nas deducções de um bispo, a quem o Imperador por sua vez insinuara os perigos porque passava a religião

«Senhor:

«Penetrado dos mais puros sentimentos de respeito e gratidão, beijo as mãos augustas de S. Magestade pela distincta mercê com que se dignou honrar-me enviando-me uma carta de sua propria lettra, cheia de expressões as mais lisonjeiras e affectuosas.

«Esta carta, Senhor, escripta em 30 de Janeiro e que tinha por fim exigir a minha cooperação para o estabelecimento da Independencia do Brazil, representada a V. Magestade, tão interessante á vossa imperial corôa, e a mais vantajosa para o bem estar destes povos, foi-me entregue em 22 de Outubro, tempo em que já tinham decorrido quasi 3 mezes depois que ella fôra acclamada nesta provincia e que eu estava a retirar-me a Portugal para onde sou obrigado a fazer viagem dentro em poucos dias.

«Mas Senhor, acaso seria eu capaz de trahir meus concidadãos, a abjurar a patria que me viu nascer e legitimos direitos de V. Magestade?

«Um bispo tão devedor ao Sr. D. João VI e tão amante da augusta casa de Bragança, pode elle ter outros desejos, que não sejam a sua maior prosperidade e grandeza para assim patentear a Deus o seu dever e a tal gratidão de que fôra sempre animado?

«Ah, Senhor! Independencia e desgraça são palavras synonimas entendidas no seu verdadeiro rigor; ellas se identificam, e vêm a significar a mesma cousa.

«Si V. M. tivesse previsto a alluvião de desgraças que tem inundado este vasto territorio desde a Bahia até o Maranhão, e todos aquelles que ainda estão por vir, sendo mais dolorosa a actual ruina do throno de V. M., por certo que não teria co-

ração para assignar tantos decretos, feitos talvez de proposito para inteiro exterminio e perdição de milhares de seus vassallos. Estas provincias estão regadas de sangue dos pacificos europeus que a paixão do furor da baixa plebe atiçada pelos revoltosos demagogos, tem derramado impunemente para se apoderarem de seus bens, que tantos suores lhe custaram, jurando quasi todos a Independencia, e prestando a mais decidida obediencia a V. M. e assim mesmo não cessam de ser perseguidos e maltratados por bandidos e assassinos, que os obrigam a andar fugidos e a desamparar essas tristes familias, e procurar seguro asylo na America, França e na Inglaterra e muitos mais em Portugal.

«Em uma palavra, as lavouras estragadas, villas e aldeias arrasadas e outras despovoadas: eis os sasonados fructos que a Independencia tem conduzido a estas provincias e que a do Maranhão tem colhido, em pouco tempo, na maior abundancia.

«Esta desgraçada provincia, como era de tedas a mais habitada de europeus e por isso como fôra a ultima a render-se ao prestigio devastador, tudo se arremessou contra ella.

«Cockrane, que pareceu ao principio, enviado como anjo de paz, passou poucos dias a extrahir dos negociantes um cabedal incomparavel, deu o maior córte ao commercio, e foi o primeiro a arruinal-o.

«Seguiram-se os sertanejos do Pará e do Piauhy, aos quaes se aggregaram muitos da ralé deste pevo e todos estes com mira na rapina e no espolio dos europeus, não têm feito mais que devastar, perder e matar, tendo a seu favor aquelles de governança, que parecem estar animados do mesmo espirito ou pelo menos, semelhante em tudo.

«*Senhor, seja-me licito patentear a V. M. toda a verdade; si V. M. não quer ficar insultado, não ter quem lhe obedeça, ponha termo a tantos males, dê a mão a seu augusto pae, batalhe*

com elle a enterrar a Independencia, assim como enterrou a Constituição.

«*Veja V. M. que o espirito dos povos é todo republicano e aquelles que os dirigem conhecem bem a fraqueza do Rio de Janeiro, e a nenhuma vantagem que de lá tiram; servem-se do nome de V. M. para reunirem a gente da plebe e ao primeiro rebate clamarão todos a uma voz: Vivam os republicanos unidos e acabe-se para sempre o imperador.*

«*Eu não fallaria com tanta franqueza si não estivesse ao facto destas cousas; e não tivesse notado os seus procedimentos que são todos filhos de suas malevolas intenções.*» (1)

«Elles porém dispõe, como bem lhes parece dos bens dos empregados, honra e propriedade dos europeus, sem nada se importarem com as leis de V. M. a bem dos seus vassallos, permittem que por toda parte os estejam matando e roubando dando-lhes muita pancada; tem chegado a proferir que os hão de obrigar a sahir todos, ou reduzil-os a misera sorte de seus escravos.

«Finalmente acabou-se a paz, já não ha justiça nem esperança de havel-a tão cedo.»

«Ninguem vive socegado em sua casa, muitos preferem viver ao mar a bordo de algumas embarcações extrangeiras para na primeira occasião fugirem.

«Tal é, Senhor o bem estar destes povos que tanto prézo pelo que sempre me oppuz á Independencia, que jámais juraria porque temo a *Deus* e estimo a V. M. como estimo o seu augusto pae, e não quero a execração de minha patria e muito menos a de meus nacionaes, que são meus diocesanos bens queridos.

«Beijo as mãos respeitosamente a V. M. — Frei Joaquim de Nazareth.»

---

(1) Nós gryphamos estas palavras porque a confissão dos actos é a prova evidente da existencia da idéa republicana entre o povo, e da certeza de que Pedro I trahia a este mesmo povo.

Este documento é caracteristico de franqueza e dignidade. Este bispo foi propheta, lançou em rosto de Pedro I o ter renegado sua patria, para vir atraz d'uma coroa, em um paiz republicano, como elle confessa, dizendo que o povo unido bradaria: — Vivam os republicanos, morra para sempre o Imperador. Esta sentença era filha do conhecimento das idéas do povo, e ninguem com mais autoridade para fazer a revolução.

Jámais se ouviu fallar tão claro, e se aquelles que cercaram o throno e lhe deram vida, não fossem os protectores da escravidão, ter-se-hia proclamado a Independencia e Republica.

O documento que apresentamos e que faz parte dos archivos da Revista do Instituto Historico a págs. 243 e 244, do vol. de 1889, é a prova mais eloquente dos sentimentos republicanos do povo brasileiro, e tambem da altivez da linguagem fallada a um soberano.

O frade Nazareth, teve que ver, no fim de sua vida, que suas crenças na monarchia, eram uma destas cargas que só a educação obriga a se carregar, e da qual todo homem livre se liberta, quando é capaz de ter o espirito culto, a vida cheia de experiencia e desprendida de préceitos e sem outro pensamento que o da felicidade do genero humano.

Estas considerações nós as fazemos para render justiça a este honrado e leal portuguez, que voltou para o reino a beijar as mãos de D. João VI, depois de ter renunciado o bispado do Maranhão, visto não adherir á Independencia.

O frade Nazareth foi nomeado bispo de Coimbra, teve o pariato do Reino, o Condado de Arganil e o senhorio de Coja. A tudo isso este frade honrado renunciou, e fugindo de Portugal, disfarçado em marinheiro inglez para Liverpool, dahi veiu para o Maranhão em 1846, onde morreu em 1851.

Fosse nossa patria uma Republica e estamos certos de que o frade, que fôra propheta, teria sido um excellente republicano.

Deixando as honras para vir morrer no Brasil, elle attestou a mais solemne confissão de arrependimento do que disséra contra os brasileiros.

O sabio Leão XIII acaba de dizer a Castellar, por occasião da visita deste grande cidadão republicano e a proposito da França:

« Tenho viva fé no governo da Republica, porque a fórma do governo nada importa, quando elle é bom.»

E' muito facil o elogio daquelles que pelo nascimento e heranças de collação nas altas posições se fazem grandes senhores; mas não se avalia quanto pode influir para a felicidade da patria, a conducta d'aquelles que passam a vida no trabalho, pagam o que compram, vendem o que adquirem, nunca abandonam a casa de suas familias e ensinam aos filhos, no meio das alegrias unicas que têm no lar, — o segredo de se contentar com pouco!

A vida do homem sertanejo, no retiro, tal como a praticaram os que se afundaram nos sertões, serve tão bem á virtude como a do cidadão que é investido dos altos cargos e os sabe honrar.

E' preciso reconhecer que não se preparam as posições eminentes sinão pela consciencia, e quem procede amando a liberdade, para ella vivendo e trabalhando torna-se muito mais digno do que tantos outros celebrados com o concurso da corrupção e do poder de que dispõem.

Cicero em seu *Tusculanos*, disse bem:

« Tirae a consciencia do testemunho interior que se presta ao vicio e o que fica é nada. »

PARTE V

Algumas vezes sabe-se mais da historia de um povo pelo que escrevem os estranhos do que os nacionaes.

Quando se proclamou a independencia do Brazil, as nações européas estavam reunidas no Congresso de Verona, onde a noticia chegou em Novembro de 1822.

Espalhou-se logo na Europa o feliz acontecimento, mas o velho Portugal, enviou diplomatas para todos os paizes amigos, afim de não consentirem e nem approvarem este acto.

Glosou-se, entretanto, a phrase que ficou celebre do pae dizendo ao filho e deste ao povo:

« Como é para bem de todos, fico. »

Para os brazileiros o juizo que se póde fazer da conducta de Pedro I, só será justo quando se ligar sua conducta ás duas datas — 7 de Setembro e 7 de Abril.

Portugal estava para com a antiga colonia como um polvo para os corpos em que applica uma de suas tenazes sugadeiras.

Sujeito á pressão de uma força que impellia o Imperador para a frente, ou elle teria que avançar tomando as causas dos patriotas, ou recuar para não mais pizar em terras brasileiras na qualidade de pretendente da corôa.

Comprehendido o momento de uma acção decisiva, o Imperador deu provas de amar a sua posição e portou-se como um interessado na defesa de um poder que lhe está confiado, mas tratou de associar ao maior numero, os elementos deste interesse, que na Colonia era a exploração da terra e das minas, como o infeliz escravo e para este fim tornou-se um defensor acerrimo do captiveiro.

Estas novas victimas da violencia e da força, tiveram tambem a sua epocha, e como nos tempos pagãos em que os Romanos só consentiam que se sepultassem os christãos nos subterraneos, e só nestes as victimas podiam celebrar as suas festas, assim tambem se fez aos miseros escravos, que tinham para leito a terra fria, quando não a tinham logo por sepultura!

Mas foi destes subterraneos que brotou a fé christã, que derrubou os potentados de Roma, como tambem foi deste leito de miserias que a monarchia viu levantar-se o espectro que, sem demorar, a demoliu.

Grande lição, sem duvida, para aquelles que julgam ser a liberdade do homem uma fonte de exploração, e quando a exploram não sentem no gozo deste hediondo commercio, o veneno que lhe prepara a ruina, quando não lhes atormenta a consciencia.

Não tendo Portugal se apressado em reconhecer a independencia do Brazil, ousou entretanto D. João VI mandar emissarios que chegaram ao Rio a 20 de setembro de 1823, a bordo do navio *Voador*.

O povo que não admittia dependencia alguma com a Reino, fez logo imponente manifestação exigindo de Pedro I, que no caso do navio não vir em missão especial para reconhecer, por meio dos representantes de D. João VI, a nossa independencia, não consentisse que ficasse siquer nas aguas do Brasil.

Os emissarios não tendo trazido esta missão, mas sim carta do *pae para o filho*, por tal modo irritavam o povo que este que-

brou logo o leme do navio e teria mesmo sacrificado os emissarios se D. Pedro não se désse pressa em decretar não só o não recebimento do navio, como a prisão dos emissarios a a bordo do mesmo.

A este tempo teve logar a reunião da primeira Assembléa Constituinte do Imperio.

As tendencias republicanas que constituiam em todas as provincias a grande força dos patriotas fez com que elles pensassem em organisar uma constituição livre capaz de fazer o povo se governar por si, de modo a poder, pela federação das provincias passar do regimen monarchico para o republicano, no dia em que as leis e o povo estivessem aptos ao fim que pretendiam, como era o desejo da maioria.

Desde o dia 3 de Maio de 1823 os conflictos appareceram, exigindo os deputados garantias á liberdade, não deixavam de pôr em evidencia suas tendencias revolucionarias.

Pedro I, que tinha então como consultor intimo, Lord Cockrane, deliberou a conselho deste dissolver o Congresso, para não ser elle mesmo dissolvido e dissolvida a monarchia.

E' para admirar que o visconde de Cayrú annotando a biographia de Jorge Canning, o ministro inglez, que prestou relevantes serviços á abolição do trafico, e cuja biographia foi escripta pelo seu secretario na mesma epocha dos acontecimentos da nossa independencia, diga: «que não havia republicanos no Brasil e sim patriotas liberaes.»

Entretanto é irrisoria esta observação pela origem, que é de um aulico e mesmo porque Jorge Canning em muitos documentos que acompanham a sua biographia declara que as tendencias do povo brasileiro eram para o governo republicano, e quem assegurava em documentos officiaes «que se Pedro I não se resolvesse a abandonar toda a dependencia de Portugal teria que ver o Brasil abraçar as idéas republicanas», não podia dizer senão o que elle sabia de certo,

isto é que as idéas dominantes do Brasil eram republicanas, e que o meio de os conter era dar lealmente a independencia, e fazer vida com os brasileiros.

Jorge Canning queria reconhecer o Brazil independente, mas com a condição de se proclamar a abolição. Infelizmente Pedro I e os Andradas não queriam isso.

Esta linguagem é a do diplomata emerito ; verdadeira, ella está de accôrdo com a opinião do Bispo do Maranhão, tambem amigo do Rei.

O mesmo visconde de Cayrú allega tambem, em uma nota que fez á biographia de Canning, em favor de suas opiniões «a circumstancia de haverem acceitado as honras de camareiros da Casa Imperial os cidadãos João Fernandes Lopes e João da Rocha Pinto, que haviam sido presos por causa da propaganda que faziam em favor da Republica. »

Ah ! A corrupção ! !

Deste facto só se póde concluir que estes homens eram fracos, e que obedecendo á politica corruptora dos Braganças só deram provas de que não foram tão dignos como tantos outros que morreram preferindo o trabalho honrado á hypocrita posição dos altos personagens que cedem as suas idéas, fingindo uma dedicação que não têm, afim de occuparem as boas posições.

Um dos actos que mais concorreram para acalmar a propaganda republicana em 1823, foi o decreto assignado por Carneiro de Campos em 19 de Setembro de 1823, acompanhando uma nota ao Conde de Rio Maior, emissario de D. João VI

A Assembléa Constituinte votou louvores á conducta do governo a respeito do navio *Voador*.

Fez mais, querendo restringir a acção de Pedro I, em quem não confiava, decretou que os actos da assembléa seriam leis, independente de sancção de Pedro I.

O golpe era de mestre, e mostra como os brazileiros pa-

triotas e republicanos estavam decididos a continuar a marcha evolutiva da Republica.

Portugal vendo que a Inglaterra não protegia a independencia do Brasil nomeou seu ministro em Londres o Conde de Villa Real, que actuava junto do governo inglez e das potencias colligadas sob o nome de Santa Alliança, cuja preponderancia cabia á Hespanha.

Estas duas forças oppostas actuavam para fazer a independencia do Brasil, mas a Inglaterra queria o Brasil separado completamente do Reino e as outras potencias attendiam a linguagem do diplomata portuguez que dizia, como se vê na biographia de Jorge Canning: «Convém empregar o credito das grandes potencias continentaes, que se haviam colligado, para opporem-se aos principios revolucionarios do Brasil, e garantir os direitos dos successores legitimos. »

E' ainda n'este documento do adversario que se vê a certeza do valor dado ás idéas democraticas dos brasileiros.

Canning respondeu a esta nota diplomatica do seguinte modo: «Que seria bastante fazer saber esta situação a Portugal sómente, mas que a Grã-Bretanha, nunca admittiria o direito de se intrometterem as grandes potencias alliadas nos negocios das colonias; que o governo britannico declarara alguns mezes antes ao gabinete de Madrid que si a França e os alliados interviessem nos negocios das Colonias Hespanholas, a Grã-Bretanha daria immediatamente todas as providencias que contribuissem mais para salvar os seus interesses e que se fosse requerida a intervenção das potencias alliadas, entre o Portugal e Brazil, e si a Grã-Bretanha procedesse diversamente, dir-se-hia que se reconhecia a auctoridade de um tribunal arbitral, que os alliados queriam crear para regular os negocios da Europa.

Portanto a Grã-Bretanha não consentiria que elles exercessem sua influencia no novo mundo depois de ter constantemente condemnado semelhante supremacia no velho. »

Era fallar claro para quem não tinha muita força.

Não podendo obter pela justiça o que pretendia pela diplomacia, Portugal agarrou-se á perfidia e á manha.

Enviou ao Brasil o Sr. José Antonio Soares Leal, para tratar de negociações sem que disto désse aviso ao ministro em Londres, o qual alli foi afim de pedir a Inglaterra para servir de intermediaria em tal reconciliação.

Foi então que Canning, sabendo desta perfidia declarou em nota diplomatica :

« Que emquanto permanecer no governo em Portugal o Conde de Subserra, que fôra autor de tal perfidia não podia haver harmonia, fé, nem confiança de sorte alguma entre Portugal e Inglaterra.»

O que ia parecendo singular, era esta insistencia de D. João VI em se dirigir ao filho, já tendo acontecido o que se sabe com o navio *Voador*. Isso prova que procedia hypocritamente.

Feita esta nova embaixada, sempre acompanhada de cartas *particulares* descobriam se as intenções que ambos tinham e que mais tarde o 7 de Abril veiu desmascarar. Os patriotas foram comprehendendo que a lealdade não dominava no governo, e quando a assembléa se reuniu os irmãos Andradas que eram chefes politicos, e tambem do governo, foram demittidos e desterrados !

O povo que não julga, senão pelo que vê, e a quem poucas vezes engana o bom senso, comprehendeu que Pedro I havia mantido a escravidão e os interesses da sua dynastia e que elle fôra logrado no apoio que déra para se fazer a independencia sem a republica. (1)

---

(1) Estudando-se bem os accontecimentos, vê-se esta conducta na biographia do Canning, e os Andradas que tudo podiam, logo que foram chamados ao poder, não quizeram concordar com a abolição. Deixando Pedro I com os fazendeiros e escravos, elles foram logo victimas do seu erro.

Perdendo a esperança de obter da Inglaterra o apoio desejado, o governo portuguez recorreu á Santa Alliança e á Austria, tendo tambem o apoio do Imperador da Russia, Alexandre I, para manter o Brasil unido ao imperio russo.

Deste modo estavam lançadas as cartas na mesa.

O parentesco de Pedro I, com o Imperador da Austria (pois elle era casado com a archiduqueza da Austria) foi invocado. Não se fez durante 2 annos senão este fermento da dymnastia de Bragança, que se agitou nas côrtes européas, de modo que para o pae ou para o filho ficasse sempre o direito de governar em ambos os paizes. Só este facto tira o merito de proclamação da nossa independencia por Pedro I. A comedia era engraçada, mas perigosa a execução.

Era duro para o pobre Portugal deixar a presa que elle tanto soube defender, elle que havia já expulsado os holandezes, dando provas de um valor, só digno dos Viriatos e dos Camarões!

Canning, porém, soube temperar o appetite dos soberanos de Bragança, declarando que «em todas as communicações que tivera com o governo brasileiro, nunca permittiu que se suppozesse que seria possivel a Grã-Bretanha reconhecer a sua independencia sinão debaixo da autoridade da dymnastia da familia real de Bragança».

O que se evidencia é o choque de interesses: os bragânças atraz da perpetuidade de suas corôas, as nações atraz dos lucros que lhe dava a exploração da colonia do Brasil!

O povo, este ficava se formando nesta athmosphera de interesses, em que não era de somenos importancia a que os affligia com a escravidão, que torpemente os ricos exploravam no meio do povo victima.

Chegou-se até a criar viveiros, onde as mães procriavam para augmentar o numero dos escravos que os proprios paes vendiam!

Tambem os indios guyanazes tinham uma pratica se-

melhante, que consistia em fazer engordar os prisioneiros, dando a elles as suas mais lindas filhas, e quando da união provinham filhos, estes eram, depois de devoradas as victimas, nos dias de festa, tambem comidos, sendo que as mães tinham que saborear o primeiro boccado desta innocente victima, filha do prisioneiro escravo. (1)

A morte, tendo a faculdade de nivellar os grandes e pequenos, entra como factor importante na descoberta dos planos que alguns homens escrevem e ficam archivados nos papeis velhos, os quaes, depois da morte destes individuos, não servem muitos vezes nem para amparar o nome com o qual se abriga a reputação.

Nós tivemos uma prova deste nosso modo de pensar lendo as *Memorias praticas sobre os abusos geraes, e modo de os reformar e prevenir a revolução popular.*

Este trabalho foi ridigido no Rio, em 1814, por ordem do principe regente.

Muita gente dizia durante o regimen monarchico que no Brasil não havia espirito republicano.

Nós, porém, temos por costume, quando queremos tirar uma duvida, consultar os interessados.

Até com os animaes usamos e aconselhamos este modo de avaliar a importancia dos fenos e gramas que queremos acclimatar no paiz.

Pois bem, é o que vamos fazer para se avaliar das origens republicanas no Brasil, e já tivemos o melhor resultado deste methodo, estudando os actos das camaras, as representações do povo, as notas diplomaticas do Ministro da Inglaterra, lord J. Canning, as narrativas de lord Cockrane, a resposta do Bispo do Maranhão a Pedro I e tantos outros velhos documentos que neste trabalho vão citados, e por esta razão queremos tirar partido das revelações intimas com que os au-

(1) Southey — Historia do Brasil.

licos expunham á Corôa os meios de acabar com os perigos, sendo que estes consistiam só e exclusivamente em não se consentir que o povo se governasse por si.

Silvestre Pinheiro Ferreira foi o confidente esclarecido de D. João VI e do filho, o principe regente, e, quando apresentou a estes a resposta dos quesitos que fez e deu os planos para que se fortificasse a realeza no Brasil, teve a cautella de escrever em baixo deste seu trabalho o seguinte:

« Nota—Tanto este aviso como os quesitos serão impressos debaixo de todo o segredo, na presença de um criado particular de V. A. R., só com o administrador de impressão regia e os artifices necessarios, queimadas ali mesmo as provas, desmanchadas as formas, e tirados unicamente os exemplares precisos para as seguintes pessoas:

Os conselheiros de Estado;

O Bispo Capellão-Mór;

Os titulares maiores de 30 annos. »

Estes papeis, porém, foram achados nas gavetas do pobre Silvestre, e logo levados para os archivos e entregues á collecção do Instituto Historico do Rio, onde podem ser lidos.

Na exposição que precedeu a representação do seu estudo, Silvestre Pinheiro diz, entre outras considerações:

« Por quanto não se trata simplesmente de saber em qual dos vastos dominios de sua real corôa convém mais que V. A. R. se digne de fixar sua residencia; trata-se de nada menos *que suspender e dissipar a torrente de males com que a vertigem revolucionaria do seculo, o exemplo de povos visinhos e a politica que vae devastando a Europa, ameaçam de uma proxima dissolução e de total ruina os estados de V. A. R.* »

Ora, não se póde deixar de reconhecer nas phrases que nós gryphamos o medo e o pensamento de que a Republica, este phantasma dos reis, que não intimida aos homens livres, apparecesse no Brasil.

Entre os planos que Silvestre Pinheiro apresentou para

fazer a felicidade do Brasil e extinguir a praga que *devasta a Europa*, isto é, a Republica Franceza, notamos o seguinte, do qual felizmente escapamos, porque seria ter muitos senhores juntos para tão poucos escravos.

« Lei sobre a nobreza e os grandes do Imperio do Brasil e do Reino.

« 1.º Que todos os dominios actuaes de sua real corôa serão divididos em archiducados, marquezados, condados, viscondados, baronatos, regulando-se na fórma especificada na mesma lei os deveres da inspecção e protecção que cada um daquelles titulares tem de preencher junto de V. A. R., e bem assim os respectivos territorios, assim como as honras e vantagens que lhe deve competir e as formalidades de sua promoção. »

« 2.º Que vindo a vagar qualquer destes titulos, lhe succederá o grande, immediatamente inferior...

« 3.º Que ás baronias vagas lhe succederão os vassalos benemeritos... »

Ora ahi está um meio facil de aconselhar, porque naturalmente o rei reservaria para o conselheiro o melhor quinhão, e nós teriamos que vêr, não as 20 provincias do Brasil, mas uns 50 marquezados com seus subditos, e naturalmente com os seus escravos, porque delles não prescindiam os portuguezes, de modo que politicamente ficaria o paiz um viveiro de grandes duques e marquezes, physicamente um paiz doado aos aduladores, moralmente uma escravidão de brancos, feitos escravos dos grandes, mas tendo por compensação os pretos para seus escravos e a pobreza como apanagio deste systema.

Aos quesitos que em numero de 14 foram apresentados em fórma de ladainha, naturalmente para que todos dissessem — *Amen*, o que mais convem transcrever aqui é o seguinte :

« Perdida a esperança que unicamente alentava o povo

no meio de tantas desgraças, não haverá perigo de que a vertigem do seculo, o exemplo e as suggestões dos visinhos, o induzam na perigosa tentação de córtes, e com ellas em todos os horrores de que as revoluções no meio dia da Europa tem dado tão funestos exemplos?»

«Como se poderá conseguir a obediencia das capitanias do norte do Brazil?»

Tambem tem graça o quesito sobre o modo de povoar o Brasil:

«Como se póde organisar um systema de estabelecer povoações e de fazer vir colonos europeus com pouca despeza, sem despeza nenhuma, trazendo riqueza?

Como se póde trazer asiaticos, africanos, americanos civilisados, americanos bravos?» (1)

Depois destes quesitos só as instrucções dadas a Domingos Jorge Velho, para extinguir os Palmares, póde dar uma idéa da facilidade com que se promettia e da difficuldade com que se pagava.

Quem poderá reflectir sobre estes temores regios, sem vêr que elles assentavam sob a intima convicção de não se poder dar a liberdade ao povo, sem que elle della se utilisasse para acabar com os oppressores?

Quem duvidará que estas medidas que produziram dilatados annos de soffrimentos asseguravam ao povo brasileiro dias de reivindicação.

Quem não poderá concluir que só uma Republica honesta, justiceira e profundamente amiga da instrucção, da economia e da virtude e inimiga da politicagem, poder-se-ha firmar no Brazil?

Uma prova deste asserto está em que mesmo durante a monarchia, os homens que tiveram sempre por norma de con-

---

(1) Pela leitura destes quatro quesitos, se podem avaliar os intuitos do seu autor. O rei queria achar riqueza de modo barato.

ducta dizer a verdade, amar profundamente a justiça e a patria mais do que os partidos, foram sempre o alvo de todas as homenagens populares.

Feijó, resignando o poder para favorecer elle mesmo a escolha de um senador serio, tornou-se digno da gratidão dos brasileiros, porque deu provas de possuir o sentimento da abnegação, que é a qualidade mais rara do homem politico.

Paranhos (Visconde do Rio Branco), foi outro cidadão amigo da liberdade, e que considerou a escravidão como uma anomalia a viciar todas as outras leis.

Taes homens tinham na sua vida o ideal da felicidade da patria e seriam dignos cidadãos da Republica.

Quando estas sementes eram cultivadas com tanto cuidado, o excesso do mal produziu o seu bem, verificando-se ainda uma vez o proverbio francez—«*A quelque chose malheur est bon*».

Convem aqui uma analyse:

Conforme se vê da biographia de Jorge Canning a que nos temos referido, escripta pelo seu secretario Augusto Granville Itapleton, foi so em 4 de Dezembro de 1823, que aquelle grande ministro soube das perfidias de Portugal, que enviava um questionario para os seus diplomatas obterem a approvação do mesmo, junto das potencias da Santa Alliança e da Austria.

Este questionario continha 15 artigos, dos quaes os 4 primeiros, não podiam soffrer alteração.

O 1º dizia assim:

«O Brasil reconhecerá a sua independencia.»

A Inglaterra que nos auxiliou [illegible] para nos destruiar, vendo acceitas as suas exigencias, [illegible] bem unas bases para o accordo [illegible] perfidia.

Por este accordo [illegible] ministro da Inglaterra [illegible] Brasil se [illegible] as [illegible]

corôas, do Brasil e Portugal, se reuniriam na pessoa de Pedro I, depois da morte de D. João VI, e o governo dos dois reinos se devolveria ao chefe da casa de Bragança, em successão regular, com residencia alternada do soberano em Lisboa e no Rio de Janeiro.»

Pedro I não era extranho a tudo isso, mas homem sagaz, comprehendia que convinha guardar reserva e tirar proveito das circumstancias.

Quando alguem se julgava garantido com a amizade de Pedro I, podia ficar certo de que seria trahido, no meio de risos e abraços.

Não exageramos e os seus mais intimos amigos nos dão estes dados em linguagem positiva.

Para se vêr como se governava o Brasil, e como se tenteavam os mais sérios negocios resolvidos pelo governo, para satisfazer ás exigencias do povo, transcrevemos uma das paginas das narrativas do marquez do Maranhão.

Tendo o governo em virtude de denuncia sabido que a náu de commando do almirantado, ancorado no Rio, estava com sommas fabulosas adquiridas pelo marquez do Maranhão, na occasião em que fizera a pacificação do Maranhão e Pará, ordenou Pedro I que se fizesse uma parada em Nitheroy, e que emquanto esta se realisasse se désse a mais rigorosa busca ao navio do almirante.

Avisado o almirante que se achava no Rio de que ia passar por esta desfeita, e que sua casa estaria cercada durante a busca, este digno official, que a altas horas da noite tivera este aviso dado por Madame Bonplande, mulher que conhecia os segredos do paço, procedeu como se vê de sua propria narrativa:

«Agradecendo a sua excellente amiga aviso tão opportuno, saltei por cima da parede de meu quintal, e só, caminho desembaraçado para a cavalherice, escolhi um cavallo, e não obstante o tardio da hora, parti para S. Christovam, palacio

do imperador; onde assim que cheguei requeri fallar com sua magestade.

Sendo meu pedido recusado pelo camarista de semana, de maneira que confirmava o que me annunciara Madame de Bonplande, disse: que visse ao que se arriscava, recusando-me a entrada, accrescentando que o negocio porque alli vinha podia ter as mais graves consequencias para S. M. o Imperador.

« Mas, tornou elle, S. M. ha muito tempo se foi deitar.

« Não importa, respondi eu, deitado ou não, quero vel-o em virtude do meu privilegio de ter accesso a elle a qualquer hora, e se o recusa permittir-m'o — lembre-se das consequencias.

« Porém S. M. não estava a dormir e como a camara real era immediata, reconheceu elle a minha voz, na altercação com o camarista.

« Sahindo ás pressas de seu quarto, n'um *deshabilli* que em circumstancias ordinarias houvera sido inconveniente, perguntou-me :

« Que acaso podia alli trazer-me a taes horas da noite ? »

« A minha resposta foi que constando-me que as tropas estavam com ordem para uma revista destinada a ir á náu da capitania, em busca de suppostos dinheiros, vinha requerer a S. M. nomear immediatamente pessoas de confiança para me acompanharem a bordo, onde as chaves de quantas caixas a náu continha se lhe entregariam e se lhes abriria tudo para sua inspecção ; mas que se alguem de sua administração, antibrasileira, se aventurasse ir a bordo em perpretação do tencionado insulto, os que o fizessem seriam olhados como piratas e tratados como taes.

« Esteja V. M. certo de que não são mais inimigos meus do que são seus e do imperio, e uma intrusão tão injustificavel, é obrigação dos officiaes e da tripulação resistir-lhe.

« Bem, respondeu S. M., pareceis estar informado de tudo, mas a trama não é minha ; estando, quanto a mim, convencido de que se não acharia mais dinheiro do que o por vós mesmo já declarado.

« Supliquei então a S. M. para tomar por minha justificação taes medidas que satisfizessem o publico. De nenhumas ha precisão, respondeu elle. A difficuldade é como ha de tal revista dispensar-se. Estarei doente pela manhã, assim ide para casa e não penseis mais n'isso.

« Dou-vos a minha palavra de que não será ultrajada a vossa bandeira pelo procedimento contemplado.

« O desfecho da farça é digno de relatar-se.

« O imperador cumpriu a sua palavra e durante a noite achou-se de improviso doente. Como S. M. era realmente querido por seus subditos brasileiros, toda a gente de bem do Rio de Janeiro estava na manhã seguinte em caminho de palacio por saber da real saude e fazendo pôr os cavalos em minha carruagem, parti para o palacio tambem, afim de não parecer singular a minha ausencia.

« Entrando no salão, onde o imperador cercado de muitas pessoas influentes, estava a explicar a natureza de sua doença aos anciosos perguntadores, occorreu esse extranho incidente.

Dando com os olhos em mim, desatou S. M. sem poder conter-se, n'uma risada em que eu o acompanhei, julgando sem duvida os circumstantes, pela gravidade da occasião, que ambos tinhamos perdido o miolo. Os ministros pareceram attonitos, mas nada disseram.

S. M. guardou segredo, e eu calei-me ! »

Eis ahi uma bôa peça para a politica e para o theatro que deve tomar conta della, afim de que o povo possa aprender a instruir-se quando considera o modo porque é governado.

Como as aguas que fazem mover os engenhos do mundo, nascem em lugares solitarios e ignorados, assim tambem são as origens republicanas do Brasil.

Estes novos Marcos Antonios, do Brasil, ao inverso do Romano, não mediam a grandeza do povo pelo que elles recebiam, mas pelo que elles lhe davam.

Dahi provinha que o juizo que formavam era avaliado, não pela extensão dos males do povo, porém, sim pelos sentimentos que emprestavam a estes males !

PARTE VI

A este tempo tornou-se notorio o modo pelo qual os brasileiros tratavam os emissarios portuguezes, e o governo inglez mandou instrucções ao sr. Chamberlaini, ministro no Brasil, para que, desvanecida a idéa de que Portugal rehaveria o Brasil pela força armada, fizesse com que os portuguezes abandonassem esta tentativa.

« A guerra, disse Canning, cessa de ser justa quando deixa de ser necessaria. »

E' singular esta doutrina que mais se coaduna aos indignos do que a um povo, que quando quer fazer a guerra a faz necessaria e portanto justa quando a julga necessaria!

Estando lord Amhert, em Fevereiro de 1823, prompto para partir para a India e tendo de tocar no Rio de Janeiro, indo a Bengala, julgou Canning que não devia perder a opportunidade de aproveitar tão habil emissario.

Foram dadas as seguintes instrucções, que por serem assaz honrosas, queremos deixar archivadas para vergonha dos que não quizeram logo abolir a escravidão no Brasil.

« A Inglaterra póde reconhecer a independencia do Brasil, mas para ter amizade com este paiz dependia de uma preliminar: — que fosse abolida a escravidão, porquanto existia uma differença obvia entre uma politica colonial e a independencia, o intuito de uma colonia era a cultura e commercio;

e emquanto a mãi-patria cura-vos de sua defeza militar e maritima, sentiam-se menos os perigos e incommodos dos trabalhadores importados do que em um estado que depende inteiramente dos seus recursos internos. Um estado desta cathegoria não póde com segurança e dignidade confiar em uma população artificial, em vez de nacional.»

«Que pugnar o Brasil entre tantos estados de todo o continente americano pela continuação de um trafico condemnado solemnemente pela voz unida da America e da Europa, offenderia os seus interesses; assim como mancharia a reputação do imperio, que novamente defendia sua liberdade e independencia. Como colonia o Brasil não tinha responsabilidade separada, mas os estados cultos do mundo, qualquer que fosse a sua constituição politica, hesitavam bem em admittir em sua communhão uma nação que pela primeira vez aspirava ser tal, mas que conservava a nodoa do caracter nacional, de que estava isenta toda nação independente do mundo civilisado, com a unica excepção de Portugal.»

«Portanto a Grã-Bretanha só podia ter amisade com o Brasil quando elle tivesse abolido o trafico abominavel.»

A athmosphera que cercava os homens do Brasil, fóra e dentro da patria, estava muito carregada porque os portuguezes apertavam a independencia por fóra, e esta se fazia cada vez mais necessaria dentro do Brasil.

Estava então bem presente ao aspirito de todos, a bandeira dos Inconfidentes: *Libertas quæ sera tamen.*

Ninguem deixava de narrar aos seus filhos e aos amigos o supplicio inflingido a Felippe dos Santos, o martyr a quem a covardia e a tyrannia do verdugo conde de Assumar fez com que em Villa Rica, como elle dizia *ad perpetuam rei memoriam*, se sacrificasse aquelle republicano, mandando-se escolher dois bellos cavallos bravios, sendo então amarrado Felippe dos Santos na cauda dos possantes animaes, e logo fustigados estes com o estalar do chicote, sendo em pouco tempo espe-

daçado o corpo do martyr, na presença e no meio do regosijo do algoz e outros immundos observadores.

As ruas de Villa Rica receberam o sangue da victima, e logo nasceu no espirito de Tiradentes a idéa de vingança, da qual elle era apenas um fraco echo da opinião publica, que pedia vingança e liberdade.

Tiradentes morreu na forca, e quando se lhe tirou os ferros que ligavam as suas mãos aos pés, elle soube encarar a morte, de modo que pôde ainda proferir estas palavras memoraveis:

« Morro cheio de prazer, pois não levo após minha pessoa tantos infelizes a que contaminei, e que isso mesmo intentava nas multiplas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem sómente delle a victima da lei. »

Si foram assim trucidadas as victimas do despotismo com sua lei, não admira que o sentimento do mal produzisse a liberdade que pouco a pouco ganhou todos os espiritos e fez com que a idéa republicana, por isso mesmo que era opprimida e corrompida pelos poderosos, désse em resultado que mais tarde a Republica apparecesse, quasi sem esforço, como um fructo maduro cahido da arvore.

Como podia o povo esquecer a morte de Claudio Manoel da Costa, expirando na masmorra, no meio de crueis martyrios de Maciel e Alvarenga, morrendo no exilio africano, desta Africa da qual Portugal tirava os negros para virem soffrer o captiveiro, na terra onde aquelles heroes sonhavam com a liberdade!

O enforcamento em 1817 do General Gomes Freire de Andrade, em Lisboa, e mais 12 réus de *lesa magestade*, veio activar e fazer renovar a historia de tantos martyrios que o drama nefando de Villa Rica tornava sempre intenso e triste no espirito do povo.

independencia era

um meio

subterfugios

Vendor.

este acto,

Historico»,

quebrou

internacional, seria

um paiz que aca-

lhe depen-

nosso

Mayor:

a corveta

inhospito,

das cir-

tem de vir

parlamen-

portuno, o

republi-

de Jorge

se davam

as duas opi-

seus receios

a autoridade do rei de

em *Republicas*

lhe parecer que a vista do

a acclamação do ti-

pelas partes con-

tendoras no Brasil, como uma sorte de meio termo, entre a *conservação da antiga Monarchia e a instituição de uma fórma democratica de governo;* que portanto qualquer tentativa de recorrer a um dos extremos, restituindo a preponderancia a Portugal, ao que era antes da revolução, levaria ao extremo opposto o partido que tinha por alvo não só a independencia mas a separação; e que na discussão da alternativa, perder-se-hia o meio termo, sem remedio.»

Eis ahi a linguagem da verdade, ella brota expontanea dos corações sinceros, e jámais em toda a nossa historia pôde haver melhor prova das tendencias centralisadoras e observantes do poder do povo do que esta confissão do representante da dymnastia de Bragança, na occasião em que se discutia com o poderoso governo da Inglaterra as bases para o que devia ficar feito com o sello da força, porque o da liberdade tinha sido quebrado com o cadafalso de Tiradentes e de outros martyres.

Toda vez que em uma revolução se fizerem victimas desta natureza, sem que pelos processos da lei ellas soffram as consequencias de suas faltas, a idéa que os fez morrer, ganham por milhões em valor e energia.

Esta proposição real, e que se vê na historia confirmando mesmo as reivindicações que não estavam de accordo nem com as idéas do tempo, nem com as conquistas do povo, é a prova mais evidente do quanto é sagrado o direito da liberdade, quer elle pereça nas catacumbas de Roma, sob o alfange do paganismo, para explodir destes subterraneos em formas organisadas da sociedade civil e triumphante que destruiu todos os poderes que a haviam amordaçado, quer ella se chame revolução brasileira.

A liberdade está para a sociedade como a electricidade para os corpos que a attrahem, é invisivel em suas causas, mas terrivel em seus effeitos. Sempre a mesma identidade, o mesmo poder, o mesmo cunho da natureza, equilibrando

os desvios e as differenças feitas pelo homem, que se julgando muito poderoso desconhece suas leis!

Parece bem confirmado este ponto das tendencias republicanas perfeitamente acceitas pelo povo. Fazendo-se echo dos desejos e direitos do povo, não para proclamar a nossa inteira liberdade, mas só a independencia do Brasil, Pedro I foi habil, porque na quantidade dos direitos elle tirou para si o melhor quinhão.

E todavia foi evoluindo que o Brasil pôde chegar dos annos 1822 aos 1888, em que fez cahir a praguejada escravidão que o interesse dos proprietarios explorava, com o da monarchia que entreteve os partidos liberal e conservador, fazendo os seus chefes Martinho de Campos e Cotegipe mostrarem-se irreconciliaveis na politica, mas intimos no interesse da escravidão.

Uma vez organisada a nossa independencia, não morreu a liberdade, e nas primeiras reuniões das assembléas promovia-se a abolição do trafico, mas então os poderes legislativo e executivo organisados de modo a poder amarrar as rodas do machinismo governativo, fingindo adaptar-se á influencia das idéas, não fizeram mais do que as abafar.

Nisto consentiu toda a força da monarchia, e nada é mais facil do que illudir, estando de posse do poder, os planos que se tem, seja para a destruir seja para fructificar.

Não fosse este o systema, não tivesse havido a escravidão e a republica não teria surgido auxiliada pelo patriotismo dos militares no meio da representação eleita por um ministerio que acabava de sahir das fontes olympicas como o raio de Jupiter, e entretanto viu baquear as suas forças e serem applaudidas as que surgiam com a Republica de 1889, como se não houvessem outros homens e outras idéas sinão as republicanas!

E' esta a verdade historica e por tal modo se impõe que achar-se-ha sempre a historia dos erros da monarchia, estu-

dando-se as conquistas e as origens republicanas, que agora aqui em traços largos fazemos.

Esta lição aproveitará a todos os governos porque ella é filha da logica e será sempre verdadeira em todo o logar em que a sociedade progredir, cercada da justiça e da liberdade.

Não podendo durante o periodo colonial se fazer representantes da Republica, o povo denominava a municipalidade com aquelle nome:—As camaras municipaes se reuniam nas cidades para tratar dos negocios da Republica, como ellas chamavam e escreviam sob esta rubrica as suas deliberações.

O procurador da Camara do Maranhão o sr. Guedes Aranha, em notavel documento, deixou archivado este modo de tratar os negocios da corporação, unica que estava ao alcance do povo.

Nos convites feitos aos eleitos se dizia sempre;

« *Convido-vos a vos reunir a tratar dos negocios da republica.* »

Quando as idéas, dominando o meio social em que viviam os patriotas, conseguiram abalar o throno, D. João VI não se illudiu, e como bom Bragança se agarrou á unica taboa de salvação que tinha, que era dar o menos, já que não podia dar o mais, e elle se tornou o conselheiro do filho.

Isso faz lembrar a fabula do naufrago que indo em uma taboa com um filhinho e um robusto solteirão, quando estavam todos prestes a se perder pelo peso, disse o pae ao seu companheiro bom nadador: «Pedro, olha que eu sou pae», ao que elle ouvindo, se precipitou n'agua, ficando assim salvos.

O illustrado Dr. Rangel Pestana em um notavel discurso proferido a 13 de Maio de 1882, disse: «Ha perfeita connexão entre a constituição social e a constituição politica, entre a constituição de um povo determinado pela evolução natural e a constituição politica determinada por essa mesma causa, mas sujeita a outras condições de momento viciosos que sejam».

« A feição caracteristica da Constituinte reproduzia a tendencia para a federação. »

« Apenas um ou outro espirito atrazado convindo ainda nos preconceitos da educação da Universidade de Coimbra, procuravam conter este movimento. »

Era logico que com taes tendencias o novo imperador tinha que se fazer ou victima ou dirigente, e como se os applaudisse seria envolvido e suffocado por ella, preferiu cortar a questão dissolvendo a Constituinte, e dando uma constituição muito liberal, é verdade, mas que lhe dava os meios para tirar para si o que ella tinha de bom, e podia, como Jupiter fazer sempre fomentar as tempestades e as moderar por si mesmo.

E não contente com este poder moderador, elle fez brotar da sua vontade a semente que mais tarde veiu fructificar com o nome de Conselho de Estado, que tanto deleitou o seu filho, que tambem foi querido dos brasileiros por tantas virtudes que possuia, mas que por participar do mesmo mal d'origens teve que soffrer a ingrata sorte dos que governam em nome do principio hereditario, entre um povo que por causa da educação partidaria mal póde supportar o governo dos que elle mesmo elege, tal é a sua vontade de ser livre!

De facto era tão pura a origem das idéas republicanas no Brasil, que se não fosse a força do despotismo portuguez, e das predicas dos padres jesuitas, que ambos associados influenciavam no animo dos que elles escolhiam para vir para o Brasil, nós poderiamos dizer com os factos e a historia que só e exclusivamente a estas duas alavancas se deve o ter ficado aqui implantado o captiveiro africano, que se fez logo irmão gemeo do indigena e com esta negra mancha ficou misturada a semente republicana que só veiu a expurgar-se do mal que a invadiu, tal como *apilocesa* invadiu as uvas de Portugal, depois que se fez uma lavagem geral e bem desinfectada em cada arvore e semente.

O que é verdade incontestavel é esta evolução que se sente sempre abrindo caminho por si mesma, como as aguas, que fazem engrossar nossos grandes rios.

Assim tambem cresceu a idéa republicana.

Um magnifico resumo dos factos passados para assegurar o movel das idéas republicanas póde ser apreciado, devido a pena do erudito chefe republicano portuguez o Dr. Magalhães Lima, que como brazileiro de origem, mantém no velho reino as tradicções gloriosas dos que sempre trabalharam para fazer do Brazil uma republica digna deste grande paiz. Este artigo escripto para a *Republica Portugueza*, merece ser conhecido:

«A provincia cis-platina (actual Republica do Uruguay) revolucionou-se em 1826 e separou-se do Brasil em 1827, allegando que se houvera unido com a condição expressa de ser considerada um paiz confederado, e que a constituição unitaria, outorgada por Pedro I, havia quebrado esta condição.

E' conhecida a revolução do Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845, contra a tyrannia unitaria. A provincia separou-se um anno depois, a 12 de setembro de 1836. Mas na acta de proclamação da independencia, lavrada por uma assembléa de notaveis da nova republica, a 6 de novembro de 1836, na cidade de Piratinim (quer dizer rio do peixe branco), declarou-se que a separação era provisoria e que a republica voltaria livremente a fazer parte do Brasil, quando este adoptasse os principios do regimen federativo.

Em 1843, S. Paulo e Minas Geraes, com os seus principaes homens á frente (Vergueiro, padre Feijó, Raphael Tobias, Theophilo Ottoni, etc.), rebellaram-se contra o centro, sem se mostrarem ostensivamente republicanos, mas arvorando os principios da descentralisação.

Em 1848 Pernambuco, capitaneado por Nunes Machado e Pedro Ivo, o primeiro morto n'um combate e o segundo assassinado por ordem do imperador, revoltou-se ainda con-

tra o centro, proclamando os mesmos principios descentralisadores.

Além destes teve o imperio muitos outros movimentos revolucionarios, de mais ou menos duração, mas obedecendo todos á indole dos antecedentes. Em 1829, em Pernambuco; em 1831, 4 de abril, na Bahia; em 1831, 6 e 7 de abril, no Rio de Janeiro, dando em resultado a abdicação do imperador; em 1831, 5 de maio, em Pernambuco; em 14 de maio no Pará; em 25 de maio, no Maranhão; em 7 d'agosto, no Pará; em 13 de setembro, no Maranhão; em 14 de setembro, em Pernambuco; em 7 de outubro, no Rio de Janeiro; em 14 de dezembro, no Ceará. Em 1821, 22 de março, em Minas; em 1833, 16 d'abril, no Pará; em 2 de dezembro, no Rio de Janeiro. Em 1832, no Matto Grosso. Em 1835, 7 de Janeiro, no Pará. Em 1837, na Bahia. Em 1838, no Maranhão. Em 1840, no Rio de Janeiro. Em 1844, em Alagoas.

Nos dias da independencia, segundo affirma Clemente Pereira, n'um discurso que fez ao principe regente, em 9 de janeiro de 1822, dia em que este pronunciou o celebrado «fico», havia um partido organisado, disposto a proclamar a republica federativa.

O proprio Clemente Pereira, conforme elle mesmo o confessou no parlamento, foi mais tarde accusado de haver pertencido a esse partido. Durante todo o tempo do primeiro imperio, de 1822 a 1831, e durante a regencia, que terminou em 1840, a maioria dos periodicos liberaes das provincias, prégava abertamente a doutrina da republica federativa.

No segundo imperio, depois de supplantada a revolta de Nunes Machado, em 1848, de que já fallámos, e tendo o paiz entrado n'uma série de complicações externas—guerra contra Rosas, dictador de Buenos Ayres, 1851-52; guerra com a republica Oriental do Uruguay, 1863-64, guerra do Paraguay, 1865-70—houve um periodo de apparente repouso interno.

Terminada, porém, a guerra do Paraguay, e no mesmo anno de 1870, reuniram-se no Rio de Janeiro alguns dos mais distinctos representantes do espirito liberal, organisando o partido republicano federal, cujos incessantes e activos trabalhos nas principaes provincias, como S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas, Bahia, Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco, Espirito-Santo, déram em resultado a proclamação da actual Republica, a 15 de novembro de 1889. Foram signatarios do importante manifesto que por essa occasião se distribuiu— os srs. Joaquim Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Francisco Rangel Pestana, Lafayette Rodrigues Pereira, Aristides Lobo e muitos outros. Este manifesto ainda hoje é considerado como o documento mais notavel do partido republicano. N'elle se fazia o processo da monarchia aproveitando os depoimentos dos primeiros corypheus do imperio.

A doutrina republicana era alli posta com firmeza e o principio federativo destacava com grande nitidez e clareza. Desde então foram eleitos varios deputados provinciaes e nacionaes por S. Paulo, Minas e Rio Grande. Todos os jornaes republicanos eram federalistas, sobresahindo, entre elles, a *Federação*, de Porto Alegre, a *Provincia de S. Paulo*, o *Paiz*, do Rio de Janeiro, etc.

E por tal fórma as tendencias federalistas se accentuavam no espirito dos republicanos brasileiros que o eminente publicista Assis Brazil, foi levado a affirmar, n'um dos seus notaveis discursos:—«que, se não fosse possivel proclamar uma republica federal, preferia conservar a monarchia; e, se a combatia, era principalmente por a reputar incompativel com o ideal federalista.»

PARTE VII

A Republica do Equador

A revolução que teve por fim fazer a republica do Equador tem seus prodomos e martyres. No dia 6 de Março de 1817 Pedro da Silva Pedroso no quartel do seu regimento promoveu a independencia do Brazil e a fórma republicana.

O povo applaudio a tropa e fez quebrar as armas regias e as corôas. Nas representações assignadas pelo povo se escluio o tratamento *V. Exc.*, que ficou substituido pelo de *Vós patriota*. Novas bandeiras foram inauguradas e em sessão solemne ellas foram benzidas. Existe no Instituto Historico o discurso do Deão de Olinda, o qual proferiu estas palavras:

«Patriotas, escudados por estas bandeiras não tenhais medo nem dos escravos do Norte nem dos sevandijas do sul; eu mesmo se vos faltar chefe serei a vossa frente, tendo-me por mais feliz morrer com homens livres, do que viver com escravos...»

O enviado do governo republicano teve que partir por terra para Alagoas, e fazendo ahi os proselitos seguiu em uma jangada para Bahia. Desde este tempo a jangada ficou tradiccional nos annaes da liberdade, que ella veio sanctificar depois que se aboliu a escravidão.

Chamava-se José Ignacio Ribeiro de Andrade este emissario que ficou conhecido pelo nome de Padre Roma. Este sacerdote mostrou-se digno da sua missão.

E' um facto caracteristico o de haverem sempre os sacerdotes sido os maiores amigos da liberdade e esta, entretanto

ser tão ingrata nas pessoas do seus representantes, para com o clero.

Muniz Tavares em sua «Historia dos Martyres Pernambucanos», diz que apparecendo a jangada no dia 26 de Março em frente a Itapoan, tornou-se suspeita por não querer entrar na bahia esperando a noite.

Patrulhas destacadas foram apprehender o Padre Roma, que defez-se das credenciaes, atirando-se ao mar.

Preso e encarcerado em segredo de justiça, o Conde dos Arcos creou logo uma commissão militar para o sentenciar summariamente. O Padre Roma compareceu algemado perante o tribunal, chamado de sangue. Interrogado se conhecia as pessoas para quem trazia as cartas, respondeu que não. E por isso foi condemnado á morte!

Ouvida a sentença, o Padre Roma mostrou-se digno e corajoso, e conforme narrou o seu confessor, as suas ultimas palavras foram estas que vêm no mesmo livro do Padre Dias Martins: « Custa-me a comprehender como a misericordia de Deus poderia salvar-me. Rendo porém graças a Deus por ter-me permittido tomar parte na revolução de Pernambuco, porque assim deixo de ser um condemnado eternamente ».

Chegando ao lugar denominado Campo da Polvora, onde devia ser fuzilado, voltou-se para os granadeiros e disse:

« Camaradas, eu vos perdôo a minha morte; lembrai-vos na pontaria, que aqui (pondo a mão no coração) é a fonte da vida. »

E' cheia de episodios a epopéa destes heroes, que no meio de uma população de escravos, tinham para chefes o Conde dos Arcos e outros potentados, e os tribunaes militares, os quaes um dia serão banidos na justiça dos homens pelos proprios briosos militares que devem ver em taes tribunaes as machinas infernaes da perversidade humana; entretanto estes homens ousavam confiar no povo ao qualse apresentavam para libertar a patria.

A justiça da Bahia mandou ao encalço dos cumplices. Domingos José Martins é preso no Porto das Gallinhas, conjunctamente com o padre Santo e mais outros companheiros; todos foram acorrentados á presença do general Cogominho sendo postos a ferros a bordo do navio *Carrasco*, que os levou á Bahia de S. Salvador.

José Luiz de Mendonça, companheiro daquelles que se achava escondido, sabendo que os que déssem abrigo aos condemnados seriam enforcados, envolveu-se em uma capa, tomou uma *cadeirinha*, vehiculo de conducção nobre na Bahia, e foi ao pateo do feroz Conde dos Arcos, onde sahindo, deixou cahir a capa e gritou, abrindo os braços: « Camaradas, eu sou o proscripto José Mendonça, atirae se quizerdes e matae-me. » Foi preso e posto a ferros a bordo.

O padre Almeida Costa, entrega-se á prisão depois de ir a sua casa onde disse a irmã D. Clara de Castro: « Mana, nada de chorar, estás orphã, tenho enchido meus dias, logo me vêm buscar para a morte, entrego-me a Deus e nelle te dou um pae que não morre; mas ajuda-me a salvar a vida de tantos desgraçados, aproveitemos a morte e imita-me. » Dizendo isso o padre que era o secretario do governo, entrou na secretaria onde estavam os autos e os destruiu na noite de 20 de Maio de 1817.

Arrancado dos braços da irmã, é mettido em grilhões e conduzido para bordo do *Carrasco*.

A 9 de Junho foram todos interrogados.

Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, Dr. Manoel José Pereira Caldas e Dião Portugal, portaram-se dignamente.

O Padre Miguel Castro ficou conhecido pelo nome de padre Miguelinho.

Narra Codeceira que os empenhos para salvar este padre abalaram o Conde dos Arcos, que vendo a victima nada negar, disse: « Padre, não cuide que somos alguns barbaros,

e selvagens que só respiramos sangue e vingança; falle, diga alguma coisa em sua defeza.» O padre continuou silencioso e o Conde disse ainda: «O padre não teve inimigos,não seria possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem parte ou todos os papeis que estão presentes?» O padre respondeu: «Não, senhor, as minhas firmas são authenticas e por signal que em uma dellas o—*o*—do meu ultimo sobrenome, Costa, ficou metade por acabar, por falta de papel.»

No dia 11 foram todos sentenciado.

Ouvindo a sentença, José Luiz disse: «Juizes malvados! cegos e vis instrumentos da tyrannia, eu vos emprazo para os infernos.»

Na manhã do dia 12 de Junho de 1817 os tres martyres José Luiz, Martins e Miguelinho, revestidos de alva, pés descalços, algemados, sahiram da cadeia para a forca. Ahi Martins, voltando-se para os soldados disse: «Vinde executar as ordens do vosso sultão.»

O anniversario da morte destes heroes passa desconhecido como as aguas dos rios que correm nos lugares ignorados.

Os algozes aproveitam-se destas datas para formarem suas epopéas, como os industriaes d'aquellas aguas para moverem suas machinas.

Em 1817 houve tambem no Recife uma victima cearense, chamada Antonio Henrique Rabello. Conhecido como conspirador contra a monarchia, foi logo condemnado pelo tribunal militar e ao ir para a forca gritou: «Viva a patria!»

Sua cabeça por causa de ter sido o motivo de um tal grito, foi decepada e ficou por muito tempo exposta na ponte do Recife, até ser consumida pelo tempo. Esta execução foi feita a 5 de Julho de 1817.

O sangue excita o appetite dos tyrannos,como o das féras. Logo depois desta morte, foram feitas outras, entre ellas a do

padre Pedro de Souza Tenorio, José de Barros Lima e Domingos Theotonio Jorge. Narra Muniz Tavares no seu citado livro que ao subir a forca este ultimo, disséra: «Meus patricios, a morte não me aterra, aterra-me a incerteza do juizo da posteridade; eu deixo um filho, ensinai-lhe o caminho...» mas o carrasco o suffocou.

Todo o norte do Brasil ficou influenciado pelo espirito de independencia, e o rigor das leis fez mortes por toda parte. No Rio Grande do Norte Albuquerque Maranhão foi assassinado.

Os acontecimentos que fizeram approximar-se a liberdade foram sendo explorados em favor da corôa, que para não perder o Brasil, queria ao menos gosar das vantagens que o paiz podia dar-lhe.

Estes ligeiros traços que acabamos de fazer bem podem trazer a luz que a liberdade infelizmente ainda mal comprehendida póde permittir, fazendo-se assim com que o sentimento de partidarismo e politicagem, que tanto mal fez a liberdade, não reduza os seus heroes a meros fructos do tempo.

Ainda que a independencia tenha satisfeito as aspirações democraticas da época, alguns patriotas republicanos não se contentaram com a conquista feita e queriam ir mais adiante.

Tanto ao sul como ao norte do Brazil dominava este pensamento, e se bem que ao sul o movimento houvesse achado incremento pela facilidade de recursos do clima e da indole do povo, é preciso assignalar o esforço feito por Tristão Gonçalves, o patriota sob cuja ordem estavam alistados homens do valor do conhecido Frei Caneca e outros que pagaram com a vida a dura prova de serem republicanos no regimen que se inaugurava em 1822.

No capitulo VIII das Narrativas de Lord Cockrane, encima a descripção o pomposo titulo—*Governo Republicano proclamado em Pernambuco*. Transcrevemos o seguinte:

« Realmente Manoel de Carvalho Paes d'Andrade havia publicado suas proclamações, denunciando D. Pedro I como trahidor, que propunha entregar o Brasil aos portuguezes.

« A revolução, diz Lord Cockrane, havia tomado raizes vigorosas no espirito democratico dos pernambucanos; não era cousa com que se brincasse.

« Havia-se proclamado a fórma republicana de governo, cujas vistas eram em mais vasta escala do que as proporcionadas á capacidade d'aquelles que as propunham, sendo sua esperança vã o constituir todas as provincias do Equador n'uma federação sob o modelo dos E. Unidos, projectos formulados por norte-americanos que residiam no Recife.

«Para promover este objectivo fôram convidadas as outras provincias septentrionaes a repudiarem a auctoridade do Imperador e a formarem uma alliança sob o titulo de *Confederação do Equador*, sendo a consequencia que uma grande porção dos habitantes do Parahyba, do Piauhy, do Rio Grande do Norte e Ceará se declararam a favor do projecto.

Eis aqui a concordata das provincias revolucionarias:

« Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1824, terceiro da Independencia do Brasil e no dia 3 de Agosto do dito anno na sala das sessões do Governo de Pernambuco, estando presente o cidadão Quaresma Ferrão, por parte de S. Exa. o presidente Carvalho Paes de Andrade, e o Illm. Revd. Pad. Francisco da Costa Seixas, José Joaquim Fernandes Barros, o cidadão José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro, por parte da provincia do Rio Grande do Norte, em virtude do diploma datado de 16 de Agosto de 1824 e tambem os deputados commissionados pelo governador da provincia de Pernambuco para tratar por parte do seu governo, com o fim de pôr termo á dissensão de opiniões politicas, que tanto ha retardado o progresso do Brasil, da independencia e liberdade e ao mesmo tempo tratar de banir um espirito servil, que tende a escravisar o Brasil, por uma preten-

dida Constituição, dominando sobre a nação brasileira como a do Grão Senhor Ottomano.

A commissão do governo d'esta provincia e as illustres deputações supra mencionadas, tendo maduramente considerado estes materiaes concordam:

I. Que estas provincias de Pernambuco e Rio Grande se unam n'uma liga fraternal, offensiva e defensiva, afim de prestarem todas as suas forças contra qualquer aggressão do governo portuguez ou do Rio de Janeiro, para reduzir esta provincias a um estado de servidão.

II. Que a dita liga se estenderá ao estabelecimento de liberdade constitucional nas ditas provincias e a supplantar o espirito servil de que estão infeccionados e afastar assim a guerra civil fomentada pelas intrigas no Rio de Janeiro, cuja influencia penetra agora em todo o Brasil.

III. Que para assegurar o effeito deste facto o governo do Rio Grande formará um corpo de tropas e o postará nas bordas da provincia de Parahyba, para ser empregado segundo as necessidades o exigirem.

IV. Que este corpo de tropas será sustentado pela provincia de Pernambuco, mas será depois sustentado pela *Confederação do Equador*.

E para que o mesmo seja levado a immediato effeito, terá esta *concordata* pleno vigor, logo que seja assignada por S. S. Exs. os presidentes das ditas provincias do Rio Grande do Norte e Pernambuco. »

Assignados:

Padre Francisco da Costa Seixas.—José Joaquim Fernandes Barros.—José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro. Basilio Quaresma Ferrão.—Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente. Impresso na Imprensa Nacional.

Como se havia espalhado a noticia de que o almirante Cockrane o que queria era dinheiro, não duvidavam os revoltosos offerecer-lhes os meios que imaginavam; poderiam vir em seu auxilio, e para isso logo que chegou este chefe para abafar o movimento revolucionario o presidente mandou ao mesmo a seguinte carta que deve ficar archivada:

« Mylord — A franqueza é o caracter distinctivo dos homens livres; mas V. Exa. não a encontrou em suas relações com o governo Imperial. O não ter sido recompensado pela primeira expedição, offerece justificavel referencia de que nada receberá pela segunda.

« Tomo, portanto, a liberdade de assegurar a V. Exa. a somma de quatro centos contos de réis, como indemnisação por suas perdas.

«O serviço requerido a V. Exa. será o de acceitar a causa da *Confederação do Equador*, a qual é a adoptada pela maioria das provincias septentrionaes, cujo limite será o rio S. Francisco do Norte.

«Tenho a honra de ser de V. Exa. muito humilde criado, *Manoel de Carvalho Paes de Andrade.*»

O presidente revolucionario havia encommendado navios veleiros para os Estados-Unidos e os esperava ancioso, porque para uma cidade como o Recife, cortada de rios navegaveis o não ter os recursos para dominar as aguas, era o mesmo que não ter braços.

O panico porém, que o navio «*Pedro I*» (que era o do almirantado), produzira e a habilidade com que Cockrane tirava partido d'esta situação, dizendo que esperava 30 navios de guerra e fazendo espalhar outras noticias, produziram um effeito desastrado em uma cidade em que a lucta se tornava desigual, mostrando a consciencia dos luctadores o perigo de uma tal lucta, ainda que tivessem muito valor.

Com effeito, chegando 800 homens a bordo do *Piranga*, e começando o ataque, o presidente Carvalho fugiu, indo

em uma jangada para bordo do *Tweed*, corveta britannica, que estava no porto.

O imperador D. Pedro I tinha-se entregado nas mãos dos partidarios que o povo chamava portuguezes, que governavam fazendo politica opposta aos Andradas, e havendo grande odio no norte do Brasil ao elemento portuguez, era difficil acalmar os homens que preferiam dar a vida a ficar submissos a uma tal escravadão.

Entretanto foi facil dominar com tão poderosos recursos os revoltosos e o general Abreu Lima poude tomar conta do governo do Recife, fugindo os revoltosos para o interior.

No Ceará principalmente, o movimento se tornára intenso e foram collocadas bandeiras republicanas na fortaleza e nas casas, onde reinava grande alegria.

Infelizmente a chegada de Lord Cockrane alterou, por tal modo o povo, que não tinha absolutamente na Capital recursos para luctar contra um bombardeio do qual foi logo ameaçado e a consequencia foi que rendeu-se o governo á intimação.

Tinha sido acclamado presidente da Republica no Ceará o heroe Tristão Gonçalves de Araripe, que soube desenvolver uma tenacidade que confirmou o titulo que lhe demos.

E' preciso não confiar na historia escripta pelos contemporaneos das victimas. O exemplo de Tristão Gonçalves, que como veremos mais tarde foi outro martyr da Republica, é mais significativo, porque ao passo que outros que estiveram sob seu commando têm seus nomes nas praças e ruas, elle foi ignorado.

E' preciso reconhecer que o senador Alencar, seu irmão, foi quem o metteu na chefia em que elle soube sustentar-se e morrer, tendo sido tambem senador e presidente do Ceará.

O illustrado Cons. Araripe, filho do grande heroe, teve que se conformar com a sorte do povo brasileiro e vindo a acceitar a Republica, elle que era um dos filhos da victima mais heroica

da Republica do Equador, veiu por uma coincidencia da sorte a ser o ministro que referendou o decreto dissolvendo a 1ª constituinte do governo republicano do Brasil. O seu digno pae fez a revolução e a Republica do Equador, baseando-se justamente em haver Pedro I dissolvido a Constituinte do primeiro governo monarchico!

A historia deve pois ser encarada com a calma e a verdade, que nenhum poder do mundo póde fazer eternamente ficar occulta. A este respeito devemos notar que os documentos que publicamos n'este capitulo — Republica do Equador,—dão muita luz.

Nós temos o prazer de dar publicidade á proclamação feita pelo heroe Tristão Gonçalves. Este precioso documento não tem tido a circulação que merecia pelas causas que no cap. II e neste mesmo podem ser vistos.

O patriotismo e a acção caracterisam os feitos brilhantes do denodado presidente e martyr, tão mal comprehendido pelos homens do seu tempo e pelos seus proprios parentes e patricios.

Admira que o governo republicano do Ceará nada faça para levantar a memoria do nosso heroe, podendo ser que nós tambem sejamos tido por suspeitos, por causa de termos o mesmo sangue do martyr em nossas veias.

COPIA

ACTA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 29 DE ABRIL DE 1824.

Aos 29 de Abril de 1824 annos, n'esta cidade da Fortaleza, nas casas da Camara e paços do conselho, aonde se achavam o juiz presidente, pela lei, Joaquim Antonio de Oliveira, o vereador transacto Francisco Felix Bezerra de Albuquerque, e o republicano Manoel Pereira Vianna, por

impedimento dos vereadores actuaes e o procurador do conselho José Antonio Machado, commigo escrivão ao adiante nomeado, sendo ahi appareceram o Illmo. e Exmo. governador das armas desta provincia do Ceará Grande, José Pereira Filgueiras cidadãos e officiaes militares, abaixo assignados, ahi pelo dito illustrissimo e excellentissimo senhor foi apresentada a falla seguinte que foi lida pelo R. P. Estevão da Porciuncula: «Senhores. Todos sabem que eu não sou orgulhoso e nem jamais me arrojei a offender-vos e muito menos ludibriar a pessoa alguma n'esta cidade. O meu genio e minhas maneiras de proceder, penso, teriam sido sempre uniformes até o ponto de já não poder soffrer insultos de homens, que eu mesmo (para o bem dizer), eu mesmo esforcei-me eleval-os, apezar de tudo, a grandes postos: esses ingratos conspiraram contra a minha vida, contra a vida dos vogaes do governo, contra a vida dos cidadãos benemeritos e pelo menos contra a integridade de nossas pessoas. Uma indiscreta compaixão embotou os fios das leis e deu azo a novas desordens. Em clubs e conventiculos secretos tramavam nova conjuração; quasi estive a ponto de ser victima da *paixão* digo traição, como muitos avisos me persuadiram: zombei ao principio, mas depois lembrou-me do triste acontecimento de 14 deste mez. Já que a nada se providenciava, arroguei a mim a prisão dos cabeças da conjuração; e por ultimo vi com horror os abysmos a que se pretendia arrojar a esta provincia inteira. O veneno subtil e mortal se espalhava dentro de pillulas doiradas; com expressões pomposas, rasgos brilhantes e com meios capciosos, procuraram illudir a minha ingenuidade e a singeleza dos povos. O presidente, depois de haver tomado posse do governo das mãos da camara, e do governo faccioso e illegal, no meio da tropa em tumulto nas trevas da noite, não duvidou negar esta fraqueza no officio que me dirigiu a 15 d'este mez. Este procedimento é muito feio e persuasivo da falta absoluta, não

sei de que! Espalhou duas proclamações, cujos fins eram sómente resplandecer o abominavel despotismo, e, chegando ao crime do mais abatido servilismo, avançou a esta escandalosa proposição: *O Imperador é a fonte de todo o poder.*— Com effeito, creio que nenhum brasileiro se arrojaria a tanta baixeza!!!

O Imperador mesmo conhece que a soberania reside no povo. E, se elle fallou no poder executivo, quem foi que conferiu este poder ao Imperador, senão a mesma nação? Não era este só o meio de que se valeu para nos lançar os ferros da escravidão? Atiladamente disseminando a discordia e desconfiança, chamava aos intrepidos defensores dos nossos direitos inimigos internos; porque temia que os cidadãos liberaes se haviam de oppôr ao novo systema, pelo qual se encadeavam as correntes para nos prender a todos nas masmorras da escravidão. Obedecemos, veneramos e cordialmente amamos a Sua Magestade Imperial C. e L., como primeiro chefe do Brasil; mas nós exigimos uma constituição liberal como nos prometteu, afiançou e muitas vezes tem jurado dar-nos. Eis porque nos chama inimigos industriosos, pondo-nos de má fé para com o povo, facil de seduzir e acostumado a obedecer. Ainda Sua Magestade Imperial C. não mandou jurar o projecto de constituição, e havendo cousas mais serias da obrigação do sr. presidente, elle não se esqueceu de remettel-o para esta camara fazel-o, ja se sabe, jurar por dez ou doze europeus ou brasileiros escravos. Esperando-se breve invasão de Portugal, e devendo nós rebatel-a com força reunida e em taes apertos lembrou-se o snr. presidente de convocar um conselho, no qual propoz si mandasse presidiar as fronteiras contra Pernambuco, negando-se-lhe todo o soccorro. Que fomento de guerra civil nestes tempos desgraçados! Que deshumanidade de um brasileiro? Que nos importam os negocios politicos de Pernambuco? Que mal nos fez? Qual é o seu crime? Não acceitar um

tyranno, nomeado presidente pelo Imperador? Aborrecer um despota, que acabava de exercitar um sceptro de ferro e de roubar com escandalosos subornos contra a liberdade da mesma sua patria? Haviamos reduzir a fome os nossos irmãos, os nossos visinhos, donde hoje vem todo o principal commercio? E' por ventura esta a união tão recommendada nas proclamações de S. Ex.? Ellas são panegyricos de S. Magestade Imperial C. e introducções do snr. presidente no governo. Não sei porque fatalidade S. Ex. ainda não disse — *Viva a Nação Brasileira!* — Que total abandono? São estes os grandes bens que nos traz o Ex.mo snr. presidente? Finalmente, no curto espaço de treze dias o snr. presidente tem se feito suspeito e mesmo execravel aos povos. Os povos requerem a sua demissão, desgostosos dos principios de tal governo e eu fui obrigado a annuir ás suas requisições. Nestes termos torna-se necessario installar um governo, segundo as leis ou lançando-se mão das votações já reunidas de algumas das camaras interinamente, até que cheguem as demais da provincia ou como melhor conviér ao estado actual das cousas. São estes os puros sentimentos de um homem que sempre se tem dirigido nos negocios de sua patria sem outras vistas mais do que defender o seu direito sagrado, em abono dos quaes protesta derramar até a ultima gotta de sangue. Cidade do Ceará, 29 de Abril de 1824, 3.º da Independencia e do Imperio. José Pereira Filgueiras. E consultando toda a assembléa sobre os quesitos do seu manifesto, propoz-se que se mandasse ao Ex.mo presidente nomeado por Sua Magestade Imperial C. L. uma deputação para elle responder sobre os mesmos quesitos e foram nomeados para a mesma deputação o Rev. vigario Antonio José Moreira, o tenente-coronel Tristão *de Alencar* digo Gonçalves de Alencar Araripe, o capitão ajudante José Ferreira Lima, o advogado Miguel Antonio da Rocha Lima, o capitão Francisco José Pacheco de Medeiros, o tenente-coronel

José Ferreira de Azevedo e o sargento-mor Francisco Ferreira de Souza, os quaes dirigindo-se a sala do governo e sendo recebidos pelo mesmo Ex.mo presidente, propoz o Rev. vigario Antonio José Moreira, como presidente da mesma deputação, que o Ex.mo governador das armas, vendo a provincia em grande convulsão e temendo males incalculaveis sobre o estado politico da mesma, se viu obrigado a chamar as armas os cidadãos da mesma e convocando-os nos paços do conselho perante a Camara desta capital, fez recitar o seu manifesto já descripto na presente acta e exigindo de todos a sua espontanea deliberação, todos unanimemente responderam que convinha que o actual presidente nomeado por Sua Magestade Imperial C. L. desistisse da presidencia do governo, para evitar convulsões politicas e tranquillisar os povos, que a vista de seu governo, no curto espaço de 13 dias, mostrava querer escravisar a provincia, sujeitando-a ao antigo absolutismo, motivo de todo o movimento. E logo dito Ex.mo snr. respondeu que estava prompto a demittir-se do governo, comtanto que se lhe escrevesse o seu protesto. Avista, pois, desta resposta se concordou que se tratasse de nomear um presidente temporario para succeder aquelle, até que se reuna a votação dos collegios da provincia, já ha muito mandado proceder para conselheiros, que, o que tiver maioria de votos servirá de presidente na conformidade da lei. E procedendo-se com effeito a votos por todos os que se achavam na dita assembléa, sahio eleito o tenente-coronel Tristão Gonçalves de Alencar Araripe com 88 votos que se julgou pluralidade o que feito compareceu o Ex.mo presidente demittido e apresentou o seu protesto e demissão por escripto, requisitando se mandasse inserir na presente acta, dando-se-lhe as copias necessarias, o qual é do theor e forma seguinte: (segue o protesto sem importancia e assignado pelo Presidente da Provincia Pedro José da Costa Barros, nomeado por dec. de 20 de Outubro de 1823). E nesta forma

houveram a sobredita Camara e assembléa esta sessão por finda e acabada, do que para constar mandaram lavrar a presente acta em que todos assignaram. E eu João Lopes de Abreu Lage, escrivão do senado da Camara o escrevi. Pedro José da Costa Barros, Joaquim Antunes de Oliveira, Francisco Felix Bezerra de Albuquerque, Manoel Pereira Vianna, José Antonio Machado, José Pereira Filgueiras. Com assignaturas da assembléa. O Escrivão da camara João Lopes de Abreu Lage.

COPIA

SESSÃO EXTRAORDINARIA DO GRANDE CONSELHO PROVINCIAL

Aos 26 dias do mez de Agosto de 1824, 3.º da Independencia e 1.º da liberdade do Brasil e confederação das provincias unidas do Equador, nesta cidade da Fortaleza, capital do Ceará, na sala do governo onde se achavam o Exmo. sr. Presidente do governo da provincia, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, os vogaes do conselho, o Exmo. sr. Governador das armas, os srs. ouvidores das duas comarcas, o senado da camara desta cidade e das villas do Aquiraz e Mecejana, com os procuradores das demais camaras da provincia, presentes os Revs. parochos das freguezias e na sua falta os seus procuradores, os chefes dos corpos militares de 1.ª, 2.ª e 3.ª linha ou seus procuradores, os eleitores de parochia e no seu impedimento supplentes em maioria de votos, o clero, muitos officiaes militares, homens bons e povo, abaixo assignados, com a competente nota de seus postos e graduações e sendo ahi em voz alta e intelligivel, propoz o Exmo. sr. presidente: Que a vista dos perjurios de D. Pedro, princepe de Portugal (chamado Imperador do Brasil) estava roto nosso pacto social, tantas vezes assegurado por elle e outras tantas violado publicamente a face das nações, em affronta daquelles mesmos

povos, dos quaes elle de motu proprio havia tomado o titulo de defensor perpetuo, não lhes tendo sido até agora se não um oppressor encarniçado, não respeitando os fóros da liberdade do Brasil, quando despoticamente, e a força de armas, aboliu a assembléa geral constituinte da nação inteira, prendendo, degradando, ainda para reinos extrangeiros e despedindo com ignominia os seus representantes, arrogando a si o direito absoluto de legislar e constituir por si, como se viu do infame projecto de constituição, que não só deu, mas tambem mandou arbitrariamente jurar por todas as camaras das provincias do Brasil, reputando-nos escravos ou propriedade sua, contra as suas promessas e juramentos.—Que além de todos estes motivos do mais descarado despotismo, accresciam mil traições visivelmente apparecidas nos seus decretos, alvarás, avisos, manifestos e proclamações com que pretendia sujeitar-nos novamente ao dominio portuguez, não cumprindo assim as condições essenciaes pelas quaes havia subido ao throno. Attentas, pois, tantas circumstancias de justo resentimento do povos, (concluiu o sr. presidente) que a patria estava em perigo e era necessario salval-a do captiveiro apezar de todos os sacrificios da parte de seus filhos, pelo que o conselho deliberasse, lançando mão dos meios os mais promptos e energicos e mais plausiveis da sua segurança; e assim apresentou o sr. presidente um plano de nova forma de governo, para ser discutido livremente com immunidade de pessoa e de opiniões, de ser ou não approvado pelo congresso. E com effeito foram lidos doze artigos e a leitura de cada um delles resoavam de todas as salas cheias de gente apinhoada vivas acclamações de — *apoiado* —, e um prazer geral se divisou no semblante de todo o congresso, dando-se uns a outros os parabens da sua mutua felicidade. Logo que foi approvado geralmente o plano offerecido, propoz o sr. presidente que o grande conselho elegesse presidente e secretario para assistirem as suas sessões na discussão da materia sem coacção

dos votantes; mas o congresso uniformemente elegeu o mesmo snr. presidente Tristão Gonçalves de Alencar Araripe para presidente e para secretario do grande conselho o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó. Desceu o sr. presidente desarmado, assim como tinha assistido ao acto, com o sr. governador das armas e grande parte da assembléa, para os quarteis da tropa de 1.ª linha, onde igualmente se achou o senado da Camara desta cidade, com o novo estandarte da liberdade, já de antemão preparado, e depois voltando todos dirigiram-se com o sr. presidente no centro da tropa, trazendo arvorado um estandarte igual ao da Camara, para a igreja, a render acções de graça ao Soberano Auctor da nossa felicidade e ahi benzeram-se as bandeiras *e o sr. presidente* digo e o sr. governador das armas foi pessoalmente entregar uma ao corpo de tropa reunida. No fim de um elegante discurso oratorio e patriotico, recitado pelo Rev. vigario da villa de Arronches, cantou-se um solemne *Te Deum* — ficando adiado para hoje o juramento dos Santos Evangelhos *voluntaria e solemnemente*, digo Evangelhos, cujo theor é o seguinte: «Eu F. juro aos Santos Evangelhos voluntaria e solemnemente defender e guardar a religião catholica e apostolica romana. Juro dar a ultima gotta de sangue para manter e ser fiel a confederação do Equador, que é a união das quatro provincias ao norte do cabo de Santo Agostinho e as demais que para o futuro se forem unindo, debaixo da forma de governo que estabelecer a assembléa constituinte. Juro fazer crua guerra ao despotismo imperial, que pretende usurpar os nossos direitos, escravisar-nos e obrigar-nos a fazer a união do Brasil com Portugal, a qual jamais admittiremos por nenhum titulo que seja. Juro emfim fazer guerra eterna a todo o despotismo, que se oppuzer á liberdade de nossa patria e igualmente juro obediencia ao governo Supremo Salvador. Assim Deus me ajude.» E reunidos todos novamente na sala do governo, com effeito prestaram o juramento na forma

acima dita em o livro dos Santos Evangelhos, apresentado pelo sr. presidente o qual o recebeu e prestou primeiro que todos das mãos do primeiro conselheiro do governo, o Exm. sr. Joaquim de Paula Galvão. E de tudo para constar mandou o Exm. sr. presidente lavrar a presente acta, auctorisando para o fazer no impedimento do secretario do governo, o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, na qual todos assignaram com a competente nota. — Palacio do governo, em grande conselho provincial, aos 27 dias do mez de Agosto de 1824, 3.º da Independencia e primeiro da liberdade e confederação do Equador. Eu Francisco de Paula Andrade, segundo official da secretaria do governo, a escrevi. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente; o coadjuctor Joaquim de Paula Galvão, conselheiro; o Coronel José Feliz de Azevedo Sá, conselheiro; o vigario Antonio José Moreira, conselheiro; o coronel José Ignacio Gomes Parente, conselheiro; o governador das armas José Pereira Filgueiras; Francisco Miguel Pereira Ibiapina, escrivão deputado; Miguel Antonio da Rocha Lima, ouvidor interino da Comarca do Ceará; Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, secretario do governo; Bernardino Lopes de Sena, ouvidor do Crato; José da Costa Barros Jaguaribe, vigario de Monte-Mor Velho; Padre Joés Martiniano de Alencar, procurador da villa do Crato; Frei Alexandre da Purificação, por si e como procurador do parocho da villa da Granja; dr. Vicente Domingos Saporiti, physico da provincia; Francisco José de Salles Jerobeba, director da typographia nacional; capitão João Franklin de Lima, eleitor. (Contem 452 assignaturas afora as corporações e cidadãos representados por procurador.)

Nota. — Não transcrevemos as outras assignaturas por ser muito longo o trabalho.

Na reunião do Collegio Eleitoral para eleição dos deputados que deviam compôr o Supremo Conselho Salvador — foram eleitos — (28 de Agosto de 1824) deputados :

Padre José Martiniano de Alencar ..... 355 votos
Vigario Manoel Pacheco Pimentel ..... 279 »
Luiz Pedro de Mello e Cezar ..... 236 »
Padre José da Costa Barros Jaguaribe .... 220 »
Ten. Col. Francisco Miguel Pereira Ibiapina 158 »
Marianno Gomes da Silva ..... 154 »
Vigario Antonio José Moreira ..... 126 »
Ten. Col. João da Costa Alecrim ..... 108 »

Estes foram os deputados que deviam vir a Pernambuco, formar o Supremo Governo Salvador. Os poderes concedidos aos deputados eram os seguintes : O collegio eleitoral da provincia do Ceará autorisa aos seus deputados das provincias confederadas formarem em Pernambuco o Supremo Governo Salvador, gozando nelle de todos os poderes de legislatura, decretando tudo, quanto for a bem das provincias confederadas e até jurando e adoptando (se julgarem necessario) provisoriamente uma constituição, que sirva de base ao governo das provincias confederadas, debaixo tão sómente da unica clausula de sempre manterem a religião catholica romana e o systema *de governo democratico confederativo novamente adoptado* ».

Este chefe não podendo se conformar com as deserções dos batalhões commandados pelo chamado General das Almas, e por Bizarro, retirou-se para o Aracaty, onde contava por em marcha um numeroso exercito para dominar a Capital, e rehaver os fracos que a abandonaram.

Lorde Cockrane sabendo das deserções nos batalhões de Tristão Gonçalves, publicou um manifesto dando geral amnistia aos que, sendo chefes insurgentes ou não, deixassem as armas e promettendo dinheiro aos indios que abandonassem Tristão Gonçalves. Tristão Gonçalves vendo o perigo porque passava, não esteve entretanto por esta intimação e

preferio ir luctar pela republica que o acclamara presidente, a ceder a uma intimação humilhante, como se afigurasse a este spartano de puro sangue.

Uma vez que o presidente da nova republica fora organisar forças para combater o governo que Cockrane instalava em nome do Imperador, o almirante publicou uma proclamação na qual punha á premio a cabeça do heroe Cearense!

Realmente a proclamação como o proprio Cockrane confessa a pag. 185 de suas narrativas : «Tenho o fim de dar uma recompensa sufficiente para indemnisar os indios que antes haviam sido sustentadores de Tristão Gonçalves Araripe, a se voltarem contra este para o aprehenderem, resultando desta ordem vir a ser morto com todos os seus sequazes.»

A evolução das idéas e dos costumes que tudo amenisa e aproxima na sua marcha incessante para a perfectibilidade humana, veio fazer com que mais tarde os herdeiros dos nomes que se excluiam, se unissem (1) e que o chronista que escreve estas linhas, que tambem tem nas veias o sangue do heroe, não tenha escrupulos em se referir ao nome Cockrane senão para reconhecer que este almirante foi uma victima da sorte que o atirou do velho mundo ao Brasil onde elle perdeu a unica opportunidade que tivera de ser verdadeiramente um heroe, e não um mero agente ganhador ao serviço do Imperador, que como elle confessa na exposição que vem no seu livro, «era o primeiro a querer desmoralisal-o, dando busca no seu navio, e botando-o como um ganhador ordinario.»

Convem aqui para esclarecimento da historia, pois que

(1) José de Alencar, o grande escriptor brasileiro, filho do senador Alencar que era irmão de Tristão Gonçalves Araripe, casou-se com D. Georgiana Cockrane, neta do Almirante Cockrane.

não temos visto em documento algum o facto seguinte que fomos conhecer sómente agora em nossa segunda viagem a Europa, e é o seguinte:

Lord Cockrane quando os inglezes combatiam contra Napoleão, foi o almirante em chefe da armada.

Aconteceu que elle levava a bordo um agente de negocios, e na Inglaterra como na França houve uma verdadeira febre de fazer fortuna no jogo da bolsa, de modo que, não se sabe como poude se metter a bordo de um navio de guerra, um agente de negocios.

Como os titulos da Inglaterra e de França constituiam a base das fortunas dos que jogavam na baixa, o agente fez chegar a noticia da victoria contra Napoleão alguns dias antes della realmente se ter alcançado.

Os jogadores que compravam os titulos inglezes naquelle tempo, chegados ao baixo preço de 15 francos, titulos do valor nominal de cem francos, ficaram milionarios.

Quando se soube do modo empregado para este escandaloso fim, o governo inglez não só fez com que Lord Cockrane fosse desterrado, como que perdesse o lugar de Lord.

Esta lei de excepção posta em pratica, foi mais tarde revogada quando por proposta de um lord inglez se fez justiça, depois da morte do almirante inglez.

Reabilitada a sua memoria e empossado o filho na herança a que têm direito os filhos mais velhos dos Lords inglezes, parece que não era isso um motivo para que o Lord que depois foi Marquez do Maranhão, não contasse elle mesmo as razões pelas quaes veio para o Chile e para o Brasil. Para reclamar dinheiro, publicou tão longa narrativa, mas para se rehabilitar, nada disse.

Apreciando as cousas que originaram as idéas republiblicanas no Brasil não era possivel esquecer o nome daquelle

que mais mal fizera a ellas, e que podia ter tomado a si a causa da Republica do Equador, vindo assim a fundar no Brasil uma gloriosa conquista de paz e liberdade que immortalisaria o seu nome, em vez de se ter feito um instrumento do Imperador e um reclamante de dinheiro, factos estes que tiraram de sua pessoa, não só a tradição dos seus feitos, como a idéa que o animava.

Para se vêr o esforço patriotico empregado por Tristão Gonçalves é preciso conhecer o terreno pisado por elle na lucta titanica que teve.

Este intrepido republicano foi um verdadeiro spartano, fez com poucas tropas em caminhos longiquos, marchas admiraveis, carregando peças de artilheria, as primeiras que transitaram nas estradas do Ceará, Piauhy e Parahyba.

Tendo mandado para Pernambuco Luiz Rodrigues Chaves afim de auxiliar as forças rebeldes, este seu emissario a frente dos indios foi peitado por Cockrane, e Tristão Gonçalves apenas soube disso partio com pouca gente, levando duas peças de artilheria, para ir se juntar a outras forças no Aracaty.

Chegando lá teve que se enfrentar com o seu infiel agente trahidor, feito chefe dos imperialistas! Chegando do lado esquerdo do Rio Jaguaribe que tem sua foz na Cidade do Aracaty, Tristão Gonçalves fez fogo sobre a cidade que se tinha rendido aos inimigos, e como o rio é muito largo, e Chaves havia mandado retirar todas as embarcações, não foi possivel ao heroe Cearense chegar immediatamente a cidade, onde os echos das balas da artilheria não produziram menor emoção nas consciencias dos patriotas Aracatyenses, que sentiram-se animados, vendo de novo perto de si o chefe querido. Chaves fugio vergonhosamente e Tristão Gonçalves fazendo passar a nado muita gente comsigo, toma a cidade do Aracaty! Este feito só, merece uma epopeia.

Tristão fez da Caza de Pamplona que era a mais importante, o seu quartel general, aprisionou um navio que estava consignado a esta caza, e mandando uma escolta commandada pelo capitão Tamanduá, a bordo do *Lexfort* (tal era o nome do navio inglez) este commandante forçou e abriu as escotilhas, tomou o dinheiro e os valores ahi depositados, não obstante o protesto do capitão do navio e veio entregar a Tristão oito contos de reis que achara.

Tristão exultando de contentamento, porque estava exhausto de recursos para manter as tropas, declarou ao seu exercito: «Com este dinheiro me queriam guerrear, com elle farei a sua guerra.»

Nó dia 20 de Outubro seguiu o presidente da Republica do Equador para o centro, porque passara pelo desgosto de saber da restauração de Pernambuco, e da chegada de Cokrane ao Ceará intervindo do modo porque já expressámos, para o matar.

O desanimo produzido nas fileiras do seu exercito foi indiscriptivel. O medo de uns, o desanimo de outros fez com que seus amigos augmentassem até o numero dos navios de Cockrane: dizia-se que se tinham avistado immensa frota do almirante em direcção ao Aracaty.

As noticias más são sempre de contagio perigoso e sabe-se quanto a imaginação nas occasiões de perigo serve como se fosse um vidro de augmento. Só Tristão não se acovardava, reagia animando os soldados, dando ordens e reunindo o conselho dos officiaes. Cada qual se mostrava mais firme, mas no dia seguinte, os que mais dedicação apregoavam, eram os que tinham covardemente desertado!

Combinado a retirada para o Cariry onde o chefe Filgueira defendia a republica na zona limitrophe do Piauhy e a Parahyba do Norte, Tristão poz-se em marcha, mas os acontecimentos que se passaram em Recife e na capital do Ceará

então em poder das forças imperialistas, apertavam cada dia o circulo das operações. Sendo perseguido por tropas que arrebanhavam os transfugas elle teve que luctar corpo a corpo e morrer como um bravo no dia 31 de Outubro de 1824, em Santa Rosa, lugarejo de sua terra natal. (1) Foi ao alvorecer d'este dia que sendo alcançado pelas tropas de Lord Cockrane, foi morto, sendo feito prisioneiro os seus poucos fieis companheiros.

O coronel Bezerra, outro bravo repulicano que defendia a zona que estava comprehendida entre Baturité e Sobral, foi preso no lugar chamado—Itães.

O Dr. Teberge, em uma nota que enviou ao Instituto Historico do Brasil diz que Tristão foi abandonado do proprio irmão o padre Alencar, e faz justiça ao caracter d'este martyr das idéas republicanas nestes termos: «Tristão teve á sua disposição os meios de fugir. Preferiu ficar com os seus camaradas. Foi um bello caracter, um homem de convicções, e sem duvida o que fez o mais interessante papel nesta malfadada republica. Estou que se elle não morresse, tinha que representar papel importante, porque tinha vontade forte, audacia, valor e firme convicção. O bravo Filgueiras teve a mesma sorte do seu leal chefe.

O velho padre Alencar foi mais feliz, pôde sobreviver a estas luctas e vir a ser senador, lugar onde prestou bons serviços ao paiz.

Agora copiamos algumas das observações do diario a que nos referimos :

29 de Maio de 1823

« Lê-se cartas do tenente coronel, José Bezerra de Menezes, participando que vinham tropas do Piauhy, mar-

(1) Ha uma coincidencia que reputamos notavel, é aquella que fez com que Tristão Gonçalves na sua proclamação allegasse que ia fazer a Republica do Equador por causa de ter sido dissolvida a Constituinte. Seu filho, o illustre conselheiro Araripe, foi que assignou o decreto de Deodoro, dissolvendo a outra Constituinte.

chando sobre Cratins, e que era urgente soccorro, porque as tropas que tinham vindo do Gunhamuns haviam sido derrotadas,»

28 Outubro 1823

Declarou-se que fora estabelecido um governo republicano no Icó promovido pelo sargento-mór Joaquim Fernando de Moura.»

18 Janeiro 1824

« E' neste dia que se recebe noticia da dissolucção da Constituinte sendo Tristão Gonçalves quem mandou a noticia.»

« Felicitou-se a Tristão por sua chegada a Icó.»

« Recebeu-se participação da Camara de Quixeramobim analysando a conducta de Pedro I, e nesta participação se declara o imperador e sua raça decahidas pela sua trahição, e declarando que Filgueiras deve tomar o commando das tropas.

Torna-se urgente organisar um Governo republicano estavel e liberal, que defenda os seus direitos com exclusão de qualquer familia.

Participa-se que a Camara nomeou um governo interino, tendo para chefe o capitão-mór José dos Santos Lima. »

19 de Agosto 1824

« Passou armamento para o Caryry. »

12 Setembro 1824

« Prepara-se a casa para receber o chefe republicano Tristão Gonçalves.»

23 Setembro

« Filgueira achava-se no Icó. E' marcado o dia 1.º de Outubro para ser proclamada a *Republica do Equador*».

1.º Outubro 1824

« Foi lida, approvada, lançada e jurada na Camara, com assistencia do povo, a acta da sessão do grande conselho da Fortaleza. »

Idem

« Foi lida na Camara a portaria do presidente da republica decretando um emprestimo forçado para suprimento da expedição de Pernambuco. Tocou ao Icó a parcella de 20 contos que o Ouvidor foi encarregado de cobrar, dando aos contribuintes as cautellas precisas para que taes quantias fossem pagas com juros quando houvesse dinheiro nos cofres. »

8 Novembro 1824

« Recebe-se participação da morte de Tristão Gonçalves, acontecida na manhã de 31 de Outubro em Santa Roza. » (1)

(1) Sendo descendente proximo deste grande patriota, talvez nossas considerações possam ser tomadas como filhas da doce satisfação de ter a familia tão illustre chefe republicano. Por esta razão nos limitamos a fazer as nossas referencias acompanhadas todas de documentos.

Lastimamos que outros não tenham escripto a biographia deste vulto que apparece com mais direito do que tantos outros a consagração da immortalidade. Quizeram que o illustrado Cons. Araripe fosse o autor da biographia do seu illustre progenitor, e como chronista, tenho nobre satisfação em fazer estas ligeiras referencias, por que minha Santa Mãe nasceu no theatro desta revolução, achando-se minha avó foragida, no Crato, nascendo minha mãe em uma casinha sobre um girau tosco.

PARTE VIII

Republica de Piratinim

Ao mesmo tempo que se espalhava no norte do Brasil o pensamento de autonomia e Republica, o Rio Grande do Sul, influenciado pela visinhança das Republicas do Prata, tornava uma realidade a idéa, proclamando a Republica de Piratinim.

O esforço e a prolongada lucta dos heroes Rio Grandenses, sustentados durante um decennio, constituem a pagina gloriosa da dedicação e das convicções populares.

Iniciada em 1835 em Porto Alegre, teve a revolução rapida generalisação em toda a provincia, tomando ao principio a fórma de uma sedição que bafejada pelo povo e abraçada pelos homens ricos, poude dominar o territorio florescente do Rio Grande do Sul, sendo proclamada em 1836 a Republica.

Em 1842 foi eleita a primeira assembléa da Republica. O desaccôrdo entre os deputados constituintes, reunidos quando ainda dominava a lucta e o Imperio não cessava de enviar fortes contingentes para debellar os seus inimigos, não permittiu que os actos desta assembléa fossem reduzidos a leis, impressas e sanccionadas.

Querendo apressar a organisação de um corpo social ainda embrionario, e medindo o valor dos homens pelo esforço titanico de tantas glorias adquiridas contra a Monarchia, os patriotas Rio Grandenses, attestaram valor, mas não conhecimento das leis sociologicas que guiam os corpos constituidos.

Logo que explodio a revolução, o presidente da provincia o dr. Fernandes Braga, fugiu, deixando abandonado o governo que cahiu logo em poder dos revoltosos que durante quasi déz annos dispuzeram da maior parte do territorio do Rio Grande do Sul, até que se findou a guerra no acampamento da Carolina, em Ponche Verde, a 28 de Fevereiro de 1845 rendendo-se as forças rebeldes ao general Barão de Caxias. O distincto escriptor dr. Tristão de Alencar Araripe em seu trabalho sobre a guerra civil do Rio Grande do Sul, não liga a este movimento o caracter que os Rio Grandenses e os Republicanos sempre lhe deram, isso é, de uma das mais energicas tentativas para a implantação da Republica no Brasil.

Mas quando se pensa na desproporção das forças organisadas por cidadãos patriotas contra um governo que tinha a seu lado todas as outras provincias do Brasil, não se pode deixar de reconhecer que tratou-se d'um plano organisado, para com o sacrificio da propria vida cada um de seus guias levar de vencida até alcançar a fórma republicana. Que mais digna pode ser a attitude destes bravos!

O nome que os monarchistas deram a Republica de Piratinim foi « revolução dos farrapos, » mas hoje que nós vivemos no feliz regimen da Republica, e que os militares apressando o advento das idéas republicanas deram tambem o seu predominio nos primeiros annos da organisação republicana do Brasil, o procedimento dos Rio-Grandenses está justificado, e o nome não pode mais ser tido como uma satira, mas sim como uma roupagem que traduz bem o martyrio e a dedicação dos patriotas.

O governo revolucionario tratou de nomear ministros, e estes praticavam todos os seus actos dictatoriaes, cercados do rigor que o periodo revolucionario exigia.

E' certo que sem processo algum, Onofre Pinto foi morto por Bento Gonçalves. José Pedroso, ministro do Go-

verno revoltoso, em novembro de 1842, mandou matar sem julgamento varios inimigos.

E, certo que se fez o confisco dos bens destes inimigos, por simples actos emanados do ministro em seus decretos.

Entretanto, na revolta que acaba de ser dominada pelo marechal Floriano, com o apoio do exercito e do povo dos Estados do Rio, S. Paulo e Minas, quem é que ignora que o Barão do Serro Azul e o Barão do Batovi tiveram a mesma sorte, e que quando se apurou a legalidade dos actos do governo o Congresso os achou dignos da situação que atravessava o paiz !

O digno doutor Alencar Araripe, conhecendo bem que a republica era o ideal destes revoltosos, não poude deixar de lhes fazer a justiça, dizendo á pag. 121 da Revista do Instituto Historico de 1880:

« As idéas republicanas estavam disseminadas na provincia e a propaganda della era acoroçoada pelos homens politicos das republicas vizinhas, que sonhavam com o levantamento da provincia e sua união a ella »

A propaganda dos patriotas de 1835 produziu um partido que se intitulava federalista, tendo por bandeira a proclamação da Republica no Brazil, sob a fórma federativa. Cada provincia formaria um Estado independente, e todos unidos pelo vinculo da federação constituiriam um só corpo social.

No intuito de propagar e fortalecer as ideias federativas no Rio Grande do Sul, esse partido organisou sociedades secretas sob o nome e apparencia de maçonaria, e ahi, com applausos, se discutiam as reformas projectadas e invectivavam-se, como verdadeiras offensas e reaes attentados contra o direito da provincia, os actos do governo geral, embora justos e razoaveis. »

Ora, é evidente que se este era o pensar dominante, o coronel Bento Gonçalves, que era um chefe tão popular, como foi mais tarde o legendario Ozorio, estava no seu direito de fazer a republica tal como a queriam os patriotas, e por isso não admira que em breve todos os municipios principiassem a adherir ao chefe querido, com excepção das villas do Rio Grande, S. José do Norte e Pelotas.

Procedeu-se á eleição, sendo eleitos presidente da Republica do Piratinim o coronel Bento Gonçalves da Silva e vice-presidentes Paulo Antonio de Fontoura, o coronel José Mariano de Mattos, coronel Domingos José de Almeida e Ignacio José de Oliveira Gomes.

Tendo Bento Gonçalves sido derrotado e preso na batalha de Fanfa, procedeu-se a nova eleição, sendo eleito e empossado o novo presidente, cidadão João Gomes, que organisou a Republica, creando para ella as mesmas leis do Imperio, as quaes deviam reger o seu governo.

Entre os mais importantes figurava o decreto de 6 de Novembro de 1836, estabelecendo o ministerio.

Para o interior foi nomeado o cidadão Domingos José de Almeida.

Para a Justiça — José Pinheiro de Ulhoa Cintra.

Para a guerra — o coronel José Mariano de Mattos.

Antonio Netto, David Canabarro e João Antonio foram nomeados Generaes da Republica.

A nova Republica decretou leis liberrimas e a nacionalisação dos estrangeiros.

Na propria sede do Governo imperial do Brasil havia republicanos. O exercito os tinha entre os mais sinceros.

Era no exercito que estavam os mais habeis generaes, e tanto entre os mortos como entre os que ainda vivem, nos seus corações sempre pulsou a liberdade da patria.

Presos Bento Gonçalves na fortaleza da Bahia e Onofre Pires na fortaleza de Santa Cruz no Rio, ambos conseguiram

fugir e foram para o Rio Grande do Sul fazer nova proclamação republicana. Bento Gonçalves fugiu da prisão em 1.º de Setembro de 1837, e Onofre Pires fizera o mesmo em 1.º de Março de 1837, levando em sua companhia Affonso Côrte Real. O facto da fuga prova quantos auxiliares tinham no proprio exercito.

Em 29 de Dezembro da Villa do Triumpho Bento Gonçalves fáz nova proclamação e nomeia seus generaes Antonio Netto, David Canabarro, João Antonio, Domingos Crescencio, Onofre Pires e Bento Manoel. Para honra das idéas republicanas é preciso reconhecer que foi no Rio Grande do Sul que se fundou a primeira imprensa republicana, orgam da republica de Piratinim. Chamava-se *Povo* o novo orgam democratico e appareceu em 1.º de Setembro de 1838.

Este jornal foi perseguido depois, mas appareceu ainda com os nomes de *Americano* em 1842 em Porto Alegre, e em 1843 com o nome de *Estrella do Sul.*

Os nomes não precisam de commentarios para indicar o fim patriotico dos propulsores da liberdade em o Sul do Brasil.

Uma das maiores vergonhas do Imperio foi sempre apoiar-se na escravidão dos infelizes negros. A republica, porém, queria a liberdade.

Vendo que os escravos faziam e apoiavam os revoltosos decretou o Governo Imperial que os escravos, que fossem apanhados com as armas na mão, soffressem o castigo de 800 a 1000 açoutes, para depois serem entregues aos seus senhores!!! (1)

Para se comparar o caracter dos homens dos dois lados da disputa, o governo legal da monarchia decretando esta

(1)Confessamos o pezar que nos invade a alma por ter só agora descoberto esta vergonha de modo que no tempo de nossa propaganda á favor da abolição, não podessemos usar deste argumento, que felizmente aproveitamos ainda para apostrophar os que tão miseravelmente opprimiam os escravos.

vergonhosa e infame medida, e os republicanos resistindo a ella, publicamos a resposta a este decreto assignado pelo presidente da republica do Piratinim:

«—Em virtude do decreto que inflinge castigo aos escravos que defendem sua liberdade e a da republica, ordeno que sejam punidos passando pelas armas tantos officiaes legalistas, quantos forem os soldados da Republica outr'ora escravos surrados pelas forças imperiaes.» (Vid. Hist. do Rio Grande do Sul, por Araripe.)

Só este acto merece uma epopeia que ainda esperamos ver escripta, antes de nossa morte!

Considere-se que heróes eram estes que assim obrigaram a uma nação inteira, a conhecer o que é a liberdade, quando ella tinha por si homens como Bento Gonçalves Bento Manoel e Garibaldi, que por si só foi a alma da marinha da nova Republica, e como unicos navios elle tinha lanchões!

Dir-se-ia que para se ver implantar no Brasil a Republica, qual novo Guilherme Tell o legendario heróe dos Suissos, Garibaldi, tambem sahindo d'uma lancha, foi para a terra dominar a tyrannia dos que queriam esmagar os homens livres.

Entretanto este homem que a Italia venera teve de ser um dos operarios das idéas Republicanas no Brasil e se estivesse mais moço e não houvesse sido surprehendido pela morte, não se teria limitado a fazer a união da Italia, elle a deixaria unida e Republicana como ella ainda terá de vir a ser, mas só quando o Papa identificado com o povo italiano puder ser o chefe dos republicanos e tambem o presidente da Republica Italiana. Este bello ideal está mais perto de nós do que se pensa.

As grandes reformas sociaes tem por executores muitas vezes aquelles que eram antes os representantes do partido contrario a ellas.

Este facto está evidente em toda a historia, desde o tempo da grandeza dos Romanos.

Imitando o exemplo glorioso de Garibaldi, que auxiliado por João Gabarrone depois de haver recebido do commandante em chefe João Manoel de Lima carta de corso em 14 de Novembro de 1836, havia tomado uma embarcação brasileira, que ficou fazendo parte desta esquadra singular e heroica, o valente general David Canabarro a frente de 150 soldados espartanos marchou para Laguna, afim de conquistar este porto para a Republica do Piratinim que, dominando as lagôas dos Patos, a Lagôa-mirim, o Rio São Gonçalo, os rios Cohy, Taquary e Jucuhy, tinha um verdadeiro mar interior, com 150 leguas navegaveis mas sem meios de fazer com que os navios podessem livremente ahi entrar. Era o porto do salvamento da Republica.

Ao chegarem em Laguna, os heróes republicanos não tardaram em proclamar a Republica tambem na provincia de Santa Catharina; o commandante Vicente Villas-Boas, fugiu espavorido e o combate foi uma victoria para os republicanos que fizeram 77 prisioneiros, muitas mortes, e tomaram 4 escunas de guerra, 14 embarcações mercantes, 463 armas de infanteria, 16 boccas de fogo, 36.620 cartuchos emballados e muitas munições de guerra.

Proclamada a Republica neste rico territorio do Brasil, só comparavel ao sul da Europa no clima e producções, David Canabarro, reunido o conselho da Camara, officiou as outras municipalidades. Foi depois acclamado presidente da Republica o cidadão Vicente Ferreira dos Santos Cardoso.

Organisou-se ministerio composto de João Antonio de Oliveira Tavares e Antonio Claudino de Souza Medeiros.

José Garibaldi foi nomeado commandante da armada, augmentada com os navios tomados por sua bravura.

Só a idéa republicana poderia ter força para armar e dar victorias tão assignaladas com tão minguados recursos.

Para se avaliar o heroismo dos combatentes da armada republicana ao mando de Garibaldi, é preciso não esquecer que o Governo imperial mandou 13 navios de guerra, e o general Andréa, que foi nomeado presidente de Santa Catharina, tinha um exercito ás suas ordens de mais de 9.000 homens.

Pois bem: os navios da Republica quasi venceram no ataque, e deixaram mais de 200 mortos entre os marinheiros da armada do imperio, perdendo elles 180 homens.

Em combates destes, só a convicção e a dedicação heroica á Republica poderiam ter levado a lucta a um tal extremo.

Foi preciso que Bento Manoel trahisse a Republica para que o Governo do Imperio pudesse vencer os heróes.

A maioridade, apressada para satisfazer os desejos de paz no Rio-Grande, fez com que o governo nomeasse Alvares Machado para presidente, e as longas luctas, a escassez de recursos, a defecção de Bento Manoel, puzeram fim a uma das paginas mais gloriosas da Republica Brasileira nos dias perigosos de seu inicio na America do Sul.

O governo imperial recorreu ao Barão de Caxias que foi nomeado presidente e commandante das armas.

O combate de Ponche Verde veiu dar os ultimos golpes aos heróes que se bateram como leões por espaço de dez annos.

Não se póde imaginar a lucta desigual da Republica do Piratinim com o Imperio, sem se admirar o vulto do seu presidente Bento Gonçalves. (1)

A assembléa republicana eleita em Outubro de 1840, só pôde se reunir em Dezembro de 1842. Ahi 22 deputados attes-

---

(1) Como é que até hoje o Estado do Rio-Grande deixou de pagar a divida que tem para com este grande cidadão? e nem ao menos se votou uma verba para uma estatua, á tão valente general.

taram com sua presença a fé republicana, Bento Gonçalves leu o seu relatorio expondo as causas da demora da reunião da assembléa que havia eleito para seu presidente o padre Ildebrando de Freitas Pedroso.

Foi nomeada uma commissão para agradecer os relevantes serviços feitos a Republica do Brasil pelo seu presidente.

A Constituição da Republica Rio-Grandense não foi tão sympathica ao Brasil como o martyrio de Tiradentes, porque este morreu pela Republica do Brasil unido, grande e generoso como o fez a natureza; ao passo que os republicanos rio-grandenses queriam a separação do territorio constituindo-o em uma Republica aparte. O heroismo, porém, de tantos republicanos tem sido mal comprehendido, e os chefes politicos que tem dominado depois da proclamação da Republica de Piratinim só tem querido fazer politica, fazendo exigencias para aquella terra generosa, de modo a collocar sempre o direito da força contra a força do direito, e d'ahi vem que elles ficam fortes, mas o Estado fraco.

Cremos que será lida com interesse a carta que em seguida transcrevemos, dirigida pelo glorioso general Garibaldi a Domingos José de Almeida, ministro da malograda Republica de Piratinim, pai do actual deputado dr. Piratinino de Almeida.

Eil-a :

« J. Garibaldi a Domingos José de Almeida—Modena, 10 de setembro de 1859.

Meu estimadissimo amigo—Quando eu penso no Rio Grande, nessa bella e cara provincia ; quando penso no acolhimento, com que fui recebido no gremio de suas familias, onde fui considerado filho ; quando me lembro das minhas

primeiras campanhas entre os vossos valorosos concidadãos, e dos sublimes exemplos do amor patrio e de abnegação que delles recebi, eu fico verdadeiramente commovido!

E... esse passado de minha vida se imprime em minha memoria como alguma coisa de sobrenatural, de magico, de verdadeiramente romantico!

Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas; mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes, nem cavalleiros mais brilhantes que os da bella cavallaria rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e a combater dignamente pela causa sagrada das nações!

Quantas vezes eu fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos, que vi effectuar essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove annos contra um poderoso imperio a mais encarniçada e gloriosa luta!

Não tenho escripto semelhante prodigio pela carencia de habilitações, porém a meus companheiros de armas por mais de uma vez tenho commemorado tanta bravura nos combates quanta generosidade na victoria, tanta hospitalidade quanto affago aos extrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda joven, sentia na presença e na magestade de vossas florestas, da formosura de vossas campinas, dos viris e cavalheirescos exercicios de vossa juventude corajosa; e, repassando pela memoria as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis annos de activissima guerra e da pratica constante de acções magnanimas, como em delirio, brado:—Onde estarão agora esses belicosos filhos do continente, tão magestosamente terriveis nas batalhas? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira, e tantos valerosos que não lembro?!

Oh! quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avezados a car-

regar uma massa de infanteria com o mesmo desembaraço como se fôra uma ponta de gado!... Onde se acham elles? Que o Rio-Grande atteste com uma modesta lapide o sitio em que descançam os seus ossos! e que as vossas bellissimas moças cubram de flôres esses santuarios de vossas glorias, é o que ardentemente desejo—*José Garibaldi.*»

PARTE IX

O Rio-Grande do Sul com este movimento salutar de patriotismo deixou tão profundas raizes no coração do povo guerreiro, que nos excessos de uma liberdade sem limites, aquelle Estado tem sido presa de caudilhos que exploram, ainda hoje, a natureza de um povo digno, mas que não tem tido verdadeiros chefes com orientação da ideia republicana federativa. Os chefes se engrandecem a custa da sua terra que elles tornam pequena e infeliz.

Canabarro foi, porém, um bom cidadão, intimamente ligado ao popular Garibaldi emquanto morou no Rio-Grande, e bebeu com este o chimarrão do Rio-Grande que elles apregoam com satisfação como uma bebida que faz amigos da liberdade os que d'ella usam.

Com as virtudes guerreiras de Garibaldi e Canabarro, poude-se alcançar victorias contra o governo legal, e ter-se-ia estabelecido difinitivamente a Republica de Piratinim, se houvesse mais cohesão no modo de se fazer a propaganda no Brasil, visto que o veneno do mal injectado pelo Duque de Palmella ficou em todo o Brasil.

Sabe-se do esforço feito por este diplomata para fazer com que cada provincia se emancipasse da tutella de Pedro I, por que assim, enfraquecidas, o velho reino podia vir a governal-as, contando com o sangue dos portuguezes que ficassem morando n'ellas e que, desde o Pará até o Rio Grande, estavam donos do commercio.

Só mais tarde por causa do tratado feito com a Albion os inglezes poderam se apossar do commercio do Brazil até 1826, e rapidamente deslocar os portuguezes, e isso explica o odio que estes tinham ao Marquez do Maranhão Lord Cockrane, que tantos serviços prestou a independencia, destruindo as artemanhas do elemento portuguez, mesmo depois que o chamado partido portuguez tomou conta de D. Pedro I ao ponto de alcançar deste o desterro dos Andradas.

Estes patriotas brasileiros tiveram uma falta grave, que foi a de não fazer deste paiz em 1822 uma Republica sem escravos.

Pelos documentos que vem na biographia de J. Canning vê-se que a elles se deve o não ser feita a abolição da escravidão,

Dominado o elemento perturbador da nossa independencia, acabado o fermento que produzia o elemento portuguez na esperança de fazer o Brasil voltar ao seu dominio teve o imperador Pedro I que se vêr com os que queriam governar com o povo e para o povo.

O 7 de Abril fez lhe vêr quanto se tinha enganado em pensar que com a estima do povo, se tem direito a não lhes dar satisfação pela liberdade que lhes falta, ou que lhe foi supprimida.

Seu filho D. Pedro II teve igual illusão, ainda que tarde, e quando iniciou o seu governo, sentiu bem que a idéa republicana devia cêdo ou tarde tomar conta do Brasil, (1)

---

(1) Isso mesmo elle nos declarou, quando tivemos a honra de lhe fallar sobre a necessidade de se acabar com os escravos, porque o partido republicano estava forte em S. Paulo, e era melhor que um governo désse esta grande lição de amor á liberdade Elle nos interrompeu, dizendo com bondade paternal: Sr. Jaguaribe, creia que se eu não fosse imperador, seria republicano, e se eu e minha familia soubessemos que eramos um embaraço a esta fórma de governo, eu e ella nos retirariamos. Esta declaração nós a fizemos, quando escrevemos em defeza da Republica na Europa em 1890 e tambem em nosso livro escripto para o mesmo fim em 1894 em Bruxellas: *La Influence. de la liberté et de l'esclavaege.*

Terminadas as luctas, a ambição do mando engrandecida pela intriga local e a corrupção do imperio, fêz com que o chefe Bento Gonçalves fosse provocado por Onofre Pires, tendo ambos sido sempre amigos e desafiando aquelle a este, que era forte e muito possánte, ao passo que era fraco e de pequeno porte o legendario Bento Gonçalves, aconteceu que em duello singular sem testemunhas, fosse morto Onofre Pires, o presidente querido que havia sabido fazer de um punhado de bravos um batalhão de heroes, ainda mais ganhou no conceito dos que admiram a bravura dos chefes immortaes.

Preso o presidente, o governo da republica o fez soltar allegando que a morte fora feita em defesa da honra.

Entre o barão de Caxias e os republicanos foi estipulada a paz que se firmou com as seguintes clausulas:

1.º Amnistia geral e plena para todos os que se envolveram nas luctas.

2.º Isenção do serviço militar e da Guarda Nacional para todos os que serviram a rebellião.

3.º Garantia das honras dos postos para cada um que os adquirira.

4.º Pertencerem os escravos que serviram na guerra ao Estado que os indemnisariam aos seus senhores.»

E' preciso dizer que a declaração solemne e categorica de David Canabarro, na proclamação feita quando se estabeleceu a páz, tem na sua singelesa muita eloquencia, por que ella não negou aos republicanos a gloria de se terem batido para fazer nossa patria mais cedo do que muitos queriam entrar no regimen geral da livre America.

Eis as suas palavras:

Concidadãos! Competentemente autorisado pelo magistrado civil a quem obedecemos e na qualidade de commandante em chefe e concordando com a maxima vontade de

todos os officiaes da força do meu commando, vos declaro que a guerra civil que por mais de 9 annos devasta este bello paiz está acabada.»

Durante o imperio a acção do governo monarchico foi no sentido de levantar os creditos do soberano, para que assim ficasse tambem conhecido o Brasil.

Mas não ha maior decepção para um patriota que viaja no estrangeiro, como seja o ver quanto é desconhecido o Brasil.

O Imperador bom, justo, amigo do Brasil, apercebeu que com seu longo reinado elle contemporisou de mais com os escravocratas, procurou elevar todos os que se faziam republicanos, até alguns que por especulação se fizeram secretarios dos Clubs, foram logo promovidos a presidente do Conselho.

Outros foram elevados a altas posições, e por fim, não duvidou de entregar o poder áquelle que mais mal podia fazer as idéas republicanas.

Mas assim como viveu, morreu.

Os que vinham em seu auxilio apressavam a sua quéda como se uma lei fatal e ignorada estivesse a arrastar os obreiros da politicagem para a voragem da valla commum, na qual desappareceram.

Os que sobreviveram aos acontecimentos tambem se precipitaram no mesmo abysmo, e o que impressionou foi que alguns chegaram mesmo a exceder os velhos republicanos no zelo de fazer o enterro da monarchia e do Imperador.

Este facto faz lembrar o caso de Santa Clotildes, que tendo se casado com um rei protestante, este por não gostar do secretario da rainha que vivia a resar e a ouvir missas, combinou com o administrador das cocheiras reaes, que quando lá enviasse um individuo a saber se «estava prompta a ordem» o fizesse metter nos fornos para que desapparecesse para sempre.

Aconteceu que dando a ordem que o secretario levou, com as palavras que serviriam de senha, o secretario ao passar pela Igreja foi ouvir uma missa cantada.

O rei impressionado por tanta demora em ser avisado da perpetração do crime, que a consciencia fazia-o ainda mais inquieto, disse ao seu ministro em chefe — tomae um carro, ide indagar o que houve e porque não mandaram me dizer «se estava tudo prompto.»

Apenas o chefe do gabinete perguntou ao fiel empregado se estava tudo prompto, em um minuto foi atirado nas voragens das chammas.

Logo depois da missa, o secretario da Rainha foi dar o seu recado e trouxe ao Rei o resultado de suas ordens.

O fiel ministro encarregado e cumplice na execução dos crimes pagou o pato.

Estes e outros factos acabaram por converter o Rei á religião.

A Republica tambem ia já convertendo o nosso Rei

No Brasil, os proprios imperantes têm sido as victimas, de sua ambição, elles têm ido atraz de um ideal de proventos para si e familia, mas a familia brazileira preferiu sempre não aceitar os pre-sentes, quer elles fossem liberaes como a constituição outor-gada, quer de condescendencia como a liberdade concedida aos escravos.

Ha no fundo das cousas uma justiça que só a verdade, a sinceridade e a virtude que não transige com estes companheiros podem vencer e triumphar; aquelles que se aproveitam das circumstancias para se fazerem grandes homens, não passam de pequenos desta lei fatal que os historiadores operam com o doce e eterno sentimento do dever.

S. Paulo, 15--- 11---94.

NOTAS

Joaquim Norberto em seu trabalho intitulado « Tiradentes e os historiadores oculares de seu tempo»», fez sentir que o seu enthusiasmo se arrefeceu quando, estudando o patriota, elle teve de reconhecer que «os annos que passou na masmorra, segregado do mundo, o coloquio com os frades Franciscanos, que lhe transmudaram as idéas, os conselhos que lhe deram os seus juizes com fementidas promessas, tudo isso transformou o conspirado em um homem eivado de mysticismo.

«Prenderam um patriota, executaram ?»

Esta argumentação é falsa porque para um espirito revolucionario a Religião é apenas um balsamo, para o patriota um instrumento, para o martyr um sonho.

As ultimas palavras de Tiradentes, ao subir a forca, revelam que sua alma estava cheia da fé com que iniciara a conspiração para libertar o Brasil.

Elle hoje vive com a justiça da posteridade no coração do povo pelo qual morreu e aquelles que têm dito que o martyr não teve valor algum, aquelles que não souberam honrar a liberdade que elle defendeu, têm sido ou representantes do governo, ou do povo na Republica, ou não passam de idolatras de um poder que só tem por fim o dominio da liberdade dos outros, no proprio proveito.

A'quelles, as suas consciencias servem de castigo, a estes o povo castigará.

Em ambos os casos a sua memoria perdura, porque os prejuisos e preconceito desappareceram. (1)

«Acabo de assistir á posse do novo presidente da Republica—Prudente de Moraes.

O acto foi solemnissimo e grandemente concorrido, presenciando-o não pude deixar de lembrar-me da scena que, no mesmo logar, contemplei em Julho de 1840, quando vi chegar e prestar juramento o Imperador, menino então declarado maior. Mal podia então imaginar, que passados 54 annos, alí viria tambem prestar juramento um presidente da Republica. Em meus sonhos de mocidade phantasiei sempre a republica no Brasil; mas depois de 1848 comecei a duvidar de vêl-a em meus dias, quando de subito élla surgiu. Vejo agora esses sonhos em fervente realidade que tão intensamente me satisfazem a alma e me alegram o coração. Deus fade bem a Republica em nossa terra, e findarei contente os meus dias, alias já tão adiantados.»

(1) Não deixa o de ter interesse historico a carta que nos foi dirigida pelo Cons. Araripe, filho do grande patriota Tristão Gonçalves.

DISCURSO

lido na sessão de 4 de Julho de 1895, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em homenagem á Independencia dos Estados Unidos

PELO

Dr. João Monteiro

Meus Senhores.

Escolhendo o dia de hoje, em que se completam cento e dezenove annos da definitiva declaração da independencia norte-americana, para, com caracter solemne, celebrar mais uma de suas sessões, o *Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* teve a intenção de patentear publicamente a sua admiração pela patria de Washington, e prestar suas homenagens de respeitoso reconhecimento ao illustre presidente Cleveland, que ainda hontem replantou na nossa terra a sacrosanta arvore do direito, que alguns brasileiros parecia quererem á força arrancar do seio deste torrão uberrimo.

O nosso *Institu'o* devia este applauso á maravilhosa Republica Americana — devia tambem este preito ao integerrimo magistrado que nos manteve nas *Missões*, de cujo direito estivemos quasi a fazer doação criminosa.

Republica e *Direito*—eis, pois, as duas estrellas, que na noite de hoje estão a scintillar no nosso ceo, como si fossem o alpha e o ómega, que da constellação americana viessem

cair na luminosa esteira do nosso Cruzeiro, sem igual nas constellações da intermina celeste esphera. Applauso e preito, que para corresponderem em grandeza á collossal grandeza do assumpto, igualarem em brilho ao esplendido fulgor daquellas duas incomparaveis quantidades sociaes, só precisariam passar por palavra mais eloquente do que a do orador, que exclusivamente o vosso affecto elegeu em hora de tremenda responsabilidade para elle.

Mas é tal o seu enthusiasmo pela Republica, a verdadeira, a pura Republica—ara santa em que sempre, em todos os passos de sua vida, depositou todas as crenças politicas de seu espirito—columna hebréa, que, menino, já debuxada via levantar-se nos incendidos arroubos de sua imaginação borbulhante, moço, festejou nas louras estrophes de sua lyra intima, homem, acompanhou religiosamente pelos areaes da vida, e ultimamente mais zelava ainda por que a estava divisando envolta na tetrica fumarada da anarchia politica; é tal o seu culto pelo Direito—que elle invariavelmente adora como os hellenos a Zeus, os mahometanos a Allah, os romanos ao humilde philosopho de Bethlem, os escravos a Spartacus, o polaco à Kosciusko, o hungaro a Kossuth, que é para elle a majestosa synthese do humano *Kosmos*—a manifestação mais activa, efficaz, harmonica e eloquente da soberania da razão — a propria razão de ser do homem como especie á parte na escala zoologica—que, senhores, a incompetencia do orador será attenuada pela sinceridade com que vai, por alguns minutos, tediar a vossa complacente attenção.

Si dos hellenos disse o mais illustre dos academicos que Portugal tem tido, *não haver povo, que mais do que elles tenham um logar assignalado nos fastos do progresso humano,* que diriamos nós dos norte-americanos, si houvera azo para vos fallar da inteira historia daquelle povo, que, com quarenta e dous milhões de habitantes, concretisa toda a escala da evolução humana em sua mais expansiva actividade? E na im-

possibilidade de desdobrar-vos, no breve termo de meia hora, a completa physionomia dos *invejados do Novo Mundo*, como lhes chama Elliott, o britannico, d'aquelles *incomparaveis engenhosos*, na expressão do gaulez Laboulaye, dos *predominadores do mundo*, na escaldada phrase de Castellar, o castelhano—com que linhas mais salientes farei a construcção do meu discurso? Filiando-me particularmente á indole do nosso *Instituto*, deverei traçar-vos o desenho geographico d'aquelle prodigioso solo, que do Lago Superior aos arrecifes da Florida, e de Nova York a S. Francisco, tem lagos que, como o Michigan, arremedam o mar; rios que, como o Mississipi, chegam a desafiar o Amazonas; bahias que, como a *Long Bay*, a *Massachusetts Bay*, a *Chesapeake Bay*, confundem-se com o proprio oceano que as forma; montanhas que, como as Appalachians, são para os Estados-Unidos o que os Himalayas o são para o Hindostão, os Andes para a nossa America; variedades geologicas inexgottaveis, a enriquecerem cresamente os proprios desertos das *great western plains;* inexhaurivel fertilidade de terras, como as do valle do Mississipi, onde, durante cincoenta annos successivos, cresceram copiosas colheitas de cereaes diversos sem que o homem lhes levasse o minimo cultivo; riquissima producção agricola — vigoroso feno, succulento trigo, dourada avea, a *avena sativa* de Linneo, algodão unico no commercio internacional; fauna abundantissima, desde os mais humildes representantes da democracia animal, como o rato, o ultimo dos plebeos damninhos, até os mais arrogantes dictadores da ferocidade brutal, como o jaguar, o terror dos carnivoros; mineralogia variada e riquissima: ouro, prata, cobre, ferro, chumbo, carvão de pedra, hoje o mais poderoso elemento da internacionalisação dos povos.... que sei eu! um mundo de riquezas physicas eternas? Deverei ainda narrar-vos a historia dos *United States of America?* Que thesouro de uteis ensinamentos! quanta lição proveitosa, evidenciada na irrespondivel logica

dos resultados praticos—imitavel, quando estes levaram direito ao caminho do bem estar social, repellivel, quando, oriundos da prevaricação governamental ou da deturpação moral do povo, por vezes estorvaram elles a marcha evolutiva da vida americana! E no supposto de vos rasgar aos olhos o magico scenario de tão opulenta historia, que feição me deverá ser a predilecta? Irei, como na historia dos grandes imperios das remotas antiguidades, mergulhar-me *na noute dos tempos* para buscar as origens do povo, que hoje, no meio da admiração universal, celebra o anniversario da sua independencia politica? Terei antes de sorprehendel-o já no momento de iniciar-se, com as primeiras immigrações, pelos seculos XVI e XVII, nos principios da já vetusta e, por isso, reformavel civilisação européa? Ou basta-me decantal-o na vigorosa pujança de sua constituição actual?

Mas, senhores, historiar a vida politica dos Estados Unidos equivaleria, como disse Story, a fazer o curso completo da historia da humanidade progressiva. *The history of mankind is all here*—repetiu Robertson, como si nesta unica linha tivesse o grande historiador da America tido a idéa de compendiar todos os passos da progressão historica universal.

E assim é.

A Hespanha e Portugal, pela afortunada caravella de Christovam Colombo, tinham plantado, nas virgens terras do novo continente, o marco material da posse, que Alexandre VI, por intermedio de Fernando e Izabel, lhes permittira que tomassem. Naquelles tempos de ingenua simplicidade, o reino da egreja estava tambem, e quiçá principalmente, assentado *in hoc mundo*. A palavra do Christo não passava de um versiculo biblico, etherea abstracção de mystica poesia.

A Inglaterra foi a primeira a protestar contra a famosa bulla de 1495: que direito tinha o papa de favorecer as côrtes de Castella e Aragão com o monopolio do novo mundo,

então livre como o proprio sopro do divino creador de todos os mundos? Henrique VII, o primeiro da dymnastia dos Tudors, investiu João Cabot na mesma missão que Colombo recebera das mãos da Rainha Catholica, e com a descoberta da Terra-Nova, emergiu para a Grã-Bretanha o continente que hoje festejamos.

Era elle acaso alguma *res nullius?* Não: centenas de milhares de indigenas ali assignalavam o primeiro periodo da vida collectiva, a primitiva cellula do organismo social: a industria pastoril debuxava os traços rudimentares da propriedade. A *tribu* ainda não cedera logar ao *estado.*

Depois, os indios das poderosas tribus da Virginia, da Nova Inglaterra, dos Iroquezes, ao norte, da nova Jersey, Pensylvania, Maryland, ao meio dia, e dos Creeks, Choctaws e Chickasaws, ao sul, para não fallar senão das mais activas e fortes, foram os primeiros a banhar-se, como disse Morgan em sua *Ancient Society,* na alvorada de uma organisação politica. A evolução seguia a linha da sua normalidade physiologica; a biologia sociologica passava invariavel por uma das provas da theoria d'Espinas. Depois, na primeira decada do seculo XVII, as duas grandes Companhias de Londres e de Plymouth porfiaram no levantamento das mais ferteis e ricas regiões das possessões inglezas, e mediante bem encaminhada colonisação, trouxeram-lhes noções mais nitidas do direito, despertando a noção typica da propriedade pela funcção economica do capital.

O sentimento juridico já servia de base ás relações creadas no dominio da vontade livre. Era a evolução que ascendia, heterogenisando as actividades e os institutos consoante a multipla heterogenisação dos orgãos e das necessidades. O estado começára a patentear sua constructura anatomica pela accentuação do funccionamento regular de sua existencia necessaria. Mas só ao longe, ainda atufada na nebulosa de um

futuro incerto, levantavam-se os roseos albores da *nacionalidade*, supremo degráo da escala evolutiva.

A energica vitalidade americana, altamente apurada no vasto cruzamento de muitas e variadas raças e castas, que ali se talhavam em crenças religiosas, em principios politicos, em costumes e habitos, em côres e preconceitos, na massa enorme de mil factores diversos, subia de intensidade consciente, como que intimando o seculo XVIII a retirar de seus lagos, de seus rios e montanhas o ultimo annel da cadeia britannica. Com a decapitação de Carlos I fervera mais ebulitivamente o sangue da almejada liberdade no coração das colonias; a Virginia, sobre todas as outras, resistiu com altiva dignidade aos decretos do rei inglez, e a proposito da tentativa real para monopolisar, em proveito exclusivo da Inglaterra, a cultura do tabaco, teve o governo da metropole prova eloquente de que no novo mundo o sentimento da liberdade é tão indomavel como as proprias féras de seus desertos virgens.

As insolitas provocações de Guilherme de Orange e seus successores, as pesadas exigencias do Parlamento, a vexatoria regulamentação dos impostos, ás vezes levada até a mais cynica desfaçatez, como aconteceu com o *stamp tax*, o *sugar act*, e outros, tornando intoleravel o jugo da metropole, até então a custo supportado, foram o vendaval decisivo; e com a mesma altivez das gigantescas e indomaveis quedas do magestoso Niágara, a 4 de Julho de 1776 rebentou indomita, a lavar do solo patrio, quaes outras tantas nodoas aviltantes, os oppressores vestigios da cruel e orgulhosa realeza d'alem-Atlantico, a onda da soberania nacional.

Estava feita a independencia, e com esta, implantada a nacionalidade norte-americana. E' que, como dos arabes disse John Adams, que bem podiam elles vender á Inglaterra a propria actividade, mas nunca a soberania da Algeria, porque esta era da patria, puderam os inglezes longo tempo traficar sobre o trabalho americano, mas suffocar-lhe eterna-

mente a liberdade, não: esta era ali tão energica como a propria natureza. Tinha de ser como foi, e já onze annos antes o annunciara um dos mais fogosos oradores inglezes, o famoso Burke, que Laboulaye chama *o verdadeiro renovador da sciencia politica, aquelle que a retirou do mundo dos sonhos para fundal-a sobre a observação.* Em 1775, quando mais arrogante se tornára o odiado filho e successor de Jacques II, aquelle a quem, com a mesma facilidade com que um seculo mais tarde D. João VI de Portugal mandára que o filho puzesse sobre a cabeça a corôa do Brasil, dissera o famoso aliciador do parlamento, o devasso corruptor do grande Pitt, segundo a vibrante sentença de May, ao sentir visinho o termo do seu reinado de sessenta annos: Jorge, sêde rei!; quando aquelle temerario, que ainda enraivecido pela insolente emancipação americana, teve vinte annos depois a pasmosa insania de tentar reprimir a volcanica Revolução Franceza, procurava perturbar a natural evolução da liberdade das colonias, o fogoso Burke, apostrophando Jorge III, fazia-lhe vêr que, antes de governar uma colonia, preciso é lhe conhecer o caracter. E acrescentou: « No caracter dos americanos o amor da liberdade é o traço predominante, visto em todas as relações; e, assim como uma affeição ardente é sempre uma affeição ciosa, vossas colonias tornam-se suspeitosas, indoceis, intrataveis logo que percebem a menor tentativa de se lhes arrancar pela força ou se lhes subtrahir pela astucia a unica vantagem pela qual vale a pena viver. » E como a America, senhores, não podia morrer, fez-se a independencia, e com esta irrompeu de uma vez a vida americana.

Já vêdes, senhores, que o tempo não me chegára si eu tivesse de deter-me sobre qualquer dos grandes capitulos de tão grandiosa epopéa.

Eil-o agora, o nosos irmão do norte, a nos servir de guia na nossa nova vida republicana. Sob que aspecto nos apparecerá maior? Si fossemos obrigados a percorrer-lhe a historia

contemporanea, qual devera ser, repito, a linha predilecta? Estudal-a pela biographia dos seus maiores homens? pelo seu commercio? pela sua industria? pela sua jurisprudencia? pela sua instrucção? pela sua litteratura? pelo seu exercito e marinha? Mas cada um destes pontos daria para um discurso capaz de encher-vos a attenção inteira.

Seus grandes homens! Desde Washington até Cleveland, que luminosa galeria de varões illustres! Vede-os, os mais celebres, a passarem pelo infallivel tribunal da historia:

Jorge Washington, descendente de fervoroso realista do tempo de Carlos I, aprendera, nas decepções do seu antepassado, que se vira coagido, pelas violencias do fatal emulo de Cromwell, a emigrar para a Virginia, como é que o homem nascêra para ser livre: só elle bastaria para dar á Republica a seiva da liberdade. *Unquestionably the greatest man*, como delle affirmava Patrick Henry. *First in peace, first in war, and first in the hearts of his countrimen*, como reza a lenda virginiana, o primeiro presidente da federação americana tem na historia o logar dos grandes symbolos da humanidade. Foi, na eloquente expressão de Marshall, em sua *Life of Washington*, o Christo do seculo XVIII.

João Adams, de outra familia de emigrados, jurisconsulto eminente, como patenteára com o seu tratado sobre a *Canon Law and Feudal Law*, foi um dos mais activos propagandistas da independencia, e, ao lado de Franklin, Jay, Jefferson e Laurens, assentou as bases da tentativa de paz com a Inglaterra em 1782. Seu passamento assignala-se por uma coincidencia notavel: morreu no dia 4 de Julho da 1826, justamente quando se completava meio seculo da independencia, que elle tão cuidadosamente cultivou. A sua obra *Defence of the Constitutions of Government of the United States*, publicada em Londres, é ainda hoje um dos mais ricos mananciaes do direito publico moderno.

Thomaz Jefferson, que por maioria de um voto vencera

contra a re-eleição de Adams, era um talento de primeira ordem: philosopho e jurisconsulto de aprimorado cultivo, dispondo de invejavel fortuna e solida independencia, com copiosa instrucção do direito internacional, que particularmente cultivára como ministro na França, o terceiro presidente da Republica, e um dos productores da sua Constituição, é uma das mais bellas e impressionadoras figuras do seculo, que vai morrendo. E como o seu antecessor, morreu naquelle mesmo dia 4 de Julho de 1826, sorrindo ao quinquagesimo anniversario da sua *loved daughter*, como elle chamava a sua Constituição querida.

James Madison foi, na justa expressão de Story, *one the most eminent, accomplished, and respected of American statesmen*. Para deixal-o em plena luz na historia da civilisação, basta lembrar que elle, com Jay e Hamilton, redigiu o *Federalista*, o moderno evangelho da emancipação politica dos povos.

James Monroe, alistado, como cadete, no exercito revolucionario com dezoito annos apenas, sentiu que o amor pela America mandava-o que estudasse a jurisprudencia, e com Jefferson iniciou-se no conhecimento do direito. Tanto bastou para que em seu espirito, aperfeiçoado nas luctas diplomaticas que teve de sustentar na França e Hespanha, se formasse a idéa que o immortalisou. Re-eleito presidente em 1820, honrando a imponente popularidade que o aureolava, foi um dos seus primeiros actos o reconhecimento da independencia do Mexico e das republicas Sul-Americanas, logico prefacio da promulgação que se seguiu da chamada *Monroe's Doctrine*, cujas theses culminantes encheram a historia do seu nome. Na primeira se declarava que — *the American policy of neither entangling ourselves in the broils of Europe, nor suffering the powers of the Old World to interfere with the affairs of the New*—; na segunda, que—*any attempt to extend their system*

to any portion of this hemisphere, would be dangerous to our peace and safety.

Andrew Jackson foi o prototypo da energia executiva, posta em prova nas varias crises economicas que embaraçaram o seu periodo presidencial. Vetando varias leis vindas de grandes maiorias, vencendo reiteradas luctas, e afinal acabando com o *Bank of the United States*, Jackson foi um dos presidentes que mais honraram a popularidade americana.

Abrahão Lincoln, o segundo Washington da grande Republica, é a mais sympathica figura do mundo moderno. Washington subtrahiu a America do jugo metropolitano : fez uma patria—Lincoln, redimiu quatro milhões de escravos : fez uma nova humanidade. A democracia achou nelle a fie expressão da propria majestade.

E mais Andrew Johnson, Ulysses Grant, James Garfield, e finalmente Cleveland—eis ahi, senhores, quanto chegaria para glorificar o mundo.

O commercio americano ! mas nelle tem o mundo mercantil moderno o mais correcto modelo da actividade honestal que é a propria essencia, o principio vital desse Ashavero eterno. E tanto mais notavel é a superioridade da grande Republica neste assumpto quanto é certo não haverem os artigos da federação regulado explicitamente as relações mercantis. Haja vista o ultimo *meeting* de Annapolis, que promoveu a convenção de Philadelphia, onde se devia tratar da regulamentação do commercio com as nações estrangeiras, com os diversos Estados da União e com as tribus Indianas.

E si nos detivessemos, senhores, na apreciação da industria daquelle incomparavel povo ? Applicai bem o ouvido—tanto, que possa elle prodigiosamente vencer o Atlantico e chegar a Nova York, Washington, Chicago,Philadelphia, Nova Orleans, Columbia, Nova Jersey, até qualquer cidade daquelle pandemonium do trabalho, e ouvireis o mais grandioso uni-

sono de quantos silvos podem irromper de quanta machina o engenho humano possa inventar jamais. A industria americana! mas si é ali que nasceu Edison, esse portento, que um seculo antes não passára de embusteiro necromante!

A sua jurisprudencia! Mas o povo que esculpturou a Constituição de 17 de Setembro de 1787, que jurisprudencia pode ter senão aquella sobre a qual Jhering muito mais tarde construiu a sua profunda definição: *a jurisprudencia é o precipitado da sã razão humana em materia juridica*—? E, senhores, phenomeno admiravel é esse observado por Thimoty Walker: a despeito da diversidade, entre varios Estados da União Americana, do direito material ou da *substantive law*, na technica de Jeremias Bentham, ha muitos e caracteristicos traços de uma jurisprudencia americana. E si ponderarmos ainda, que a guerra da independencia não podia apagar de chofre o amalgàma do direito inglez, ali colonisado como o homem—aquelle informe mosaico, de que eram copiosissimas incrustações a *common law* e a *equity law*, proteicas formas do direito não escripto, e o quasi incommensuravel direito escripto, na phrase de Bishop, direito que só pouco a pouco se foi autonomisando nos Estados mais adiantados—nacionalisação juridica esta que, por sua indole e extensão, mais avolumava a confusão do direito, repartindo-se nos estatutos coloniaes, nas constituições dos 42 Estados federados, nas numerosissimas leis que cada um delles separadamente ia promulgando, nas variadas consolidações das differentes fontes legaes da legislação—collecções de arestos, opiniões de jurisconsultos, digestos, compendios, formando tudo um milhar de volumes, segundo o testemunho do já citado Walker, *On American Law*—si não perdermos de vista tão intrincado labyrintho, quanta admiração nos infunde a jurisprudencia Americana quando vemos que toda ella se esteia reiterada e imperturbavelmente no primeiro canon da Declaração dos Direitos de 1787: *Temos como verdades demonstradas por si*

mesmas, que todos os homens foram creados eguaes e dotados pelo creador de certos direitos inalienaveis, entre os quaes primam a vida, a liberdade e o bem estar!

Não está aqui inteiro o codigo do direito universal moderno?

E que admiravel simplicidade logica no completo desdobramento de todos os principios basicos do direito americano, assim compendiados por aquelle illustre professor do *Cincinnati College*:

Primeiro: O poder publico só age sobre a *conducta*, nunca sobre as *opiniões* dos homens. E a razão é, diz Wâlker, porque meras opiniões, emquanto não se manifestam por actos, não influem absolutamente nem sobre as pessoas, nem sobre os bens. *Besides*, pondera elle, *the very attempt to regulate opinions would be preposterus: for though government may enforce outward conformity, it cannot, in the nature of things, reach the inward thoughts.* E' quasi o brocardo romano: *pœnam cogitationis nemo patitur.*

Segundo: E só age sobre a *conducta civil*, nunca sobre a *conducta moral*. A razão é, porque o governo nada tem com os homens senão na qualidade de cidadãos. *We cannot be good or bad upon compulsio* . Não podemos ser bons ou máos compulsoriamente.

Terceiro: Os poderes publicos podem ser *ad libitum* revogados pelo povo, que os outorgou. A razão é, porque *perpetual powers would be incompatible with liberty.* Poderes perpetuos são incompativeis com a liberdade.

Quarto: todo systema de governo deve se fundar sobre *perfeita egualdade de direitos.* A razão é, porque um povo intelligente não consentiria em outra cousa. *Enjoying this equality in the state of nature, we cannot doubt that they would insist upon retaining it under the compact.*

Quinto: Em qualquer divergencia deve prevalecer a maioria. *There is a fair presumption, that of two sides of a que-*

stion, that side on which the greatest number of free minds concur, is the right side. Já 19 seculos antes Christo dissera aos apostolos a mesma cousa.

E sobre taes canones assenta ainda a pedra angular de todas as liberdades: a perfeita, a nitida, a incensuravel discriminação dos tres poderes constitucionaes, assim accentuada por Thomaz Cooley, reproduzindo Marshall, *Constitucional limitations:* o legislativo faz, o executivo executa, e o judiciario applica a lei.

E como chave de ouro para tão opulento e correcto edificio juridico, rememoremos a sentença de Hoffman. *Legal outlines: The only equality that can exist among men is an equality of rights and obligations.*

Já vêdes mais, senhores, que não me bastára o tempo si eu me predilectasse por este lado da grande Republica.

E a instrucção publica americana? Para dar-vos uma idéa do modo como os americanos consideram esse primeiro de todos os factores do progresso social, bastaria pôr-vos diante dos olhos o seguinte artigo da constituição do Estado de Massachussetts, ali inserido a instancias de John Adams:

«O saber e a instrucção assim como a virtude espalhadas em geral pelo povo, sendo necessarias á conservação de seus direitos e de suas liberdades, e visto dependerem das facilidades de educação espalhada pelos diversos pontos do paiz e classes diversas, é do dever da legislatura e dos magistrados em todos os periodos futuros desta Republica promoverem os interesses da litteratura e das sciencias e respectivos institutos, especialmente a Universidade de Cambridge, as *public schools* e as *grammar schools* das cidades; animarem as sociedades privadas e as instituições publicas por meio de premios e immunidades para a propagação da agricultura, das artes, das sciencias, do commercio, dos officios, das manufacturas e da historia natural do paiz; manterem entre o povo os principios de humanidade, de sympathia geral, de caridade publica e pri-

vada, de industria, de frugalidade, de honestidade e exacção nas transacções, de sinceridade, de bom humor, assim como todas as affeições sociaes e todos os sentimentos generosos. »

Não é um programma completo de nobilitação intellectual e moral ?

E' tão consideravel o interesse que os americanos ligam a tal assumpto, que este é ali verdadeiramente popular. *C'est un objet populaire entre tous*, affirma Carlier; e accrescenta, que o relatorio do commissario da educação para o anno de 1885—86 lisonjeia o sentimento publico fazendo notar que os Estados e territorios despenderam naquelle anno com essa verba 111.304.927 dollars, ou mais de 222 mil contos de reis brasileiros, cambio ao par, ou mais de 555 mil contos ao cambio de 10, si ali a Republica ainda estivesse a tactear nas difficuldades de uma transicção, que não finda, de uma consolidação, que não chega !

Ali, parallela á mais completa liberdade de ensino e de profissão, corre sempre activa e vigilante a benefica, a imprescindivel intervenção do poder publico em qualquer dos gráos da instrucção; e posto que em parte alguma do mundo tão amplo seja o sentimento da liberdade como ali, onde o *self government* baniu de todo a antiga auctoridade cesariana, tanto mais asphixiante quanto mais pretenciosamente arrogantes são os seus inseparaveis pretorianos; ali, onde a vontade legislativa é a vontade do povo, onde a força do judiciario é a força do povo, onde o braço do executivo é o braço do povo, porque o presidente da Republica é o seu *servant*; ali, onde a verdadeira noção da liberdade não é aquella que Michel Chevalier calumniosamente lhe attribue quando, nas suas *Lettres sur l'Amerique du Nord*, escreveu o seguinte: Para que não haja tyrannia, preciso é que a ordem social reconheça um poder que se interponha entre os dous typos em que se divide a especie humana sob o ponto de vista da liberdade (isto é, o activo, cujo primeiro movimento, em presença da força, é resistir, e

o passivo, que se resigna e espera), e tratando cada qual segundo seu temperamento, empregue, com um, a redea, com o outro, a espora—medonha blasphemia, que não parece vinda da penna de um francez; ali, onde tudo é impetuosamente livre, todos os Estados, todos os municipios, todas as cidades, todas as aldeias teem como indispensavel a intervenção governamental na educação e instrucção publica.

Quem se lembraria de dizer em pleno Congresso, na execução do mandato popular, esta... esta monstruosidade, cujo éco ainda talvez esteja plangentemente vivo na sala do parlamento federal: E' preciso abolir os cursos officiaes, porque elles estorvam o progresso das sciencias?! Aqui taes cousas se dizem, porque entre nós, por decreto caprichoso de um rei já valetudinario e condescendencia de um ministro amavel, se confunde a liberdade do ensino com a liberdade da vadiação.

Mas ah! o deputado que não vacillou em jogar aquella affronta ao magisterio publico do meu paiz, accrescentou, felizmente para os nossos creditos, que si *sua sciencia se houvesse limitado ao que aprendeu nas academias, muito pouco saberia.* Senhores, nunca foi tão franca a confissão de um pessimo estudante.

E tu, ó bella terra de Washington e Lincoln, perdoa tão extranha barbaridade, e empresta-nos ainda o brilho das tuas lettras.

A litteratura americana! só as bibliothecas das *school districts* do Estado de New-York continham, ha 42 annos, 1,604,210 volumes! A livraria de Pisistratus, em Athenas, a de Trajano, em Roma, a do Museo britannico de Londres, a Nacional de Pariz, a do Vaticano, a imperial de Vienna, a *Advocate's Library,* de Edimburgo, a cuja vista ficámos um dia estaticos, dizendo: Mas deve ser a maior do mundo! sómente reunidas formariam egual. Todos os dominios da intelligencia humana estão fulgurantemente representados

naquella terra prodigiosa. A philosophia, com Channing e Browson, a theologia, com Beecher e Emerson, o direito com Wheaton e Hamilton, a jurisprudencia, com Choate e Marshall, a politica, com Story e Dudley-Field, as sciencias naturaes, com Wilson e Taylor, a historia, com Prescott e Bancroft, a imprensa, com John Habberton e Ballard Smith, a poesia, com Cooper e Longfellow, o romance e o drama com Stowe e Bret Harte : rutilante mundo de pujante intellectualidade.

Mas tambem, senhores, terra onde se lê, estuda e trabalha mais do que em qualquer outra parte do mundo—onde ha tantos livros quantas estrellas no céu e tantos jornaes quantas areias no mar—onde os legisladores federaes funccionam na intimidade de mais de meio milhão de volumes—que 513441 tinha ha dez annos a bibliotheca do congresso em Washington—ha de forçosamente ser o moderno emporio do progresso, que é a expressão pratica do direito vencedor, por seu turno a formula exacta da força material vencida.

A força americana! mais imperiosamente reside ella na soberania da lei do que no poder mortifero de seu exercito e de sua armada. *Em nome da lei*—vale tanto quanto a força bruta do ferro. Esta é uma das feições mais typicas que os yankees e virginianos conservaram da metropole.

Lembro-me ainda do que vi no *Castle-Rock*, da formosissima cidade de Walter Scott e John Knox. Um bello soldado escossez fazia, ao longo da esplanada frontal do castello, o seu rhytmico passeio sentinellar. Procurando ver a arma que comsigo devia trazer aquelle denominado agente da força publica, observei que apenas empunhava curta e fina vara, tão flexivel como o junco das lagoas ou dos brejos. A' observação de extranheza que lhe fiz, respondeu me, com visivel orgulho, o meu guia :—Aquella vara representa a lei ; nem de mais precisa o soldado para se fazer obedecer e respeitar.—E' assim tambem na Republica Americana.

Terra feliz, cujo poder está no direito e não na força! terra invejavel, onde a força armada, emprestando a espada á Themis, fal-o exclusivamente para defender a balança onde a justiça pesa o merito e demerito das acções humanas! terra privilegiada, onde o soldado de terra ou mar anda absolutamente incompatibilisado com a politica do paiz, porque a sua unica missão, a sua unica politica—missão nobre, politica patriotica—é obedecer ao poder civil, o qual é o poder unico que faz a lei, a qual é o poder que exclusivamente mantem a vida nacional.

Ah! si em toda a parte do mundo fosse assim comprehendida a acção da força militar!...

E no emtanto, a infallivel lição da experiencia já devera ter levado á altura de dogmas sociaes intangiveis, conhecidos conceitos dos mais eminentes homens de todos os tempos. Desde os rudimentares economistas da Macedonia, que segundo Plutarco, dispozeram-se a reformar, no anno 350 antes de Christo, os exercitos de Alexandre, até Montesquieu, o evangelista do seculo XVIII, que no seu *Espirito das Leis* teve esta phrase magnifica: *Nous sommes pauvres avec les richesses et le commerce de tout l'univers; et bientôt, à force d'avoir des soldats, nous n'aurons plus que des soldats, et nous serons comme des Tartares* (XIII, XVII); desde Montesquieu até o mais adiantado dos estadistas contemporaneos, lereis phrases como estas: «A democracia considera o exercito como incessante ameaça contra as instituições populares e uma causa de ruina para o paiz» — diz Carlier, o mais profundo dos modernos historiadores da Republica Americana. «O exercito é, para os Estados Unidos, o que uma força de policia bem organisada e bem disciplinada é para uma cidade» — dizia o secretario da guerra da Grande Republica em seu relatorio de 1877. «A força militar, esclamava Thiers, o Messias da França, em um de seus mais famosos discursos de 1867, é a força estatica da nação.»

«A auctoridade militar é essencialmente subordinada ao poder civil» lê-se nas constituições de Kentucky, art. 13 § 26, da Indiana, art. 1.º § 33, do Michigan, art. 18 § 8.º.

E diante de verdades tão nitidas, só nos resta repetir com Julio Simon, quando discutia a lei francesa de 1867, sobre a reforma do exercito: *Je sais bien qu'on peut le contester, parce qu'on peut tout contester; mais s'il y a une vérité evidente, c'est celle-là.*

E a verdade de todas as verdades, senhores, como dizia Washington em uma de suas mensagens, e nol-o refere Tocqueville, é que só a sympathia traz a paz e que sem esta não ha felicidade possivel. Pois bem: na historia do povo cuja independencia hoje celebramos, resume-se toda a suave frescura desse dulcissimo sentimento, que um inspirado poeta nosso disse ser *quasi amor.*

Que maior elogio se lhe poderia tecer? E si o meu discurso ficou feito á força de me ser impossivel decantar mais eloquentemente cada qual das variadissimas e nobres feições de tão opulento paiz, é que ali cada linha é um livro, cada livro um codigo, sobre todos os quaes realça a dourada majestade do evangelho da liberdade moderna.

Salve! Estrellado alcáçar da Liberdade, a soberana rainha da Democracia, que tu redimiste do intolerante orgulho da esterlina metropole para ser um seculo mais tarde a gloria das duas Americas, salve! Tu, que és o mais fecundo povo da humanidade conhecida, que só com a tua industria e a tua liberdade enches de deslumbramentos fascinadores o complicadissimo scenario da vida contemporanea, brilha, eternamente fulge no rutilante céo do Novo Mundo! E si, com melhor direito do que outro qualquer povo do mundo inteiro, podes repetir, na bella lingua que é a tua, a ardente apostrophe de Shakspeare:

Thou, Liberty, art my godess; to thy law
My services are bound!

— Liberdade! tu és a minha divinidade suprema! é a ti que empenhei os meus serviços! —

o' terra de Washington! consumma a tua obra — impleta

a tua obrigação: das 42 estrellas da tua gloriosa bandeira despeja muita luz sobre as 21 do nosso amado auri-verde pendão! Não te pedimos muito, pois tens o dobro da luz de que ainda precisamos para entrar desassombrada e definitivamente no futuro Pantheon da Republica Universal!

Actas das sessões

Sessão de installação, em 1.º de Novembro de 1894.

Ao 1.º dia do mez de Novembro de 1894, ao meio dia, nesta cidade de S. Paulo, em uma sala da Faculdade de Direito, reunidos, pessoalmente e por procuração, cidadãos em numero de sessenta e nove, para o fim de se fundar nesta Capital o *Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* conforme convite anteriormente distribuido por uma commissão composta dos Drs. Domingos Jaguaribe, Estevam Leão Bourroul e Antonio de Toledo Piza, o sr. Dr. Domingos Jaguaribe expoz o fim da reunião e propoz para presidil-a o sr. Dr. Cesario Motta Junior, que foi unanimemente acclamado Presidente da assembléa e tomou assento na Mesa, convidando para servirem de secretarios os sr. Drs. Antonio de Toledo Piza e Domingos Jaguaribe, que tambem tomaram assento na Mesa.

O sr. dr. Domingos Jaguaribe leu cartas de diversos cidadãos em que, communicando não poderem assistir á presente reunião, por motivos imperiosos, declaram adherir á idéa da fundação do Instituto e pedem que sejam tidos como presentes e considerados como socios fundadores. O sr. Dr. Antonio de Toledo Piza e mais algumas pessoas presentes tambem declaram os nomes de diversos cidadãos que, não podendo comparecer, os encarregaram de dar a sua adhesão á idéa que motiva esta reunião e solicitar a sua inclusão na lista dos fundadores, devendo-se consideral-os como presentes.

Em seguida o sr. Dr. Jaguaribe leu as bases dos Estatutos da Sociedade, que são postas em discussão. Por proposta do snr. Dr. Garcia Redondo, é deliberado que o projecto de Estatutos seja approvado provisoriamente, devendo ser impresso e distribuido, para em reunião posterior ser discutido e definitivamente approvado com as emendas que porventura os socios apresentassem.

Passou-se depois a nomear a Directoria que deve servir interinamente, sendo eleitos por acclamação os srs. Drs. Cesario Motta Junior, presidente, Domingos Jaguaribe, vice-presidente, Antonio de Toledo Piza, secretario, Estevam Leão Bourroul, Carlos Reis e Conego José Valois de Castro.

Por proposta do sr. Dr. Domingos Jaguaribe, unanimemente acceita, foi acclamado Presidente honorario do Instituto o sr. Dr. Prudente José de Moraes Barros.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Dr. Cesario Motta declarou installado o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, dando parabens ao Estado, congratulando-se com os fundadores de tão importante instituição e especialmente com os iniciadores de tão util idéa, cuja brilhante realisação os deve ter enchido de jubilo, e promettendo tanto quando pudesse prestar seus serviços á sociedade.

Relação dos socios que compareceram á reunião para a installação do Instituto e dos que foram considerados presentes por terem feito se representar.

1 Dr. Alfredo Moreira de Barros Oliveira Lima.
2 Antonio Augusto da Fonseca.
3 Dr. Antonio Dino da Costa Bueno.
4 Dr. Antonio Evaristo Bacellar.
5 Dr. Antonio Francisco de Paula Souza.
6 Antonio Moreira da Silva.
7 Dr. Antonio de Toledo Piza.
8 Dr. Argemiro da Silveira.
9 Arthur Goulart.
10 Dr. Augusto de Siqueira Cardozo.
11 Dr. Benedicto Estellita Alvares.
12 Dr. Bento Bueno.
13 Dr. Bernardino de Campos.
14 Dr. Carlos Daniel Rath.
15 Dr. Carlos Reis.
16 Dr. Cesario Motta Junior.
17 Dr. Cincinato Braga.
18 Dr. Clementino de Souza e Castro.
19 Dr. Constante Affonso Coelho.
20 Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.
21 Dr. Estevam Leão Bourroul.
22 Dr. Eugenio Alberto Franco.
23 Eugenio Hollender.
24 Dr. Fergo O'Connor de Camargo Dauntre.
25 Dr. Francisco Ferreira Ramos.
26 Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura.
27 Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

28 Dr. Gabriel Osorio de Almeida.
29 Dr. Gustavo Koenigswald.
30 Henry White.
31 Dr. Hermann von Ihering.
32 Dr. Horace M. Lane.
42 Dr. José Gabriel de Toledo Piza.
43 Dr. José Machado de Oliveira.
44 Dr. José de Sá Rocha.
45 Dr. José Valois de Castro.
46 Dr. José Vicente de Azevedo.
47 Jules Martins.
48 Lafayette de Toledo.
49 Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida.
50 Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.
51 Manoel Augusto Galvão.
52 Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.
53 Manoel Marcellino de Souza Franco.
54 Dr. Manoel de Moraes Barros.
55 Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos,
56 Dr. Orville A. Derby.
57 Dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho.
58 Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim.
59 Dr. Pedro Vicente de Azevedo.
60 Dr. Prudente José de Moraes Barros.
61 Dr. Raymundo Furtado Filho.
62 Dr. Severino de Freitas Prestes.
63 Tancredo do Amaral.
64 Dr. Theodoro Sampaio.
65 Theophilo Barbosa.
66 Thomaz Galhardo.
67 Tiburtino Mondim Pestana.
68 Tristão Araripe.
69 Dr. Viriato Brandão.

2.ª sessão, em 9 de Dezembro de 1894

Presidencia do Sr. Dr. Cesario Motta Junior

Na sala nobre do edificio da Escola Normal, ao meio dia, presentes os Srs. Cesario Motta, Domingos Jaguaribe, Carlos Reis, Estevam Bourroul, Antonio Piza, Paula Souza, Assis Moura, Augusto Cardoso, Souza Franco, Jules Martin, Arthur Goulart, Henry White, Carlos Rath, Theophilo Barbosa, Tan-

credo Amaral e Osorio de Almeida, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão, convidando o director provisorio Sr. Dr. Carlos Reis a servir interinamente de 2.º secretario.

E' lida, approvada e assignada pelos socios presentes a acta da sessão de installação.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Manoel A. de Souza Sá Vianna offerecendo ao Instituto um exemplar da sua memoria historica *«Cincoenta annos de existencia»*, um dito do *«Catalogo da exposição dos trabalhos juridicos»* e uma medalha commemorativa da libertação dos escravos em 13 de Maio de 1888.

Por parte do Sr. Dr. João Motta e intermedio do Sr. Presidente, foi offerecido um manuscripto inedito contendo a *«Oração funebre do Padre Diogo Feijó»* pronunciada por Candido José da Motta.

Foram tambem recebidos dois exemplares dos Estatutos do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Todas estas offertas foram recebidas com especial agrado.

Foram considerados socios fundadores, em vista das declarações feitas por alguns socios presentes, os Srs. Alberto Lofgren, Dr. Joaquim Floriano de Godoy, Dr. Hypolito de Camargo, Dr. José Estacio C. de Sá e Benevides-Dr. Rodolpho Pereira, Dr. Augusto Cesario de Barros Cruz e Dr. José Maria Valle, que, tendo sido convidados, não puderam comparecer á sessão de installação.

ORDEM DO DIA

O sr. Presidente declara que achando-se impresso e distribuido o projecto de Estatutos, vai submettel-o á discussão, fim especial da presente sessão, e consulta a assembléa si a discussão deve ser feita englobadamente, ou por capitulos ou por artigos.

Usam da palavra alguns socios, apresentando diversos alvitres, vindo porem a prevalecer a seguinte proposta do Sr. Dr. Osorio de Almeida, a qual foi approvada:

« Que em razão do pequeno numero de socios presentes fosse adiada a discussão dos Estatutos para outra sessão, convocando-se os socios por convites individuaes e declarando-se que a assembléa funccionará com qualquer numero que comparecer.»

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente levantou a sessão, designando o dia 16 do corrente mez, neste mesmo logar e a mesma hora, para a proxima reunião, sendo os socios convidados individualmente por convites especiaes.

3.ª sessão, em 16 de Dezembro de 1894

Presidencia do Sr. Dr. Cesario Motta Junior

Na sala nobre da Escola Normal, ao meio dia, presentes os socios srs. Cesario Motta, Carlos Reis, Antonio Piza, Garcia Redondo, Augusto Cardoso, Orville Derby, Alberto Löfgren, Pedro Vicente, Osorio de Almeida, João Monteiro, Duarte de Azevedo, Theodoro Sampaio, Estevam Bourroul, Domingos Jaguaribe, Luiz Piza, Paulo Egydio, Machado de Oliveira, Bento Bueno, Moura Escobar, Rodolpho Pereira, Viriato Brandão, Eugenio Franco, Theophilo Barbosa, Henry White, Carlos Rath, Macedo Soares, Tancredo Amaral, Jules Martin, Arthur Goulart e Souza Franco, o snr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida, approvada e assignada pela Mesa a acta da sessão antecedente.

Foram considerados socios fundadores os seguintes srs. que, por intermedio de alguns socios presentes, declararam não terem comparecido á sessão de installação por motivos de força maior: Drs. Alexandre Florindo Coelho, Padre Joaquim Soares de Oliveira Alvim, Dr. Martinho Prado Junior, Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Dr. João Nepomucemo Nogueira da Motta, Dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta, Dr. Manoel Pereira Guimarães e Gabriel Prestes. Achando-se este ultimo na ante-sala, é convidado a tomar parte nos trabalhos, o que faz, assignando o livro de presença.

Não havendo materia de expediente, passou-se á

Ordem do dia

Entra em discussão o projecto de Estatutos.

Usam da palavra, fazendo considerações a respeito e apresentando diversas emendas os socios srs. Garcia Redondo, João Monteiro, Domingos Jaguaribe, Bento Bueno, Carlos Reis, Osorio de Almeida e Duarte de Azevedo. Estando a hora adiantada, o snr. Presidente lembra a conveniencia de ser adiada a discussão para outra sessão, o que foi unanimemente approvado; é então levantada a sessão e convocada a seguinte para o dia 23 do corrente mez, neste mesmo logar ao meio dia.

4.ª Sessão, em 23 de Dezembro de 1894

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

No logar e hora do costume, presentes os socios srs. Cesario Motta, Carlos Reis, Antonio Piza, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Garcia Redondo, Osorio de Almeida, João Monteiro, Hypolito de Camargo, Pedro Cardim, Souza Franco, Alberto Löfgren, Henry White, Bento Bueno, Arthur Goulart, Candido Motta, Viriato Brandão, Estevam Bourroul, Tancredo Amaral, Assis Moura, Luiz Piza, Paula Souza e Duarte de Azevedo, o snr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Não houve materia de expediente.

Por proposta de alguns srs. socios presentes, a assembléa, attendendo ás razões apresentadas, deliberou considerar como socios fundadores os srs. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Augusto Cesar Barjona, Lindorf Ernesto Pereira de Vasconcellos, Henrique Affonso de Araujo Macedo, Dr. Antonio Joaquim Ribas, Dr. José Cardoso de Almeida, Dezembargadores Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Dr. Alfredo Rocha e Emannuel Vanorden.

O sr. Dr. Garcia Redondo, não se oppondo á admissão de pessoas na qualidade de socios fundadores neste periodo de constituição da sociedade, propoz e foi sem debate approvado que fossem admittidos e considerados socios fundadores todos aquelles que o solicitassem até o dia 31 do corrente mez, uma vez que tivessem as qualidades necessarias, a juizo da Directoria, que ficava autorisada a acceitar ou recusar até áquella data.

Achando-se na ante-sala os srs. Augusto Cesar Barjona e Lindorf de Vasconcellos, acceitos na presente sessão, foram convidados a tomar assento na assembléa, o que fizeram, assignando o livro de presença.

ORDEM DO DIA

Continúa em discussão o projecto de Estatutos com as emendas apresentadas na sessão passada.

Usam da palavra diversos socios, sendo apresentadas mais algumas emendas. Encerrada a discussão, procede-se á votação das emendas e afinal dos Estatutos englobadamente. Terminada a votação, foi nomeada uma commissão composta dos srs. Drs. Garcia Redondo, Domingos Jaguaribe e Antonio Piza, para apresentar os Estatutos ordenados e redigidos, ficando convocada uma reunião para o dia 30 do corrente, ao meio dia, neste mesmo logar, para a approvação da redacção.

ELEIÇÃO DA DIRECTORIA

O sr. Presidente declara que, de accordo com a convocação feita, passava-se á 2.ª parte dos trabalhos, que era a eleição da directoria.

Nomeados os escrutadores, procedeu-se a eleição, cujo resultado foi o seguinte:

Presidente

Dr. Cesario Motta Junior.

Vice-presidente.

Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.

1.º Secretario.

Dr. Carlos Reis.

2.º Secretario.

Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.

Thesoureiro.

Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.

Finda a apuração, foram os eleitos proclamados e empossados dos seus cargos, agradecendo neste acto o sr. Dr. Cesario Motta a sua eleição e promettendo empregar todos os esforços a seu alcançe para a prosperidade do Instituto.

5.ª sessão, em 30 de Dezembro de 1894

Presidencia do sr. Dr. Cesario Motta Junior

No logar e hora do costume, presentes os socios srs. Cesario Motta, Souza Franco, Tiburtino Mondim, Garcia Redondo, Henry White, Bento Bueno, Osorio de Almeida, Jules Martin, Antonio Piza, Antonio Augusto da Fonseca, Estevam Bourroul, Cerqueira Cesar e Theodoro Sampaio, o sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. Presidente communica á assembléa que, de accordo com a deliberação tomada na ultima sessão, a Directoria tinha incluido na lista dos socios fundadores, participando-se-lhes a admissão, os seguintes srs. :

Drs. Vicente Liberalino de Albuquerque, José Alves de Cerqueira Cesar, Julio Cesar Ferreira de Mesquita, Arthur Cesar Guimarães, Augusto Fomm, José Ferreira de Garcia Redondo, Eduardo Carlos Pereira, Gabriel de Toledo Piza e Almeida, Luiz de Anhaia Mello, Jorge Tibiriçá, João Alvares Rubião Junior, Antonio da Silva Prado, Francisco Glicerio, Alfredo Ellis, Jayme Serva, Horacio de Carvalho, José Ferraz de Almeida Junior, Braulio Gomes, Augusto Cesar de Miranda Azevedo, José André do Sacramento Macuco, Cesario Gabriel de Freitas, Joaquim de Toledo Piza e Almeida, João Candido Martins, Fortunato Martins de Camargo, Manoel Alves de Souza Sá Vianna, José Francisco Soares Romeo, Virgilio de Rezende, Francisco Martiniano da Costa Carvalho, Carlos de Campos, Carlos Botelho, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e Jacob Itapura de Miranda.

Communicou mais o sr. Presidente que, nos termos do § 2.º do art. 20 dos Estatutos, e tendo ouvido a Directoria, constituira as commissões permanentes do seguinte modo :

1ª. Commissão de regulamentos e estatutos

Dr. João Pereira Monteiro.
Dr. Severino de Freitas Prestes.
Dr. Estevam Leão Bourroul.

2ª. Commissão de admissão de socios

Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.
Dr. Bento Bueno.
Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida.

3.ª Commissão de redacção da «Revista»

Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.
Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.

4.ª Commissão de historia e estatistica de S. Paulo

Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Jayme Serva.
Lafayette de Toledo.

5.ª Commissão de historia geral do Brazil

Dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides.
Dr. José Valois de Castro.
Dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

6.ª Commissão de geographia de S. Paulo

Dr. Theodoro Sampaio.
Tancredo do Amaral.
Dr. Orville A. Derby.

7.ª Commissão de geographia geral do Brazil

Dr. José Vicente de Azevedo.
Major Gabriel Prestes.
Tiburtino Mondim Pestana.

8.ª Commissão de litteratura e manuscriptos

Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim.
Horacio de Carvalho.
Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura.

9.ª Commissão de sciencias, numismatica e archeologia

Dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho.
Dr. Gabriel Osorio de Almeida.
Alberto Löfgren.

10.ª Commissão de artes e industrias

Dr. Francisco Ferreira Ramos.
Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.
Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane.

Em seguida passa-se á

ORDEM DO DIA

Lidos os Estatutos redigidos pela commissão para esse fim nomeada e posta em discussão e depois em votação a respectiva redacção, é esta unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente levantou a sessão, declarando que a primeira reunião a realizar-se será a 25 de Janeiro vindouro, dia marcado pelos Estatutos para começo dos trabalhos..

1ª. Sessão ordinaria, em 25 de Janeiro de 1895

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

No edificio onde funcciona o Gymnasio do Estado, as 7 1|2 horas da noite presentes os socios snrs. Cesario Motta, Theodoro Sampaio, Macedo Soares Moura Escobar, Antonio Carlos de Andrada, Augusto Cardoso, Clementino Castro, Bento Bueno, Soares Romeo, Araujo Cintra, Alberto Löfgren, Gabrie Prestes, Candido Motta, Manoel Guimarães, Theophilo Barbosa, Alexandre Riedel, Henry White, Orville Derby, Tiburtino Mondim, Carlos de Campos, Joaquim Piza, Duarte de Azevedo, Furtado Filho, Augusto Barjona, Viriato Brandão, Eugenio Hollender, Virgilio Rezende, Horace Lane, Jayme Serva, Mathias Valladão, Siqueira Campos, Paula Souza, Eugenio Franco, Antonio Piza, Luiz Piza, Ernesto Cohn, Tancredo Amaral, Moreira da Silva, Pedro Cardim, Souza Franco e Carlos Reis, faltando com participação os snrs. Garcia Redondo, Domingos Jaguaribe, Alfredo Ellis e Eduardo Pereira, o snr. Presidente convidou o snr. Dr. Antonio Piza a occupar o logar de 2.º Secretario, e declarou aberta a sessão, proferindo neste acto uma brilhante allocução.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

EXPEDIENTE

O 1.º Secretario communica terem sido feitas ao Instituto as seguintes

Offertas

Pelo Professor Fival de Teixeira Braga, o 1.º fasciculo do seu *Diccionario Geographico, historico, biographico e descriptivo da Provincia do Paraná* e sete numeros da *Revista do Paraná*, jornal illustrado por elle publicado em 1887.

Pelo snr. Antonio Gomes de Azevedo Sampaio, um exemplar da sua monographia *Saúva ou Manhu-uára*.

Pela Camara Municipal de Santos um exemplar da sua *Constituição*.

Pela Sociedade Pharmaceutica Paulista, um exemplar dos seus Estatutos.

Pelo socio snr. Jules Martin, a *Planta da Cidade de São Paulo em 1810* (mappa).

Pela respectiva redacção, o 1.º fasciculo da *Revista Brasileira*.

Todas estas offertas são recebidas com especial agrado.

O sr. Presidente communica que, em virtude da deliberação da assembléa na sessão de 23 de Dezembro proximo findo, a Directoria incluiu no quadro dos socios fundadores mais os seguintes snrs.: Drs. Theodoro Dias de Carvalho, Antonio Francisco de Araujo Cintra, João de Arruda Leite Penteado, José Baptista Pereira, Luiz Antonio de Souza Ferraz, Alexandre Riedel, José Luiz de Almeida Nogueira, Wenceslau de Queiroz, José Maria Lisboa, Mathias Valladão, Martim Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho, Ernesto de Moraes Cohn, Antonio Pereira Prestes e Oscar Horta, aos quaes foi participada a admissão.

ORDEM DO DIA

Da parte do snr. Dr. Domingos Jaguaribe, é apresentado um seu trabalho intitulado *Origens Republicanas do Brasil*, o qual vai á Commissão de historia geral do Brasil para emittir parecer.

Pelo snr. Presidente são apresentadas as seguintes theses, que são acceitas pela assembléa para o fim de serem desenvolvidas em conferencias pelos snrs. socios:

1 Das divisas de S. Paulo com os Estados limotrophes.

2 Da influencia do rio Tieté na civilisação de S. Paulo.

3 Missões jesuiticas do Guayrá.

4 Da viação ferrea em S. Paulo, no passado, presente e futuro.

5 Da geographia medica de S. Paulo.

6 Da flora e fauna de S. Paulo.

7 Influencia do estudo do direito em S. Paulo na civilisação do Brasil.

8 Das finanças de S. Paulo, no passado, no presente e no futuro.

9 Da lingua portugueza e das modificações que tem experimentado em S. Paulo.

10 Da imprensa de S. Paulo e de sua influencia desde os seus primeiros tempos.

O sr. Duarte de Azevedo lembra que seria conveniente dirigir-se uma circular ás Camaras Municipaes do Estado solicitando a remessa ao Instituto de documentos que existam em seus archivos que se refiram a pontos da nossa historia ou que tenham importancia ou interesse geral, porque assim obter-se-iam elementos para o estudo das theses a desenvolver e para a organisação de trabalhos, tornando-se tambem uma fonte de material para a «Revista» a publicar.

O sr. Presidente declara que a Directoria tomará em consideração o alvitre indicado.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão.

2.ª Sessão em 21 de Abril de 1895

Presidencia do sr. Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo

No edificio do Gymnasio, ás 7 horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Tristão Araripe, Henry White, Carlos de Campos, Domingos Jaguaribe, Augusto Cardoso, Cerqueira Cesar, Osorio de Almeida, Tiburtino Mondim, Theophilo Barbosa, Liberalino de Albuquerque, Soares Ro-

meó, Paula Souza, Mathias Valladão, Augusto Barjona, Pedro Vicente, Arthur Goulart, José Vicente, Evaristo Bacellar, Antonio Piza, Tancredo Amaral e Carlos Reis, faltando por motivo justificavel os srs. Cesario Motta e Garcia Redondo, assume a presidencia o vice presidente sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo, convida o sr. Dr. Paula Souza a occupar a cadeira de 2.º Secretario e declara aberta a sessão, expondo em brilhante allocução o fim especial da mesma, que é commemorar o anniversario da morte do martyr da liberdade—Tiradentes.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica, agradecendo a sua nomeação de presidente honorario deste Instituto, fazendo votos pela sua prosperidade e promettendo-lhe seu apoio.

Do sr. Dr. Benardino de Campos, presidente do Estado, accusando a communicação que lhe foi feita de ter-se installado este Instituto, fazendo votos pela sua prosperidade e promettendo-lhe seu apoio.

Do sr. Dr. Antonio Gonçalves Ferreira, ministro da justiça, no mesmo sentido.

Do sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, ministro da Fazenda, no mesmo sentido.

Do sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ministro da Industria, no mesmo sentido.

Do sr. Almirante Elisiario Barbosa, ministro da Marinha, no mesmo entido.

Offertas

Pelo «Instituto do Ceará»: os dois fasciculos da sua *Revista* relativos ao anno de 1894.

Pela Directoria do Serviço Sanitario do Estado: *Boletim de Estatistica demographo-sanitaria*, fasciculos de Janeiro a Fevereiro.

Pelos respectivos autores: *Uma revelação historica*, por Benedicto Galvão de Moura Lacerda; *Compendio de Geographia do Paraná*, por Luiz de França Almeida e Sá.

Pelo socio sr. Alberto Löfgren:

Boletim da Commissão Geographica e Geologica do Estado, fasciculos ns. 9 e 10.

Pelo Director do «Pedagogium Brazileiro», sr. Dr. Menezes Vieira: *Memorias e documentos escolares*, ns. 1 a 8; *Revista Pedagogica*, 1 a 42; (com falta dos ns. 11, 28, 29 e 30).

Pelo Director Geral interino dos Correios da Republica, sr. Dr. Martinho Vieira de Mello: *Guia para a expedição de correspondencia e malas*; *Itinerario para expedição de malas: tabellas diversas: Relatorios dos serviços dos correios*, 1880, 1889, 1892, e 1893; *Instrucções para o Regulamento de 1865; Regulamento dos Correios*, 1888, 1890 e 1894; *Convenções postaes*

1878 e 1891; *Instrucções diversas; Districtos postaes do Rio de Janeiro,* 1889 e 1893; *Boletim Postal,* fasciculos ns. 1, 2 e 3 deste anno.

Pelas respectivas redacções:

A Madrugada, n. de 13 de Fevereiro; *Diario Official* do Estado, os ns. publicados de 1.º de Janeiro deste anno em diante.

Todas estas offertas são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

O sr. Dr. Jaguaribe procede á leitura do bellissimo capitulo de sua obra intitulada *Origens Republicanas no Brazil*, relativo á Inconfidencia mineira, onde trata com particularidade do vulto glorioso de Tiradentes, sendo ao terminar muito applaudido.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente scientifica que a Directoria resolveu marcar os dias 5 e 20 de cada mez para realizarem-se as sessões ordinarias do Instituto, convida os socios a comparecerem no dia 5 de Maio proximo futuro, ás 7 horas da noite, neste mesmo logar, e encerra a sessão.

3.ª sessão, em 5 de Maio de 1895

Presidencia do sr. Dr. Carlos Reis

A's 7 horas da noite presentes os srs. Carlos Reis, Tiburtino Mondim, Clementino Castro, Augusto Barjona, Alberto Löfgren, Orville Derby, Henry White, Candido Motta, Arthur Goulart, Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Braulio Gomes, Valois de Castro, Gama Cochrane e Bento Bueno, faltando com participação os srs. Drs. Cesario Motta e Duarte de Azevedo, assume a presidencia, na falta do presidente, e vice-presidente, o 1.º Secretario, sr. Dr. Carlos Reis, que convida para occuparem as cadeiras de 1.º e 2.º Secretario os socios srs. Dr. Antonio Piza e Tiburtino Mondim e declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. Dr. Tranquilino Leovegildo Torres, presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, accusando e agradecendo a participação que lhe foi feita da fundação do Instituto Historico de S. Paulo, fazendo votos pela sua prosperidade e offerecendo seus prestimos.

Do sr. Dr. Raul d'Avila Pompéa, director da Bibliotheca Nacional, no mesmo sentido e offerecendo uma collecção dos *Annaes* daquella bibliotheca.

Offertas

Pela Directoria do Serviço Sanitario: *Boletim de Estatistica,* fasciculo de Março.

Pelo sr. Dr. Mello Moraes Filho: *Archivo do Districto Federal,* os fasciculos do anno de 1894 e os de Janeiro a Maio deste anno.

Pelo sr. Dr. Manoel A. de S. Sá Vianna: *Relatorio dos trabalhos do Instituto da Ordem dos advogados brazileiros* no anno de 1894.

Pelo sr. Dr. Oscar Leal:

O Amazonas, conferencia por elle realizada na Sociedade de Geographia de Lisboa.

Pelo socio sr. Dr. Ignacio W. da Gama Cochrane, os seus seguintes trabalhos: *Saneamento do porto e cidade de Santos; Saneamento de S. Paulo; A Companhia de S. Paulo e Rio de Janeiro e suas condições economicas; Resgate da E. F. S. Paulo e Rio de Janeiro; Liquidação da Companhia em virtude do resgate.*

Pelo socio sr. Arthur Goulart: *Revista Moderna*, jornal pedagogico. ns. 1 a 7.

São estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram apresentadas, lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

1.ª Para socio effectivo o sr. Luiz de França Almeida e Sá, membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, autor do «Compendio de Geographia do Paraná», assignada por Carlos Reis, Domingos Jaguaribe e Arthur Goulart.

2.ª Para socio correspondente o sr. Dr Oscar Leal, jornalista e escriptor brazileiro, residente em Lisboa, assignada por Arthur Goulart, Domingos Jaguaribe e Carlos Reis.

3.ª Para socio correspondente o sr. Dr. Ernesto Goulart Penteado, advogado, membro do Conselho Superior de Instrucção Publica do Estado, assignada por Carlos Reis, Arthur Goulart e Domingos Jaguaribe.

4.ª Para socio correspondente o sr. Dr. Henrique Coelho, chefe da 1ª Secção da Secretaria de Justiça do Estado, assignada por Carlos Reis, Arthur Goulart, Domingos Jaguaribe e Tiburtino Mondim.

5.ª Para socio honrario o sr. Barão Homem de Mello, historiador e geographo brazileiro, assignada por Domingos Jaguaribe, Carlos Reis, Arthur Goulart, Orville Derby e Tiburtino Mondim.

Foi lido pelo sr. Dr. Domingos Jaguaribe um documento inedito sobre a revolução para o estabelecimento da Republica do Equador em 1824.

Nada mais havendo a tratar, o snr. Presidente levantou a sessão.

4ª. sessão, em 13 de Maio de 1895

Presidencia do snr. dr. Carlos Reis

As 7 horas da noite, presentes os socios snrs. Carlos Reis, Paula Souza, Theodoro Sampaio, Aureliano Coutinho, Emannuel Vanorden, Viriato Brandão, Henry White, Eduardo Pereira, Augusto Barjona, Veiga Filho, Soares Romeo, Antonio Piza, Mathias Valladão e Orville Derby, o 1.º Secretario, snr. Dr. Carlos Reis em falta do presidente e vice-presidente que não compareceram por justos motivos, assumiu a presidencia e declarou aberta a sessão, convidando para 1.º e 2.º secretarios os socios snrs. Dr. Antonio Piza e Soares Romeo.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Não houve expediente.

A convite do snr. Presidente, o socio snr. Dezembargador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho acceitou a incumbencia de subir á tribuna para solemnisar a data de hoje, e ahi proferiu um brilhantissimo discurso que foi calorosamente applaudido.

Dada a palavra ao socio sr. Dr. João Pedro da Veiga Filho, que se achava inscripto para fazer uma conferencia na presente sessão, fez elle uma importante, interessante e instructiva dissertação sobre a these — *Das finanças de S. Paulo, no passado, no presente e no futuro* — sendo ao terminar applaudido.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente convidou os socios a comparecerem a sessão ordinaria de 20 do corrente e levantou a sessão.

5.ª sessão, em 20 de Maio de 1895.

Presidencia do sr. Cesario Motta Junior

As 7 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Henry White, Viriato Brandão, Pereira Guimarães, Augusto Bueno, Paula Souza, Eugenio Franco, Theodoro Sampaio, Eduardo Pereira, Julio Martin, Emanuel Vanorden, Orville Derby, Domingos Jaguaribe e Arthur Gomes, Alberto Löfgren, Tancredo Amaral, Valois de Castro, José Vicente, Mathias Velladão, Gama Cochrane, Soares Romeo, Pedro Vicente e Carlos Ros, faltando com participação os snrs. Duarte de Azevedo, Alfredo Ellis e Orpheu Rolando, o sr. Presidente convidou o sr. Coronel Dr. José Valois de Castro a occupar a cadeira de 2.º Secretario e declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario da conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do sr. dr. Joaquim José de Menezes Vianna, Director do Pedagogium Brasileiro, enviando o ultimo numero da *Revista Pedagogica*.

Officios

Pela sociedade Pharmaceutica Portugueza, [illegible] da sua *Revista*.

Pela Directoria Geral dos [illegible] *Agencias Postaes* e fasciculo n.º 4 do *Boletim Postal*.

Pelo snr. Olavo de Freitas Moreira: *Estudos dos arcelispos da Bahia* [illegible].

Pelas respectivas redacções: *[illegible] Fazenda*; *O Ensaio*, n.ºs 13 e 19.

São todas estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram lidas e remettidas a Commissão de Admissão de socios as seguintes propostas:

1.ª Para socio effectivo o sr. dr. Jorge Moreira, [illegible] do Nucleo Colonial de Santo [illegible] um trabalho ine-

dito sobre a lingua guarany, assignada por Alberto Löfgren, Domingos Jaguaribe e Carlos Reis.

2.ª Para socio effectivo o sr. dr. Ernesto Young, engenheiro residente em Iguape, membro da Sociedade de Engenharia de Londres, autor do melhor mappa sobre o Ribeiro de Iguape, assignada por Alberto Löfgren, Domingos Jaguaribe e Carlos Reis.

3.ª Para socio effectivo o sr. dr. Luiz Pereira Barreto, escriptor e homem de sciencia, presidente da Sociedade de Medicina, assignada por dr. Domingos Jaguaribe, Carlos Reis e Arthur Goulart.

4.ª Para socio correspondente o sr. dr. José da Costa Rangel Junior, advogado, membro do Congresso Legislativo do Estado, assignada por Carlos Reis, Domingos Jaguaribe e Manoel Pereira Guimarães.

5.ª Para socio correspondente o sr. dr. Alfredo de Toledo, advogado e jornalista, residente em Bragança, assignada por Arthur Goulart, Domingos Jaguaribe e Tancredo Amaral.

6.ª Para socio honorario o sr. Bellarmino Carneiro, jornalista, redactor d'*O Paiz*, investigador em assumptos geographicos e historicos, residente na Capital Federal, assignada por Tancredo Amaral, Orville Derby e Arthur Goulart.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão o seguinte parecer:

« A Commissão de admissão de socios, tendo examinado as propostas relativas aos srs. Luiz de França Almeida e Sá, Dr. Oscar Leal, Dr. Ernesto Goulart Penteado, Dr. Henrique Coelho e Barão Homem de Mello, o 1º para socio effectivo, os tres seguintes para correspondentes e o ultimo para honorario, verificou estarem as mesmas de accordo com os Estatutos e possuirem os propostos as qualidades exigidas; pelo que é de parecer que sejam as propostas approvadas e os candidatos admittidos como membros deste Instituto.—S. Paulo, 16 de Maio de 1894. — *Dr. Manoel Antonio Duarte de Azeredo.—Bento Bueno.—Luiz de Toledo Piza e Almeida.* »

Pelo sr. dr. Orville Derby foi lida uma carta inedita do Conde de Cunha vice-rei do Brasil, escripta no Rio de Janeiro em 31 de Outubro de 1765 e dirigida ao governo da metropole, sobre divisas de S. Paulo e Minas Geraes, sendo os pontos principaes desse documento esclarecidos pelo sr. Derby.

Consta desse importante documento que o Conde de Cunha, em cumprimento á ordem do rei determinando que elle mandasse tomar assento dos limites por onde deve partir a capitania de S. Paulo com as de Minas e Goyaz, afim de ser resolvido o que ao rei parecesse mais justo, devendo entretanto ser observado o que fosse assentado até a definitiva resolução da corôa, convocára uma junta composta dos Ministros da junta da Fazenda e de pessoas praticas daquelles sertões, dentre as quaes salienta o Guarda Mór das Minas Geraes Pedro Dias Paes Leme, como a de maior credito, tanto pela sua natural sinceridade, como pelo seu conhecido desinteresse, sendo esta pessoa a que deu a luz que era precisa para a organização das cartas geographicas que elle Conde de Cunha e o Governador de Minas mandaram fazer, nas

quaes vê-se claramente onde nasce o Rio Grande do Paraná e por onde faz a sua corrente; diz mais o documento que tendo D. João V em 1748 mandado que o governador do Rio de Janeiro e Minas governasse tambem S. Paulo e que dividisse este governo com o de Minas pelo Rio Sapucahy ou por onde melhor lhe parecesse, dito governador não tendo, como é notorio affecto aos Paulistas, mandou que tirando-se uma linha recta do marco da serra Mantiqueira até a de Mogy-guassú, deste ponto imaginario e pelos altos della fosse findar a divisão no Rio Grande; em consequencia desta ordem tirava-se á capitania de S. Paulo todo o grande terreno que medeia entre Rio Grande e Sapucahy e todo o grande territorio entre este rio e a serra do Dumba, a que se dava o nome de Mogy-guassú, mas a demarcação feita pelo Ouvidor Thomaz Reby ainda causou muito maior prejuizo á capitania de S. Paulo. Apezar de ser clarissima a justiça e razão dos Paulistas pretendendo e esperando a restituição de todo o territorio que até ás margens occidentaes do rio Sapucahy se lhes tem indevidamente tirado, e sendo o assento da Junta conforme e sem a menor discrepancia deste parecer, assim como tambem o bispo da diocese entende que pelo Sapucahy devia ser feita a divisão, todavia encontrava elle Conde de Cunha um embaraço em enviar a copia de Assento aos Governadores de Minas e Goyaz para a observarem até a definitiva resolução conforme a ordem do rei, o qual consistia no eguinte : «A capitania de Minas julgando-se então excessivamente vexada com a obrigação de pagar annualmente cem arrobas de ouro, desejava uma modificação daquella quota e poderia ser motivo para exigir dita modificação a tirada daquelles territorios uteis de que estava de posse desde 1749, podendo tambem darem-se disturbios difficeis de conter e pacificar ; é portanto de opinião que a divisão se faça pela forma determinada por D. João V, isto é, pelos rios Grande e Sapucahy e que nada se abata na quota das cem arrobas que Minas tem obrigação de pagar, porque quando as offereceu não possuia aquelles territorios e só os Paulistas tinham delles alguma noticia.»

Finda a leitura, foi o sr. dr. Derby applaudido.

O sr. Olavo de Freitas Martins, socio fundador do Instituto Geographico e Historico da Bahia, obtendo a palavra, manifesta a sua gratidão por ter-lhe sido permittido assistir aos trabalhos da presente sessão e faz votos pela prosperidade do nosso Instituto.

O sr. Presidente agradece as palavras do sr. Olavo e declara que o Instituto de S. Paulo manteria perfeita solidariedade com o da Bahia.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente levantou a sessão.

6.ª sessão, em 5 de junho de 1895

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Soares Romeo, Manoel Guimarães, Candido Motta, Antonio Piza, Garcia Redondo, Duarte de Azevedo, Emanuel Vanorden, Orville Derby, Henry White, Theodoro Sampaio,

Cerqueira Cesar, Eugenio Franco, Tiburtino Mondim, Augusto Barjona, Tancredo Amaral, Paula Souza, Macedo Soares e Carlos Reis, faltando com participação o sr. dr. Domingos Jaguaribe, o sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Do Instituto Geographico e Historico da Bahia communicando os nomes dos cidadãos eleitos para a administração que tem de funccionar de 1895 a 1896.

Do socio sr. dr. Garcia Redondo enviando um exemplar das *Caricias* para os effeitos do artigo 31 dos Estatutos.—A' Commissão de litteratura e manuscriptos.

Offertas

Pela Directoria Geral dos Correios: *Boletim Postal*, collecção de todos os fasciculos publicados desde o 1.º numero até Dezembro de 1894, e mais o fasciculo n. 5 deste anno.

Pelos respectivos autores:

Consultor do Commercio, por João Candido Martins;

Indicações sobre a Historia Nacional, por Tristão de Alencar Araripe.

Pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza: *Documentos interessantes* para a historia e costume de S. Paulo, os dez volumes publicados (1 até 12); *Relatorio da Repartição de Estatistica e Archivo de S. Paulo*, relativo ao anno de 1893.

Pela Directoria do Serviço Sanitario: *Boletim de Estatistica*, fasciculo de Abril.

Pelo sr. dr. Mello Moraes Filho: *Archivo do Districto Federal*, fasciculo de Junho.

Pela Companhia Industrial; *Almanak do Estado de S. Paulo* para 1895.

Pelas respectivas redacções;

Diario Official do Estado;

A Madrugada.

São estas offertas recebidas com especial agrado.

O sr. Presidente, recordando os serviços prestados pelo benemerito cidadão dr. Joaquim Saldanha Marinho, declara que vai mandar consignar na acta da presente sessão um voto de pesar pelo passamento dessa illustre individualidade, suppondo assim interpretar os sentimentos não só dos socios presentes como de todos os membros do Instituto.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficára sobre a mesa e vem transcripto na acta anterior, sendo proclamados membros do Instituto os srs.:

Luiz de França Almeida e Sá, socio effectivo;

Drs. Oscar Leal, Ernesto Goulart Penteado e Henrique Coelho, socios correspondentes;

Barão Homem de Mello, socio honorario.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser discutido na 1.ª sessão o parecer da Commissão de admissão de socios concluindo favoravelmente a respeito das propostas relativas á admissão dos srs. drs. Jorge Maia, Ernesto Young, Luiz Pereira Barreto, José da Costa Rangel Junior, Alfredo de Toledo e Bellarmino Carneiro.

Foram lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

Para socio honorario o sr. Barão de Paranapiacaba, litterato e poeta distintissimo, autor e traductor de muitas obras poeticas, residente na Capital Federal, assignada por Manoel Antonio Duarte de Azevedo, Carlos Reis e Manoel Ferreira Garcia Redondo.

Para socio honorario o sr. Barão do Rio Branco, arbitro por parte do governo brasileiro no litigio das Missões, residente em Londres, assignada por dr. Cesario Motta Junior, Carlos Reis e Manoel Ferreira Garcia Redoudo.

O socio sr. Tancredo Amaral leu alguns capitulos da sua obra — *A historia de S. Paulo*, sendo applaudido e felicitado pelo seu trabalho.

O sr. dr. Orville Derby, explanando-se em considerações a respeito das divisas de S. Paulo e Minas Geraes, apresenta e offerece ao Instituto as copias de duas cartas geographicas antigas e ainda ineditas; uma de 1766, tendo o seguinte titulo — *Carta chorographica da Capitania de S. Paulo*, em que se mostra a verdadeira situação dos logares por onde se fizeram as sete principaes divisões do seu governo com o de Minas Geraes; a outra, de 1778, com o seguinte titulo — *Mappa da capitania de Minas Geraes*, com a divisa de suas comarcas.

O sr. Presidente agradeceu ao sr. Derby a offerta que acaba de fazer e por nada mais haver a tratar, levantou a sessão.

7.ª sessão, em 20 de Junho de 1895.

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Alexandre Riedel, Garcia Redondo, Eugenio Franco, Clementino Castro, Theodoro Sampaio, Orville Derby, Henry White, João Monteiro, Paula Souza, Pedro Vicente, Gomes Cardim, Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Manoel Guimarães, Soares Romeo, Tancredo Amaral e Carlos Reis, o sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Comparece e toma assento o sr. dr. Ernesto Goulart, acceito na sessão passada na qualidade de socio correspondente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Da commissão da colonia franceza desta capital convidando o Instituto a tomar parte na manifestação commemorativa da morte de Sadi Carnot a 24 do corrente. — E' acceito o convite e nomeada para representar o Instituto uma commissão composta dos srs. dr. João Monteiro, dr. Domingos Jaguaribe e Jules Martin.

Do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano participando ter recebido a communicação da fundação do nosso Instituto, congratulando-se com os seus fundadores, promettendo todo o auxilio a bem da nossa associação e declarando ter remettido uma collecção da sua *Revista* e duas obras. O 1.º Secretario informa que esta offerta ainda não chegou ás suas mãos.

Do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros accusando o recebimento da communicação da fundação do nosso Instituto e fazendo votos pela sua prosperidade.

Offertas.

Pelos respectivos autores:

A Historia de S. Paulo, por Tancredo do Amaral: *Guia de viagem para as aguas mineraes*, por Maximino Serzedello: *Do Tejo a Pariz, Viagem a um paiz de selvagens, O Amazonas*, pelo dr. Oscar Leal; *Rochas Nepelinas do Brasil, Os picos altos do Brasil, Limites entre S. Paulo e Minas, A contribution to the geology of the lower Amazonas, Nepheline — Rocks in Brasil, Occurence of Xenotime as an accessory element in rocks, Magnetite ore districts of Jacupiranga and Ipanema, Nepheline — Rocks in Brasil* — Parte II, *The Amazonian upper carboniferous fauna*, pelo dr. Orville A. Derby.

Pelo socio sr. Dr. Orville Derby *Meteoritos brasileiro* pelo offertante, e *Ferro nativo de Santa Catharina*, por Luiz F. Gonzaga de Campos (em um volume);

As trilobitas do grez de Ereré e Maecurú, por John M. Clarke; Publicações da Commissão Geographica do Estado, a saber:

Relatorio sobre os serviços realizados em 1894; *Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema; Dados climatologicos*—1891 e 1892; *Boletim da Commissão*, volumes ns. 1 a 10 (faltando o n. 3).

Pelo sr. Lafayette de Toledo: *Collecção das leis do municipio de Casa Branca*—Tomo 1.º, 1892 a 1894.

Pelas respectivas redacções:

Diario Official do Estado; *Revista Agricola*, n. 1: *O Ensaio*, ns. 22 e 23.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficara sobre a meza na sessão passada, sendo proclamados membros do Instituto os srs.:

Drs. Jorge Maia, Ernesto Young e Luiz Pereira Barreto, socios effectivos.

Drs. José da Costa Rangel Junior e Alfredo de Toledo, socios correspondentes.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão o seguinte parecer:

« A Commissão de admissão de socios, tendo examinado as propostas relativas aos srs. Barão de Paranapiacaba e Barão do Rio Branco para socios honorarios, verificou estarem as mesmas de accordo com os Estatutos e possuirem os propostos as qualidades exigidas; pelo que é de parecer que sejam as ditas propostas approvadas e os candidatos admittidos como membros honorarios deste Instituto, que em suas pessoas fará uma brilhante acquisição. — S. Paulo, 17 de Junho de 1895.—*Bento Bueno.—Luiz de Toledo Piza e Almeida.*—Deixa de assignar o sr. dr. Duarte de Azevedo por ser signatario de uma das propostas».

Foi lida e remettida á Commissão de admissão de socios uma proposta assignada pelos srs. drs. Manoel Ferreira Garcia Redondo, Eugenio Alberto Franco e Carlos Reis propondo para socio correspondente o sr. J. Maximino Serzedello, autor da Guia de viagem para as aguas mineraes de Minas, brasileiro, residente na Capital Federal.

O sr. dr. Orville Derby leu e apresentou um seu trabalho a respeito da denominação—*Serra da Mantiqueira*—dada ao systema de montanha assim chamado, o qual foi muito apreciado.

O sr. dr. Domingos Jaguaribe tambem procedeu á leitura de mais uns capitulos da sua obra—*Origens Republicanas do Brazil*, sendo applaudido.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente apresenta o alvitre de celebrar-se a proxima sessão, não a 5 mas a 4 de Julho, como uma homenagem á Republica Americana do Norte, alvitre que foi acceito unanimemente. Então o sr. presidente convidou o sr. dr. João Pereira Monteiro a encarregar-se de proferir o discurso official e levantou a sessão.

8.ª sessão, em 4 de Junho de 1895

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior

A's 6 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Garcia Redondo, Alexandre Riedel, Tiburtino Mondim, Paula Souza, Domingos Jaguaribe, João Monteiro, Theodoro Sampaio, Macedo Soares, Soares Romeo, Ernesto Goulart, Arthur Goulart, Orville Derby, José Vicente, Duarte de Azevedo, Antonio Piza, Gomes Cardim, Liberalino de Albuquerque, Henry White, Tancredo Amaral e Carlos Reis, o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Em seguida foram recebidos os srs. Henry Smith, consul americano em Santos, dr. George Ritt, consul francez nesta capital, os quaes tomaram assento na mesa, drs. Arthur Prado de Queiroz Telles e Benedicto Castilho de Andrade, commissionados pela Camara dos deputados do Estado para represental-a nesta sessão, diversos representantes da imprensa desta cidade e da Capital Federal e outras pessoas convidadas para assistir á sessão.

EXPEDIENTE

Officio da Camara Municipal da Conceição de Itanhaen declarando, em resposta ao officio circular deste Instituto, que em seu archivo nenhum documento existe que possa ser util á nossa associação e que, com os poucos que ainda lá se encontram, o cidadão Benedicto Calixto está organisando um trabalho que submetterá á apreciação deste Instituto.

Houve a offerta do n.º 5 do *Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria*, que foi recebida com especial agrado.

O sr. dr. João Monteiro participa que a commissão nomeada para representar o Instituto na homenagem a Sadi Carnot no anniversario de sua morte tinha desempenhado a sua incumbencia; o sr. Presidente, em nome do Instituto, agradeceu á Commissão e em particular ao sr. dr. João Monteiro pela bellissima oração que proferira.

Em seguida o snr. Presidente annunciou que se vai passar á ordem do dia, proferindo nesse acto uma brilhante allocução em que declara ter sido a presente sessão marcada para hoje como uma prova de consideração á grande Republica da America do Norte, que nesta data commemora o anniversario de sua independencia.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficara sobre a mesa e vem transcripto na acta anterior, sendo proclamados membros honorarios deste Instituto os srs. Barão de Paranapiacaba e Barão do Rio Branco.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte o parecer da Commissão de admissão de socios concluindo favoravelmente á respeito da admissão do sr. J. Maximino Serzedello na qualidade de socio correspondente.

Foram lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

Para socio correspondente o sr. dr. Raymundo Pennaforte Alves do Sacramento Blake, engenheiro, autor de muitos trabalhos de geographia de São Paulo, brasileiro, residente em Jundiahy, assignada por Antonio de Toledo Piza, Manoel Ferreira Garcia Redondo e Theodoro Sampaio.

Para socio honorario o sr. dr. Georges Ritt, consul de França nesta Capital, doutor em direito pela Faculdade de Paris, assignada por dr. João Monteiro, M. F. Garcia Redondo e Carlos Reis.

Dada a palavra ao sr. dr. João Monteiro para proferir o discurso official de que se encarregara, leu elle um importantissimo trabalho sobre o grande povo que constitue a Republica dos Estados Unidos da America do Norte, no qual mais uma vez patenteou a robustez do seu brilhante talento e a rica e variada illustração do seu espirito, realçados por uma linguagem fluente, correcta e elevada.

No correr do discurso foi o orador por diversas vezes applaudido e, ao terminal-o, uma viva e prolongada salva de palmas cobriu as suas ultimas palavras, sendo cumprimentado e felicitado pela assembléa.

Obtem a palavra o sr. dr. Georges Ritt, consul de França para agradecer ao Instituto o seu concurso na manifestação a Sadi Carnot e saudar as tres nações amigas — America do Norte, Brasil e França; foi o orador muito applaudido pelo bellissimo improviso que proferiu.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente agradeceu a presença das pessoas convidadas e levantou a sessão.

9.ª sessão em 20 de Julho de 1895

Presidencia do sr. dr. Duarte de Azevedo.

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo Augusto Cardoso, Garcia Redondo, Theodoro Sampaio, Tristão Araripe, Viriato Brandão, Antonio Piza e Carlos Reis, faltando por motivo justo o sr. dr. Cesario Motta Junior, assume a presidencia o snr. Conselheiro dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, vice-presidente, e declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. dr. Pedro Vicente de Azevedo, presidente da Camara Municipal desta Capital, declarando, em resposta ao officio deste Instituto, terem sido dadas as precisas ordens no sentido de ser facultado o ingresso no archivo municipal a quem ahi se apresentar em nome do Instituto, assim como para serem a este enviados os impressos que directa ou indirectamente lhe possam interessar.

Do sr. dr. Ernesto Guilherme Young, agradecendo a sua admissão como socio effectivo e promettendo seus serviços.

Do sr. Bellarmino Carneiro no mesmo sentido pela sua admissão como socio honorario.

Do sr. Libero Braga enviando um exemplar do 1.º volume do seu trabalho— *Escorço biographico do Dr. Alfredo Ellis.*

Offertas

Pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, *Documentos interessantes*, volume 13.º.

Pelo Presidente da Camara Municipal desta Capital, *Relatorios* de 1893 e 1894.

Pelo sr. dr. Mello Moraes Filho, *Archivo do Districto Federal*, fasciculo de Julho.

Pelas respectivas redacções:

Diario Official do Estado; *Revista Agricola*, n. 2.

Todas as offertas foram recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficara sobre a meza na sessão passada, sendo proclamado socio correspondente o sr. José Maximino Serzedello.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte o parecer da Commissão de admissão de socios, cuja conclusão é favoravel á admissão dos srs. drs. Raymundo Pennaforte Alves do Sacramento Blake e Georges Ritt, este como socio honorario e aquelle como correspondente.

Foi lida e remettida á Commissão de admissão de socios a seguinte proposta:

Para socio honorario o sr. dr. Mello Moraes Filho, autor de diversas obras scientificas e litterarias, director archivista da Camara Municipal do Rio de Janeiro, redactor da Revista do Archivo do Districto Federal, etc., brasileiro, residente na Capital Federal, assignada por Carlos Reis, Duarte de Azevedo e Manoel Ferreira Garcia Redondo.

O sr. dr. Garcia Redondo, de accordo com o art. 25 dos Estatutos, propõe que seja submettido á discussão o importante trabalho do nosso consocio sr. dr. João Pereira Monteiro produzido na sessão de 4 do corrente, afim de deliberar a respeito da sua publicação na *Revista do Instituto*. O 1º Secretario faz igual proposta em relação ao trabalho do consocio sr. dr. Orville Derby sob a denominação *Serra da Mantiqueira*, lido e apresentado na sessão de 20 de Junho. Foram ambas as propostas approvadas, sendo tambem approvados os trabalhos dos srs. drs. João Monteiro e Orville Derby para o fim de serem publicados na *Revista*.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão.

10.ª sessão em 5 de Agosto de 1895

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Augusto Cardoso, Soares Romeo, Antonio Piza, Joaquim Piza, Hordec Lane, Alexandre Riedel, Theodoro Sampaio, Garcia Redondo, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Eugenio Franco, João Monteiro, José Vicente e Carlos Reis, o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. dr. Oscar Leal agradecendo a sua admissão como socio correspondente e promettendo seus serviços.

Do sr. José Maximino Serzedello no mesmo sentido.

Offertas

Pelo sr. dr. Candido Motta, Promotor Publico desta Capital. *A Justiça Criminal*—Relatorio que apresentou ao Procurador Geral.

Pela directoria do Serviço Sanitario, *Boletim de Estatistica*, fasciculo de Junho.

Pelo sr. dr. Mello Moraes Filho, *Archivo do Districto Federal*, fasciculo de Agosto.

Pelo socio sr. Dr. Domingos Jaguaribe, as seguintes obras de que é autor: *Intelligencia e moral do homem*; *Influence de l'esclavage et de la liberté*:

Homens e idéas no Brasil: L'art des hommes de bien: Revista util (3.º volume); e mais: *Silva Jardim* — Apontamentos para a biographia, por José Leão; *A Verdade* e *A Mutuca picante*, jornaes antigos publicados no Rio de Janeiro, diversos numeros.

Pelo socio sr. dr. Antonio Piza, *Documentos Interessantes*, volume 14.º

Pelas respectivas redacções:

Diario Official do Estado: *A Madrugada*: *A Instrucção Popular*, n. 1; *Santos Commercial*: *Diario de Taubaté*: *O Reporter*;

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficára sobre a mesa na sessão passada, sendo proclamados membros deste Instituto os srs. drs. Raymundo Pennaforte Alves do Sacramento Blake e Georges Ritt, o 1º na qualidade de socio correspondente e o 2.º na de socio honorario.

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte o parecer da Commissão de admissão de socios, cuja conclusão é favoravel á admissão do sr. dr. Mello Moraes Filho como socio honorario.

Foram lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

Para socio honorario o sr. dr. Martinho de Freitas Vieira de Mello, subdirector do Correio Geral, cidadão illustrado que muitos serviços tem prestado ao paiz, brasileiro, residente na Capital Federal, assignada por Carlos Reis, Manoel Ferreira Garcia Redondo e Theodoro Sampaio.

Para socios honorarios os srs. Sylvio Romero, dr. Tristão Alencar Araripe Junior e Tristão Alencar Araripe, homens de lettras de reconhecida reputação no Brasil, brasileiros, residentes na Capital Federal, assignada por Manoel Ferreira Garcia Redondo, Domingos Jaguaribe e Carlos Reis.

Para socio correspondente o sr. Domingos Leopoldino Fonseca e Silva, professor de historia e homem de lettras, brasileiro, residente nesta capital, assignada por Manoel Ferreira Garcia Redondo, Carlos Reis e Theodoro Sampaio.

O sr. dr. Domingos Jaguaribe propõe que seja o seu trabalho— *Origens Republicanas no Brasil* submettido á deliberação na presente sessão para o fim de poder ser publicado na *Revista*, caso seja approvado visto como até hoje não foi apresentado o parecer da commissão á qual foi remettido, E' approvado que o dito trabalho do sr. dr. Jaguaribe seja publicado na *Revista do Instituto*.

O sr. dr. Theodoro Sampaio procede á leitura de um seu trabalho historico sobre a fundação da primeira colonia regular dos Portuguezes em S. Vicente, finda a qual foi applaudido e felicitado.

O sr. presidente consulta a casa si o bem elaborado trabalho que acaba de ser lido deve ou não ser publicado na *Revista*; a assembléa, sem dabate e por votação unanime, responde affirmativamente.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão.

11.ª sessão, em 20 de Agosto de 1895

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Cesario Motta, Carlos Reis, Antonio Piza, Arthur Goulart, E. Vanorden, Augusto Barjona, Viriato Brandão, Ernesto Goulart, Domingos Jaguaribe, Aureliano Coutinho, Pedro Cardim e Souza Franco, o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. Barão de Paranapiacaba agradecendo a sua admissão como socio honorario e promettendo seus serviços.

Do sr. dr. Georges Ritt manifestando iguaes agradecimento e promessa e fazendo offerta da quantia de 50$000.

Do sr. dr. Raymundo P. A. do Sacramento Blake agradecendo a sua admissão como socio correspondente e promettendo seus serviços.

Offertas

Pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, a sua *Revista*, n. 4.

Pelo socio sr. dr. Antonio F. de Paula Souza, a sua *Geometria Superior*.

Pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, *Documentos Interessantes*, volume X.

Pelo socio sr. dr. Raymundo Blake, *Noticia sobre a Provincia do Paraná* e um *Mappa da Provincia do Paraná*.

Pela Sociedade Pharmaceutica Paulista, a sua *Revista*. ns. 2, 3 e 4.

Pelo sr. Paulo Tavares, a *Revista Brasileira*, fasciculos ns. 2 a 15.

Pelo socio sr. Horacio de Carvalho, o seu *Discurso sobre Floriano Peixoto*.

Pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal, n. 7*.

Pelo Instituto Pedagogico Paulista, *A Instrucção Popular*, n. 2.

Pelo sr. dr. Alfredo Pujol, o seu *Discurso sobre Floriano Peixoto*.

Pelo sr. dr. Leopoldo de Freitas, o seu *Direito de Intervenção*.

Pelas respectivas redacções:

Diario Official do Estado; *Santos Commercial*; *Diario de Taubaté*; *O Reporter*; *Onze de Agosto*—1895, *O Municipio*; *Revista do Norte*—n. 9.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' approvado o parecer da commissão de admissão de socios que ficára sobre a mesa na sessão passada, sendo proclamado socio honorario deste Instituto o sr. dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho.

E' lido e fica sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte o parecer da commissão de admissão de socios opinando pela acceitação dos

srs. drs. Martinho de Freitas Vieira de Mello, Sylvio Romero, Tristão de Alencar Araripe Junior e Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva, como socios do Instituto.

Foram apresentadas, lidas e remettidas á commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

Para socios effectivos: os srs. drs. Alfredo Pujol e Leopoldo de Freitas; para correspondente o sr. Eurico Saldanha, e para honorario o sr. dr. Joaquim José de Menezes Vieira.

Fica deliberado que a proxima sessão se realise a 7 e não a 5 de Setembro.

O sr. Presidente levantou a sessão.

12.ª sessão em 7 de Setembro de 1895

Presidencia do sr. dr. Carlos Reis

A's 7 horas da noite, presentes os srs. socios inscriptos no respectivo livro o socio sr. dr. Carlos Reis assumiu a presidencia, na falta do Presidente e Vice-presidente, convidou os socios srs. dr. Antonio Piza e Augusto Barjona para servirem de 1.º e 2.º Secretarios e declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officio do sr. Frederico Lisboa, director do archivo publico da Bahia, offerecendo um exemplar do *Relatorio sobre Antonio Conselheiro.*

Offertas

Pelo sr. Luiz de França Almeida e Sá, o seu *Promptuario commercial, civil e militar*.

Pelo socio sr. dr. Domingos Jaguaribe, o *Relatorio* do Director da fazenda de S. João da Montanha.

Pela respectiva secretaria, o *Relatorio* do dr. Cesario Motta como Secretario do Interior.

Pelo sr. dr. Mello Moraes Filho, *Archivo do Districto Federal* — fasciculo n. 9.

Pelo sr. Paulo Tavares, a *Revista Brasileira*—fasciculos ns. 16 e 17.

Pela respectiva commissão, a *Polyanthéa* commemorativa do 13.º anniversario da morte de Luiz Gama.

Pelas respectivas redacções:

Diario Official do Estado; *Santos Commercial*; *Diario de Taubaté*; *A Madrugada*; *O Municipio*; *O Reporter*.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' approvado o parecer da commissão de admissão de socios que ficára sobre a mesa na sessão passada, sendo proclamados membros deste Instituto os srs. drs. Martinho de Freitas Vieira de Mello, Sylvio Roméro, Tristão de

Alencar Araripe e Tristão de Alencar Araripe Junior como socios honorarios e o sr. Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva como socio correspondente. Achando-se presente este ultimo, foi convidado a tomar parte nos trabalhos na qualidade de socio, o que fez.

E' lido e fica sobre a mesa para deliberação na sessão seguinte o parecer da Commissão de admissão de socios opinando pela acceitação dos srs. drs. Alfredo Pujol e Leopoldo de Freitas como socios effectivos, Eurico Saldanha como correspondente e dr. Joaquim José de Menezes Vieira como honorario.

Dada a palavra ao socio sr. Domingos Leopoldino, procedeu este á leitura de um bem elaborado trabalho sobre o facto da independencia do Brasil, citando certos pormenores com o mesmo relacionados. Ao terminar foi vivamente applaudido.

Ficou deliberado que este trabalho fosse publicado na *Revista do Instituto*.

Levantou-se a sessão.

13.ª sessão, em 20 de Setembro de 1895.

Presidencia do sr. dr. Cesario Motta Junior.

A's 7 horas da noite, presentes os socios srs. Carlos Reis, Domingos Jaguaribe, Valois de Castro, Augusto Cardoso, Augusto Barjona, Soares Romeo, Antonio Piza, Ernesto Goulart, Thedoro Sampaio e Alexandre Riedel, foi a sessão aberta pelo 1.º Secretario sr. dr. Carlos Reis, comparecendo depois o sr. dr. Cesario Motta que assumiu a presidencia.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

O 1.º Secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Do socio sr. dr. Manoel A. de S. Sá Vianna agradecendo ter sido considerado socio fundador do Instituto.

Do sr. dr. Sylvio Romero, agradecendo a sua admissão como socio honorario.

Do socio sr. Tenente Coronel Araujo Macedo enviando dezesete moedas e cinco medalhas que offerece ao Instituto.

Offertas

Pelo Professor Fernando Martins Bonilha Junior, a sua *Phonologia Portugueza*.

Pela Companhia Industrial de S, Paulo, o *Indicador da Capital* para 1895.

Pelo sr. dr. Argemiro da Silveira, a *Minuta de aggravo commercial* de que é signatario.

Pelo sr. Paulo Tavares, a *Revista Brasileira*—fasciculo n. 18.

Pela Directoria Geral dos Correios, o *Boletim Postal*—fasciculo de Agosto.

Pe'a Sociedade Pastoril e Agricola, a sua *Revista Agricola* -ns. 3 e 4.

Pelo Instituto Pedadogico Paulista, *A Instrucção Popular* —n. 3.

Pelas respectivas redacções: *Revista do Norte*—ns. 5, 6, 7, 8, 10 e 11; *Diario Official* do Estado; *O Municipio*; *Santos Commercial*; *Diario de Santos*: *Diario de Taubaté*; *O Reporter*; *O Ensaio*.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficára sobre a mesa, sendo proclamados membros deste Instituto os srs. drs. Alfredo Pujol e Leopoldo de Freitas na qualidade de socios effectivos, Eurico Saldanha na de correspondente e dr. Joaquim José de Menezes Vieira na de honorario.

E' remettida á respectiva Commissão uma proposta firmada pelos socios drs. Domingos Jaguaribe, Carlos Reis e Theodoro Sampaio, propondo o sr. dr. Assis Brasil para socio honorario.

Dada a palavra ao socio sr. dr. Antonio Toledo Piza, que se achava inscripto, faz elle uma exposição dos trabalhos que vem apresentar ao Instituto e em seguida procede á leitura dos referidos trabalhos, a saber: *Biographia do Padre Jesuino do Monte Carmello*, pelo socio sr. Antonio Augusto da Fonseca e *Oração funebre* pronunciada pelo Padre Diogo Feijó em Itú a 2 de Junho de 1821.

Foi deliberado que estes trabalhos fossem publicados na *Revista*.

Ficou tambem deliberado que a proxima sessão fosse realisada a 12 de Outubro, na qual o socio sr. Conego dr. Valois de Castro lerá um trabalho a respeito de Frei Germano d'Annecy.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão.

OS SELVAGENS DE S. PAULO

Em tres tribus ou grupos podem ser divididos os selvagens que habitam os sertões de S. Paulo: *Caynás*, *Coroados* e *Chavantes*.

Não é nosso fim tratar desenvolvidamente do que diz respeito a esses aborigenes, mas dar uma breve noticia da lingua, usos e costumes e caracteres physicos de cada um delles.

Neste artigo nos occuparemos dos primeiros.

I

Os Caynás

A sua lingua, com leve alteração, é a *guarany*, e á familia deste nome podemos, sem duvida, filial-os.

Como todas as linguas dos indigenas da America, pertence a sua ao grupo das agglutinantes, em que os elementos que entram na contextura da palavra não conservam todos seu valor proprio: ha a raiz principal, que se mantem inalterada, e a raiz ou raizes secundarias, que perdem a independencia, atrophiam-se e funccionam como elementos modificativos da raiz principal.

Comquanto rudimentar, têm os Caynás sua grammatica.

Possuem tres pronomes pessoaes, com que designam as tres pessoas do singular: *che*, eu, *de*, tu, e *upeá*, elle. Estes pronomes prefixados a substantivos denotam possessão. Ex.: *juá*, braço; *Chejuá*, o meu braço *dejuá*, o teu braço, *upeájuá*, o seu braço ou braço delle.

Os tempos verbaes são todos derivados do infinito, a cujo final agglutinam a terminação *agué* ou *aguá*, para indicar o passado, e *avan* ou *angave*, para exprimir o futuro, sendo as pessoas discriminadas pela prefixação do respectivo pronome pessoal seguido de *a* quanto á 1.ª pessoa e de *o* quanto á 2.ª e 3.ª A fórma do presente é a mesma do infinito, prefixados a esta o pronome e letra euphonica. O participio fórma-se tambem do infinito, agglutinando-se-lhe a terminação *oina* ou *ina*. Exemplos; sejam os verbos *mouhá*, correr, e *mondó*, mandar.

Cheamonhá, eu corro
Deomonhá, tu corres
Upeomonhá, elle corre
Cheamonhaagué, eu corria
Deomonhaagué, tu corrias
Upeomonháagué, elle corria
Cheamonhaavan, eu correrei
Deomonháavan, tu correrás
Upeomonháavan, elle correrá
Monháoina, correndo
Cheamondó, eu mando
Deomondó, tu mandas
Upeomondó, elle manda
Cheamondóaguá, eu mandava
Deomondóaguá, tu mandavas

Cheamondóangave, eu mandarei
Deomondóangave, tu mandarás
Mondoina, mandando.

Têm alguns adverbios para as circumstancias de tempo e logar; de tempo: *cucé*, hontem, *aunguê*, hoje, *coeramo*, amanhã, *angave*, logo; de logar: *coépe*, aqui, *upèpe*, ali.

Para exprimirem os sete numeros simples (um a sete), termo de sua numeração, empregam os nomes *peten*, *mochoén*, *boapé*, *irundy*, *tinhernin*, *temová* e *boaperá*.

Quanto aos costumes. Os Caynás andam nús; os homens completamente e as mulheres apenas velam as partes genitaes com uma tanga de embira trançada. Usam furar o labio inferior, collocando na abertura um pedaço de resina. Os homens trazem os cabellos cortados. Sepultam os cadaveres dos da sua tribu, em posição horisontal, e são respeitosos para com a velhice.

Tem uma unica industria e ainda limitada ás necessidades domesticas—a fabricação de louças de barro, a qual é exercida pelas mulheres.

Suas armas são o arco, a flexa, a lança e o tacape.

São os Caynás de côr de cobre amarellado, têm a fronte saliente e alombada, os cabellos pretos, grossos e lisos, os olhos tambem pretos e bridados, rosto achatado, labios grossos, orelhas grandes, queixo saliente; seus membros são reforçados, os pés pequenos e as unhas chatas.

São naturalmente indolentes, ainda que algum tanto robustos e valentes.

C. R.

TYPOS YTUANOS

I

Padre Jezuino do Monte Carmello

No seculo XV, quando as sciencias renasciam na Italia e as bellas artes floresciam rapida e brilhantemente, nasceu em 1452 na aldeia de Vinci, perto de Florença, Leonardo de Vinci, um dos maiores genios das bellas artes e das sciencias de que a historia tem perpetuado o nome e a gloria. Filho natural de um obscuro notario de nome Piero, desde a mais tenra idade manifestou decidida vocação para as artes e principalmente para a pintura. Seu pae, observando os seus variados e tão preciosos talentos, levou-o a Florença, apresentou-o a Verachio, pintor já bem conhecido, e pediu-lhe que admittisse o menino Leonardo como aprendiz em seu *atelier*.

Aos vinte annos de idade, o discipulo de Verachio era já um celebre pintor, esculptor, architecto e musico, e depois de mais alguns annos era tambem reconhecido como um grande homem de sciencias.

Se Leonardo de Vinci tivesse nascido em Ytú no ultimo quartel do seculo passado, como o Padre Jezuino do Monte Carmello, de uma familia obscura e pobre, não passaria da altura do Padre Jezuino, assim como este, se tivesse nascido na Italia, na segunda metade do seculo XV, talvez tivesse alcançado nas bellas artes a brilhante reputação de Leonardo de Vinci, se encontrasse

como este, um mestre como Verachio e um protector como Lourenço de Medicis—o Magnifico.

O Padre Jezuino apenas pode aprender as primeiras lettras, deu-se ao officio de pintor para ganhar o pão de cada dia e viveu disso alguns annos. Nunca viu um atelier de pintura, nem teve um mestre qualquer; entretanto chegou a ser um bom pintor, esculptor, musico compositor e architecto, como adiante se mostrará.

Jezuino casou-se, teve tres filhos e uma filha, e enviuvou aos trinta annos mais ou menos de edade. Nesse tempo foi procurado para encarregar-se de fazer na Igreja do Carmo algumas pinturas, de que ella muito precisava. Era então prior do convento do Carmo um frade portuguez, chamado frei Thomé, que, segundo a tradicção, era homem illustrado e conhecia bem as mathematicas. Frei Thomé, emquanto Jezuino trabalhava, estava sempre alí a palestrar com elle; logo conheceu a sua grande intelligencia e numa dessas palestras lhe dissera Jezuino: —« Desde a minha mocidade tive decidida vocação para o estudo ecclesiastico e não me ordenei, como tanto desejava, porque a pobreza de minha familia não permittiu que eu estudasse o latim; dei-me a este officio como um meio de vida. Agora que estou viuvo, quantas vezes me tenho lembrado com magua o não saber latim; se eu o soubesse ainda me ordenaria.»

Replicou-lhe então frei Thomé: « Si é esse o unico obstaculo, furtai do vosso trabalho de uma a duas horas todos os dias e ide a minha cella; e eu vos garanto que em dois annos estareis habilitado para vos ordenardes.»

Jezuino assim o fez, e em dois annos era o Padre Jezuino do Monte Carmello, tão celebre pelas obras de arte que fez, como amado e admirado por suas grandes virtudes.

A Igreja do Patrocinio é obra exclusivamente sua e de seu filho Elysèo, que o ajudava. Em frente a essa Igreja construiu para si uma casa, que ainda existe e tomava toda a largura do pateo, a qual era uma especie de cenobio onde residia com seus quatro filhos e com o menino João Paulo, creado e educado por elle.

A este menino João Paulo ensinou elle muzica, fez estudar latim com o Padre Mestre Manoel Floriano e ordenar-se. O Padre João Paulo tornou-se mais tarde um latinista abalisado e substituiu o Padre Manoel Floriano na cadeira de latim da villa de Ytú.

O Padre Jezuino trouxe tambem para a sua companhia os seus irmãos José Luiz e Francisco do Monte Carmello e a sua irmã Maria, que foram por elle creados e educados, e tornaram-se pessoas uteis a sociedade. Na sua casa todos eram bem vindos, principalmente os pobres, que sempre encontravam nella conforto e agasalho.

Dos tres filhos do Padre Jezuino, dois, Simão e Elias, tambem receberam ordens sacras e foram bons sacerdotes, especialmente o Padre Elias, que foi um santo varão e morreu velho, sempre gosando da maior estima e veneração do povo Ytuano, por suas virtudes evangelicas e pela pureza de seus costumes. O terceiro filho, Eliséo, casou-se e foi sempre o auxiliar de seu pai como pintor e esculptor, e notabilisou-se pela sua extraordinaria voz de baixo profundo; nunca nas egrejas de Ytú se ouviu voz mais grave, mais sonóra e profunda.

Padre Jezuino emprehendeu a construcção da Igreja do Patrocinio, pedindo esmolas ao povo e trabalhando elle e seu filho Eliséo com a perseverança, dedicação, economia e zelo, com que trabalha quem edifica

uma casa para a sua residencia ou constróe uma maquina com a qual espera ganhar uma fortuna. Entretanto, estes dois homens nada esperavam receber neste mundo em recompensa de tanto trabalho.

Padre Jezuino organisou, elle mesmo, a planta da sua egreja e executou-a tal e qual como existe até hoje. Tudo quanto alli se vê de architectura, esculptura e pintura, é obra exclusiva destes dois bravos homens, que se não tivessem vivido em Ytú naquelle tempo de tanto obscurantismo, seriam celebres architectos e grandes mestres das bellas artes.

Em 1817 concluiu-se a obra e preparou-se a inauguração para o mez de Novembro. Padre Jezuino deixou então o escopro de esculptor com que tinha feito as imagens precisas para o templo, o pincel com que tinha feito as pinturas e quadros, e o compasso do architecto, tomou a penna e escreveu todas as musicas necessarias para a festa da Senhora do Patrocinio.

Este homem, que nunca tivera um mestre de musica que lhe desse algumas lições de contraponto, escreveu as musicas para novenas, vesperas, matinas solemnes, *te-deum laudamus*, pangelingua e missa solemne a dois córos, que foram executadas nas grandes festas da inauguração, com applausos dos melhores mestres de musica da Capital, entre os quaes figurava André da Silva Gomes, compositor muito estimado naquelle tempo, professor publico de latim e rhetorica em S. Paulo e membro do Governo Provisorio de 1821-22.

Depois compoz todas as musicas precisas para as festas da Semana Santa, com matinas de quarta, quinta e sexta-feira musicas que até hoje ainda são cantadas nessas festas.

O escriptor e poeta portuguez Emilio Zaluar viajou

em S. Paulo em 1858, mais ou menos e nas suas impressões de viagem, que publicou em jornal do Rio, disse o seguinte : — «Em Ytú ha o templo da Senhora do «Patrocinio, de estylo gothico que attrae a attenção do «viajante pela sua belleza e elegancia; nenhum viajante «deve deixar de vel-o.»

Em 1862, mais ou menos, quando eu residia no municipio de Campinas, o finado senador mineiro dr. Firmino Rodrigues Silva, que foi jornalista notavel e um dos luzeiros do parlamento brazileiro, foi a Campinas em viagem de recreio. Depois de estar dois dias em minha fazenda, levei-o para Ytú, e como não houvesse ainda estrada de ferro fizemos a viagem em troly. Caminhamos, pois, sete leguas no mesmo assento e muito conversamos durante a viagem, que durou quasi todo o dia. Então tive occasião de contar-lhe a historia da construcção da Igreja do Patrocinio e repeti-lhe o que desse templo dissera o poeta Zaluar.

«Pois quero ver esse templo amanhã, me disse elle. No dia seguinte lá fomos; estava a egreja aberta, mas deserta porque a missa do dia já tinha sido dita. O senador entrou, parou em baixo do côro e em silencio examinou e observou tudo por muito tempo; seguiu depois, vagarosamente, até a capella-mór, continuou a observar todo o interior do templo e voltou a encontrar-se commigo. Então lhe disse eu: — «Senhor senador, «o que acha ? Zaluar tem ou não razão no que disse «desta egreja ?» — Não tem razão, me respondeu senten«ciosamente, «isto nunca foi estylo gothico.»

«Então que estylo tem ?» perguntei-lhe eu. — «Ne«nhum, me replicou elle ; não é gothico, nem dorico, «nem corinthio, não tem estylo algum conhecido ; po«rém, é nisto mesmo que está o seu grande merito. E'

«um parto *sui generis*, um estylo original, que sahiu da «cabeça de um artista, que não conheceu systema «algum de architectura, mas que tinha na cabeça o «ideal da arte. E' um templo digno de ver-se pela sua «elegancia e originalidade.»

Em Novembro proximo passado estive em Ytú e passando pelo largo do Patrocinio, notei que a Igreja estava com uma fachada inteiramente nova e elegante; gostei de vel-a assim renovada. Notei tambem que faziam-se obras interiores ; entrei e vi que tinham sido tiradas aquellas bonitas columnas, que em distancias regulares subiam unidas ás paredes até certa altura, onde serviam de pedestal ou pontos de apoio para os arcos, que atravessavam o espaço de uma columna a outra, fingindo sustentarem o tecto com os seus grandes zimborios. Eram exactamente aquellas columnas, aquelles arcos e zimborios que davam ao templo a elegancia interior e a originalidade que tanto impressionaram o poeta Zaluar e o senador Firmino Silva. Fiquei contristado e sahi logo, maguado pela ideia que o templo ia ser todo reformado e desappareceria para sempre o monumento que attestava que em Ytú houve um homem de genio artistico que tinha uma grande cabeça, assim como um grande coração e grandes virtudes.

Si havia necessidade de fazerem-se columnas de tijolos, que firmasse as paredes, deviam fazel-as, porem, sempre recollocando as antigas columnas nos seus logares, unidas as paredes de maneira a ser conservado o mesmo original estylo de architectura. Não sei si assim se fará, mas será um crime de lesa-arte e de lesa tradicção si o não fizerem. A capella-mór não tinha ainda sido tocada, e si for conservada será isso uma

attenuante ao delicto da destruição das obras primitivas do corpo da Igreja. Os bons Ytuanos, amigos da sua terra e zeladores das suas honrosas tradicções, deviam intervir e obter de quem dirige as novas obras que deixe ao menos a capella-mór intacta, afim de que por ella se possa julgar o que foi a primitiva Igreja do Patrocinio do Padre Jezuino, esse monumento immorredouro do seu genio artistico.

O filho Padre Simão, que conservou aquella Igreja até depois de 1850, guardava com amor filial tudo quanto fôra obra de seu pai, e tinha bem conservadas todas as musicas de sua composição. Não sei quem foi seu herdeiro, nem onde param, nem si ainda existem as differentes peças de musicas proprias para as grandes festas que outróra se celebravam naquelle templo.

Ha cerca de vinte e cinco annos tive occasião de perguntar ao finado Manoel José Gomes, pai do grande maestro Carlos Gomes, o qual fôra amigo e admirador do Padre Jezuino e todos os annos ia a Ytú tocar o primeiro violino naquella festa, si conservava alguma das musicas compostas pelo Padre Jezuino. Respondeu-me que as tinha todas e as conservava com grande cuidado, e que algumas vezes ainda se entretinha tocando em sua rabéca longos trechos dessas musicas de tão saudosa recordação. E' possivel que os seus filhos, Carlos Gomes e Sant'Anna Gomes, as conservem e tenham nellas feito os seus primeiros passos na sublime arte de Verdi e Mozart.

Como já disse, a casa de morada do Padre Jezuino era uma especie de cenóbio, onde viviam alguns padres e outros aggregados á familia Monte Carmello; era tambem o logar de *rendez-vous* diario de outros pa-

dres e de muitos amigos. Naquelle tempo havia em Ytú muitos padres ; não desses que se ordenam por officio, mas por vocação natural e desejo de bem servir a humanidade, segundo as suas crenças religiosas. Eram esses padres quasi todos filhos dos mais abastados e aristocraticos fazendeiros, entre os quaes preponderava a ideia *que toda a familia nobre devia ter um filho no exercito e outro no altar.* Os padres frequentadores do cenóbio *patrocinista* eram desse genero. Ytú tinha então cerca de vinte e cinco padres, filhos do logar e quasi todos notaveis por suas virtudes. Citaremos os nomes de alguns:

O franciscano Frei Ignacio de Santa Justina, pertencente á familia Silveira, era intelligente, tinha estudos profundos de philosophia theologica e foi lente dessa materia em um convento do Rio de Janeiro. Este foi o professor do grande orador sagrado Monte Alverne, que, quando por sua vez tornou-se professor da mesma materia no mesmo convento, frequentemente citava com respeito, nas suas preleções, as opiniões do seu mestre («frei Ignacio de Santa Justina, *que ainda vive em* Ytú», accrescentava elle). Referiu-me este facto o dr. José Manoel da Costa Bastos, natural da cidade de Campos e antigo discipulo de Monte-Alverne.

O Padre *Arrudinha* era tão virtuoso que passava por santo; era tal a fama das suas virtudes que ao descer o seu cadaver ao fundo da sepultura, o povo julgou ver esta toda *illuminada*; a noticia espalhou-se e foi geralmente acreditada, e a tradicção deste milagre existe até o presente. O Padre João Leite Ferraz, ou do Sampaio, era conhecido pelo appellido de *Padre Sargento-mór*, porque tinha sido sargento-mor de milicias, casado e fazendeiro rico; mais tarde enviuvando e sa-

bendo seu latim (como quasi todos os fazendeiros de Ytú), ordenou-se e foi um sacerdote exemplar. O Padre Antonio Joaquim de Mello foi homem de intelligencia superior, tornou-se bispo de S. Paulo em 1851, voltou a residir em Ytú e alli morreu em 1861. O Padre José Galvão de França foi um cidadão distincto e bom sacerdote. O Padre Francisco Pacheco, que sendo fazendeiro rico, ordenou-se, deu tudo quanto possuia em esmolas e morreu pobre. O Padre Manoel Floriano era filho do celebre capitão mór Vicente da Costa Taques Goes e Aranha e pertencia a alta fidalguia paulistana; dedicou-se ao ensino da lingua latina e prestou serviços a sua terra natal.

O Padre Manoel da Silveira tanto exagerou as virtudes religiosas que inutilisou-se, fazendo-se anacoreta e cahindo em verdadeiro nervosismo mystico; encerrou-se em um quarto do cenobio, onde passou vinte e tantos annos sem dirigir uma só palavra a alguem e sem responder a quem a elle se dirigia, excepto ao Padre Elias, filho do Padre Jezuino, que era a unica pessoa com quem fallava, em cuja companhia resava os officios divinos e ia ouvir missa na visinha Igreja do Patrocinio; os padres Antonio Felix, Jeronymo Rodrigues e outros excellentes sacerdotes que foram padres de coração e não de officio.

Ainda á este mesmo admiravel grupo pertencia o Padre Diogo Antonio Feijó, depois senador e regente do Imperio, o qual já nesse tempo não se limitava ao estudo da philosophia theologica, mas ensinava a philosophia kantiana e outras materias, e já era dos que no Brazil mais conheciam a sociologia. Com o mesmo ardor com que propagava a doutrina christã dedicava-se ao direito publico, e juntamente com o finado sena-

dor Paula Souza preparava os Ituanos para a revolução de 1822, na qual teve grande parte como conselheiro e assessor da camara municipal de Ytú.

Eram ainda desse tempo os padres Francisco Leite Ribeiro (meu tio avô) e Melchior de Pontes Amaral, homens virtuosos e intelligentes que, em falta de bachareis, se deram ao estudo da jurisprudencia e a pratica da advocacia ; o Padre Campos, ex-jezuita, que a sua custa edificou o antigo seminario, com uma boa capella, e por testamento legou-o á camara municipal para que delle fizesse uma instituição de ensino popular — condição esta que não foi realisada, porque em vez de um estabelecimento de instrucção popular e democratica, aquelle seminario está transformado em collegio dos padres jesuitas, onde o ensino é todo privilegiado, sectario e aristocratico; e, finalmente, o Padre Antonio Pacheco da Silva, que será o objecto de um estudo especial, em outro artigo.

Morto o Padre Jezuino, foi o seu cadaver enterrado no convento do Carmo; alguns annos depois foram os seus ossos transferidos para a Igreja do Patrocinio. Por occasião dessa trasladação o Padre Diogo Feijó recitou uma oração funebre, que é um documento curioso e importante e vai adiante transcripto. Nesse discurso disse Diogo Feijó que quem fallava com o Padre Jezuino ficava desde logo, como elle ficára, subjugado, como que magnetisado, e desejava sempre vel-o e ouvil-o ; seu olhar, sua voz, seus gestos eram attrahentes ; sem ter instrucção philosophica, subia ao pulpito e discorria sobre um ponto qualquer de religião ou de moral de modo que prendia a attenção dos ouvintes, porque as suas palavras sahiam do coração e eram a expressão do que elle sentia em sua consciencia, ex-

primiam o mais fino bom senso e uma santa philosophia, que lhe era natural e não recebida dos livros.

Erasmo, o grande philosopho hollandez, ao acabar a leitura do *Tusculanus*, de Cicero (que foi a maior intelligencia da antiguidade, segundo a opinião do Padre Ventura de Raulica), exclamou: — «*Este livro parece que foi dictado pelo proprio Deus*!» Eu creio que o Padre Feijó podia accrescentar a exclamação de Erasmo ao que acima referi e dizer que, si o Padre Jezuino era assim, foi porque as suas palavras eram inspiradas pelo proprio Deus.

ANTONIO AUGUSTO DA FONSECA

S. Paulo, Agosto de 1895.

Oraçam funebre (1)

Pregada pelo Padre Diogo Antonio Feijó no aniverçario do Padre Jezuino do Monte Carmelo, em ocasiam que se mudaram os osos do mesmo do convento do Carmo para a Igreja da Senhora do Patrocinio, a 2 de Junho de 1821.

Non recedit memoria ejus — Ecles°.

«Seu nome nam cairá jamais no esquecimento.

O malvado, que aproveitando-se das circunstancias favoraveis aos seus designeos, tem espalhado a fama de suas açoins, e de seo nome, parece disputar ao justo o privilegio da imortalidade.

(1) Este discurso foi publicado em folheto ha muitos annos, sendo a tiragem pequena e distribuida entre os amigos do finado. Está exgottada a edição, constando que ha um exemplar na bibliotheca da Academia.

(N. da R.)

O Eróe, que o mundo aplaude, quando era bem credor de sua execraçam, que de ordinario eleva o edificio de sua gloria sobre a ruina de seos semelhantes, atráe comtudo quazi sempre os elogios, e a admiraçam do seu seculo: a posteridade parece empenhada em guardar a memoria de seos feitos, e seo nome. Mas que diferença entre a memoria do justo, e do que o nam é! O primeiro é lembrado com dor, e saudade: o segundo com orror, e indignaçam; um é sempre lembrado para ser objecto de respeito, e imitaçam, outro é apontado algumas vezes somente, e para vergonha, e confuzam do impio e do insensato.

Meos Senhores, eu nam venho neste lugar santo conçagrar louvores a um Eróe, em quem a religiam tem reconhecido o cunho da santidade. A cadeira da verdade véda ao orador christam, arriscar esse tributo da Justiça ao omem, que nam tem a seu favor os votos do Universo; mas a virtude tem seos gráos, e a religiam nam proibe fazer soar em seos templos a voz do amor, da gratidam, e da saudade.

O Padre Jezuino a dois annos caio no seio da morte; seos dias foram cortados de repente; elle desappareceu de entre nós. Esta fatalidade ainda é para nós um sonho; não podemos crer, que tal homem nos fose roubado, mas é verdade que o foi; porem a sua memoria nam o será; seo nome nam cairá jamais no esquecimento. O amor, a saudade, e a gratidam todos os dias nol-o farão reviver.

Senhores, aproveitemos esta lembrança, façamo-la frutifera, tornemos proveitosos nosos sentimentos, e tomando por modelo suas virtudes aprendamos igualmente a conhecer a triste sorte das couzas do mundo. Este é o meo destino, e o objeto de vosas atençoens.

Meos senhores, o reconhecimento nam é um rezultado da cultura do espirito, é um sentimento inato ao ómem, seja qual for o seo estado. Todos os povos em todas as edades tem apresentado brilhantes exemplos desta verdade. Quanto mais seos Eróes se tem asinalado pelas virtudes sociaes, mais tem sido credores de suas lagrimas, e seos elogios.

Monumentos de gloria se tem erigido á sua memoria; ritos diferentes se tem inventado para simbolizar a gratidam, e transmitir a posteridade este tributo do merito, e da justiça. E' verdade que o tempo, estragador de tudo, tem muitas vezes querido confundir as cinzas do justo com a do impio; tem-se queimado incenço tanto sobre o tumulo do virtuozo, como do malvado. A vil adulaçam tem em diferentes épocas levantado seo trono a par da verdade; mas aquella não tem podido sustentar estes direitos uzurpados; quando esta, surgindo por entre o erro, tem recebido o respeito, e a adoraçam de todos os seculos.

Nosos louvores, tam puros oje como nosos sentimentos, nam sam extorquidos, sam livres, ainda que arrancados pela força do amor, e da gratidam. Quem averá de entre nós, que nam tenha retratado vivamente em sua memoria os primeiros pasos daquelle Eróe raro? Aquele engenho vivo, penetrante, e atilado, talhado para melhores tempos, e que nasido em outra época mais feliz para a cultura das Artes, seria capaz de propor modelos originaes ao gosto, e ao belo.

Senhores, a quem se deve o brilhantismo de vosa patria? Quem espalhou entre vós tantos monumentos dessa arte encantadora, que imortaliza os Eróes, que salva do esquecimento tantos personagens ilustres, dando-lhes uma especie de vida, fazendo-os inda mesmo em sombra objectos de imitaçam,e de respeito?

Na Provincia inteira,, e inda muito alem, chegam, com a fama de seo nome, as obras de seo genio. Ele tem sido o credito de sua patria, a honra da Provincia, a gloria, e as delicias dos Ytuanos. A muitos anos voso nome é pronunciado com respeito, e com inveja: éreis, e ainda sois apontados como a primeira vila, onde a magestade do culto, a pompa das festividades, o esplendor dos templos dam a conhecer voso carater de religiam, e de grandeza.

A quem deveis esta gloria senam áquele, cuja memoria saudoza desperta hoje nosas lagrimas? Nasido para ornamento da Igreja, seos cuidados, seos disvelos, todo o seo gosto foi ornar os templos, fazel-os respeitaveis, inculcar a magestade do lugar santo pelos objetos tocantes, que seo zelo, e sua piedade faziam neles depositar.

Aquela arte divina, de que ele posuia os segredos, e que manejavam com tanta destreza, tem asinalado os diferentes periodos de sua piedade para com Deus, e de seo amor para convosco. Mil vezes retumbaram em vosos templos sonoros écos de suaveis cançoens, que nos representavam ao longe esse prazer, com que o Senhor tem de inebriar seos escolhidos; que elevam o espirito, e num santo entuziasmo faziam-nos gozar de antemam das doçuras da Patria dos Anjos. Mil vezes sua voz acompanhou a produçam de sua pena; e combinada a devoçam com a melodia, o olhasteis como a joia de mais preço, que entam posuieis, o considerasteis como o mais firme apoio de vosa patria.

Por toda a parte se espalharam monumentos de seos talentos, e de suas virtudes. Quantos imitadores nam deixou ele? A uns foi motivo de emulaçam, a outros objecto de imitaçam.

Senhores, o Padre Jezuino, com o bom gosto, introduziu estas maneiras doces, e attrativas, que umanizam os ómens, e que os tornam mais sociaes. Este carater duro, e austero, filho da probidade, mas que ao longe vos tornava suspeitozos, modificou-se. A invençam, e a piedade daquele sacerdote mil vezes chamaram ao voso paiz os povos circumvizinhos. Vistes com prazer anualmente vosas casas atacadas de ómens desconhecidos, mas tornados vosos irmaons, e amigos, prezos pelos laços da gratidam. Aumentaram-se vossas relaçoens; o commercio prosperou; a civilizaçam adquiriu um auge consideravel. Todos quantos aqui entam nos achavamos desconheciamos vosa patria; a alegria transbordava em vosos coraçoens; invejavamos a vosa sorte; e sendo tudo devido ao Padre Jezuino, o Padre Jezuino por si só era a festa, era a mola real do prazer, a pedra precioza, que refletia a nosos olhos, e que formava as delicias dos que o conheciam.

Na verdade, senhores, eu não sei que tinha aquelle semblante de amavel, e lisongeiro, que atraia, cativava, e docemente arrebatava os que o viam. Eu mesmo, a primeira vista, senti os efeitos deste encanto. Eu me nam fartava de vel-o, de ouvil-o, de estar em sua companhia. Eu contava por uma felicidade ter parte em seu coraçam. Este fenomeno raro nam foi encontro de amor, ou inclinaçam; foi uma necesidade de admirar, e amar a inocencia, e a virtude. Todos que o tem visto, que o tem tratado, tem sido obrigados a sentir iguaes efeitos.

Vós, que tivestes a dita de o conheeer, nam estaes como ainda vendo aquele rosto amavel, e sereno, onde se achavam retratadas a inocencia, e a alegria, companheiras inseparaveis da virtude? Aquele ar mo-

desto, e carinhozo, aquela gravidade de semblante, aquelas maneiras respeitozas, que formavam seo carater ainda no meio das graças inocentes, com que ele fazia interesante, e ao mesmo tempo gostoza a sua companhia?

A! E que umildade tam rara em nosos dias! No seo conceito ele era o mais criminozo dos ómens; nem uma açam fazia, que para ele nam fose um crime; um pensamento ligeiro era uma temeridade; a lembrança de um pecado era para ele já um delito. Se ele conhecia alguns dotes com que a natureza o enriquecera, ele ignorava absolutamente as belas dispoziçoens, que tinha para a virtude.

Parece que asás ambiciozo de amar o Autor de todo o bem, interesado somente em agradal-o, ele nam descobria em seo coraçam senam a semente da discordia, que S. Paulo notava entre as leis do corpo, e as do espirito. Sempre asustado de sua fraqueza, ele jamais se considerava seguro na marxa perigoza da vida; rodeado de caxopos, onde podia naufragar a inocencia, a vista do perigo que ele valerozamente afrontava, parecia-lhe ter sucumbido. Tal era a delicadeza de sua conciencia; tal era o temor com que ele servia ao Onipotente.

Que trabalhos nam sofreo, que encomodos nam experimentou, quando a sombra do pecado parecia nublar suas intençoens? Que sustos! Que temores! Quantas vezes nam o vistes como um criminoso errante, e fugitivo, mãrxar a pé, a procurar com sagaz prudencia aqueles medicos do espirito, que tinham em seo abono os votos do publico? Nada era capaz de impedil-o, nem mesmo retardal-o a aprezentar-se aqueles Ministros da Religiam

a quem tinha confiado os segredos, e a direçam de sua conciencia.

Cristaons, vós bem sabeis que ele nada empreendeo que nam fose para agradar ao Soberano Bemfeitor; que todas suas açoens se dirigiam a cumprir a lei do creador, e para isto como vivia ele dezapegado do mundo! Como nada era capaz de prendel-o a estes bens falsos, e caducos, que cegam tanto aos mortaes? Uma pobreza voluntaria, e verdadeiramenie evangelica foi a maxima constante aprendida na escola do Salvador, que dentro do mundo o conservou separado do mesmo mundo, vós bem o sabeis.

A! E o que direi eu de sua caridade? Senhores, ainda que ao Padre Jezuino faltasem estes conhecimentos, que fazem oje a gloria do seculo, ele posuia os segredos da verdadeira sabedoria. Ele nam sabia falar esta linguagem de erudiçam, e ordinariamente de vaidade; mas ele sabia obrar como filozofo. Ele nam poderia entrar nas questoens espinhozas da ciencia sagrada; mas ele conhecia perfeitamente a religiam, e a praticava. A caridade, portanto, era sua maxima; este principio, de uma extenção infinita, o ligava com todas as series de entes do Universo. Ele se considerava feito para todos.

Eis aqui, meos Senhores, o momento em que eu exijo voso reconhecimento. A gratidam demanda a confisam de tantos beneficios.

O Padre Jezuino aparece neste periodo de sua vida nam já como um simples ómem, gozando as vantagens da sociedade, apenas ocupado no pequeno recinto de sua casa, empenhado nos intereses de sua familia. Verdadeiro filantropo, as maximas sagradas do cristianismo dam uma firmeza inabalavel as propensoens sociaes de seo espirito. Ele aprezenta-se qual Apostolo, esquecido

somente de si, e de seos comodos, tendo somente diante de seos olhos a cauza de Deos, e a vosa salvaçam.

Cadeira da verdade, depõe quantas vezes, tomado de um santo entuziasmo, levantou ele a voz para deprimir o vicio, para atropelar as paixoens radicaes, que sam a origem funesta de tantos males. Mil vezes aprezentou-vos o Evangelho dezenvolvido pelos oraculos da religiam. A doutrina de Jesus-Cristo vos foi pregada com força, e com clareza. Mil vezes vos abrio o quadro horrivel da ira do Onipotente para pordes termo a vosos errados projectos.

Quantas vezes nam o vistes sentado no sagrado Tribunal da Penitencia, julgando as conciencias? Com que prontidam, ao mesmo tempo com que zelo, com que temor se nam empregou ele sempre neste importante, custozo,e arriscado ministerio? Quantos pecados se nam diminuiram, quantas conversoens se nam devem a sua caridade? A quem se deve este grande numero de verdadeiros cristãons, que frequentam vosos templos, que fieis a seos deveres aprezentam em particular, e em publico o verdadeiro carater de Dicipulos de Jesus-Cristo, e que dam gloria a Igreja, exemplos aos relaxados; que diariamente aterram, e confundem os libertinos, sendo sua conduta uma calada repreençam de seos escandalos, e da vergonhosa dezerçam, que tem feito das bandeiras do Crucificado?

O Padre Jezuino pode bem xamar-se o patriarca destas creaturas convertidas, desas almas fervorozas, que em tempos nam felizes seram com melhor justiça avaliada.

Quantos, que jazem oje no seio da morte, nam experimentaram sua caridade nos ultimos momentos, sempre acompanhados do enjôo, e do desprezo, ainda dos mesmos domesticos? Quantos nam foram socorridos por

sua diligencia, quando lutando com a pobreza, miseraveis, apenas faziam xegar a seos ouvidos o surdo, e fastidoso éco da necesidade?

Senhores, por quantas maneiras diferentes nam procurou ele dezenvolver sua caridade, que disençoens nam terminou, que odios nam aplacou, que lagrimas nam enxugou ele? Quantos infelizes nam encontraram nele o remedio, ou a consolaçam no meio de suas desgraças?

Este ómem incançavel, ativo, laboriozo, procurou em toda sua vida reunir a virtude á magnificencia: sua prudencia engenhosa vos conduzio, sem atenderdes, por caminhos sempre suaves á fins de alto interese.

Este templo é um dos monumentos de sua piedade e devoçam. Todo ele pode bem dizer-se é obra de suas maons. A! E que fins ele se propoz! Ser louvada a magestade do Onipotente de um modo mais digno da Divindade,e atrair-vos pelo culto externo á verdadeira devoçam; xamar-vos pela pompa das solenidades, que ele empreendia aprezentar neste lugar santo, a entrardes nos verdadeiros sentimentos da religiam que profesaes. A gloria de Deos, e a vosa utilidade foram sempre a mira de suas açoens, e projetos.

Mas, senhores, este ómem raro, este sacerdote zelozo, este Pai da patria, vosa riqueza, vosa consolaçam, e vosa gloria, terminou seus dias. Quando todos nós descuidados nam lembravamos que ele estava sugeito ao imperio da morte, quando alegres contavamos com uma vida salva dos perigos, que nos tinham sete mezes antes ameaçado roubal-a; quando todos descançavamos seguros á sombra do bem que gozavamos, O! Providencia adoravel! A morte disfarçada em um sono benigno, iludindo nosos disvelos, repentinamente alsou a fatal foice, e roubou-nos para sempre tam precioza vida.

Cadaum de nós perdeo um amigo. Cada familia perdeu um pai. Esta povoaçam perdeo um protetor. O rico sentirá sempre a falta de um economo que o obrigue a fazer justa distribuiçam de seos bens. O pobre lamentará sempre a auzencia de um bemfeitor; sua mesma mizeria cada dia fará mais saudoza sua memoria.

Morreo, senhores, mas nam sentio as agonias do criminozo; nam experimentou o remorso, que dilacera o culpado; nam sofreo o xoque terrivel, partilha do pecador. Pagou o indispensavel tributo imposto a especie umana; mas o Deos, a quem ele amava, e a quem soube servir, o izentou dos orrores inevitaveis á tam doida separaçam. Nosas lagrimas derramaram-se; em todos os cazos os gemidos formavam a triste cançam, que annunciava sua orfandade; todos entre suspiros quizeram ver com seos olhos, quizeram por si mesmo certificarse de tam funesta fatalidade. Todos démos publico testemunho de nosa dor; fizemos justa confiçam de nosa perda.

Eis aqui, Cristaons, a sorte das couzas do mundo. O impio, o malvado, que serve de flagelo a sua patria; o cidadão improbo, que perturba a sociedade, este ómem vive, e o padre Jezuino morre! O ómem, que por parecer de bem, mas que invejozo da gloria, que nam merece, disfarça debaixo de mentirozas aparencias um carater detestavel, que exaspera a indignaçam dos que sabem dar o justo valor a probidade, e a virtude; este ómem vive, mas o Padre Jezuino morre! O mizantropo, que nam se comunica com outro ómem senam debaixo das vistas do proprio interese, incapaz do menor sacreficio a bem da umanidade; este ómem vive, mas o Padre Jezuino morre!

Providencia de meo Deos, eu vos adoro!

Cristaons, o justo nam morre; separa-se de nós por um castigo devido a nosos crimes, porque nam sabemos agradecer ao Céo tam caro beneficio. Ele caminha para sua patria, vai receber a coroa da imortalidade; sua memoria é eterna, seo nome é sempre lembrado com amor, e com saudade.

O impio, pelo contrario, se conserva para flagelo de sua patria, para meter a confuzam, e a discordia na sociedade, para gerar mil descontentes, para fazer-nos, porém, aborrecedores deste cáos sempre confuzo, deste teatro de paixoens, e de mizerias. Sua vida termina-se com a alegria dos que o detestam; sua memoria sepulta-se no mais ignominiozo esquecimento; e se é lembrado pelo estrondo de suas infamias, é só para orror, e exocraçam.

Alí está o exemplo: Aqueles osos sam os restos do Padre Jezuino, sam pó, sam nada; mas para nós sam uma preciozidade, nós os respeitamos.

Ali vemos os ultimos despojos de um irmam, que nos ajudava; de um pai, que ternamente nos amava; de um amigo, que fazia nosa consolaçam; de um sacerdote que nos conduzia pela estrada da virtude com a voz, e com o exemplo.

Sua memoria nos será sempre saudoza. E vós, colunas deste templo, paredes do santuario, que sois oje testemunhas de nosos louvores, e ainda de nosas lagrimas, guardai para transmitir á posteridade as ilustres açoens deste sacerdote; contai a cada ómem, que aqui entrar pela serie nam interrompida dos seculos, que nós somos gratos a seos beneficios, que fazemos justiça a seos merecimentos, e que temos dado o exemplo da mais nobre gratidam.

E vós, sepultura feliz, conservai com cuidado esa

joia preciosa, que nós vos confiamos; aqui viremos, nosos olhos repetidas vezes voltar-se-am para vós com respeito e com saudade; todos os dias nós, e nosos vindouros vos pediremos conta dese cáro penhor, que ai depozitamos. Sereis de oje em diante o memorial perene dese ómem raro, cujo nome, cuja açoens, cujas virtudes eternamente estaram gravadas em nosa memoria.

E vós, Senhores, a quem o amor, a gratidam, e a saudade juntaram neste lugar santo á prestar os ultimos oficios de religiam, e umanidade ao Padre Jezuino, despedi-vos dele talvez para sempre; mas emquanto viverdes orai por ele; aprendei neste exemplo fatal quanto sam falsas nosas esperanças, que só na Patria dos Justos devemos pôr nosos cuidados, e nosa confiança. Trabalhai para serdes imitadores de suas virtudes; só assim escapareis a uma morte ignominioza, e voso nome sobreviverá a vosa ruina.

Eu nam afirmo que ele é um santo reconhecido por uma autoridade legitima; porem, foi um ómem de bem, um cidadão onrado, engenhozo, ábil, ativo, e laboriozo; um cristam, que aprezenta em sua vida muitos rasgos de virtudes dignas de serem imitadas. Umilde, caritativo, piedoso, será sempre amado emquanto no coraçam do ómem nam apagar-se o instinto do reconhecimento, e da gratidam; obterá sempre o respeito da posteridade, emquanto se souber avaliar o merecimento, e a virtude.

Ministros do Senhor, continuai vosos sufragios; nós vos acompanharemos; queremos ser comvosco testemunhas do derradeiro áto, que em nome da Igreja ides praticar á bem desa alma. Nós, a borda da sepultura, atentos, pela ultima vez saudamos com nosas lagrimas os ósos dese sacerdote, que tanto amámos, e que mereceo tanto nosa saudade, e noso respeito.

ESTUDO CRITICO

A POSSE DO BRAZIL MEREDIONAL

FUNDAÇÃO DA PRIMEIRA COLONIA REGULAR DOS PORTUGUEZES EM S. VICENTE

ARGUMENTO: *Trinta annos depois do descobrimento do Brazil resolveo a Metropole colonisal-o, enviando para esse fim em 1530-1 uma esquadra ao mando de Martim Affonso de Souza, o qual correo a costa até o Rio da Prata, donde retrocedeo para o norte, vindo assentar a colonia em S. Vicente.*

Demonstra-se que a armada de 1530-1 não veio, como opina o Snr Varnhagen, com plano assentado de colonisar o Rio da Prata; que o almirante portuguez tinha amplos poderes para situar a colonia onde melhor lhe parecesse; que o regresso do almirante para o porto de S. Vicente não se motivou por haver verificado, apóz observações astronomicas dos pilotos, que as terras do Rio da Prata já estavam fóra do dominio portuguez; essas observações não podiam ser concludentes; e que, ao contrario, sempre se julgaram os portuguezes, fundados no tratado de Tordesilhas, com direito não só a esse rio como ainda ás terras da Patagonia até o Golfo de S. Mathias; que o que trouxe o almirante ao porto de S. Vicente não foi essa verificação, mas sim o conhecimento de que essa região era aurifera, e a fama das grandes riquezas existentes no interior.

ESTUDO CRITICO

A posse do Brasil meridional. Fundação da primeira colonia regular dos portuguezes em S. Vicente

Trinta annos eram já decorridos depois que Cabral, pela primeira vez, aportára ás praias brasileiras, trinta annos de um quasi completo abandono, quando a metropole portugueza voltou as vistas para suas possessões americanas e resolveu colonisal-as.

Essa *terra do Brazil* que aos primeiros exploradores se exhibira como uma terra pobre, ainda que ostentando galas de uma natureza incomparavel, valia, de facto, ainda menos que a propria Africa, adusta e inhospita. Simples terra de degredo para criminosos, estação de refresco para as armadas do Oriente, paiz de miseraveis feitorias para o resgate de escravos ou para o trafego do lenho de tinturaria, o Brazil não tinha para seduzir o espirito mercantil da epoca nem o ouro, nem o marfim, nem a pimenta da Guiné, não tinha, tão pouco, as nações policiadas nem as praças opulentas e numerosas dessa India que todo o mundo conhecia como uma terra de maravilhas.

Das producções dessa terra da Vera Cruz, já visitada pelos Pinzons, Cabraes, Vespuccio e Coelho, as premissas verdadeiras não eram, de certo, para enthusiasmar um povo de commerciantes e de audazes navegadores. Vespuccio voltou da sua primeira viagem desenganado de que no paiz não havia metal algum, porque o povo barbaro e nú que o habitava nem se quer conhecia o uso delle. (1) Gonçalo Coelho, depois de muito peregrinar, regressou desilludido, porque as mercadorias da Terra que levou, no dizer de Damião de Gòes, *nam eram outras que pau vermelho, a que chamam brazil, bogios e papagaios.* Jeronimo Osorio, relatando os ultimos successos dessa mesma expedição de Coelho, que voltou destroçada, tendo perdido quatro das seis náos com que partira, frisa pelo ridiculo quando nos dá conta do carregamento com que aquelle navegador tornou ao reino; *atque duas tantúm simiis in patriam reduxerit* (2) Enciso ainda em 1518 publicava que a *terra do brazil era de pouco proveito.*

Foram, portanto, trinta annos de justificado abandono. Agora, porém, as circumstancias mudaram. O imperio commercial dos Portuguezes no Oriente estava fundado; a miragem da India ia se dissipando e a America, por tantos annos, confundida com a propria Asia (3) desenhava-se já como um mundo á parte, opulento, vastissimo e encerrando cousas extraordinarias.

Os successos dos Castelhanos no Novo Mundo frisavam pelo maravilhoso e despertavam a emulação.

---

(1) Cartas de Americo Vespuccio.

(2) J. Osorio, De Rebus gestis Emmanelis.

(3) Até 1513 quando Balboa descobriu o mar do Sul ou Oceano Pacifico se presumia a America como um prolongamento da Asia. Colombo, fallecido em 1506, não logrou verificar que tinha descoberto um mundo novo.

O Mexico, esmagado por um punhado de aventureiros, entregara a Fernando Cortez os thesouros de Montesuma; uma civilisação autocthone exhibia-se extraordinaria no Centro-America e nos planaltos de Bogotá e Cundinamarca; no Perú, o imperio Inca, accommettido pelos Pizarros e Almagro, estava excitando a cobiça do mundo inteiro; Fernão de Magalhães descobrira já no extremo austral essa passagem para o Mar do Sul que tem o seu nome e fizera a volta do globo.

Do estreito de Anian á Terra do Fogo, do cabo de Santo Agostinho á California, uma pleiade de navegadores audazes tinha feito surgir nitidamente esboçados os contornos de um continente enorme abarcando o mundo de polo a polo.

As expedições maritimas e terrestres succediam-se a miudo. Estava se, com effeito, n'um periodo febril, caracteristico das aventuras bem succedidas

No horizonte ignoto de todas as solidões sentia-se como que pairar uma lenda de riquezas fabulosas; e no coração de cada aventureiro aninhava-se o vago presentimento dessa fortuna, sempre a mesma, sempre captiva da audacia, aguçando todas as ambições.

Foi então que a politica portugueza, como que levada pelo estimulo que o successo alheio aguça até o ciume, resolveu occupar e povoar o Brazil. Esta terra, por tão longos annos abandonada, bem podia encerrar o seu imperio como o de Montesuma, e talvez, quem sabe, se não seria mais facil accommetter o Inca do Perú, investindo-o pelas costas brasileiras ?

E assim pelos annos de 1530 e 1531 singrava os mares do Brasil uma expedição portugueza de cinco velas e 400 homens de tripolação ao mando de Mar-

tim Affonse de Sousa para iniciar a colonisação das possessões americanas. Trazia ella por missão: explorar, proteger e colonisar.

Ao avistar as terras da America na altura do Cabo de Santo Agostinho, segue uma parte da expedição ao mando de Diogo Leite a explorar as costas do Norte até o Maranhão, emquanto o grosso da esquadra, já augmentada com as náos intrusas, capturadas a traficantes francezes, dirige-se para o Sul, caminho do rio de Santa Maria ou rio da Prata.

Na Bahia, onde encontra o *Caramurù* como um patriarcha, deixa alguns homens e sementes para provarem a capacidade da terra.

No Rio de Janeiro onde se deteve tres mezes, e porque sua missão era conhecer o paiz, fez o almirante partir para o interior uma turma de quatro exploradores « *que foram cento e quinze leguas e as sessenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por um campo mui grande: e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra e veiu com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito cristal, e deu novas como no rio de Paraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas e o mandou tornar pura as suas terras.* (1)

Estava, pois, o Capitão de posse de uma informação valiosa e ao sabor dos seus intuitos; sabia já que para as regiões centraes ao Sudoeste havia muitos metaes preciosos.

A informação correbora-se ainda em Cananéa onde a expedição foi aportar e se demorou quarenta dias. Ahi se lhe apresenta um certo Francisco de Chaves, grande lingoa da terra e conhecedor de sertões, offerecendo-se-lhe para

(1) Do Roteiros de Peros Lopes.

guiar uma expedição ao interior a qual podia ir e vir em dez mezes e *tornar ao porto com 400 escravos carregados de prata e ouro*. Não havia mais duvidar; a noticia dessas riquesas já vinha de longe; as informações colhidas confirmam-se, e, já agora, essa terra de fabulosas riquezas não era mais um mytho; havia ja quem a conhecesse de perto e se offerecesse para mostral-a.

Uma expedição de 40 besteiros e 40 espingardeiros, commandada por Pero Lobo e guiada pelo aventureiro Chaves, partiu então de Cananea a 1 de Setembro de 1531 e entranhou se pelos sertões á busca dessa região do ouro e da prata, do Perú talvez. Partiu, porém, para não mais voltar, porque toda ella pereceu algures trucidada pelo gentio feroz em um canto obscuro do valle do Paraná.

Entretanto, desfalcada da sua gente, mas, porventura, mais avolumada nas suas ambições, a armada portuguesa navegou para o sul, caminho do Rio da Prata, completando a exploração da costa

Atraz, porem, ficava-lhe o melhor das suas esperanças: essa expedição que se entranhava no deserto a busca de ouro !

Ao chegar á entrada do grande estuario, ja em frente desse cabo de Santa Maria, que Vespuccio fôra talvez o primeiro a avistar em 1502, é a esquadra colhida de improviso por um desses furiosos pampeiros, tão communs nos mares do Sul, e se perde totalmente a náu capitanea com grande copia das suas melhores provisões. O capitão, que deu á costa nessa terra areenta e agreste que se avisinha do Cabo para o lado do Norte, perdidos alguns poucos tripolantes, desanima de proseguir.

O irmão, porem, dispõe-se a completar os intuitos da expedição, e embarcando n'um bergantim com

trinta homens de equipagem anima-se a penetrar no grande rio. Percorre-lhe as margens do Norte até o fundo do estuario, passa a foz do Uruguay, e pelos muitos e entrincados braços ou canaes que o Paraná despede ao encontro d'aquelle, sóbe até o *esteiro dos Carandins* onde assenta dous padrões com as armas de seu rei e toma posse da terra para se tornar.

Pero Lopes de Souza, que esse era o jovem e esforça do commandante do bergantim, estava então pelo 33° 3|4 de latitude Sul, pouco mais ou menos na altura do actual rio dos Arrecifes que rega a terra Argentina pela banda direita do grande Paraná (1)

«Esta terra dos Carandins, dizia elle ao irmão, é a mais formosa terra e mais aprasivel que pode ser. Eu trazia commigo allemães e italianos e homens que foram a India e francezes, todos eram espantados da formosura desta terra, e andavamos todos pasmados, que nos não lembrava tornar!»

O irmão, todavia, se não deixa seduzir pelos encantos dessa terra dos Carandins, e, dando por terminada a sua missão no Sul, fez-se de vela para o Norte e veio aportar a S. Vicente, que escolheu para sede da primeira povoação que vinha fundar no Brasil.

Se esta expedição de Martins Affonso de Sousa, como opina o sr. Varnhagen (1), vinha de facto, occupar

---

(1) Candido Mendes de Almeida, interpretando o roteiro de Pero Lopes, presume o *Esteiro dos Carandins* á margem do Uruguay, *em Paysandú pouco mais ou menos*, quando é certo que o texto do roteiro alludido conduz a ponto diametramente opposto. Partindo das ilhas de Santo André que estão no Uruguay e seguindo através de canaes e braços nos rumos de Oessudoeste, Noro'este e Sudoeste não podia tender para Paysandú, que fica ao Norte sendo o curso de Uruguay, neste trecho, Norte-Sul. Demais, a terra dos Carandins é do lado de Buenos-Ayres e não do Oriental e a latitude indicada para o *Esteiro*, onde se assentaram os padrões não se conforma com a posição de Paysandú (Vide Atlas do Imperio do Brazil—pag. 24.)

(2) Historia Geral do Brasil, vol. I pag. 113.

as margens do grande Rio da Prata e nellas assentar a primeira colonia regular portugueza da America, tomando posse definitiva dessa região de clima temperado cujo nome recordava riquezas por ventura ainda veladas, mas já presentidas, é força confessar que o principal intuito da expedição estava perdido. Se as instrucções do chefe ordenavam-lhe de fixar se neste rio, não seria, por certo, o desbarato de uma pequena parte de sua esquadra que o demoveria de cumprir as ordens regias, antes pelo contrario, o levaria a dar-lhes execução, permanecendo no seu posto, refazendo-se ou pedindo soccorro. O almirante, porém, reparadas as avarias da armada, preferiu retroceder, abandonando essas paragens acossados dos pampeiros e vindo assentar os fundamentos da povoação de S. Vicente no clima mais tepido de sob o Tropico. E assim procedendo não desobedecia elle as ordens do seu rei, nem lhe desprezava as instrucções, estava, ao contrario, em exercicio das amplas attribuições que tinha: explorava, reconhecia a região e se locaria onde melhor lhe parecesse. A carta regia de 28 de Setembro de 1532 dil-o positivamente: «Depois da vossa partida se praticou se seria meu serviço povoar se toda essa costa do Brazil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terra della. Eu quisera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer *escolhaes a melhor parte.*»

Quem assim escrevia em 1532 não tinha por certo plano assentado, nem resolução positiva de colonisar uma determinada região, quando dous annos antes enviava essa expedição cujos successos estamos relatando.

A politica portugueza, nessa epoca, não havia ainda comprehendido o valor e alcance da posição que assim se abandonava. E' verdade que a presença dos Castelhanos nas aguas do Prata, onde com um dos Cabotos se ensaiara pouco antes um rudimento de colonisação, que breve feneceu, tinha, de facto, despertado a attenção dos conselheiros de João III; mas as vantagens politicas e estrategicas do estuario, quer em relação ao Estreito de Magalhães, quer em relação ás terras auriferas do Alto Perú não se lhes tinham tão claramente patenteado que viessem a motivar um plano politico de sabia previsão.

Ao contrario disso, aguardavam-se ainda as informações do almirante para com ellas decidir-se o que convinha fazer-se. Para a metropole, que só cogitava da India, esse paiz da America era ainda, quasi que em absoluto, desconhecido. Das primeiras expedições que lhe correram as costas, baptisando-lhe os logares mais salientes, até a mesma tradição se perdera. Demais, é sabido, aquellas primeiras viagens de Vespuccio e de Coelho não visavam senão duas cousas essenciaes á politica commercial dos Portuguezes: verificar que essa terra do descobrimento de Cabral nada tinha com a India e que ahi, dentro do hemispherio portuguez, se não encontrava passagem alguma conduzindo aos mares das especiarias; e se essa passagem algures existia, devia ficar tanto ao sul que o caminho das Indias pelo Cabo da Boa Esperança, por mais curto, ficava, de facto, como uma garantia do predominio lusitano no Oriente.

Mas agora que mudaram os intuitos politicos da metropole em relação as suas possessões da America, o conhecimento mais completo do paiz se impunha, exigindo novas indagações, precedendo a qualquer plano

politico que accarretasse dispendios ou responsabilidades. E foi isso realmente o que veio fazer o almirante nos mares do Brasil: explorar, informar, tomar posse do que viesse a descobrir e, por ventura, estabelecer-se onde e quando lhe parecesse conveniente, porque naquella mesma carta dizia-lhe ainda o rei como que querendo renovar-lhe os poderes: «porque eu confio de vós, que no que assentardes será o melhor.»

O erro politico da não occupação do Rio da Prata, erro que nem tres seculos de porfiadas luctas conseguiram jamais neutralisar, nem mesmo pode ser levado á conta da desidia ou desobediencia do almirante, porque, para escusas, até pode elle allegar escrupulos de leal cavalheiro.

Conta-se que durante os dias em que se deteve em reparo no Cabo de Santa Maria a armada portugueza, os cosmographos de bordo fazendo observações astronomicas conseguiram verificar que aquella costa e com maior rasão todo o Rio da Prata, ainda alem para o Oeste, já não eram dos dominios de Portugal. O sr. Varnhagen exhibe mesmo a este respeito argumentos que persuadem. «Muito provavel é, diz-nos o illustre historiador, que no entremeio de tantos dias, em que Pero Lopes demarcava o Rio da Prata, não estivessem ociosos os pilotos que haviam ficado na costa com Martim Affonso. Em terra tiveram occasião de fazer frequentes *observações astronomicas sobre a latitude e longitude* do logar, e isso lhes daria a convicção, e ao capitão mór, de que aquella costa, e, com mais rasão, todo o Rio da Prata, já se achavam fóra, isto é, mais a loeste, da raia até onde se estendia, pelo tratado de Tordesilhas, o dominio portuguez naquellas paragens. Ao conhecimento deste facto em Portugal devemos at

tribuir o não proseguirem em Madrid as reclamações ácerca desse rio; o desistir aquelle reino de mandar mais frotas ás suas aguas; e até o não doar, quando doou outras terras, as que ficaram além das de Santa Anna, ou da Laguna, onde terminava a courela que de direito ainda por ahi lhe tocava.

«Talvez tambem pelo conhecimento desse facto, continúa o mesmo historiador, mais que por serem ahi as terras (no littoral) sáfias e areentas, é que Martim Affonso não se deixou ficar nas plagas da actual Provincia do Rio Grande, onde o lançara de si o proprio mar, e decidiu retroceder mais para o norte, a buscar outro local onde fixar-se de preferencia.» (1)

Ainda que plausiveis estas rasões allegadas pelo nosso historiador, ellas não explicam cabalmente a que intuitos obedeceu o almirante retrocedendo para o Norte. As observações astronomicas e a resultante verificação dos cosmographos ou pilotos de bordo, então realisadas como nol-o attesta o mathematico Pedro Nunes, não deviam ser precedidas da tomada de posse daquella região por Pero Lopes, effectuada no Esteiro dos Carandins. Antes esta formalidade, tão essencial naquelles tempos, é que devia seguir-se a aquellas. Demais todo o desenvolvimento historico que se seguio a este erro politico bem claro nos ensina que jamais os Portuguezes se convenceram tão cedo da illegitimidade das suas pretenções no Rio da Prata e mais ainda na Terra dos Patagões.

Para nós, outras e bem diversas foram as rasões da preferencia de Martim Affonso pela região de sob o Tropico; mas emquanto as não expomos, examinemos,

(1) Historia Geral do Brasil, I vol. pag. 121 e 122.

á luz da critica historica, a força de convicção que ao animo do almirante podiam ter trazido as observações astronomicas dos pilotos de bordo.

Quando em 1494 se negociou entre Portuguezes e Castelhanos o tratado de Tordesilhas, corrigindo a bulla de Alexandre VI que repartio o mundo entre estes dous povos, mas excluia Portugal da America, ficou, em definitiva, estipulado que a linha meridiana da demarcação correria a 370 leguas ao poente das ilhas do Cabo Verde e não a 100 como a bulla a principio estabelecera; que as duas partes contractantes dentro dos 10 mezes que se seguissem á assignatura do tratado enviariam cosmographos e delegados seus em igual numero para, de concerto, demarcarem a referida meridiana na altura do parallelo daquellas ilhas; que no processo de demarcação se empregariam os *gráos de Norte* ou *de Sol* ou *as singraduras de leguas*; e que finalmente se compromettiam de parte á parte a não enviarem navios violando a raia assim solemnemente convencionada e acceita. (1) O tratado, porém, trasia vicio insanavel que, para logo, tornou-o inexequivel. Appellando para uma linha imaginaria que a sciencia contemporanea não tinha como demarcar, o tratado ficou, desde logo, lettra morta, inutil como garantia de direitos reciprocos.

Para os Portuguezes que, ao negocial-o, nem siquer cogitavam do Continente novo, pois ainda não fôra descoberto e que só visavam resguardar o seu caminho da India, afastando para bem longe delle a nação rival, o tratado correspondia, de facto, a uma necessidade politica. Para os Castelhanos, porem, elle só tinha um

(1(Carlos Calvo, Colleccion completa de los *Tratados*, etc. I vol. ags. 19 a 36.

valor positivo: era o do reconhecimento do seu direito ás conquistas do ultramar no mesmo pé de igualdade que os Portuguezes os quaes se presumiam senhores unicos do Oceano ignoto e de todas as terra por descobrir, segundo as concessões anteriores dos Pontifices.

Obtidas estas vantagens reciprocas, ninguem mais cogitou do implemento do lado pratico das clausulas do tratado. Os 10 mezes se esgotaram sem que de parte a parte se pensasse no problema da demarcação, aliás de solução impossivel.

De facto toda e qualquer tentativa pelo lado pratico para se assignalar então a *meridiana* não podia dar resultado tangivel. O Continente da America ainda era desconhecido, pois só tres annos mais tarde é que Colombo descobriu a *terra firme* na altura da foz do Orinoco. e nenhuma ilha algures existia no seio do oceano, cortada por essa *meridiana* e podendo servir-lhe de balisa. Impossivel como era de assignalar materialmente essa linha por sobre as vagas movediças do Oceano, ter-se-ia de appellar para as soluções astronomicas em que, aliás. quasi ninguem acreditava, tão absurdos e discordantes eram os resultados que exhibiam.

Nada havia tão incerto e inconsistente como a sciencia dos cosmographos e pilotos desta epoca. Na pratica como na theoria tudo era informe e rudimentar. Ptolomeu era então o oraculo (1), e tod sabemos hoje o que valia o astronomo de Alexandria com o seu ecclectismo na sciencia. A rendondeza da terra era ainda

(1) As obras de Ptolomeu começaram a circular impressas em 1475. A traducção latina de Jacobo Angelo foi impressa pelo primeira vez, neste anno, em Vicença sob os auspicios de Xisto IV.

uma hypothese repugnante e ha 7 annos apenas provada. A grandeza della um problema que ficou insoluvel a despeito dos trabalhos memoraveis de Eratosthenes, Hyparcho, Possidonio e Marino de Tyro. O comprimento do gráo terrestre era incerto ainda; a medição delle realisada por Eratosthenes e rectificada um seculo depois por Hyparcho que fixou-lhe o comprimento de 700 stadios gregos ou 110600 metros de hoje, ficou viciada pelo mesmo Ptolomeu com a adopção de um stadio ficticio, cuja identificação jamais se conseguiu realisar.

O mundo conhecido ou *Ecumeno* que Eratosthenes e Strabo calculavam então não abranger mais que 2/7 da circumferencia do globo, fôra pelo mesmo Ptolomeu elevado á metade, donde depois se originarem calculos erroneos como os de Colombo que presumia não haver mais de 1.100 leguas entre as costas da Europa e o extremo opposto da Asia que elle esperava attingir por occidente.

As observações astronomicas, a julgar pelos resultado exhibidos por Ptolomeu, eram simplesmente grosseiras approximações. As latitudes calculavam-se com erro de um gráo a mais ou a menos; as longitudes davam verdadeiros disparates. Quando determinadas por observação astronomica como aquella do eclipse do sol realisada simultaneamente em Carthago e Arbelles, davam resultados com erro de onze gráos! Quando as longitudes eram calculadas por meio da conversação de elementos itinerarios em annotações astronomicas, não eram menos grosseiros os resultados.

Em 1530 quando navega os mares do Brasil essa armada de Martin Affonso a que nos temos referido, os

cosmographos, os pilotos ou mercantes sabiam muito bem manejar o seu *astrolabio*, tosco instrumento com que mediam a altura dos astros para calcularem a *latitude*, e corrigirem a derrota do navio, ainda assim eram frequentes os erros de um e mais gráos na determinação desta coordenada, justamente como no tempo de Ptolomeu.

Segundo se vê do roteiro de Pero Lopes de Souza, a latitude da foz do rio de S. Francisco está ali determinada com o erro de um gráo para mais; (1) a latitude da Bahia de Todos os Santos com o erro de um quarto de gráo a mais; a do Rio de Janeiro com um terço a mais, e só a do Cabo de Santa Maria, á entrada do estuario do Prata, talvez por ter sido reiterada nas observações feitas em terra, accusa, com pequena differença, resultado exacto.

Nas operações em que se requeria maior rigor, desembarcavam em terra os pilotos e tomavam ao meio dia a altura do sol. A latitude, uma vez calculada a declinação do astro para esse dia, deduzia-se então sem mais correções. A bordo do navio era-lhes penosissima a operação, e até mesmo impossivel si se tratava de estrellas, porque então não sabiam como se haverem com o balanço do mar.

Mestre Johanes Emenelaus, um dos pilotos da armada de Cabral de 1500, escrevendo a D. Manoel e dando-lhe conta de como se dispunham no nosso céo as constellações circumpolares, sem aliás determinar-

---

1) O roteiro alludido consigna as seguintes latitudes:

Foz do rio S. Francisco	11	1|2
Bahia de Tedos os Santos	13	1|4
Rio de Janeiro	23	1|4
Cabo de Santa Maria	34	3|4

lhes os gráos (1), communicava haver observado em 17° austraes a latitude de Porto Seguro, mas como divergia em muito a opinião dos demais pilotos que uns davam 150 leguas mais e outros menos, não havia como certificar-se senão depois que se chegasse ao Cabo da Boa Esperança, porque então, dizia elle, se havia de ver quem mais certo andava se os pilotos com a carta se elle com a carta e com o astrolabio. Ainda assim o calculo do mestre estava affectado do erro de um gráo a mais.

Americo Vespuccio que, aliás, era um cosmographo habil, errava a miudo nos seus calculos de latitude. Dos seus escriptos, por vezes tão discordantes, se vê que calculou a latitude do Cabo de Santo Agostinho com um erro de 1/3 gráo a menos, e a do Cabo de Santa Maria, á entrada do estuario do Prata, onde diz que deixou de costear a terra para accommetter o mar por outra parte, accusava taes differenças que o proprio Vespuccio ora dava-lhe 32° austraes (2), ora calculava-a em 17° 1/2 para além do Tropico de Capricornio, o que equivale a 41° ao Sul. (3). Discrepancias estas tão grandes que os mesmos detractores de Vespuccio mais se servem dellas para provar a má fé ou o descaro de um mentiroso do que para demonstrar a impericia do cosmographo, ou a imperfeição dos processos de observação astronomica em uso no seu tempo.

---

(1) Dizia em sua carta o piloto: «...quanto señor al otro puncto sabra vosa altesa que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho..... solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero em que grado esta cada una non lo he podydo saber antes me paresce ser inposibile en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabajé mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro ó cinco grados de guisa que se non pueden faser synon en terra...»

(2) Lettera al Solderini em Canovai, vol. II.

(3) Veja-se o «Summario de A. Vespuccio».

Quanto ás longitudes o processo commummente usado era o da conversão dos elementos itinerarios em annotações astronomicas. Nenhum processo directo, observando os astros, era então praticado.

Os pilotos ou mareantes deduziam a longitude pela derrota do navio, para o que partindo de um ponto cuja latitude era conhecida e guardando um rumo certo vinham, no diario de bordo, assignalando os incidentes mais notaveis, as causas que, por ventura, perturbassem a marcha regular da embarcação, e, tomando alturas do sol ao meio dia para calcular a latitude, corrigiam qualquer erro na estimativa das singraduras. Este simples problema de loxodromia, quasi sempre resolvido pelos marujos por um processo graphico, era o unico que então possuiam para determinar a longitude no mar.

Mas, quem souber quão fallivel é esse rumo indicado pela bussola, instrumento imperfeito e de emprego duvidoso por se não conhecerem ainda as leis do magnetismo; quem conhecer como as correntes oceanicas, cuja velocidade aliás não se sabia bem medir, podem viciar a derrota do navio, comprehenderá quão erroneo deve ser esse processo de determinar longitude, todo baseado na marcha de embarcações de vela, absolutamente dependentes da feição do vento.

As *singraduras de leguas* de que fala o tratado de Tordesilhas eram a cousa mais incerta e variavel que é possivel imaginar-se. As singraduras diarias de uma caravella, navio veleiro, dos mais empregados nesse tempo, tinham-se como valendo 30 leguas, ou 1° 1|2; mas como tudo dependia do vento, a marcha da embarcação só se calculava bem, quando o tempo permittia observar o sol para determinar a latitude.

Se a caravella seguia a direcção de um meridiano, essa operação auxiliar, repetidamente feita, permittia attingir alguma exactidão; se porém a derrota se effectuava na direcção de um parallelo, como o tratado de Tordesilhas determinava que se fizesse no acto da demarcação, partindo das ilhas do Cabo Verde, essa operação auxiliar, não tendo applicação, deixava a estimativa do navio dependente exclusivamente da apreciação dos pilotos. E' facil de comprehender quão susceptivel de erro é um tal processo de calcular longitude por singraduras de leguas.

Na historia da navegação ficaram para sempre memoraveis os gravissimos erros de longitude em que incorreram Colombo e Magalhães navegando no sentido do parallelo. Aquelle, por occasião da sua primeira viagem ao Novo Mundo querendo usar de um estratagema para prevenir o terror da equipagem que se via afastar para uma região longinqua sem esperança de tornar, fraudava distancias no livro de bordo, ao passo que reservadamente escrevia outro para si, onde presumia consignar o roteiro exacto; sabe-se hoje que no fim de 24 dias de navegação, o primeiro livro indicava resultado mais chegado á verdade do que o de seu roteiro reservado. O almirante tinha se illudido a si proprio.

Magalhães, navegando através do Pacifico na primeira e sempre memoravel viagem de circumnavegação do globo, accusou tão notaveis differenças nas longitudes que a circumferencia da terra ficou diminuida de 20 gráos (1). Erro este que todos sabemos como a Portugal sahio tão caro.

(1) Alexandre de Gusmão diz 40 gráos e o demonstra com o mappa que traz Herrera na sua *Hist. das Indias Occidentaes*, Revista do Inst. Hist. e Geog. t. I.

O famoso Capitão Cook, cujos trabalhos são de uma exactidão admiravel, o primeiro navegador que teve a sua disposição para calcular longitudes Ephemerides Astronomicas (1), chegou a reconhecer por occasião de uma das suas viagens aos mares austraes um erro de mais de 30 gráos na longitude, servindo-se desse mesmo defeituoso processo. « A observação, diz elle no seu diario de bordo, nos fez conhecer que a estima do navio havia produzido um erro de 31° 6' na longitude desde a partida de Taiti, pois que, nos achamos á esta distancia a Oeste da longitude que dava o loch » Não é preciso dizer mais para condemnar um tal processo.

Como pois tomar a serio as observações astronomicas de latitude e longitude realisadas pelos pilotos de Martim Alfonso em 1531.

O snr. Varnhagen que nol-o relata, apoiando-se no douto mathematico Pedro Nunes não devia ignorar que por esse tempo jamais se fizeram observações astronomicas de longitude, porque estas só depois de 1666, depois de descoberto o telescopio, quando Domminique Cassini calculou as Taboas para os eclipses dos satelites de Jupiter, é que começaram a ser determinadas astronomicamente; e ainda assim não eram empregadas nos misteres da navegação, em vista da imperfeição ou impropriedade dos instrumentos. Só depois que Laplace apefeiçou as Taboas da Lua, primeiro calculadas por Tobias Mayer em 1770, é que o problema das longitudes no mar teve a sua solução verdadeira.

Antes disso, tudo era vago e indigno de inspirar confiança, nem mesmo aos proprios pilotos; razão porque não podemos admettir que devido aos trabalhos astro-

(1) O *Nautical Almanach* appareceu em Ingraterra pela primeira vez no 1767.

nomicos dos pilotos da sua armada é que Martim Affonso de Souza abandonou o Rio da Prata e se recolheu a S. Vicente.

Essas observações astronomicas de que nos falla o sr. Varnhagen, si se realisaram, não foram, por certo, as razões determinantes do regresso do almirante, como não foi por causa dellas e do reconhecimento de se achar o Rio da Prata fóra do hemispherio portuguez que não proseguiram em Madrid as reclamações acerca desse rio, que não foram doadas essas terras do Sul ao tempo em que se doaram as demais terras do Brasil; porquanto os Portuguezes e todos quanto entres elles escreveram até o fim dc seculo 18º sobre a historia e geographia da America Lusitana sempre consideraram o rio da Prata, e mais ainda uma grande extensão das costas da Patagonia, como pertencentes aos dominios de Portugal.

Frei Vicente do Salvador que escreveu em 1627; o Padre Simão de Vasconcellos, chronista da companhia de Jesus que escreveu em 1662; o P. João de Souza Ferreira em 1693; Frei Gaspar da Madre Deus, cuja obra foi até approvada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1796 e outros mais antigos como Francisco da Cunha, Diogo de Castro e o proprio Pedro Nunes, todos accordaram em como as possessões portuguezas iam muito além do Rio da Prata, até o fundo do golfo de S. Mathias

Para bem avaliar-se quão discrepantes eram os cosmographos contemporaneos ao representaram nas suas cartas o continente do Sul da America, basta attender para os dados fornecidos pelos roteiros dessa epoca e por elles construir as cartas segundo os processos em uso,

O Continente do Sul oscillava nessas cartas para Oriente ou para Occidente conforme a nacionalidade dos pilotos,

A lagura do Atlantico entre a Africa e a America era reduzida ou ampliada segundo os intuitos que visavam esses pilotos ou cosmographos,

Americo Vespuecio, quando em 1501 veio explorar as costas do Brasil, tomara para ponto inicial da sua travessia o porto de Besenegue na costa africana, por 14° 1/2 de latitnde norte e d'ahi fez prôa em rumo constante de Sudoeste-quarta de Sul (33° 45' 50'') atravessando o Atlantico até avistar terra na latitude de 5° ao sul da Equinoxial. Pois bem, com taes dados, como os consigna Americo em uma das suas cartas, o continento do sul devia estar figurado no mappa do cosmographo com um erro de 10° 1/3 para menos na longitude em relação á Africa, ficando assim o atlantico mais estreito entre as duas massas continentaes.

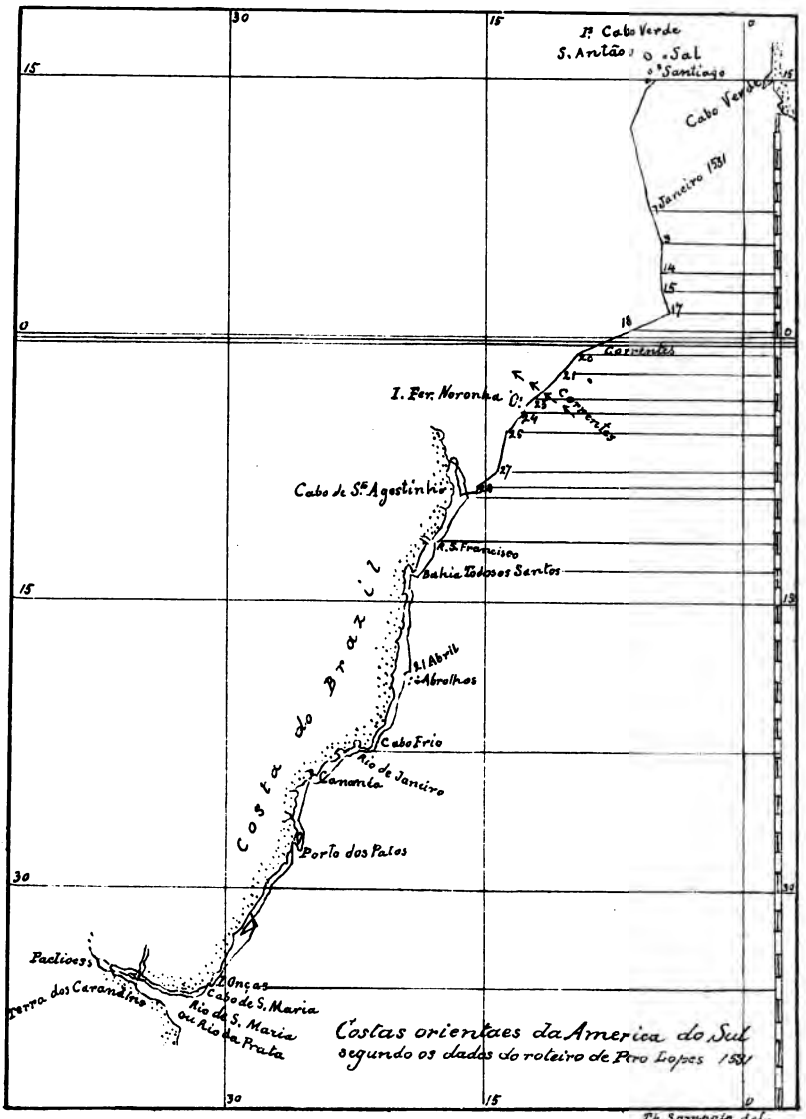
A costa oriental do Brasil estaria figurada como uma linha privada de endentações ou sem as saliencias caracteristicas; porquanto, segnndo o mesmo cosmographo, toda a costa corre ao Sudoeste desde o cabo de Santo Agostinho para o sul. (1)

Tomando agora os dados do roteiro de Vicente Ianez Pinzou na sua viagem de 1499, se vê que a costa do norte do Brasil, desde o cabo *de la Consolacion* ficaria deslocado pasa oriente pelo menos uns tres grás. (2)

Construindo-se, entretanto, a carta da costa brasileira pelos dados do roteiro de Pero Lopes, se o deslo-

(1) A carta de Vespucio diz:"... navegando sempre per libeccio á vista di terra di continuo facciondo di molte scale..."

(2) *Historia Geral do Brazil*, do sr. Varnhagen, vol. I. pag. 78.


Costas orientaes da America do Sul
segundo os dados do roteiro de Pero Lopes 1531
Th. Sampaio del.
Ilhas Cabo Verde
S. Antão
Sal
Santiago
Cabo Verde
Janeiro 1531
Carvalhos
I. Fer. Noronha
Carvalhos
Cabo de Sta Agostinho
R. S. Francisco
Bahia Todos os Santos
Costa do Brazil
21 Abril
Abrolhos
Cabo Frio
Rio de Janeiro
Canania
Porto dos Patos
Paciocos
Onças
Terra dos Carandinho
Cabo de S. Maria
Rio de S. Maria
ou Rio da Prata

camento do continente ahi quasi desapparece no extremo norte, não deixa todavia de sel-o bem sensivel no sul, onde a linha da costa declina mais para Oriente. O cuidado que se nota na parte do roteiro, correspondente á travessia do Atlantico onde se veem observações acerca das correntes oceanicas, da estimativa das distancias e rumo em relação aos pontos mais conhecidos da costa dos dous continentes, e as latitudes tomadas quasi diariamente, tudo mostra o interesse dos pilotos em bem verificar essa travessia e assignalar-lhe a distancia com a possivel exactidão. A parte do roteiro, porem, que corresponde ao trecho da costa entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata vem mais deficiente nas indicações dos rumos; as latitudes são ahi mais escassamente determinadas em vista dos constantes nevoeiros, e não poucos pontos dos mais salientes da costa deixam de ser assignalados porque a armada por elles passa sem os perceber.

As longitudes deduzidas de um itinerario como este não podiam absolutameute dar resultados decisivos, capazes de trazer convicção nem mesmo aos proprios mareantes que as calculavam. Demais, no roteiro alludido não se lê a minima referencia a operações realisadas com esse intuito.

A palavra *longitude*, nem mesmo é ahi citada; e a não ser a laconica observação do dia 23 de novembro de 1531, onde se lê que nesse dia da partida para explorar o estuario do Rio da Prata, o sol estava em 14° 35' de Saggittario e a lua em 27° de Tauro, observação que parece lembrar que se acompanhava a marcha dessses astros, tudo mais em relação á esphera celestre

refere-se invariavelmente ás observações da altura do sol para o calculo das latitudes.

Vê-se, portanto, que as taes observações astronomicas dos pilotos da armada de 1531 para determinar longitudes não se podiam ter realisado como nol-o refere o sr. Varnhagen, e que não foram ellas certamente que determinaram o almirante de retroceder para o Norte. Outras foram, por certo, as razões que levaram Martim Affonso de Sousa ao porto de S. Vicente.

E não residia só no defeituoso processo de calcular longitudes a difficuldade ou impossibilidade de taes verificações a linha meridiana, suggerida no tratado a que nos temos referido, era outra difficuldade invencivel.

O tratado foi omisso na fixação do ponto inicial das 370 leguas no Archipelago de Cabo Verde, sendo certo que entre a ilha de Santo Antão, a mais occidental e a do Sal que está mais a oriente ha um ambito de mais de 2 graos em longitude. Alem disso o typo das *leguas* não foi determinado como convinha, pois que entre a legua portugueza e a hespanhola havia notavel differença.

Os *gráos de Sol* a que o tratado se refere, que são os gráos do Parallelo, como os *gráos de Norte* que são os do Meridiano, já o dissemos, não eram bem conhecidos, ainda que fossem geralmente aceitos os calculos erroneos de Ptolomeu.

As *singraduras de leguas* só podiam valer se a demarcação se viesse a realisar de commum accordo por meio de pilotos de ambas as nacionalidades.

O tratado, que tudo isso deixou ao cuidado dos cosmographos e commissarios a reunirem-se dentro de

10 mezes em uma das ilhas Canarias para o fim de demarcar a meridiana, não tendo tido execução nessa clausula, deixou tudo em suspenso e impossivel qualquer solução definitiva.

Só em 1523, depois da viagem de Magalhães, quando os Hespanhoes reclamaram as Molucas nos mares das especiarias como comprehendidas nos 180º do seu hemispherio de influencia, é que o tratado de Tordesilhas foi, pela vez primeira interpretado.

Reunidos em Saragoça os commisarios portuguezes e hespanhoes para regularem essa questão, não visavam aquelles outra cousa senão salvar as Molucas ainda que com sacrificio do lado da America; estes, os hespanhoes ao contrario, não sô reclamavam essas ilhas das especiarias, mas até Malaca, pois que devido a um erro do roteiro da viagem de circumnavegação, o ambito do Oceano Pacifico tinha sido muito reduzido e dava logar a que os 180º de Hespanha viessem a abrager possessões portuguezas no extremo oriente. E como para salval-as não tinham os commissarios de Portugal meio algum de demonstrar a falsidade daquelle roteiro, por se não conhecer melhor processo de determinar longitudes, esforçaram-se o possivel para tirar das garras de Carlos V, ao menos, as suas ilhas das especiarias, e, para tanto, exigiam que o ponto inicial das 370 leguas para a demarcação da meridiana fosse a ilha do Sal, a mais oriental das do Cabo Verde, e não a de Santo Antão que, aliás, favorecia ás suas pretenções na America.

Mas, como nesse tempo, a America pouco valia e as especiarias da India valiam tudo, o Brasil foi sacrificado ás Molucas e procurou-se, recuando a demar-

cação para leste, diminuir a differença dos graos que se teria de pagar em ouro. (1)

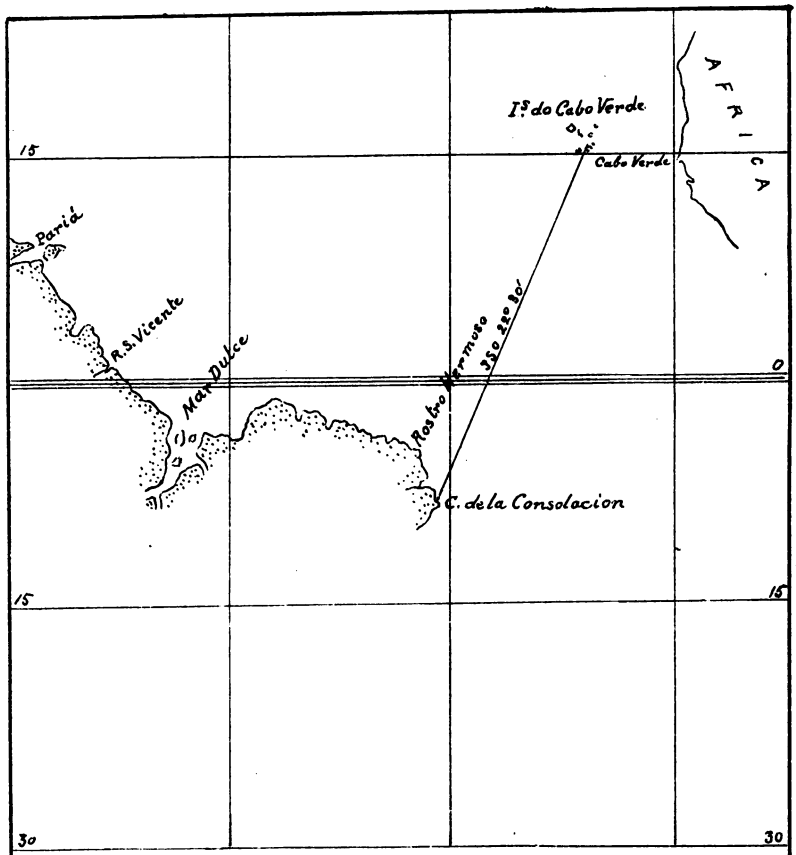
Em 1531, quando ainda percorria os mares do Brasil a armada de Martim Affonso, Portugal guardava, é certo, as suas ilhas das especiarias, mas no Atlantico tinha perdido, porque tendo recuado o ponto inicial da demarcação para a ilha do Sal, perdera no continente da America, pelo menos, 2 1/2 gráos em longitude.

Mas, se neste ponto o accordo se impunha por força de coherencia, de outro lado, impossivel era entre os cosmographos de cada parcialidade, qualquer solução definitiva da demarcação no terreno pratico.

Accreditavam os Hespanhoes que a linha de demarcação não dava aos Portuguezes na America senão um terço do territorio que hoje possuimos, e, segundo os seus cosmographos, essa linha imaginaria devia cortar o continente, ao Norte, na bahia do Maranhão e sahir, ao Sul, em S. Vicente; ficando assim para a Hespanha todo o trecho das costas meridionaes, desde este porto até o Rio da Prata.

E n'isto andavam elles mais chegados á verdade, porquanto, se n'essa epoca lhes fosse dado effectuar a demarcação com o rigor dos nossos modernos processos astronomicos, se verificaria que as 370 leguas contadas da ilha do Sal acabariam n'uma meridiana que corta o nosso territorio, ao Norte na barra do Gurupy, antiga

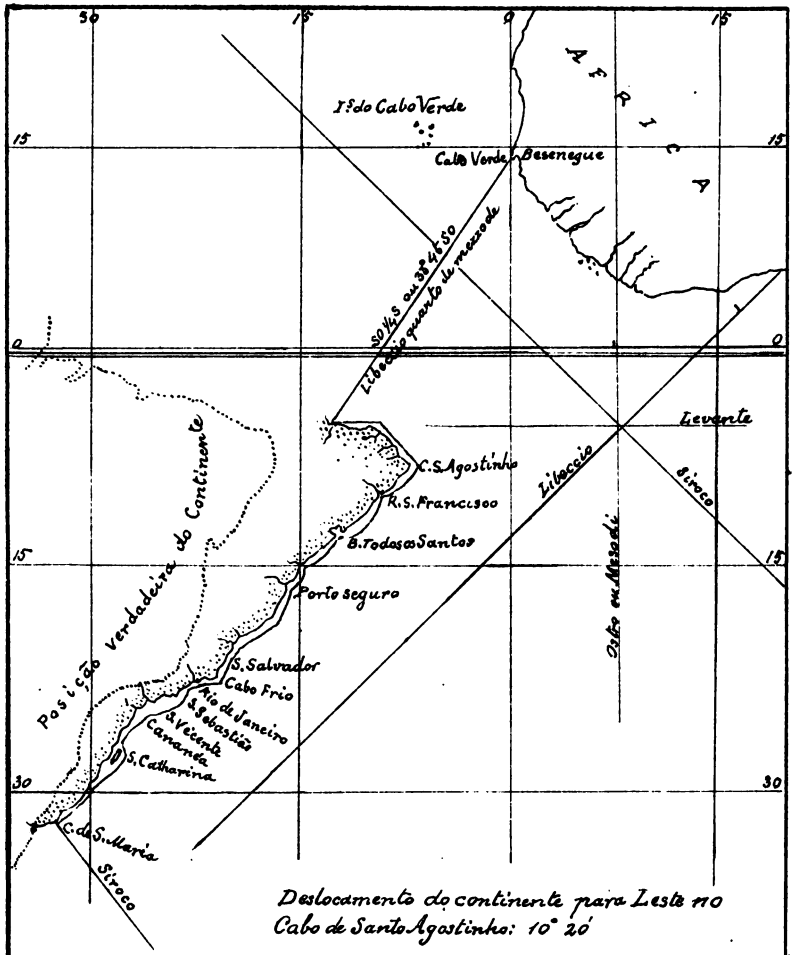
(1) Portugal pagou 350:000 cruzados d'ouro pelos 17° que deviam abranger as Molucas.



Deslocamento do continente para Leste : 3.°

Costas do norte da America do Sul
segundo os dados de Vicente Y Pinson em 1499–1500

Th. Sampaio det.



Costas orientaes da America do Sul
segundo os dados de A. Vespuccio em 1501-1502

Th. Sampaio del.

Abra de Diogo Leite e ao sul nas immediações do porto de Santos. (1)

Mui diversamente opinavam os Portuguezes, os quaes, baseados nos seus trabalhos geographicos, sempre acreditaram que a meridiana de demarcação lhes cortava o continente, do lado do Norte, a Oeste da foz do Amazonas que ficaria toda portugueza, (2) e, para o Sul, vinha cortando as terras do Rio da Prata ainda por cima do estuario, mais ou menos na altura do *Esteiro dos Carandins*, onde Pero Lopes assentou os dous padrões, e indo sahir mais em baixo no fundo do golfo de S. Mathias. Valia tanto como deslocar o sul do continente para leste de 14 para 15 gráos.

Os escriptores portuguezes que do assumpto se occuparam, pelo menos os que escreveram antes do fim do seculo 18º. são todos concordes neste modo de fazer a demarcação.

Francisco da Cunha conta ter visto e examinado em 1563 um padrão de marmore com as armas portuguezas entre a ponta meridional do Golfo de S. Mathias e a Ponta do Padrão, mais chegado á primeira, padrão que ahi fôra assentado por uma das primeiras armadas exploradoras, talvez pela de 1503. (3)

---

(1) Calculando-se pelas leguas portuguezas de 3000 braças, ou pelas de 16 ao gráo no parallelo da ilha do Sal. A meridiana assim determinada correria a 23° 7' 30" ao poente daquella ilha. Se, porém, em vez da ilha do Sal fosse a de Sto. Antão, a meridiana viria cortar a ilha de Marajó na foz do Amazonas em frente a ilhota das Flechas e no sul viria sahir nas immediações da Laguna.

(2) Calculando pelas leguas reaes de Hespanha de 25.000 pés que no parallelo da ilha de Sto. Antão são leguas de 15 ao gráo. A meridiena assim determinada cahia a 24° 40' a Oeste daquella ilha e passaria nas visinhanças do Cabo Orange.

(3) Casal, *Corographia Brazilica*, vol. I, pag. 44 e 45.

O mesmo Sr. Varnhagen que se apoia em Pedro Nunes, quando nos relata as observações astronomicas dos pilotos da armada de Martim Affonso, não devia ignorar a opinião desse douto mathematico, exarada nestes termos: «A Provincia do Brazil começa a correr junto do rio das Amazonas, onde se principia o Norte da linha de demarcação e repartição, e vae correndo pelo sertão d'esta Provincia até quarenta e cinco gráos, pouco mais ou menos; ali se fixou marco pela corôa de Portugal.»

O mesmo illustre autor da Historia Geral do Brazil nos trasmitte a summa de um velho documento de 1506 em que se dá o Brazil como estendendo-se até os 40° de latitude austral (1)

Frei Vicente do Salvador segue a mesma opinião de Pedro Nunes.

O Padre Simão de Vasconcellos refere que como os compassos dos cosmographos variavam muito, os mais liberaes davam de comprimento á linha imaginaria de demarcação 55°. meridianos, outros 45°, outros 35° e outros ainda 24° somente, mas apoiando-se nos trabalhos geographicos de Abraham Ortelius e outros de grande nomeada, dáva o Brazil como comecando ao Norte no rio de Vicente Pinzon e acabando ao Sul na bahia de S. Mathias. (2)

O Padre João de Sousa Ferreira na sua *America Abreviada* diz tambem que o Brazil terminava ao Sul do Rio da Prata 179 leguas onde se realisaram « os primeiros e verdadeiros actos de posse com marco que se metteu na Bahia de S. Mathias » (3) e ao Norte ia

(1) *Hist. Geral do Brazil*, de A. Varnhagen, 2ª edicção, vol. I pg. 57.
(2) Simão de Varconcellos, *Chronica da Comp. de Jesu' do Estado do Brazil*—vol. I pag. IY.
(3) *Revista do Instituto Historico*, tomo 57.

até o rio de Vicente Pinzon, 40 leguas alem do cabo dos Humos, hoje cabo do Norte, o qual está por 2º 40' acima da Equinoxial.

O mesmo autor relata que, segundo Fr. Marcos de Guadalaxara na sua *Historia Pontifical*, ahi começavam as Indias Occidentaes de Castella e que, por commum accordo de Carlos V e D. João III, se metteram dous padrões de marmores, um da banda do nascente com as armas de Portugal e outro da parte do Poente com as armas de Castella.

Bernardo Pereira de Berredo e Antonio Baena referem que um desses padrões fôra, com effeito, encontrado em 1723 por João Paes do Amaral.

Do mesmo roteiro de Pero Lopes se vê como os Portugueses consideravam lançada a meridiana de demarcação ao Poente da foz do Amazonas ou «rio do Maranhão» como então se chamava. «Aqui, diz o roteiro, ao descrever a chegada da armada no archipalago de Cabo Verde, achamos hua náo de duzentos toneis, e uma chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao Rio de Maranham: e o capitam J. lhe mandou requerer que elles não fossem ao dito rio; porquanto era del Rei nosso senhor e dentro da sua demarcação.»

Frei Gaspar da Madre Deus, nas suas Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, obra publicada em 1796, quando ja se tinham vulgarisado os processos astronomicos de determinação de longitude diz textualmente, fallando de Buenos Ayres, fundada pelos castelhanos na margem austral do Rio da Prata: «..... que a corôa de Portugal se contentava com que este rio fosse a balisa da Nova Lusitania; não obstante chegar mais ao sul a linha divisoria.»

Vê-se, portanto, que desde epoca remota se considerâram os Poriuguezes com direito ao rio da Prata e que as taes observações astronomicos dos pilotos de Martim Affonso jamais lhes abalaram essa crença.

Ao contrario de Sr. Varnhagen, dizem outros escriptores que Martim Affonso, longe de se convencer de que taes terras não eram portuguezas, dellas até tormou posse em nome do seu rei. Simão de Vasconcellos diz que o almirante assentou marco na ilha de Maldonado, pouco ao Norte da entrada do estuario. Charlevoix repete o mesmo na sua «Historia do Paraguay» e mais modernamento o Sr. Candido Mendes no seu Atlas do Brazil nos refere que o mesmo navegador assentara marco em Castilhos Grandes. (1)

Parece-nos que outras foram as rasões que levaram o almirante a retroceder para S. Vicente.

Posto que, ao navegar para o sul, não lhe foi possivel, em vista das difficuldades do tempo, entrar nesse porto e conhecer-lhe pessoalmente as vantagens, é bem certo que elle possuia acerca da região informações precisas. O mesmo roteiro de Pero Lopes a que nos temos referido deixa perceber que a bordo da esquadra vinham homens praticos da costa, e até nos apresenta um certo *Pedre Annes*, piloto que era lingua da terra. E' por isso que, ao voltar para o Norte, já vinha a esquadra de rota batida para S. Vicente (2) e sò de arribada é que entrou em Cananéa onde se deteve cerca de oito dias.

De facto, a expedição, que partira da Europa com o

(1) O roteiro de Pero Lopes não falla em outros marcos que não os assentados no esteiro dos Carandins. Na ilha de Maldonado apenas se mandou assentar uma cruz com uma carta envolvida em cera para assignal-a um bergantim que se desgarara.

(2) O *Diario* de Pero Lopes diz testualmente : «Aqui estivemos nesta ilha (a das Palmas, junto ao cabo de S. Maria) quatro dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de S, Vicente.»

fim de colonisar e reconhecer a terra ,não veio com plano assentado de fixar-se nem no Rio da Prata como nol-o affirma o sr. Varnhagen, nem em S. Vicente como opina o sr. Mendes de Almeida. (1).

A primeira colonia regular dos Portuguezes na America seria assentada onde melhor parecesse ao almirante. E' assim que, entrando em Pernambuco, apenas examina as feitorias, mas se não decide fixar sob esse clima equatorial; aporta á Bahia, onde por duas vezes arriba por motivo das tempestades, mas ahi apenas deixa dous homens e sementes para ver qual a capacidade da terra; chega ao Rio de Janeiro cuja paisagem pareçe attrahil-o, mas apenas ahi permanece o tempo necessario para refazer-se de mantimentos e aguardar a volta da gente que mandou pelo sertão examinar a terra, vae por fim até o Rio da Prata, mas ainda ahi se não deixa, seduzir pela amenidade do seu clima temperado e retrocede para essa região de sob o Tropico, para S. Vicente, que aliás não conseguira avistar até então.

Entretanto, explica-se facilmente o motivo das preferencias de Martim Affonso em relação a esse porto.

A colonia, que vinha fundar, tinha de locar-se no ponto da costa que mais vautagens offerecesse para a exploração subsequente do interior do paiz, tendente a descobrir-lhe as riquezas mineraes de que já havia informações quasi que positivas.

E' preciso não perder de vista que a attenção da metropole pela sua até então abandonada possessão da America vinha despertada pelos successos dos Hespanhoes no Mexico e no Parú. O ouro da America já a esse tem tempo despertava o cobiça do mundo inteiro.

No trecho da costa brasileira entre o Cabo Frio e

(1) *Atlas do Imperio do Brazil*, pag. 24.

o porto *dos patos* Santa Catharina) era tradição de que para o interior havia abundancia de ouro e de outros metaes preciosos, tradição que o almirante ao deixar a Europa não devia desconhecer. (1).

Ja no Rio de Janeiro havia elle recebido dos quatro exploradores do sertão e daquelle rei selvagem que os conduzia, a boa nova de que para as regiões provavelmente do Oeste e do Sudoeste o ouro abundava.

Em Cananea as informações do aventureiro Chaves levam-no até a convicção; e por isso não trepida em enviar ao sertão aquelle troço de 80 homens ao mando de Pero Lobo Pinheiro.

No Porto dos Patos, uns quinze castelhanos, encontrados perdidos, e que ahi estavam desde muitos annos «deram novas ao capitão I. do muito ouro e prata que dentro no sertão havia, e trasiam mostras do que disiam e affirmavam ser mui longe.» Taes palavras são do mesmo roteiro.

A tradição da viagem de Aleixo Garcia, indo de S. Vicente ao Perú em 1525, fabulosa ou não, é em si mesma a encarnação dessa vaga idea de riquezas que se presumia abundar algures pelos sertões, e do espirito andacioso que prevalescia nessa epoca de aventuras.

S. Vicente vinha já na tradição como um porto das minas, ou, pelo menos, como o local da zona maritima mais adequado para attingil-as, como dahi Aleixo attingira o Perú. A colonia ahi assentada vinha, portanto. como subsidio á desajada solução de um problema.

---

(1) Escreve o Padre Simão de Vasconcellos: «Affirmavam os Indios, que os mais dos rios deste districto eram copiosos em mineraes de ouro, prata, ferro, calaim e salitre até o rio Cananea: *Chronica da Comp. de Jesu' do Estado do Brasil*, vol. I pag. LIII,

Essa parte da costa brasilica que de Cabo Frio se inflecte para o Oeste e depois para o Sudoeste como que modelando na grande curvatura um mar brasileiro, tão varia no seu aspecto, tão bella no pittoresco das suas montanhas de granito, tão retalhada de bahias amplas, enseadas seguras, tão abundante de ilhas, essa costa bem podia chamar-se desde então a *costa do ouro* pela fama ou tradição delle que já corria, como aquella outra secção ao Norte de Porto Seguro se podia chamar a *costa do pau brasil.*

Quando os dous irmãos Souzas tiveram de escolher onde locar as suas capitanias, foi certamente attendendo para taes circumstancias que *escolheram o melhor*, e porque assim já o havia auctorisado ElRei (1)

Por isso, a capitania de Martim Affonso de Souza abrange o centro dessa *costa do ouro* e vae por 100 leguas desde o rio Macahé até 12 leguas ao sul da ilha de Cananéa; e, para não descontentar o irmão, Pedro Lopes bravo-mancebo, já illustre nas lides do Oceano abre-se-lhe espaço nesta mesma costa, nas visinhanças de S. Vicente, onde lhe são doadas 10 leguas como para fazer-lhe participar dos beficios das sonhadas minas d'ouro, ainda veladas no seio dos sertões.

Mas como homem pratico que era, Pero Lopes quiz ter no Brazil tambem aquillo que aqui positivamento estava rendendo, quiz ter o seu trecho da *costa do pau brasil*; e então, eil-o com a doação de 30 leguas em Itamaracá onde o lenho de tinturaria era o mais abundante e precioso.

O resto das suas posses escolhe-o elle ainda na cos

(1) Carta del Rei D. João III a Martim Affonso de Sousa, escripta de Lisboa a 28 de setembro de 1532,

ta do Sul, nas quarenta leguas que se seguem as do irmão, e abrangendo essa parte do Porto dos Patos, onde tambem era tradicional a fama do ouro.

Lançados, porem, os fundamentos da primeira colonia regular portugueza da America, á margem dessa pittoresça bahia de S. Vicente, em cujas aguas ainda balouçavam os restos da pequena esquadra, o almirante cuja missão estava cumprida, e que tinha ordem de regressar quando lhe aprouvesse, expede tão somente a maruja para a Europa e se deixa ficar nesta terra dos Guoyanazes, aguardando novas da expedição de Lobo que não voltava.

Como a de Aleixo que a tradição faz trucidada nas margens do Paraguay, essa expedição, partiu para não mais voltar. Atè hoje ninguem sabe que destino foi o seu. Mas se a perda de tantos companheiros, cuja morte escura ficou para sempre um segredo impenetral das selvas americanas, trouxe desengano a todas as esperanças do almirante, que deixou logo o Brazil para sempre, na alma inculta do mameluco, do filho dessa raça cruzada que se ia formando, talhada para as conquistas do deserto, ficou a crença inabalavel de um *Brazil de ouro*, acaso velado nas brumas do futuro.

A elle, o mameluco, é que devia caber esse lance derradeiro da fortuna; a elle a justificação inteira das preferencias do almirante.

S. Paulo, 17 de Julho de 1895.

THEODORO SAMPAIO

RELATORIO

DOS

Trabalhos e Occurrencias

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO

NO ANNO DE 1895

APRESENTADO PELA DIRECTORIA

NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

EM 25 DE OUTUBRO DE 1895.

Exms. Snrs. Membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Em cumprimento ao disposto no § 5º. do art. 12 dos nossos Estatutos, a Directoria do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo vem apresentar o relatorio dos facto soccoridos durante o primeiro anno de existencia da nossa associação.

SESSÕES

No periodo decorrido da data da fundação do Instituto, em 1º. de Novembro de 1894, até ao presente, foram celebradas 21 sessões. sendo: 1 de installação, 4 para discussão dos Estatutos e eleição da Directoria, 13 ordinarias e 3 extraordinarias, inclusive a de hoje.

A 1ª. sessão ordinaria foi realisada a 25 de Janeiro deste anno, seguindo-se uma extraordinaria em 21 de Abril, para commemorar o anniversario da morte do Tiradentes. Devido á falta de assumpto, deixou de haver sessões nos mezes de Fevereiro e Março. De Abril em diante e de accordo com a deliberação da Dirictoria celebraram-se regularmente duas sessões ordinarias por

mez, tendo havido uma extraordinaria a 13 de Maio para solemnisar a data da abolição da escravidão no Brasil.

As sessões têm sido regularmente concorridas, mas seria de desejar que houvesse maior frequencia e mais assiduidade da parte dos snrs. socios.

O Instituto continúa a celebrar suas sessões em uma das salas do predio onde funcciona o Gymnasio do Estado, á Rua da Boa Morte n. 17, e é grato á Directoria consignar aqui um voto de agradecimento ao Governo do Estado por este auxilio que presta á nossa associação.

TRABALHOS

Durante o anno foram apresentados os seguintes trabalhos:

Origens republicanas do Brasil, trabalho especialmente escriptopara o Institutopelo socio snr. Dr. DomingosJaguaribe, que leu alguns capitulos.

Das finanças de S. Paulo, no passado. no presento e no futuro, conferencia feita pelo socio snr. Dr. João Pedro da Veiga Filho, na sessão de 13 de Maio.

Carta (inedita) *do Vice-rei do Brasil, Conde de Cunha*, dirigida ao Governo da Metropole em 1765, *sobre divisas de S. Paulo e Minas Geraes*, lida e commentada pelo socio snr. Dr. Orville Derby, na sessão de 20 de Maio,

A *Htstoria de S. Paulo*, obra do socio snr. Tancredo do Amaral, que della leu alguns capitulos.

Serra da Mantiqueira, trabalho do socio snr. Dr. Orville Derby e por elle lido na sessão de 20 de Junho.

Discurso sobre os Estados Unidos da America do Norte, proferido pelo socio snr. Dr. João Pereira Monteiro, na sessão de 4 de Julho.

Posse meridional do Brasil, trabalho do socio snr. Dr. Theodoro Sampaio, lido na sessão de 5 de Agosto.

A Independencia do Brasil. conferencia realisada pelo socio snr. Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva, na sessão de 7 de Setembro.

Biographia do Padre Jesuino do Monte Carmello, trabalho do socio snr. Antonio Augusto da Fonseca,

lido pelo socio snr. Antonio de Toledo Piza, na sessão de 20 de Setembro.

Oração funebre proferida em 1821 pelo Padre Diogo Feijó a respeito do Padre Jesuíno do Monte Carmello, lido tambem pelo socio snr. Dr. Antonio de Toledo Piza, na mesma sessão de 20 de Setembro.

Oração funebre pronunciada por Candido Jose da Motta a respeito do Padre Diogo Feijó, annotada e offerecida pelo socio snr. Dr. João N. Nogueira da Motta e lida pelo socio snr. Tancredo Amaral, na sessão de 12 do corrente.

Tambem foram apresentadas pelo Presidente do Instituto diversas theses, as quaes vão especificadas no annexo n. 1.

Bibliotheca e Archivo

A bibliotheca e o archivo estão, como é natural, apenas em começo; poucos livros e objectos contêm, mas pouco a pouco ir-se-ão desenvolvendo, muito esperando o Instituto da boa vontade dos snrs. socios, que sem duvida concorrerão para que se enriqueçam.

Acham-se installados em uma sala cedida gratuitamente pelo socio Dr. Domingos Jaguaribe no predio n. 59 da Rua Quinze de Novembro, 2º. andar, funccionando tambem ahi a secretaria.

Os livros, mappas e objectos existentes actualmente na bibliotheca e no archivo constam do catalogo que vai annexo sob n. 2.

Socios

O Instituto ficou constituido com 139 socios fundadores, mas até ao presente somente 116 satisfizeram a joia e 1ª. annuidade, sendo dispensado deste onus o socio snr. Dr. Prudente José de Moraes Barros, por ter sido eleito Presidente honorario do Instituto, de sorte que 22 socios fundadores ainda não pagaram a joia e annuidade.

A Directoria, em umade suas sessões, deliberou pedir aos snrs. socios em mora o cumprimento deste dever, dirigindo-lhes um officio circular assignado pelo Thezoureiro; alguns acudiram ao appello, outros decla-

raram não quererem pertencer ao Instituto e outros, finalmente, nada responderam até agora.

Cumpre, pois, que tomeis uma deliberação a respeito.

No correr do anno foram propostos e admittidos 32 socios, sendo 13 na qualidade de honorarios, 7 na de effectivos e 12 na de correspondentes, inclusive os approvados na sessão de hoje. Dos acceitos nas duas ultimas categorias, por emquanto somente 7 estão considerados definitivamente socios, por terem satisfeito a joia e 1ª. annuidade, nos termos dos Estatutos.

Nos annexos ns. 3, 4 e 5 encontrareis a relação nominal dos socios fundadores que cumpriram o dever do art. 4°. dos Estatutos, daquelles que ainda não o fizeram e dos socios admittidos depois da fundação do Instituto.

Offertas

Não só dos snrs. socios, como de pessoas extranhos á associação, tem o Instituto recebido offertas de livros, mappas, jornaes, etc., e a Directoria, em nome do Instituto, agradece as offertas feitas para a Bibliotheca e Archivo da Sociedade e pede que continuem a dispensar a esta todo o auxilio de que é digna; especialmente aos snrs. socios é dirigido este appello.

Revista

Devendo a *Revista do Instituto* só publicar trabalhos originaes dos snrs. socios, ou ineditos, que tenham merito, é evidente que no curto periodo de tempo de existencia da associação não podia abundar o material; só ultimamente poude a Commissão de Redacção reunir os elementos que devem constituir o 1.° numero da *Revista*, o qual acha-se já no prelo e será brevemente distribuido, sendo publicado em dois fasciculos, mas formando um só volume.

Finanças

Pelos balancetes organisados pelo Thezoureiro e que vão annexos sob ns. 6,7 e 8, vereis qual o estado financeiro do Instituto até 30 de Setembro p. findo.

Até essa data a Receita foi de Rs. 7:894$000, praveniente da joia e 1.ª annuidade de 102 socios fundado-

res, 2 effectivos e 2 correspondentes e do donativo de Rs. 50$000 feito pelo socio honorario snr. Dr. Georges Ritt.

A Despeza importou em Rs. 3:000$980, conforme as diversas verbas mencionadas nos ditos balancetes, as quaes estão de accordo com os documentos existentes em poder do Thezoureiro. O saldo, portanto, naquella occasião, era de Rs. 4:893$020.

No corrente mez foram recedidas as importancias da joia e 1ª, annuidade de mais 14 socios fundadores e de 3 effectivos e feitos os pagamentos de porcentagem ao cobrador e de diversas contas, o que constará do balancete do trimestre que corre e que será organisado em 31 de Dezembro p. futuro.

Do saldo actual a favor do Instituto está depositada no Banco de Credito Real de S. Paulo a quantia de Rs. 4:903$000; o excedente acha.se em mão do Thezoureiro para satisfazer as despezas que possam occorrer e applicar ao pagamento por conta da impressão da *Revista*.

Eis o que a Directoria vos tem a relatar, estando prompta a dar-vos todos os mais esclarecimentos e informações que julgardes necessarios.

S. Paulo, 25 de Outubro de 1895.

Dr. Cesario Motta Junior
PRESIDENTE
Dr. M. A. Duarte de Azevedo
VICE-PRESIDENTE
Carlos Reis
1.º SECRETARIO
Manoel Ferreira Garcia Redondo
2.º SECRETARIO
Dr, Domingos Jaguaribe
THEZOUREIRO

ANNEXOS

N. 1

Theses apresentadas pelo Snr. Dr. Cesario Motta Junior.

1

Das divisas de S. Paulo com os Estados limitrophes.

2

Da influencia do rio Tieté na civilisação de S. Paulo.

3

Missões jesuiticas do Guaira.

4

Da viação ferrea em S. Paulo, no passado, presente e futuro.

5

Da geographia medica de S. Paulo.

6

Da faunna e flora de S. Paulo.

7

Influencia do estudo do direito em S. Paulo na civilisação do Brazil.

8

Das finanças de S. Paulo, no passado, no presente e no futuro. (*)

9

Da lingua portugueza e das modificações que tem experimentado em S. Paulo.

10

Da imprensa de S. Paulo e de sua influencia desde os seus primeiros tempos.

(*) Esta these foi desenvolvida pelo socio snr. Dr João Pedro da Veiga Filho em conferencia realisada na sessão de 13 Maio.

N. 2

Catalogo dos livros. mappas e mais objectos existentes nesta data na Bibliotheca e no Archivo do Instituto.

Bibliotheca

Livros

Cincoenta annos de existencia, pelo Dr. M. A. de S. Sá Vianna.

Catalogo da exposição de trabalhos juridicos, realisada pelo Instituto dos Advogados Brasileiros.

Estatutos do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Feijó, oração funebre por Candido José da Motta (manuscripto).

Diccionario geographico do Paraná, por Nivaldo Braga.

Revista do Paraná, jornal illustrado.

Revista Brasileira — Edicção de Laemmert & C.ª — Ns 1 a 19.

Saúva ou Manhu-uára, por A. G. de Azevedo Sampaio.

Estatutos da Sociedade Pharmaceutica de S. Paulo.

Constituição do Municipio de Santos.

Revista do Instituto do Ceará — Tomo 8.º, 1894.

Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria.

Uma revelação historica, por B. G. de Moura Lacerda.

Compendio de geographia do Paraná, por L. de F. Almeida e Sá

Memorias e documentos escolares, publicações do Pedagogium Brasileiro.

Revista Pedagogica, jornal do Pedagogium Brasileiro.

Guia para expedição da correspondencia.

Itenerario de malas terrestres.

Tabella de vencimentos (no Correio).

Relatorio dos serviços do Correio — 1880, 1889, 1892, 1893 e 1894.

Regulamento dos Correios.

Instrucções para execução de serviços postaes.
Convenções postaes.
Boletim Postal do rasil.
Archivo do Districto Federal,
Relatorio do Instituto dos Advogados Brasileiros — 1894.
O Amazonas, pelo Dr. Oscar Leal,
Revista Moderna (jornal) — Ns. 1 a 7.
Saneamento de Santos, pelo Dr. I. W. da Gama Cochrane.
Saneamento de S. Paulo, pelo mesmo.
Condições economicas da Comp. S. Paulo e Rio de Janeiro, pelo mesmo.
Resgate da E. F. de S. Paulo e Rio de Janeiro, pelo mesmo.
Liquidação da Comp. S. Paulo e Rio de Janeiro, pelo mesmo.
Revista Pharmaceutica (S. Paulo)— Ns. 1 a 4.
Classificação das agencias postaes.
«Consultor do Commercio», por João Candido Martins.
Indicações sobre a historia nacional, pelo Dr. Tristão de Alencar Araripe.
Documentos interessantes, publicações do Archivo de S. Paulo — Vols. 1 a 15.
Relatorio da Repartição de Estatistica e do Archivo od Estado de S. Paulo — 1893.
Almanak do Estado de S. Paulo para 1895 — Edição da Companhia Industrial.
Indicador da capital — Idem.
A Historia de S. Paulo, por Tancredo Amaral.
Guia de viagem, por J. Maximino Serzedello.
Do Tejo a Paris, pelo Dr. Oscar Leal.
Viagem a um paiz de selvagens, pelo mesmo.
Leis municipaes de Casa Branca — 1.º vol.
Revista Agricola — Ns. 1 a 5.
As tribolitas do grez de Ereré e Maecurú, por John M. Clarke.
Relatorio da Commissão Geographica e Geologica de S: Paulo — 1894.
Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema.

Boletim da Comp. Geogr. e Geolog. de S. Paulo — Ns. 9 a 10.

Dados dimatologicos — 1891 e 1892.

Meteoritos brasileiros, pelo Dr. Orville Derby.—*Ferro nativo de Santa Catharina*, pelo Dr. Luiz F. G. de Campos.

Rochas nephelinas do Brazil, pelo Dr. Orville Derby.

Os picos attos do Brasil, pelo mesmo.

Limites entre S. Paulo e Minas, pelo mesmo.

A contribution tothe geology of the lowes Amazonas, pelo mesmo.

Nephelines rocks in Brasil, pelo mesmo.

Occurence of Xenotime as an accessory element in rocks. — Magnetite ore districto of jacupiranga and Ipanema — pelo mesmo.

The Amazonian upper carboriferous fauna, pelo mesmo.

Relatorios da Camara Municiqal de S. Paulo—1893 e 1894.

Escorço biographico do Dr. Alfredo Etlis — vol I, por Libero Braga.

A justiça criminal, pelo Dr. Candido Motta.

Intelligencia e moral do homem, pelo Dr. D. Jaguaribe.

Influence de l'esclavage et de la liberté, pelo mesmo.

Homens e idéas no Brasil, pelo mesmo.

L'art de former des hommes de bien, pelo mesmo.

Revista Util — 3.· vol., pelo mesmo.

Biographia de Silva Jardim, por José Leão. p, m.

A *Verdade*, jornal publicado em 1832.

A Mutuca picante, idem.

Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia — N. 4.

Geometria superior, pelo Dr. A. F. de Paula Souza.

Noticia sobre a provincia do Paraná.

Discurso sobre Floriano Peixoto, por Horacio de Carvalho.

Discurso sobre Floriano Peixoto, pelo Dr. Alfredo Pujal.

Direito de intervenção, pelo Dr. Leopoldo de Freitas.

Antonio Conseleiro, pelo Padre João Evangelista.

Promptuario commercial, civil e militar, por Luiz de F. Almeida e Sá.

Relatorio da Fazenda de S. João da Montanha.

Relatorio da Secretaria do Interior de S. Paulo - 1894.

Relatorios da Secretaria da Agricultura de S. Paulo — 1892, 1893, e 1894.

Moeda do Brasil, por João Xavier da Motta.

The cosmographic atla, por W. & A. K. Johnsten.

MAPPAS

Planta da cidade de S. Paulo em 1810, reproducção pelo snr. Julo Martin.

Carta corographica da capitania de S. Paulo, organisada em 1776 (inedita).

Mappa da capitania de Minas Geraes, organisado em 1778 (inedito).

Planta da cidade de S. Paulo — 1895.

Mappa topographico da provincia do Paraná.

JORNAES

Diario Official Estado de S. Paulo.

A Madrugada (Lisboa).

O Ensaio (Pindamonhangaba).

A Instrucção Poqular (Capital).

Santos Commercial (Santos).

Diario de Tabuaté (Fabuaté).

O Reporter (Ribeirão Preto).

O Municipio (Capital).

Diario de Santos (Santos.

ARCHIVO

MOEDAS

1 Moeda de cobre da Republica do Paraguay.
2 Ditas da Republica Argentina.
6 Ditas brasileiras.
1 Dita da Hespanha.
3 Ditas de Portugal.
1 Dita da Italia.
1 Dita da Allemanha.
2 Ditas não classificadas

MEDALHAS

1 Medalha commemorativa da libertação dos escravos.
1 Dita de prata — Campanha de 1852.
1 Dita de antimonio — Tomada de Uruguayna.
1 Dita de bronze — Tomada de Paysandú.
1 Dita de cobre — Aos vencedores de Jatahy.
1 Dita de bronze — Guerra do Paraguay,

RETRATOS E ESTAMPAS

Retratos dos arcebispos da Bahia.
Dito do Marechal Floriano Peixoto.
Dito de Frei Germano de Annecy.
Planta e vistas de edificios da cidade de S. Paulo em 1810.

N. 3

Relação nominal dos snrs. socios considerados definitivamente como membros fundadores do Instituto.

MEMBRO FUNDADOR HONORARIO

Dr. Prudente José de Moraes Barros.

MEMBROS FUNDADORES EFFECTIVO

1 Alberto Lôfgren.
2 Dr. Alexandre Florindo Coelho.

3 Alexandre Riedel.
4 Dr. Alfredo Ellis.
5 Dr. Alfredo Rocha.
6 Antonio Augusto da Fonseca.
7 Dr. A. Carlos Ribeiro de Andrada M. Silva.
8 Dr. Antonio Dino da Costa Bueno.
9 Dr. Antonio Evaristo Bacellar.
10 Dr. Antonio Francisco de Araujo Cintra.
11 Dr. Antonio Francisco de Paula Souza.
12 Antonio Moreira da Silva.
13 Dr. Antonio Pereira Prestes.
14 Dr. Antonio da Silva Prado.
15 Dr. Antonio de Toledo Piza.
16 Arthur Goulart.
17 Augusto Cesar Barjona.
18 Dr. Augusto Cesar de Barros Cruz.
19 Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo.
20 Dr. Augusto de Siqueira Cardoso.
21 Dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.
22 Dr. Benedicto Estellita Alvares.
23 Dr. Bento Bueno.
24 Dr. Bernardino de Campos.
25 Dr. Braulio Gomes.
26 Dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta.
27 Dr. Carlos de Campos.
28 Dr. Carlos Daniel Rath.
29 Dr. Carlos Reis.
30 Dr. Cesario Motta Junior.
31 Dr. Cincinato Braga.
32 Dr. Clementino de Souza e Castro.
33 Dr. Constante Affonso Coelho.
34 Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.
35 Eduardo Carlos Pereira.
36 Emanuel Vanorden.
37 Dr. Ernesto de Moraes Cohn.
38 Dr. Eugenio Alberto Franco.
39 Eugenio Hollender.
40 Dr. Fergo O'Connor de Camargo Dauntre.
41 Dr. Fortunato Martins de Camargo.
42 Dr. Fraucisco Ferreira Ramos.

43 Francisco Ignacio Xavier de Assis. Moura.
44 Dr. Francisco Martiniano da Costa Carvalho.
45 Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.
46 Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.
47 Dr. Gabriel Osorio de Almeida.
48 M.or Gabriel Prestes.
49 Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida.
50 Dr. Gustavo Koenigswald.
51 T.c. Henrique A. de Araujo Macedo.
52 Henry White.
53 Dr. Hermann von Ihering.
54 Dr. Horace M. Lane.
55 Horacio de Carvalho.
56 Dr. Hypolito de Camargo.
57 Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrace.
58 Dr. Jayme Serva,
59 Dr. João Alvares Rubião Junior,
60 João de Arruda Leite Penteado.
61 Dr. João Nepomuceno Nogueira da Motta
62 Dr. João Nogueira Jaguaribe.
63 Dr. João Pedro da Veiga Filho.
64 Dr. João Pereira Monteiro.
65 Dr. João Ribeiro de Moura Escobar.
66 Dr. Joaquim Floriano de Godoy.
67 P.· Joaquim Soares de Oliveira Alvim.
68 Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida.
69 Joaquim de Toledo Piza e Almeida,
70 Dr. Jorge Tibiriçá.
71 Dr. José Alves de Cerqueira Cesar.
72 Dr. José Alves Guimarães Junior.
73 Josè André do Sacramento Macuco.
74 Dr. José Batista Pereira.
75 Dr. José Cardoso de Almeida.
76 José Eduardo de Macedo Soares.
77 Dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides.
78 José Ferraz de Almeida Junior.
79 Dr. José Ferreira Garcia Redondo.
80 José Francisco Soares Romeo.
81 José Maria Lisboa.
82 Dr. José de Sá Rocha.

83 Dr. José Valois de Castro.
84 Dr. José Vicente de Azevedo.
85 Dr. Julio Cesar Ferreira de Mesquita.
86 Dr. Luiz de Anhaia Mello.
87 Dr. Luiz Toledo Piza e Almeida.
88 Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna.
89 Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.
90 Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles.
91 Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.
92 Manoel Marcellino de Souza Franco
93 Dr. Manoel de Moraes Barros.
94 Dr. Manoel Pereira Guimarães.
95 Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos.
96 Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho.
97 Dr. Martinho Prado Junior.
98 Dr. Mathias Valladão.
99 Dr. Orville A. Derby.
100 Dr. Oscar Schwenk d'Horta.
101 Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim.
102 Dr. Pedro Vicente de Azevedo.
103 Dr. Raymundo Furtado Filho.
104 Dr. Rodolpho Pereira.
105 Dr. Severino de Freitas Prestes.
106 Tancredo Leite do Amaral Coutinho.
107 Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior.
108 Dr. Theodoro Sampaio.
109 Theophilo Barbosa.
110 Thomaz Paulo de Bom Successo Galhardo.
111 Tiburtino Mondim Pestana.
112 Mºr. Tristão Araripe.
113 Dr. Vicente Liberalino de Albuquerque.
114 Dr. Viriato Brandão.
115 Dr. Virgilio de Rezende.
116 Dr. Wenceslau de Queiroz.

N. 4

Relação das pessoas que foram consideradas como socios fundadores, mas que ainda não satisfizeram a joia e primeira annuidade.

1 Dr. Alfredo Moreira de Barros Oliveira Lima.

2 Dr. Antonio Joaquim Ribas.
3 Dr. Argimiro da Silveira.
4 Dr. Arthur Cesar Guimarães (*).
5 Dr. Augusto Fomm.
6 Dr. Carlos Botelho.
7 Dr. Cesario Gabriel de Freitas.
8 Dr. Estevam Leão Bourroul (*).
9 Gal. Francisco Glycerio.
10 Dr. Jcoab Itapura de Miranda.
11 João Candido Martins.
12 Dr. Joaquim Nogueira de Almeida Pedroso.
13 Dr. José Gabriel de Toledo Piza.
14 Dr. José Luiz de Almeida Nogueira.
15 Dr. José Machado de Oliveira.
16 Dr. José Maria do Valle.
17 Jules Martin.
18 Lafayette de Toledo.
19 Lindorf Ernesto Pereira de Vasconcellos (*).
20 Dr. Luiz Antonio de Souza Ferraz.
21 Manoel Augusto Galvão.
22 Dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho.

(*) Officiou declarando não poder fazer parte do Instituto.

N. 5

Relação dos socios adminitttidos depois da fundação do Instituto.

N.º	Categ.	NOMES	Data da admissão	Observações
1	Honorarios	Barão Homem de Mello	5 Junho 1895	
2		Bellarmino Carneiro	20 » »	
3		Barão de Paranapiacaba	4 julho »	
4		Barão do Rio Branco	» » »	
5		Dr. Georges Ritt	5 Agosto »	
6		Dr. A. J. de Mello M. Filho	20 » »	
7		Dr. Mart, de F. V. de Mello	7 Setem. »	
8		Dr. Sylvio Roméro	» » »	
9		Dr. Tristão de A. A. Junior	» » »	
10		Conselhr. Dr. T. A. Araripe	» » »	
11		Dr. J. J. de Menezes Vieira	20 » »	
12		Dr. J. F. de Assis Brasil	20 Outub, »	
13		Dr. Fred. A. da S. Lisboa	25 » »	
1	Effectivos	Luiz de F. Almeida e Sá	5 Junho 1895	satisfeza joia e annuid.
2		Dr. Jorge Maia	20 » »	
3		Dr. Ernesto G. Young	» » »	
4		Dr. Luiz Pereira Barreto	» » »	
5		Dr. Alfredo Pujol	20 Setem. »	idem
6		Dr. Leopoldo de Freitas	» » »	
7		Dr. Eduardo da S. Prado	25 Outub. »	
1	Correspondentes	Dr. Oscar Leal	5 Junho 1895	Satisfeza joia e annuid.
2		Dr. Ernesto G. Penteado	» » »	
3		Dr. Henrique Coelho	» » »	
4		Dr. J. da Costa R. Junior	20 » »	
5		Dr. Alfredo de Toledo	» » »	
6		José M. Serzedello	20 Julho »	
7		Dr. R. P.A. do S. Black	5 Agosto »	Idem
8		Domingos L. da F, e Silva	7 Selem. »	
9		Eurico Saldanha	20 » »	
10		Dr. Heitor Peixoto	25 Outub' »	
11		Alberto Veiga	» » »	
12		F. C. de Almeida Moraes	» » »	

N. 6

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no trimestre findo em 31 de Março de 1895.

RECEITA						
Joias e annuidades de tres socios fundadores recebida pelo Thezoureiro.					222	000
Idem de quarenta e cinco socios fundadores recebidas por intermedio do Cobrador do Instituto.				3:	330	000
			Rs.	3.	552	000
DESPEZA						
Porcentagem ao Cobrador					303	000
Annuncios e publicações nos jornaes					49	600
Livros, papel objecto p. a Secret.ria					126	500
Archivamento dos Estatutos no Registro Geral					23	800
Impressos divrsos					64	000
Sellos para o expediente					10	000
1000 exemplares dos Estatutos					230	000
			Rs.		806	900
RESUMO						
Importancia da Receita	3:	552	000			
Idem da despeza		806	900			
Saldo.....			Rs	2:	745	100

S. Paulo, 31 de Março de 1895

O Thezoureiro do Instituto

Dr. Domingos Jaguaribe.

N. 7

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no trimestre findo em 30 de Junho de 1895.

RECEITA						
Saldo do trimestre anterior				2:	745	100
Joias e annuidades de tres socios fundadores recebidas pelo thezoureiro					222	000
Idem de trinta e dois socios fundadores recebidas por intermedio do Cobrador do Instituto				2:	368	000
			Rs.	5:	335	100
DESPEZA						
Porcentagem do cobrador					236	800
Encadernação do *Diario Official*, 1 vol.					10	000
Um carimbo de metal para sello do Instituto					40	000
Annuncios e sellos para o expediente					49	000
			Rs.		335	800
RESUMO						
Importancia da receita	5:	335	100			
Idem da despeza		335	800			
Saldo.			Rs.	4:	999	300
Sendo : Depositado no Banco de Credito Real	4:	800	000			
Dinheiro em mão do thezoureiro		199	300	4:	999	300

S, Paulo, 30 de Junho de 1895

O thesoureiro do Instituto

Dr. Domingos Jaguaribe.

N. 8

Balancete da Reeeita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no trimestre de 1.º de Julho a 30 de Setembro de 1895.

RCEITA			
Saldo do trimestre anterior	4:	999	300
Joias e annuidades de cinco socios, sendo 3 fundadores, 1 effectivo e 1 correspondente; recebidas pelo Thezoureiro		370	000
Donativo feito pelo socio honorario snr. dr. Georges Ritt		50	000
Joias e annuidades de dezoito socios, sendo 16 fundadores, 1 effectivo e 1 correspondente, recebidas por intermedio do Cobrador do Instituto	1:	332	000
Rs.	6:	751	300
DESPEZA			
Porcentagem ao Cobrador		133	200
Gratificação ao porteiro e servente do Gymnasio Estado pelo serveo prestado ao Instituto nos dias de sessão, relativa aos mezes de Abril a Setembro—6 mezes a 20$000		120	000
Annuncios nos jornaes		87	500
Prensa para o carimbo-sellos e serviço de juncção		50	000
Circulares e outros impressos e enveloppes		119	500
Sellos para a correspondencia e despezas miudas		17	200
Gaz consumido por oecasião das sessões do Instituto, nos mezes de Janeiro, Abril, Maio e Junho		30	780
500 diplomas lithographados para socios		800	000
12 livros in folio, apapel hollanda e encadernação forte, com riscado especial e dizeres impressos, numerados e rotulados, para a escipturação da Secretaria, Bibliotheca, Archivo, e Thezouraria		500	000
	1:	858	280

N. 8

Balancete da Receita e Despeza *do* Instituto Histotcrico e Geographico de S. Paulo no trimestre de 1.º de Julho a 30 de Setembro de 1895.

RECEITA

Saldo do trimestre anterior.....	4:999$300
Joias e aunuidades de cinco socios, sendo 4 fundadores, 1 effectivo e 1 correspondente, recebidas pelo Therourei-ro.....	370$000
Donativos feito pelo socio honorario snr. dr. Georges Ritt.....	50$000
Joias e annuidades de dezoito socios, sendo 16 fundadores, 1 effeetivo e 1 correspondente, recebidas por intermedio do Cobrador do Instituto...	1;332$000
Rs,	6.751$300

DESPEZA

Porcentagem ao Cobrador.....	133$200
Gratificação ao porteiro servente do Gymnasio do Estado pelo serviço prestado ao Instituto nos dias de sessão relativa aos mezes de Abril a Setembro —6 mezes a 20$000.....	120$000
Annuncios nos jornaes.....	87$500
Prensa para o carimbo-sello e serviço de juncção.....	50$000
Circulares e outros impressos e enveloppes.....	119$500
Sellos para correspondencia e despezas miudas.....	17$300
Gaz consumido por occasião das sessões do Instituto, nos mezes de Janeiro, Abril, Maio e Junho.....	30$780
500 diplomas lithographados para socios.....	800$000

12 livros *in folis*, papel Hollanda e encadernação forte, com riscado especial e dizeres impressos, numerados e rotulados, para a escripturação da secretaria, Bíbliotheca, Arçhivo e Thezouraria.....		500$000
	Rs.	1.858$280

RESUMO

Importancia da receita	6.751$300	
Idem da despeza	1.857$280	
Saldo.....	Rs.	4.893$020
Sendo: Depositado no Banco de Credtto Real	4.200$000	
Dinheiro em mão do Thezoureiro	693$020	4.893$020

S, Paulo, 30 de Setembro de 1895.

O Thezoureiro do Instituto,

Dr. Domingos Jaguaribe.

Actas das sessões

14ª sessão, em 12 de Outubro de 1895

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios snrs. Carlos Reis, Cerquera Cesar, Alberto Löfgren, Braulio Gomes, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Macedo Soares, Domingos Leopoldino, Tancredo Amaral, Miranda Azevedo. Gomes Cardim, Duarte de Azevedo, João Monteiro, E. Vanorden, Horace Lane, Evaristo Bacellar e Soares Romeo, foi a sessão aberta pelo vice-presidente, snr. Conselheiro Duarte de Azevedo, comparecendo depois o snr. Dr. Cesario Motta, que assumiu a presidencia.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O primeiro Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Do snr. Dr. Frederico Lisboa, director do Archivo Publico da Bahia enviando a *Memoria sobre o Estado da Bahia.*

Do snr. Dr. Joaquim José de Menezes Vieira agradecendo a sua admissão como socio honorario.

Do snr. Dr. Alfredo Pujol agradecendo a sua admissão como socio effectivo.

Do socio snr. Jules Martin, offerecendo um retrato de Frei Germano de Annnecy, a planta e vistas da cidade de S. Paulo em 1810 e um album de fac-similes das assignaturas dos governadores da capitania e provincia de S. Paulo.

Do socio snr. Conego Dr. Valois de Castro participando não poder apresentar hoje o trabalho de que se tinha encarregado.

Offertas

Pelo snr. Dr. Eduardo Prado: *Le Brésil*, por Levasseur, com collaboração daquelle snr.

Pela Directoria Geral dos Correios : *Relatorios dos serviços —1894*.

Pelo snr. Dr. Mello Moraes Filho: *Archivo do Districto Federal*, n. 10.

Pelo director do Archivo do Estado: *Leis e decretos de 1893 e 1894 e Documentos interessantes*, vol. 15.

Pela Directoria do Serviço Sanitario: *Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria*.

Pela Sociedade Pastoril e Agricola: *Revista Agricola*, n. 5.

Pelas respectivas redacções: *Diario Official* do Estado; *O Municipio; Santos Commercial*; *Diario de Taubaté*; *O Reporter Revista do Norte*; *A Madrugada*.

Todas estas offertas são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte, o parecer da Commissão de admissão de socios, cuja conclusão é favoravel á admissão do snr. Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, na qualidade de socio honorario.

Foram apresentadas, lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

Para socio effectivo, o snr. Dr. Eduardo da Silva Prado, autor de diversas obras e de varios capitulos do artigo *Brésil* na Grande Encyclopedia, etc.; assignada pelos socios Orville Derby, Theodoro Sampaio e Alberto Löfgren.

Para socios correspondentes, os snrs. Dr. Heitor Peixoto, redactor do *Diario de Santos*, Alberto Veiga, redactor *d'A Folha* e Francisco Corrêa de Almeida Moraes, cultor dedicado da historia patria; assignada por Sacramento Macuco, Carlos Reis e Tancredo do Amaral.

Para socio honorario, o snr. Dr. Frederico Lisboa, homem de lettras, director do Archivo Publico da Bahia; assignada por Dr. Evaristo Bacellar, Carlos Reis e T. Amaral.

Levanta-se a sessão.

15.ª sessão, em 20 de Outubro de 1895

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios snrs. Cesario Motta Junior, Carlos Reis, Domingos Jaguaribe, Theodoro Sampaio, Soares Romeo, Macedo Soares, Gabriel Prestes, Garcia Redondo, Wenceslau de Queiroz, e Braulio Gomes, o sr. presidente declarou aberta a sessão.

O primeiro secretario communica que foram feitas as seguintes

Offertas

Pelo snr. Paulo Tavares: *Revista Brasileira*, fasciculo n. 19.

Pela Directoria do Serviço Sanitario: *Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria.*

Pelo Instituto Pedagogico Paulista: *A Instrucção Popular.* n. 4.

Pelo snr. Dr. João Baptista Regueira Costa: *Inscripções em rochedos do Brasil.*

Pelas respectivas redações: *Diario Official*; *O Municipio*; *Santos Commercial*; *Diario de Santos*; *Diario de Taubaté*; *O Reporter*; *O Ensaio*; *Revista do Norte.*

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admisão de socios, que ficara sobre a mesa na sessão passada, sendo proclamado membro do Instituto, na qualidade de socio honorario, o snr. Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.

E' lido e fica sobre a mesa, para ser discutido e votado na sessão seguinte, o parecer da Commissão da admissão de socios opinando pela acceitação dos snrs. Dr. Eduardo da Silva Prado, Dr. Heitor Peixoto, Alberto Veiga, Francisco Corrêa de Almeida Moraes, e Dr. Frederico Lisboa como socios do Instituto.

Pelo snr. Presidente, em nome da directoria, foi apresentado a seguinte proposta:

« Que a annuidade satisfeita com a joia pelos socios fundadores seja considerada como paga até 31 de Dezembro do corrente anno, por ser isso de conveniencia para a escripturação da Thezouraria e não haver offensa aos direitos dos mesmo socios. » Fundamentada a proposta e submettida á discussão e votação, foi sem debate approvada.

Ficou designado o dia 25 do corrente mez para realisar-se a sessão do encerramento dos trabalhos, de que trata o artigo 88 dos Estatutos.

O snr. Presidente levantou a sessão.

10.ª sessão, para encerramento dos trabalhos, em 25 de Outubro de 1895

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

A's 7 horas da noite, presentes os socios snrs. Cesario Motta Junior, Carlos Reis, Duarte de Azevedo, José Vicente, Gomes Cardim, Raymundo Furtado Filho, Augusto Barjona, Ernesto Goulart, Moura Escobar, Domingos Jaguaribe, Domingos Leopoldino, Theodoro Sampaio, Eduardo Pereira, Alexandre Riedel, Braulio Gomes, Eugenio Hollender, Arthur Goulart, Soares Romeo e Tancredo do Amaral, o snr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 12 e 20 do corrente mez.

O 1º secretario dá conta do seguinte.

EXPEDIENTE

Officios

Do snr. Eugenio Lefévre, director da Secretaria da Agricuttura, enviando relatorios da repartição.

Do socio snr. Dr. Gomes Cardim, communicando que não póde apresentar o parecer sobre o livro *Caricias*, do consocio snr. Dr. Garcia Redondo, por estarem ausentes os outros dois membros da commissão.

Offertas

Pelo snr. Dr. Henrique Coelho: *Relatorio da Secretaria da Justiça* — 1894.

Pelo snr. E. Hollender: *Moeda do Brasil*, por João Xavier da Motta; *Atlas cosmographico*, publicado por W. & A. K. Johnston.

Pelas respectivas redacções: *Diario Official; O Municipio; Santos Commercial; Diario de Taubaté; O Reporter*.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

E' approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficara sobre a mesa na sessão passada, sendo proclamados membros do Instituto os snrs. Dr. Eduardo da Silva Prado, na qualidade de socio effectivo, Dr.

Heitor Peixoto, Alberto Veiga e Francisco Corrêa de Almeida Moraes, na de socios correspnodentes, e Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa, na de socio honorario.

O snr. Presidente apresenta o Relatorio da directoria sobre os trabalhos e factos occorridos durante o primeiro anno da existencia do Instituto, o qual é lido pelo primeiro secretario e fica sobre a mesa para ser examinado pelos snrs. socios, aos quaes foi dada a palavra para indicarem as medidas que julgassem convenientes.

Foi proposto e approvado que se considerasse como tendo renunciado o direito de socio fundador todo aquelle que, incluido na lista dos socios dessa categoria, não tenha cumprido até ao prosente o dever imposto pelo § 1· do art. 10 dos Estatutos (pagamento da joia e primeira annuidade), sendo excluido da respectiva matricula.

Foi tambem proposto e approvado que ficasse a Mesa encarregada de organisar o progamma da sessão magna a realisar-se a 1· de Novembro, proximo vindouro, publicando-o pelos jornaes, e de promover tudo que entendesse conveniente para que a mesma sessão se revestisse da maior solemnidade.

Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão.

Sessão magna de anniversario, em 1º de Novembro de 1895

Presidencia do snr. Dr. Cesario Motta Junior

A's 8 horas da noite, presentes algumas excellentissimas senhoras, representantes de corporações, associações, repartições, estabelecimentos, imprensa e outras pessoas convidadas e os socios snrs. Cesario Motta Junior, Carlos Reis, Garcia Redendo, Pereira Guimarães, Alberto Lofgren, Henry White, Horace Lane, Eugenio Hollender, Jules Martin, Alexandre Riedel, Domingos Jaguaribe, Veiga Filho, Theodoro Sampaio, Domingos Lepoldino, Orville Derby, E. Vanordem, Alfredo Ellis, Antonio Piza, Martim Francisco Sobrinho, Arthur Goulart, Soares Romeo, Candido Motta, Ernesto Goulart, Camargo Dauntre, João Monteiro, Evaristo Bacellar, Luiz Piza, Mathias Valladão, Augusto Barjona, Augusto Cardoso, Tiburtino Mondim, Thomaz Galhardo, Valois de Castro, José Vicente, Sacramento Macuco e Tancredo Amaral, o snr. Presidente declarou aberta a sessão e leu um importante trabalho, no qual, fazendo a resenha dos trabalhos do Instituto e expondo o desenvolvimento que teve e o estado em que se acha, mostrou a conveniencia de se dedicarem os snrs. socios ao estudo da nossa historia e notadamente ao da lingua tupi-guarany, em vista dos proficuos resultados que dahi provirão e do brilho que adquirirá a nossa associação.

O 1º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Do snr. Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio Junior agradecendo os pesames pelo fallecimento de seu pai.

Do snr Alberto Veiga agradecendo a sua admissão como socio correpondente.

Do snr. Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos agradecendo o convite feito a elle e aos empregados da Repartição de Policia, de que é director, para assistir á sessão de hoje.

Do socio snr. Jules Martin offerecendo os objectos adiante mencionados

Do socio snr. Dr. Augusto Cesar de Barros Cruz offerecendo um exemplas do seu romance *O Paulista.*

Offertas

Pelo socio snr. Jules Martin: *Carta Geographica illustrada de S. Paulo*, publicada em 1878; *Vista do monumento elevado a Varnhagen no Ipanema; Retrato de Tiradentes; Vista da inauguração do viaducto do Chá.*

Pelo socio snr. Dr. Alfredo Ellis: *Medalha* escrinio com a effigie de Pedro I. contendo a Constituição Politica do Brasil de 1824.

Pelo snr. Paulo Tavares: *Revista Brasileira*, fasciculo n. 20.

Pela Directoria Geral dos Correios. *Boletim Postal*, n. 9.

Pelas resdectivas redacções: *Diario Offiaial; O Municipio; Santos Commercial; Diario de Taubaté; O Reporter; O Ensaio.*

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

O socio snr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo procedeu á leitura de uma memoria sobre a primeira concessão de estrada de ferro no Brasil, reivindicando para S. Paulo a gloria de ser a primeira provincia que aventou tal commettimento no paiz e procurou realisal-o.

Em seguida, o socio snr. Dr. Theodoro Sampaio leu um trabalho sobre historia e geographia brasilica.

Saudaram o Instituto, em bellissimas orações, os snrs. Dr. Alberto de Andrade, como representante do Instituto dos Advogados de S. Paulo, e Remigio de Cerqueira Leite como representante da Escola Normal desta capital.

O snr. Presidente agradeceu as saudações dirigidas ao Instituto e a presença das excellentissimas senhoras e distinctos cavalheiros que vieram abrilhantar a sessão.

O mesmo snr. Presidente lembrou o alvitre, que foi unanimemente acceito, de expedir-se um telegramma ao snr. Dr. Prudente de Moraes. saudando-o na qualidade de Presidente honerario do Institnto pelo primeiro anniversario deste.

Em seguida foi levantada a sessão.

DOES NOT CIRCULATE